THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.C42
B5
1925

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
10001141024

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
MAY 1 8 1995			
JUN 20 95			

COELHO NETTO

A Bico de Penna

FANTASIAS, CONTOS E PERFIS

1902-1903

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1925

A Bico de Penna

Obras de COELHO NETTO

—

Sertão.
A Bico de Penna.
Agua de Juventa.
Romanceiro.
Theatro, vol. I *(O Relicário, Os Raios X, O Diabo no corpo).*
Theatro, vol. II *(As Estações, Ao Luar, Ironia, A Mulher, Fim de Raça).*
Theatro, vol. IV *(Quebranto*, comédia em 3 actos, e o sainete *Nuvem).*
Theatro, vol. V *(O dinheiro, Bonança*, e o *Intruso).*
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Esfinge
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para crianças.
Miragem.
Mysterios do Natal, contos para crianças.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres de Nossa Senhora.
Balladilhas.
Pastoral
Vida Mundana.
Patinho torto.
Ás quintas.
Scenas e perfis.

NO PRÉLO:

Feira livre.
Immortalidade.
O Paraiso.
Bazar.
Theatro lyrico.

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paises que adheriram á convenção de Berne — (Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911 — No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1912).

ARTES GRÁFICAS, rua da Carcereira — PORTO

LIBRARY UNIV. OF
NORTH CAROLINA

LAVRADORES

Entre as sabias maximas dos etruscos, esses criadores da riqueza do campo latino, maximas que Plinio, mui judiciosamente, appellidou «oracula», uma das mais concisas devia ser escripta em taboas que fossem levantadas em altos postes, fincados nas encruzilhadas, nos ferteis outeiros, entre as plantações, impondo-se como preceito a todos os agricultores que, de passagem, de manhan, em rumo aos talhões e, á tarde, recolhendo á casa, vissem e meditassem as suas singelas palavras: «Máu é o lavrador que compra aquillo que a terra lhe póde dar».

Esses povos de tanta rusticidade, quasi barbaros, dedicando-se exclusivamente á terra com um amor avário, vendo num torrão uma riqueza, numa semente de trigo ou de linho o pão ou o fio, considerando o alqueive como a melhor fortuna, esposando a leira pela qual viviam sacrificando aos deuses para que lhes não faltassem com a réga fecunda nem lhes demorassem nos canteiros as geadas esterilisadoras,

772734

gozando deliciosamente o suave arôma dos fenos cortados, alegrando-se com o lourejar da seara ondulante, extasiando-se com o fresco cantar das regas, ao mugir melancolico dos gados, ao zumbir dos enxames, tinham noções exactas da verdadeira economia e da sciencia facil e tão pouco praticada do bem viver. « Máu é o lavrador que compra aquillo que a terra lhe póde dar ».

Assim tiravam elles da terra o barro e as ripas com que edificavam a casa e modelavam o forno, a lenha que queimavam, o trigo que amassavam e coziam, o linho que as mulheres fiavam e com que teciam os vestidos e a lençaria domestica, a fruta, o azeite e o vinho.

Nos pastos engordavam o armentio que lhes fornecia os bois robustos que, ao doce cerrar da tarde, lentamente, pelos caminhos cheirosos, levavam o pesado carro das colheitas, a vacca de ubres pejados, a rez para o córte e a ovelha que se despia da lan para vesti-los.

A agua era bebedouro no remanso e, correndo, escachoava na azenha d'onde sahia repartindo-se em azequias que iam abeberar as raizes; e, isolados nos seus casaes, tinham os lavradores todo o necessario para a vida e das sobras abundantes faziam commercio levando-as ás feiras periodicas.

A terra não se recusa a criar a semente qualquer que ella seja: prometta arvore frondosa ou seja o simples germen de um arbusto; o seu seio acolhedor é uma grande maternidade — ali acham abrigo favoravel todas as plantas: a seiva que alimenta o jequitibá não deixa inanida a relva, circula de uma a outra distribuindo-se equitativamente.

Uma das causas da decadencia do nosso lavrador é a mania rotineira da monocultura. A proposito d'essa contumacia intransigente já houve quem declarasse que a nossa desgraça era o café. Toda a confiança do lavrador funda-se nessa cultura : o café é o senhor absoluto da terra, só elle tem o direito de vida, só as suas flôres trescalam, só a sua folhagem, que já cingiu a corôa, é bella — por elle veiu o negro da Africa, por elle veiu o colono da Europa.

As machinas, que se installam nas fazendas, são para beneficiar o café ; os ladrilhos que entram vão dilatar os terreiros ; o adubo que se caldeia vai para o cafesal ; o melhor gado trabalha nos eitos ; a gente mais robusta é para lá destacada. Ali fuzilam as melhores enxadas, a melhor agua corre para os tanques de lavagem e, como para que lhe não saia das vistas o precioso grão, o fazendeiro aconchega ao domicilio a casa das machinas e as tulhas, para que sempre ouça o fremito das Lidgerwood, para que sempre veja o enxame de cascas voando dos ventiladores, para que sempre tenha, a acariciar-lhe o olfacto, o cheiro acre das sementes novas.

Se ha moinho para triturar o milho é um pobre casebre esquecido num fundo de grota ; se ha paiol é uma ruinaria — só o café tem agasalho digno em taboas lisas, sob telhados, entre muros fortes. Se alguem, mostrando uma faixa de terra, lembra ao lavrador a vantagem de uma plantação de cereaes ou de canna ou indica uma baixada humida como excellente vargedo para um arrozal, elle sorri superiormente declarando : « Não vale a pena, isso é quitanda. O café dá para tudo». O resultado é que não ha residencia mais desprovida que a do fazen-

deiro — elle compra os cereaes para a despensa, a carne, o toucinho, o fubá, o milho e a forragem para os animaes.

Entretanto no quintalejo do colono europeu viceja a horta sempre fresca de rega, o milho apendôa-se, enfeixam-se touceiras de canna, sobem verdes latadas de vinha e de gordas aboboras, verdeja em estendal a rama da batata, o feijoal enfestôa espiraladamente as hastes dos milhos e ainda no chiqueiro grunhe o cevado, coincham os bacorinhos, a cabra lá está de peitos rijos, ruminando ; na casa, pendente das cordas, defumando-se, os salpicões, o chouriço, o lardo e a um canto, em largas vasilhas, a carne em salga.

A previdencia do camponio europeu, que vem da miseria, tão bem descripta por Michelet, tendo de realisar prodigios de trabalho para fecundar vageiros e sáfaros terrenos eriçados de pedregulho, colhendo uns galões de vinho, que não bebe, umas medidas de trigo, que não come, umas estrigas de linho, que não veste, porque tudo é para o mercado ficando-lhe apenas a brôa e o canhamo de que se nutre e com que se cobre, sempre a pensar nos invernos, guardando avaramente todo o ramalho que encontra, aproveitando todas as migalhas, deve ser um exemplo para o lavrador brasileiro.

Posto que, com a fertilidade da terra e a amenidade do clima, o colono vá, aos poucos, relaxando ainda assim com a idéa fixa de tornar á patria levando o necessario para viver regaladamente no seu campo natal, trabalha e accumula, passando sobriamente porque, pelo habito e ainda pela ambição, o melhor da colheita e da criação desce ao mercado

mais proximo, quando não é vendido ao proprio fazendeiro.

E o preço do café mantem-se miseravel, mal dá para o custeio da fazenda, e o plantador, sem recursos num mar de abundancia, com os terreiros cobertos, as tulhas attestadas e ainda os galhos vergados de fruto, sahe a procurar capitaes para acudir ás necessidades da lavoura : ao salario do colono, á provisão da despensa e, como sempre viveu em fortuna, sem preoccupação de miseria, não se retrahe — mantem, como d'antes, a mesa farta, os quartos de hospedes preparados, veste a familia com esplendor, confiado na alta do precioso producto, certo de que, com um simples movimento na praça, resgatará o seu compromisso hypothecario, saldará os seus debitos particulares, ficando-lhe ainda capital bastante para abastecer a casa e beneficiar a terra no anno proximo de compensadora carga, lindamente annunciada pela florecencia.

Infelizmente, porém, a sua illusão desfaz-se e os dias correm. Vai-se-lhe a ultima nota e só, diante do cofre aberto e vasio, o grande senhor rural comprehende a sua miseria e, com as folhas que arranca ao bloco do annuario, vão-se-lhe as esperanças.

E que succede? O colono, submisso e risonho emquanto recebe regularmente a féria, torna-se altivo e hostil á falta de um pagamento. O fazendeiro, sitiado pelos seus proprios homens, vendo aproximar-se o dia do vencimento da letra fatal, esmorece. O café baixa a mais e mais, as noticias do commissario são desesperadoras — que fazer?

Lá fóra, na colonia, o administrador procura, debalde, convencer os trabalhadores a voltarem ao

serviço — negam-se, exigem o pagamento immediato, ameaçam com o consul, com o ministro, alguns até no rei falam e logo, ingratamente, rompem referencias despeitadas á miseria da terra, á inclemencia do sol, á aspereza dos outeiros; lamentam as fadigas, as privações ; referem-se a molestias imaginarias, arrependidos de haver deixado a patria, linda e rica, com as suas vinhas e os seus trigaes côr de ouro. E o fazendeiro, emparedado, sem esperança de salvação, vê, com terror, chegar a data tremenda.

Lá fóra o cafezal murmulha com o vento, jorram as aguas soltas pelos canaes, o gado muge disperso e na casa, a portas fechadas, a familia reunida despede-se, chorando, d'aquellas veneradas paredes que fôram levantadas pelos avós, d'aquellas terras amadas, para recomeçar a vida, onde? no desconhecido, aventurosamente, miseravelmente e com o humilde vexame dos decahidos.

Os optimistas dirão que exagéro e eu respondo-lhes que traio a verdade para não a mostrar tão desoladora como se me apresenta. Não sou, porém, do numero dos desesperados, dos que vêem perdido o campo, dos que não confiam na terra, não! Ha um mal que tende a desapparecer, porque vai sendo substituido por um bem — o mal é o lavrador por herança, o que entrou na vida pela porta doirada, o que não conheceu o trabalho e foi sempre um mimoso da Sorte ; o que achou a arvore carregada, tendo apenas o trabalho de estender a mão e colher.

Criado na abastança, entre negros humildes, vendo-se obedecido em todos os caprichos, senhor d'homens, teve uma grande e espantada surpresa,

só comparavel á que teria um pastor que visse, de repente, tresmalhar todo o seu rebanho, quando, a 13 de maio, os negros, deixando os ferros, sahiram para a estrada livre, ansiosos de liberdade.

Sem expediente, só, diante do vasto dominio, como em ermo mal assombrado, o fazendeiro julgou-se perdido. Ouvindo, porém, falar em colonos, tratou de adquiri-los. Despachou emissarios para contractá-los por qualquer preço, comtanto que não se perdesse a colheita nem o matto subisse suffocando a lavoura. E os colonos chegaram, a fazenda perdeu a sua antiga feição feudal — o systema modificou-se radicalmente, passando o senhor a patrão: o acto humilhante da compra foi substituido pelo compromisso reciproco do contracto.

Esse foi o primeiro golpe no fazendeiro antigo ou, dizendo melhor — foi a morte do velho regimen de trabalho. O pagamento das primeiras férias foi feito com mal contida indignação. Aquelles que acudiam á chamada com as suas cadernetas eram como ladrões que assaltavam. Essa mesma revolta cessou e o fazendeiro julgou-se, de novo, feliz quando viu chegar o primeiro carro da safra a transbordar pelos caminhos o café em bagas purpurinas.

A terra, essa continuava submissa e fecunda, bella e fiel escrava ! e, confiado nella, o fazendeiro, á primeira difficuldade, sem energia para vencê-la, sem animo para affrontá-la e não podendo privar-se dos gozos habituaes — o seu descanço, a mesa lauta, o seu verão nas praias, o seu inverno na cidade, faustosamente installado, confiando a fazenda ao administrador, recorria ao emprestimo, prendia-se á hypotheca e, d'essa hora em diante, enlaçado

pela constrictor, lá foi indo para a miseria, aos arrancos, torturado, ansiado, até a hora dolorosa do abandono da casa.

Para salvar a lavoura ahi está o fazendeiro novo, typo perfeito do homem de acção, intelligente e energico, emprehendedor e activo. Esse não fica na varanda mollemente estendido no pliant ou na rêde, ouvindo o cantarolar guaiado das lavadeiras no riacho e o zumbir monotono das abelhas errantes. Cêdo está de pé, prompto para sahir, a cavallo ou de troly, e lá vai, ao ar fino da manhan, rompendo as nevoas que se desenrolam, fiscalisar o trabalho. Caminha pelos torrões que o arado levanta ou pela terra fôfa que espera a sementeira, olha, examina, indaga. Entra no cafezal, dirige a carpa ou anima a colheita, lança uma vista de olhos ao gado no pasto, sobe ao moinho e, sem maior attenção á poeirada loura que se desprende da mó, toma o fubá entre os dedos, experimenta-o. Corrige uma falta, activa um serviço, attende a uma reclamação, despacha um proprio e ei-lo na casa das machinas attento á pesagem, depois nas tulhas e já o vêem a correr á estrebaria examinando as baias para que não falte a ração aos animaes e pára junto ao chiqueiro, chega ao paiol, percorre a abegoaria, vendo como interessado, não confiando no administrador, que é apenas um intermediario entre elle e os colonos.

Se, pelo céu, se vão arrumando nuvens de chuva e ha café nos terreiros, elle é o primeiro a lançar mão do rodo dando o exemplo para que se ajunte e recolha e, á noite, na sala vasta, emquanto a esposa acalenta o pimpolho, debruçado sobre um livro, cer-

cado de jornaes e revistas, lê, annota observações sobre a terra, respigando o que lhe convem, aqui, ali: uma machina util, uma sementeira rica, um novo adubo, certo processo de enxertia e, ao primeiro bocejo, levanta-se, abre uma janella, respira largamente o ar puro da noite, sentindo em torno a terra viva e forte, tratada carinhosamente como animal de raça, fecundando, florindo, frutificando ao esplendido luar silencioso.

Dirão sorrindo: «Mas não ha vida mais material, Deus do céu!» Não ha vida melhor nem ha vida mais calma.

Que falem os errantes, esses que palmilham, sem destino, as estradas que d'antes pisavam como senhores e que agora vão trilhando como banidos. Essa é a vida feliz do lavrador intelligente para o qual a crise é apenas um accidente e não um descalabro.

Saiba o lavrador aproveitar a terra e o elemento novo que a fecunda e a lavoura, no Brasil, será, em pouco, uma das mais prosperas e compensadoras do mundo. Para isso, porém, é necessario que não fique simplesmente nessa illusão do café, porque a agricultura não se limita nem se póde limitar a uma producção unica. O paiz do vinho é o paiz do azeite, é o paiz do pão, é o paiz do linho e é o paiz da fruta. Da nossa agricultura póde, e com razão, dizer-se que dá apenas para encher uma chicara porque, em verdade, toda ella se reduz ao café, ao sul, e ao assucar, ao norte.

O AMIGO URSO [1]

> « Lorsqu'on voit deux grands peuples se faire une guerre longue et opiniâtre, c'est souvent une mauvaise politique de penser qu'on peut demeurer spectateur tranquille ; car celui des deux peuples qui est le vainqueur entreprend d'abord de nouvelles guerres, et une nation de soldats va combattre contre des peuples qui ne sont que citoyens. »
>
> MONTESQUIEU.

Mestre urso, senhor de toda a parte da montanha que olhava para o Norte, fez constar aos seus vizinhos do sul que resolvera e jurára, á fé inquebrantavel de urso, não permittir que pisassem a montanha, senão como hospedes, quaesquer animaes de outras regiões, ainda que lhe fôsse preciso, para manter a independencia d'aquellas altitudes, deixar a ultima felpa nas garras do estrangeiro, porque entendia que Deus criára aquella eminencia maravilhosa para os animaes que nella haviam nascido.

---

(1) O Monroismo, a proposito da questão entre o Brasil e a

Logo que foi conhecida a resolução do urso poderoso reuniram-se todos os animaes da vizinhança e, em festa estrondosa, proclamaram a nobreza e a valentia do senhor do Norte, que ousava lançar ao mundo tão atrevido cartel.

Pouco tempo depois um dos animaes, cuja toca (que tinha a fórma perfeita d'um tonel e por tal lhe chamavam — a cuba) fôra descoberta por um caçador do ultramar, que a cercára convenientemente para garantir-lhe a posse e manter em obediencia o morador, resolveu revoltar-se contra as continuas vexações e pôz-se a roer o cercado pondo abaixo o tapigo. Veiu, porém, o caçador e o animal, posto que fraco, não mostrou arreceiar-se do inimigo e esperou-o de frente, com audacia tão grande que mais parecia loucura.

Lutavam os dois quando o urso, que espiava de longe, lambendo as patas, notou que o cançaço e as muitas feridas, pelas quaes escorria o sangue de ambos, ia-os enfraquecendo ; sorriu, então, e levantou-se descendo vagarosamente para os lados da toca onde o caçador e o animal brigavam com desespero.

Ficou á espreita e, em dado momento, levou sorrateiramente para o lugar do combate uma malga de leite e lá a deixou, recolhendo a pata.

Succedeu o que era de esperar : o caçador, que não déra pelo urso e muito menos pela sua traça, no furor da peleja, deu com o pé na malga e lá se foi o leite.

Levantou-se a féra aos urros protestando contra a affronta. O caçador quiz ainda provar-lhe que não vira a malga, escondida, como estava, entre as hervas do campo, mas o urso a nada attendeu e, ven-

do o adversario arquejante, vermelho de sangue, com as roupas em frangalhos, achou a occasião excellente para cahir-lhe em cima e, assim pensando, logo executou.

O caçador, que era brioso, apezar de reconhecer a grande superioridade do antagonista inopinado, não desertou a liça; travaram-se. Mas que podia fazer o desgraçado, já exgottado e consumido por um longo combater, contra aquelle que vinha, fresco e bem nutrido, dos alcantis da montanha? Foi subjugado e teve de abandonar o campo onde o urso logo espichou o corpo a pretexto de descançar um bocado.

Os animaes vizinhos alvoroçaram-se de alegria vendo que o urso cumpria a promessa que fizera, só o da cuba não via com bons olhos aquelle corpanzil immenso estirado ali, logo á entrada da sua moradia, tirando-lhe o ar e a luz. Foi então que resolveu falar, primeiro para agradecer-lhe o soccorro, depois para pedir que lhe deixasse livre o terreno.

Ouviu o urso a reclamação lambendo vagarosamente as patas, ao fim disse:

«Amigo, se eu aqui não viesse, tu ainda estarias a lutar com o caçador. Para livrar-te d'elle sacrifiquei uma malga de leite e tu não levas em conta o meu prejuizo. Queres que me vá embora e se o caçador tornar? Não, deixa-me ficar por aqui, e dá-me alguma coisa, porque estou com fome». E, dizendo assim, espichou-se mais diante da cuba, como senhor na varanda da sua casa.

Entraram, porém, os vizinhos a murmurar contra aquella occupação:

«Afinal, que lucrava o animal? passar de um

senhor a outro ; isso pouco valia e, se o urso não se intromettesse na luta, talvez que o animal já se houvesse libertado do caçador que o mantinha sob o seu dominio, não porque d'elle tirasse proventos, que só despezas lhe dava, mas por amor proprio e habito ».

O urso não andava bem e, crescendo as murmurações, resolveu a féra arredar-se da cuba, antes, porém, de partir, chamou o animal e disse-lhe :

« Eu parto, volto á minha montanha, mas fico de lá com os olhos em ti ; não te movas, não vás longe — não quero historias com vizinhos nem negocios sem o meu consentimento. O mundo está cheio de perfidias e tu és ainda inexperiente. Eu cuido de ti, descança ». E foi-se.

Lá trepou á montanha e, deitado, tem os olhos no animalejo que vai e vem timidamente como o ratinho que o gato deixa em liberdade, mas que lhe sente o peso bruto das patas e os ferrões das presas se vai a entrar no buraco ou se se aproxima d'alguma fresta.

Um dia o guanaco, que vivia em litigio com o tapir por causa de uma nesga de terra, estava a pensar nas suas finanças desbaratadas, quando avistou mestre urso no viso da montanha. O guanaco, que não é covarde, mas que é prudente, desconfiou daquella visita e poz-se em guarda ; o urso, porém, sorrindo, chamou-o com um aceno da pata, pedindo que chegasse á fala, porque tinha a dizer-lhe grandes coisas, coisas de alto interesse. O guanaco foi indo, vagaroso e matreiro, e, como havia um fundo abysmo na montanha, deixou-se ficar á margem, pedindo ao urso que falasse. E o urso disse :

— Amigo guanaco, eu sei que andas muito preoccupado com essa questão de terras que o teimoso tapir insiste em affirmar que são d'elle. Não sei se são, sei que tens os olhos nellas porque te convêm e como eu sympathiso comtigo, que és um excellente guanaco, venho dar-te um conselho. Tu não pódes entrar em contenda com o tapir que, apezar de andar entresilhado, é ainda animal de força ; ha um meio, porém, e magnifico, de arranjarmos isso. Os meus ursinhos são muito expansivos, nem ha no mundo animaes tão expansivos como elles e, como a borracha é tambem expansiva, elles andam com a mania da borracha. Pois bem, a pretexto de expansão, eu organiso uma companhia que arrendará as ditas terras litigiosas. Depois de arrendadas e habitadas pelos ursos, tu lavas as patas e eu fico á espera. É natural que o tapir invoque os seus direitos, silve, dê saltos ; não te importes — eu estou lá em cima para o que der e vier. Se a coisa fôr por diante — o que não é provavel, porque eu conheço o tapir : aquillo é só parola e guincho — descerei dos meus alcandores e procurarei acalmar a questão, mostrando que os meus ursos empataram grossos cabedaes na empreza e que não os pódem perder. Demos que o tapir se enfune e queira reagir — contra um guanaco um tapir é um tapir, mas que é um tapir quando lhe surge pela frente um urso ? Pensa e resolve, mas não digas que falaste commigo. Torno para o cimo da montanha e lá fico ás tuas ordens. Adeus, respeitos á senhora.

E bambo, lá se foi mestre urso sorrindo, muito contente com a sua idéa. Mestre guanaco desceu para os seus campos pensando na proposta generosa

do vizinho quando, detendo-se á margem de uma clara fonte, ouviu uma voz que o chamava :

— Guanaco amigo.

Guanaco levantou a cabeça e deu com um grande e alteroso condor pousado no pincaro de um penedo.

— Que queres de mim, irmão condor ?

— Ouvi toda a conversa que tiveste com o vizinho da outra banda e venho dar-te um conselho : Não te fies no urso. O que elle te propôz, a titulo de beneficio, é uma traição e não queiras servir de porta á ganancia insaciavel d'esse animal que, por muito jurar, já nos não merece confiança. O que elle quer é metter uma cunha nos dominios que nos pertencem para depois, facilmente, separá-los e absorvê-los. Juntos poderemos resistir á sua ambição desmedida ; ai ! de nós, porém, se elle conseguir collocar em nossas terras um só urso ! No dia seguinte os campos que percorres, os alcantis, em que tenho o meu ninho, serão fójos de féras e nós não teremos terras nem aguas, tudo será do urso que lá tem captivo, preso por uma corrente á sua penha, o animal que elle pretendeu libertar das mãos do caçador.

Se o tapir não tem razão vamos chamá-lo á razão, mas com calma e estou certo de que virá ; não queiras porém que, mais tarde, quando a montanha despejar sobre os nossos valles e campos a avalanche ambiciosa, os nossos irmãos bradem contra o traidor que franqueou as terras livres ao invasor insaciavel.

Diz o urso que a montanha é dos montanhezes... Acautela-te, guanaco ! palavras de urso

não aproveitam a guanacos. Lembra-te da fabula do leão. Hoje será a companhia estabelecida nas terras litigiosas, amanhan serão os teus terrenos, depois os meus, depois os dos nossos irmãos e elle ficará senhor da montanha e nós seremos escravos vis dentro da patria que pretendes trahir. Eu falo como condor : vejo longe. Lá da altura passeio os olhares pela terra e sei o que nella se faz. Se queres o captiveiro deixa entrar o urso.

Ouviu o guanaco e ficou a pensar mirando-se na corrente e mirava-se quando do alto o urso, que espreitava, rugiu :

— Então, guanaco amigo ? vai ou não vai ?

E o condor, que levantava o vôo, bradou do espaço :

— Olha o *trust* do territorio ! Olha o *trust* da montanha, amigo guanaco. Não abras a fenda á cunha da perfidia. Cuidado !

Foi-se e o urso, lambendo as patas, ficou a olhar o guanaco, que pensava.

— Então, amigo guanaco ?

— Espera um instante, amigo urso.

UM SABIO

Foi em meados de março de 1883, numa triste, lutuosa noite de quaresma, que cheguei a S. Paulo.

As ruas estavam apinhadas de povo que esperava, com ansia devota, a passagem d'uma procissão. A espaços, dobravam sinos plangentes e mulheres, sob negros biocos, passavam á pressa, surdamente, como sombras que deslisassem.

O carro, depois de fazer grandes voltas lentas, deixou-me á porta do Hotel da Bôa Vista, na esquina da ladeira do Porto Geral. Os hospedes d'esse casarão taciturno eram, quasi todos, estudantes e, escusado é dizer que me fizeram as honras da casa, não como os arabes costumam acolher nas tendas áquelles que os procuram, mas como os gallos antigos dos poleiros recebem os frangos novos.

Não me demorei muito tempo no salão onde o agudo Erico, de mãos para as costas, os oculos brilhando no nariz afiado, ia e vinha criticando, com furor, aquella «miseria moral» — toda uma popu-

lação abalada pelo fanatismo, a entupir as ruas, pondo no ar puro um fortum insupportavel de suor e de banha. Não, o Estado devia intervir energicamente oppondo-se áquellas scenas ridiculas e improprias d'uma cidade civilisada. Outro academico, esguio e louro, sahiu em defeza da religião e do seu ritual, demonstrando a necessidade d'esse culto externo. Erico fitou o adversario e fulminou-o com um dito violento que provocou verdadeira conflagração.

Alguem, rompendo, então, o grupo, lembrou-se de pedir a minha opinião. «Sim, concordaram todos: que fale o calouro!...» Tremi e teria, certamente, de soffrer a pena ridicula que me impunham se o Erico não houvesse annunciado sisudamente:

— Lá vai a procissão, senhores. Vamos vêr as pequenas.

E o bando de hereges abalou, deixando-me naquella sala immensa e obscura a ouvir os tristes sons da marcha funebre que lá ia. Recolhi ao meu quarto com a minha saudade.

No dia seguinte, cêdo, Erico, que era meu vizinho, bateu á minha porta, chamando-me:

— Ó amigo, é sol nado; venha contemplar o grande Buddha eburneo!

Não comprehendi aquellas palavras mysteriosas, mas sahi e Erico, muito grave, levou-me pelo corredor, em silencio, até á sala. Ali, fazendo-me chegar a uma das janellas, disse, mostrando-me a casa fronteira:

— Vê você esse pardieiro fechado? é o templo de Buddha, o grande Sabedor, o Sete Chaves, o *Homo Sapiens*. O vulgo ignaro chama-lhe Justino,

o conselheiro Justino. Celibatario e civilista, esse homem conhece todas as leis, menos as naturaes — é assim que detesta a mulher e o vinho, a musica e as flôres, a rhetorica e a salada de pepinos. Vive ali com os livros como S. Jeronymo vivia em Bethleem. E, fitando-me com pequeninos olhos, agudos como estyletes: Conheces S. Jeronymo? Pensas, talvez, que é o marido de Santa Barbara, porque apparecem sempre juntos nas invocações? Não, criatura serodia, essa alliança é iniqua — o santo nunca quiz saber d'esse sexo compromettedor e, se escreveu á Paula, não passou d'isso. Mas deixemos as divagações. Olha, espera o Buddha e, se tens relogio, acerta-o pela sua sahida; nove e meia, nem mais, nem menos um segundo.

Effectivamente eu olhava quando vi sahir da casa indicada um homem amarello, magro, secco e rijo, de preto; os mesmos oculos que, de longe, lhe escaveiravam o rosto como duas orbitas fundas e vasias, eram escuros.

Grave, sem olhar para o nosso lado, seguiu com um bamboleio de corvo, dobrou a esquina e lá foi.

— Viste? pois, meu amigo, se annotas a tua vida, regista no teu diario este grande acontecimento. Esse homem sombrio, que parece um inquisidor, é o grande, o incomparavel Justino, mais sabio que Hermes, mais virtuoso que S.to Antonio, mais secco d'alma do que um arenque defumado. É lente; um dos mais respeitados da academia pelo seu grande saber. As suas prelecções são verdadeiras derrubadas de bibliothecas. Se um novo cataclysmo fizesse desapparecer o mundo e tudo que nelle existe, esse homem, recolhido a uma arca, quan-

do as aguas baixassem, recomporia toda a sciencia do Direito, desde as leis mais profundas até á mais réles chicana.

Erico, o fecundo Erico, que, pela sua grande força de generalisação, não conseguira sahir do curso annexo, onde era considerado o « ancestral maior », deu uma volta pela sala, chuchando um dente, e tornou ponderoso, resumindo numa expressão, já usada por Eschynes com relação a Demosthenes, toda a sua admiração pelo civilista : « É um monstro ! » Mas, vê tu, continuou com intimidade, espalmando a mão no meu hombro : é um rochedo, não produz uma linha, não tem um conceito, ninguem lhe attribue uma phrase. E explicou : O homem é como a planta. Queres esterilisar uma arvore ? aduba-a em demasia ; cresce-lhe basta ramagem, multiplicam-se-lhe as folhas, mas as flôres raream e quasi nunca vem fruto.

O accumulo de sciencia mata as fontes da imaginação e da critica. Quasi que estou a dizer que a ignorancia é preferivel. Um homem como aquelle vale por uma congregação e, que deixa ? a memoria rapida de uma vida, nada mais. Toda a gente affirma que tem um grande talento e eu affirmo como toda a gente, mas affirmo por affirmar, porque do talento d'esse homem vejo apenas os livros, ás centenas, muito bem arrumados nas immensas estantes. É um carregador de idéas, um estivador de pensamentos : transporta-os dos compendios, dos tratados, para as memorias dos alumnos. Ou melhor : é uma alfandega, entende você ? uma alfandega onde os autores estrangeiros descarregam as suas mercadorias e onde os jovens estudantes as

vão buscar. É isso! Não, a sciencia não é a esterilidade. Sabio não é simplesmente o que estuda, o que armazena, enthesoira — é o que produz. O que elle é, em verdade, é um excellente methodo, isto sim, um methodo de vida e de estudo: honra e memoria, ascetismo e rijeza.

Erico deixou-me apressado ao ouvir tinir a campainha que annunciava o almoço, mas, a meio do caminho, voltou dizendo-me:

— Olha, é verdade — hoje não ha aula, mas o homem, para não transigir com o habito, lá vai a um passeio de uma hora, certamente fazendo uma prelecção erudita, á meia voz, para os botões da sua sobrecasaca. Vem almoçar, são horas.

O Justino que eu vi nessa memoravel manhan de quaresma, encontrei, dez annos depois, uma tarde, á porta de um ourives da rua Quinze de Novembro — muito grave, de preto, oculos escuros, o cabello muito empastado e luzente, a tez côr de velho marfim. Vendo-o, passou-me rapidamente pela imaginação esse typo tão fielmente retratado pelo incomparavel Queiroz na *Correspondencia de Fradique Mendes* — o conselheiro Pacheco, o do immenso talento.

Não julguem, porém, os admiradores do grande mestre, em cujo rol me inscrevo, que eu seja capaz de medir o seu alto valor moral pelo estalão do Pacheco da satyra, não! O que eu analyso é o typo physico, é aquelle vulto severo e rispido do homem de negro, methodico, reservado, taciturno.

O saber de Justino lampejava nas suas prelecções e, se elle não deixou, em corpo perfeito, uma obra que leve o seu nome mais longe do que o levará a memoria ingrata dos homens, ahi estão as suas apostillas, que serviram a quasi todos os que legislam para o paiz, como clarões passageiros do seu espirito, mas não sei porque, acho que o grande Pacheco devia ser como o finado Justino e, na assembléa, espetando o dedo para confundir com uma phrase forte a opposição rumorosa, devia ter aquella mesma grave figura que dava, nas aulas, ao grande mestre o ar divino e ornithoide de um Thot veneravel silvando sciencia do alto d'um poleiro, com o bico muito curvado e as negras azas encolhidas e immoveis.

Ninguem o respeitou mais do que eu e, quando foi imposta a sua jubilação, provocada por um assomo irreflectido e injusto da mocidade, a minha penna, que sempre foi fiel aos moços, trahiu-os nesse dia alliciando-se ao mestre, porque do seu lado, sobre estar a Razão, estava tambem a tradição do prestigio do velho convento.

E agora venho trazer veneradamente ao seu tumulo o meu preito de antigo alumno e de admirador do grande estudioso, do energico disciplinador e do homem exemplar que viveu moralmente fechado num programma rigido e secco, só comparavel á velha casa em que acabou e que, no meio das construcções modernas da cidade, parecia um protesto forte do passado, ultimo remanecente ferrenho do archaismo, achatado entre as construcções esbeltas do presente.

Como a casa era o homem, que Deus tenha.

FANTASIA DE INVERNO

Vento gelado, gélido vento amaina o teu furor, já que traiçoeiramente conseguiste penetrar em meu coração, que és tu que por lá andas : bem sinto o teu friul, bem ouço os teus gemidos. Ai ! de mim... És tu mesmo que andas a desfolhar as minhas ultimas illusões e a crestar as verdes folhas das minhas ultimas esperanças.

Como se contrahe um mal de morte á beira d'agua azul de lagôa tranquilla, admirando um nenuphar aberto, assim ganhei a melancolia que me retranse olhando o limpido céu de inverno abotoado no pallido e triste plenilunio.

Fazia frio, um frio navalhante e eu, esquecido, extasiado naquella serenidade, deixei-me ficar á janella enamorado da noite e foi, então, que me invadiste, como invades e varejas uma ruina fendida em mil abertas e taliscas e agora, no meu coração,

gemes e regelas, vento gelado, gélido vento, que andavas errando á luz do luar.

Meu pobre coração! Quando, outr'ora, me falavam em valles floridos, em collinas marchetadas de margaridas e rosas, em campos palhetados de botões de ouro, em vivas aguas recobertas de açucenas brancas, eu sorria superiormente como sorriria um deus a quem um mortal narrasse aventuras mesquinhas. É que eu tinha o meu coração mais rico em flôres do que os jardins maravilhosos de Viviana e agora . . . Ai! de mim! só ha despojos e como poderiam resistir as flôres meigas ao vento de inverno que, traiçoeiramente, penetrou em meu coração, onde sempre havia a doce, a tepida temperatura de uma primavera ideal?!

Meus sonhos, que será feito de vós? Como andam no ar nocturno, em torvelinhos fantasticos, folhas e flôres orfanadas, assim andais nas lufadas do vento gélido.

Amanhan o sol tornará ao céu — eu mesmo o verei seguir, rompendo as nevoas como um noivo preguiçoso que abre vagarosamente o cortinado e, a contra-gosto, deixa o leito nupcial; eu o verei surgir e verei a terra revestir-se de luz e, florida e contente, louvá-lo pela boca harmoniosa dos seus passaros. Acompanharei, com olhares invejosos, a corrida sonóra dos limpidos regatos, ouvirei as cantilenas dos camponios e, talvez, sinta o calor benefico do sol que reanima, mas . . . chegará o sol ao meu coração? Sim, é natural que chegue — elle não é da raça dos homens que só attendem aos que a Fortuna acérca. As mesmas ruinas vêm-n'o chegar, o pantano recenna-se com elle, as cavernas rece-

bem-n'o no intimo, é para todos e para tudo que a sua luz rebrilha, mas... será tambem para os corações? Diz-me a alma que não.

Ai! de mim... Como poderei viver com tal inverno gelado?

Lua, lua perversa, pallido fantasma, foste tu que assim sacrificaste a minha vida. Quizeste um companheiro que, parecendo vivo, não fôsse mais que um cadaver e encantaste o meu coração, reduzindo todos os sonhos que nelle havia a verdadeiros e melancolicos espectros.

Foste tu, foi o teu halito, ou melhor, foi a exhalação do teu corpo nevado, livida e funérea lua, que transformou um campo de flôres em campo de neve.

E se vier o degelo que pranto copioso inundará meus olhos; que diluvio transbordará de mim... Para conter tantos sonhos e tantos amores é preciso que o meu coração seja do tamanho do mundo.

Quem me mandou a mim contemplar luares em maio, ao frio? Quem me mandou a mim fazer vigilia a defuntos?

Bem fazem os indifferentes que, embora appareças, com a linda côr com que a morte ironica te enfeita, fecham as janellas e entregam-se aos travesseiros. Esses estão livres do assombramento, mas eu, curioso, lá me deixei ficar a olhar-te e tu...

D'ahi... quem sabe! Talvez não sejas tu a culpada, lua merencorea, porque, em verdade, quando eu te fitava, meu pensamento estava em outra face, mais linda do que a tua, mas tambem fria e indifferente.

Quem sabe se não foi a tristeza d'esse pensamento que me poz no coração tamanha melanco-

lia ? Se foi... aquelles olhos doces, com um só olhar, desfarão a tristeza. Desfariam, devo eu dizer, desfariam se, um breve instante, se volvessem para o meu rosto, mas... são tão frios, tão frios que...

Ai ! de mim... O inverno passará depressa, o verão tornará risonho, mas no meu coração nunca mais, nunca mais ! haverá sol de estio nem flôres da primavera.

Noite, eu tambem ando a carregar um astro morto : o teu, matou-o o tempo ; o meu, matou-o o amor.

O PARADOXO CONTEMPORANEO

Sobre a nudez forte da Verdade
o manto diaphano da Phantasia.
EÇA DE QUEIROZ.

Não ha esperança — tudo é verdura. Nunca a terra se mostrou assim prospera: não ha memoria de outra tão inclemente fecundidade. Dir-se-á que um Deus andou semeando e abençoando a sementeira, porque não ha sol que a esturrique, não ha geada que a creste, não ha lagartas que a destruam. As proprias formigas mal apparecem nos trilhos e, por preguiça ou porque as contenha o mesmo Deus propicio, satisfazem-se com as folhas seccas que o vento espalha ou com as varreduras dos paióes.

O que era vageiro pedrento e maldito onde estalavam, fendidas, as relhas dos arados e os bois robustos arriavam arquejantes deixando na terra secca, estampada em suor, as marcas dos seus corpos, é hoje campo de fertilidade. Varzeas estereis, onde apenas lograva viver o sapé da miseria, ostentam-se vicejantes, cobertas de verde e alta al-

catifa que é o arrozal que aponta. As mesmas rochas sáfaras geram prodigiosamente — a crosta que as forra vale por um alfobre. Vêm-se penhascos floridos e, nos sulcos dos carros que, mezes atraz, passaram lentos, rinchando, recolhendo a colheita, os grãos perdidos proliferam : ha milhos crescendo nos caminhos, empennachando-se nos andurriaes ou, flexiveis, dobrando-se graciosamente no fundo das grótas, entre os inhames, onde a agua brilha e canta.

Em todo o torrão ha uma roça, em todo o canto viceja uma horta. O colono tem necessidade de arrancar os legumes que ameaçam invadir a casa ; vergam as latadas, pelas cêrcas de espinheiros em flôr trepam as ramas do feijoal, os repolhos gordos afundam na terra, a couve flôr desabrocha como um polypeiro immenso e lá vão braçadas de folhas tenras para os estabulos, para a possilga, para o aprisco, para o corveiro e ainda sobram aterradoramente.

As cannas empinam-se e curvam-se em arco, estirando-se na terra para, adiante, levantarem-se de novo ; o milharal farfalha ao vento como a chamar os colhedores, as vagens seccas cascavelam, aboboras abandonadas desenvolvem-se monstruosamente sob as frescas folhagens protectoras e, quem olha os pomares, hesita entre as duas côres que se casam — a verde das folhas e a amarella dos pomos.

Os galhos vergam e, como não ha mãos que bastem á colheita, sob as arvores acenosas os frutos que apodrecem vão formando um nateiro fecundante.

Não ha esperança! O cafésal parece adornado de coral — os frutos em cereja encarreiram-se, acumulam-se nos ramos pendentes e os rios ahi vão regando, o sol reluz e cria, o vento leve encarrega-se de limpar os galhos, levando-lhes as folhas seccas, e borboletas, besouros, libellulas e abelhas, que pousam de flôr em flôr, conduzem o germen da fecundação, vão multiplicando a abundancia, fazem uma semeadura aerea ou melhor: realisam as nupcias floraes como sacerdotes alados que visitam os lares verdes e juntam os casaes aromalissimos, conduzindo a alma amorosa d'um a outro, em beijos. Não ha memoria de tão inclemente fertilidade.

Com o frio a esperança do lavrador é a geada. Ao crepusculo, quando as nevoas se vão adensando, ei-los todos de olhos alongados: Virá a geada? Cahe a noite taciturna, estrella-se o céu onde não paira uma nuvem; o frio augmenta. Noite fria e limpida é annunciadora de geada. As crianças tiritam, os velhos abeiram-se do fogo estendendo tremulamente ás chammas as mãos engelhadinhas e o vento sopra rispido.

Oh! como é alegre a voz do vento! Corta, vento de inverno! Corta, ceifador nocturno, corta! E o homem bemdiz o vento que zune. Bem haja o bom vento! Bem haja o bom vento!

Curioso lá vai o lavrador á janella, entreabre-a, espia e tirita: noite estrellada e gelada. Ainda bem! Ainda bem! exclama esfregando as mãos. Temos geada! Temos geada! annuncia contente e todos sorriem á ideia d'uma devastação. Deitado, ouvindo as gambás que vão e vem pelas telhas, ei-lo

a sorrir, pensando: «É a geada bemdita que está cahindo. Ámanhan os campos serão outros. Eu ficarei reduzido a um terço, outros perderão mais e a safra de todo o Estado, com o beneficio d'esta noite, ficará em menos da metade do que se espera e ainda será muito. Felizmente o inverno ahi está e ha um Deus no céu. Mais um anno de fartura como este e seria um dia a lavoura do Brasil.

Não ha quem resista. Antigamente, com o que dava um alqueire de terra, uma familia vivia fartamente; hoje, com a abundancia, o fazendeiro pena em miseria. O que o compromette é o excesso: todos plantam, todos colhem: não ha compradores.

Annuncia-se uma feira, acode gente de toda a parte a disputar as barracas ou com as lonas e os esteios para armar a sua tenda. Levanta-se tão densa poeira nas estradas com a chegada dos carros, das tropas, das récuas, das manadas, dos rebanhos e ainda da gente que as mesmas torres das igrejas desapparecem abrumadas.

No campo da feira amontoam-se os ceirões e as cangalhas, empilham-se os jacás e os côfos, enfileiram-se as capoeiras, atravancam-se os largos cestos. O cercado de animaes referve e, como não ha divisões, saltam os pôtros, os burros escoucinham, marram os touros, coincham os bacorinhos, grunhem os grandes cevados acaçapados, fossando a lama, cacarejam as gallinhas, grasnam os patos, arrulham os pombos e todas essas vozes não chegam a abafar as dos homens, das mulheres e das crianças que apregôam esgueladamente o que trazem das suas roças.

Quem entra numa feira, vendo a multidão que vai e vem, imagina que o commercio corre animado, engano — só ha ali vendedores, de sorte que o sertanejo, que deixou o seu sitio longinquo, á beira da serra, para offerecer na feira os frutos do seu pomar e o gado novo da sua caiçára para, com o producto, comprar novos ferros e chita e madapolão para os seus, ali está de cocoras, macambusio, o cachimbo nos beiços, os olhos perdidos longe, no céu da sua banda, lá para os lados da serra onde a sua gente, pobre gente! o espera com as compras tão necessarias . . . até um remedio lhe pediram e o misero nem para o remedio faz.

E dissolve-se a feira: lá tornam todos com os frutos murchos, com os animaes cançados, maldizendo a abundancia porque todos têm e não compram.

Isto acontece ao pequeno lavrador que ara, semeia, aduba e colhe, que tosa a ovelha, que munge a vacca, que enforma o queijo e bate a manteiga auxiliado pela familia. Imaginai o desespero do grande plantador que vê, em volta da casa, formigar uma nova villa de colonos. É a exuberancia que o desgraça, é a fartura que lhe traz a miseria.

Lá vai vagarosamente, apparecendo, desapparecendo por entre uns outeirinhos avelludados, um comprido e pesado trem de carga — café. Dos sertões feracissimos descem diariamente tropas numerosas; são campainhas tinindo desde a madrudrugada até a noite, ás vezes pela noite adiante e tropeiros bradando — café. Pelos rios, em balsas, descem milhares de arrobas que vão ter ás peque-

ninas estações onde embarcam para o porto Os horisontes são verdes — onde acaba o cafésal começa o céu, e as arvores, sobrepujadas pelos frutos, achaparram-se : é a maravilha da fertilidade, a praga arruinadora do excesso.

No porto, á medida que vão chegando os wagons entulhando os armazens, vai o preço descendo e, como entram sempre novos trens carregados, mais baixa o valor da mercadoria; é quasi uma miseria o que offerecem, não vale a pena vender; o melhor é conservar o café em casa, mas como? onde? se não ha tulhas e se o fazendeiro tem a colonia a murmurar reclamando a paga! Que vá o café, que vá! e os campos cada vez mais verdes. Oh! a inclemencia do verde!

Como se vivia bem no tempo passado! O pouco que a terra dava era vendido a peso de ouro e o fazendeiro que colhesse o que hoje colhe um sitiante poderia viver regaladamente como um rajah: o fruto tinha valor real, as tulhas eram thesouros, os engenhos eram verdadeiras casas de moeda. Agora as machinas poderosas não preparam em seis mezes, trabalhando dia e noite, todo o café da colheita, as moendas, jorrando rios doces, não espremem toda a canna, parte perde-se nos carros ou amontoada nas eiras, e, se a deixam na terra, apendôa; o leite apodrece nas queijarias, a fruta encarquilha-se ou transforma-se em lama nos pomares. É demais! Corta, vento de inverno! Corta, ceifador nocturno!

Criar! E vale a pena criar? Com a abundancia o gado anda farto e luzidio : no chiqueiro do pobre cevam-se varas de porcos, as vaccas mal pó-

dem caminhar embaraçadas pelos ubres apojados, e assim as cabras, as ovelhas igualmente. Por muito haver pouco vale e, como o preço offerecido não compensa, os homens resolvem deixar os animaes no campo esperando confiadamente o tempo da miseria, que ha de vir, Deus é grande!

Levanta-se o lavrador, sahe pé ante pé guiado pela claridade tenue da lamparina do oratorio, accesa diante das imagens como a lembrar-lhes o pedido feito, com fervor, por todos; lá vai. Chega á janella, corre o ferrolho. Que frio! sorri contente, tiritando e espia — noite serena, céu estrellado e a geada?

É cedo, talvez; nem bruma — o luar galvanisa as frondes tornando-as de prata e as vozes da natureza cantam, sussurram dentro da noite; o arôma das flôres passa nas auras, a agua rola no moinho. O lavrador ali fica a olhar, sem sentir o frio que corta como á espera da geada que não vem, a ouvir, sem comprehender, o que lá fóra dizem as arvores alegres. Torna ao leito desanimado. A esposa, que o viu sahir, espera-o sentada, com o rosario entre as mãos enclavinhadas:

— Gia?

— Ainda não.

— Póde ser que pela madrugada...

— Não creio. É Deus que nos abandona. Emfim, seja feita a sua vontade. Deita-se. Queria que sentisses o cheiro das flôres.

— Que flôres?

— Não sei, mas é um aroma que entontece. Essas malditas flôres estão annunciando outras cargas. Aqui só o fogo.

Cala-se e, d'olhos abertos, fica a pensar na monstruosa queimada salvadora: uma chamma viva que crescesse com o vento e que fosse arrasando os campos de milho e canna e o cafésal e subisse á matta e seccasse as fontes deixando a terra vazia e esteril, coberta de cinzas, durante annos. Só isso.

Faria um aceiro protegendo apenas o cafésal novo, o mais que fosse, que o incendio levasse e o pouco dos annos vindouros salvaria o prejuizo dos tempos copiosos. Só o fogo!

Mas para isso seria necessario que todos os fazendeiros entrassem no accordo sinistro tomando, cada qual, um archote e ateiando o incendio que, vindo de pontos diversos, ás lufadas vermelhas, deixasse apenas, em cada fazenda, como pequenas ilhas, dois ou tres alqueires de culturas verdes. Escassearia o producto e cresceria o preço.

Mas o fogo estimúla, o fogo arde e fecunda como o beijo. Haveria, no primeiro tempo, um espasmo lethargico da terra, mas, com a primeira chuva, todas as sementeiras repontariam viçosas, com ansia maior de vida e a producção seria mais acabrunhadora.

Que fazer?

Um silvo atravessa o silencio. São os comboios. Lá vão elles, caminho do porto, lá vão! É madrugada. O gado muge, balem as ovelhas. Atroadoramente começam a trabalhar as machinas beneficiadoras e o fazendeiro, fatigado da vigilia, salta da cama, abre largamente a janella. Uma poeira empana os ares: é a palha do café que vôa e que lá vai estrumar o alqueive e, purpureo, immenso, implacavel, sobe no céu, victoriosamente, o sol.

Douram-se os montes, douram-se os campos, o orvalho rebrilha nas folhas — tudo reverdeceu com a noite e o fazendeiro, taciturno, pensa na miseria quando o administrador, descendo a galope do lado do engenho, estaca a bestinha diante da varanda e diz :

— Patrão, vou mandar colher aquelle resto de café do pedregal, porque as flôres já estão vindo aos galhos.

Elle estremece, fita o empregado e, sem comprehender bem as palavras que ouve, encolhe os hombros indifferente. Fruto e flôr . . . Mas é a perdição, Deus do céu ! É a perdição ! Fruto e flôr . . . Terra maldita !

E o sol vai subindo no céu e abelhas zumbem visitando as flôres novas annunciadoras da abundancia futura que será a fallencia, a definitiva desgraça. Ainda frutos e já flôres.

E ha ainda quem gabe a terra cafeeira, a terra rôxa da côr da agonia.

BALÕES

Dizia-me, uma tarde, com muita gravidade, o conspicuo commendador Juvencio, lamentando o desastre de que foi victima Augusto Severo:

— Meu amigo, a verdade é que todos nós temos o nosso balão. Aqui nesta sala só ha aeronautas.

Vendo o ar de espanto com que recebi a sua affirmação, o commendador, tirando estrondoso pigarro da formidavel guela — que é um abysmo, segundo dizem na praça — avançou a poltrona juntando aos meus os seus joelhos enormes onde as rotulas são verdadeiras sacadas.

— Ouça, meu amigo. O senhor é ainda muito novo, vê o mundo atravéz de illusões; eu tenho vivido muito, conheço todos os segredos da vida. A alma não tem mysterios para mim. Eu é porque não tenho tempo, senão o senhor havia de vêr o bello estudo que me sahia da penna, apojado de no-

tas, farto de observações, com os nomes, com as datas, completo e irrefutavel. Todos nós temos o nosso balão. Vê aquella criança que ali está ao collo da ama, toda enfolhada em rendas ? tem o seu balão.

— Aquella criança !

— É como lhe digo ; e lá está elle, ou antes, lá estão elles tumidos, retesando o corpinho da rapariga, não vê ?

— Os peitos da ama ?

— Naturalmente. O pai tem um balão e ha quem affirme que é obra fina : tem dado excellentes resultados nas experiencias — é a tal machina de chocar.

— De chocar ! ?

— Pois não. Elle entende que tudo póde ser chocado, é uma simples questão de estufa : choca pintos, carneiros, bichos de sêda, café, crianças . . .

— Como crianças . . . ?

— Sim, senhor : crianças. O filho do Amadeu é um producto da sua machina, pelo menos é o que dizem. Como foi, não sei, mas a coisa é publica.

— E o Amadeu ?

— O Amadeu está tambem ás voltas com o seu balão, que é uma historia de pesca na Amazonia para exploração do xarque do peixe-boi.

— É extraordinario !

— É natural, meu amigo. Vê ali a menina Alice a conversar com o Lino ? está a encher o seu balão e Deus queira que lhe não saia hoje mesmo dos labios o famoso *Lachez tout !* Não vê a quantidade de gaz que ella está para ali a consumir ? a falar, a sorrir, a mostrar o pé, a descobrir os dentes ? Tudo

aquillo é gaz e do bom e o Lino começa a oscillar. Eu d'aqui estou a ouvir as pulsações do motor. O amigo ha de vêr, em breve, a ascensão.

— Mas o Lino não é partido para a menina Alice.

— Porque ? No casamento, como em politica, não ha partidos, ha conveniencias : casa ? elege ? é quanto basta.

— O Lino é impetuoso, violento . . .

— Já sei, o amigo receia a explosão ? Mas o senhor não sabe que o marido é um balão captivo ? Não ha perigo. Demais, a menina Alice é segura, não é das que alijam o lastro : quando ella vir as coisas mal paradas . . .

— Appella para o divorcio.

— Qual divorcio ! Appella para os proprios encantos e . . . Mas vamos adiante. Conhece aquelle calvo que ali está, no vão da janella ?

— É o Simas. Tem tambem balão ?

— Politico ; tem cahido muito, volta e meia é uma quéda, já até cahiu uma vez no ridiculo, quando pronunciou na camara aquelle famoso discurso affirmando que a crise do assucar era uma consequencia natural da crise do café, e propondo, como medida atilada, que se désse o café de graça ao estrangeiro porque, como não se bebe café sem assucar, elle seria forçado a vir buscar esse genero ao mercado e então far-se-ia a alta do assucar, alta que daria para indemnisar o fazendeiro.

— O plano não deixa de ser engenhoso.

— Mas é idiota. Temos ali outro aeronauta. Está a insuflar um apparelho que, se nada vale na apparencia, é uma preciosa machina, de construcção muito solida e com excellente motor.

— Quer falar da baroneza ?

— Sim ; a baroneza vai para os sessenta annos.

— É um balão pratico.

— Tem duas ascensões : a primeira com o Pimentel, coitado ! Ella tinha dezoito annos e uma belleza de atordoar e o Pimentel era maduro, resultado ? veiu lá de cima pondo sangue pela boca, deixando um lastro de quinhentos contos e duas fazendas no oeste. A segunda foi com o barão que, apezar de mais cauteloso, não poude, ainda assim, evitar a quéda.

— Mas dizem que . . .

— Que elle cahiu de outro balão. Sim, póde ser, porque fazia experiencias com diversos. Não affirmo — o certo é que, apezar dos precedentes desastrosos, o nosso amigo está a querer metter-se na barquinha.

— Diga antes : barcaça.

— Ou isso. E todos aqui, sem excepção . . .

— Quer dizer que o senhor tambem . . . ?

— Pois não, não fujo é regra : tambem tenho o meu.

— E qual é, commendador ?

— É . . . a imbecilidade humana.

— E, releve a minha indiscrição : como consegue equilibrar-se ?

— Facilmente : manobrando. Se tenho contra mim um poderoso, humilho-me ; se tenho um fátuo, lisonjeio-o ; se é um timido, apavoro-o ; se é um ousado, acorçôo-o ; se é um pobre, desprezo-o ; se é uma mulher, louvo-lhe a belleza e assim me vou mantendo sempre a favor do vento, buscando a

corrente da sympathia, que é como um mar de leite para navegar-se.

— E nunca cahiu, commendador ?

— Sim, sim, já levei um tombo : metti-me num balão vagabundo que anda agora pelos theatros e cahi na cama onde estive tres mezes, entre a vida e a morte. Felizmente curei-me.

— E está prompto para outra ?

— Isso não : a experiencia foi rude. Contento-me agora com os balões praticos.

— Pois eu confesso que não tenho balão algum.

— O senhor ?

— Eu mesmo, commendador.

Mas chamaram-nos para o chá. Iamos pela galeria vagarosamente, respirando o perfume que entrava, com o luar, pelas janellas abertas. O commendador insistia em demonstrar-me que todo o homem tem o seu balão, quando ouvimos um chuchurrear que parecia vir da sala. Voltamo-nos e vimos o Lino de braço com a formosa Alice que parecia mais linda, com uma côr mais viva nas faces finas. Detivemo-nos á janella. Os dois passaram e eu fiquei a olhar o plenilunio immenso e branco, que brilhava.

— Ouviu o *Lachez tout ! ?* sussurrou elle com malicia, mostrando-me, com o beiço esticado, o jovem casal que lá ia.

— Sim. Pareceu-me um beijo. Mas que linda noite, commendador.

Elle lançou um olhar indifferente ao céu, e, encolhendo os hombros, disse, arrastando-me pela galeria clara :

— A lua não é balão que preste. E quer o amigo

saber ? não se metta com ella — os que de lá cahem vão dar com os ossos no hospicio. Arranje, de preferencia, uma *estrella* . . . mesmo de café concerto.

E, rindo, entramos de braço no grande salão illuminado, onde resplandecia a mesa florida, carregada de pratas e crystaes. E, sempre malicioso, o commendador segredou-me :

— Parece que o Lino usa carmim nos labios ?

— Porque ?

— Veja as faces da Alice.

Effectivamente : eram duas rosas.

DIVAGANDO

Entrando, de manhan, no meu escriptorio, vi o velho calendario murcho, a oscillar com a aragem na parede fronteira á minha mesa de trabalho. Só lhe restava uma folha. Para que arrancá-la se nada mais havia atraz d'aquelle numero que representava apenas uma recordação? Que o misero levasse aquella ultima folha para o lixo.

Outro calendario, novo e gordo, carregado de folhas, como uma arvore na primavera, foi substituir o velho bloco lentamente consumido e foi sómente essa substituição que me fez sentir o tempo, porque não notei differença alguma na manhan: nem mais moça, nem mais velha. No alto o mesmo azul, no azul o mesmo sol; voando, os mesmos corvos e as mesmas andorinhas; na terra as mesmas arvores, as mesmas flôres, as mesmas aguas, entretanto, durante a noite, o mundo silenciosamente vencera outro marco.

E porque só o calendario accusava a passagem destruidora do tempo ?

Indifferentemente, todas as manhans, eu lhe arrancava uma folha e a lançava á cesta dos papeis. E que representava aquella folha morta ?

Quem lhe escrevesse o inventario teria de encher resmas e resmas de paginas largas registando a campanha dos homens « pelo ventre », como diz Epicuro : vidas e mortes, fomes e frios, agonias e prazeres, bôdas e enterramentos, marchas de exercitos e convenios pacificos, cerimonias rituaes e conciliabulos covardes, inventos e desillusões, sonhos desfeitos e utopias realisadas, travessias de aguas e de areaes estereis, ascensões arriscadas e mergulhos no seio da terra á cata do ouro das minas, trabalhos serenos, estudos calmos, ansias desesperadas, ambições voracissimas, e, superiormente, a marcha tranquilla dos astros luminosos.

Tudo isso continha a miseravel folha morta que eu atirava, com desprezo, á cesta dos papeis inuteis. Cada uma d'ellas representava um dia.

Ai ! de mim, cada uma d'ellas era como um recibo que eu dava de um dia que vivera e como elles são avaramente contados, como o dinheiro de Shylock, era o meu capital de alento que assim se exgottava. Era, pois, de mim mesmo que eu arrancava aquellas parcellas — o calendario era apenas um symbolo, o que eu ia destruindo era o meu proprio sêr.

E fiquei a olhar o papelão, onde estava estampado aquelle numero, que era tudo quanto restava do velho calendario. Occorreram-me, então, as palavras do philosopho : « A vida é como um rio que corre sobre um leito eterno — o tempo ».

Nós somos as aguas que passam, aguas, como as do Nilo santo, de origem mysteriosa. Para onde correm ellas ? para a eternidade, que é um oceano sem praias. As margens são de vario aspecto — aqui frondosas, ali estereis, acolá sombrias, illuminadas além.

Ha gottas de agua que descem desde a nascente, pelo meio claro do rio, rolando em tumulto, reflectindo o sol e as estrellas, numa alegria sem fim : são as vidas ligeiras e inuteis ; que bem fazem ? que destino cumprem ? correm, engrossam apenas o caudal e passam.

Outras, como se se houvessem petrificado para conservar em carcerula uma centelha astral, crystallisam-se em diamantes impereciveis e refulgem no seio das aguas — a luz é a inspiração perenne, o genio crystallisa o esplendor em obras immorredouras. Outras remansam-se junto á raiz d'uma arvore e transformam-se em seiva e, subindo, desabrocham em flor e metamorphoseam-se em fruto. Outras, as mais humildes e as mais numerosas, transbordam com as cheias, são repellidas pelo fluxo do rio e alastram alagando as margens, fórmam nateiros pingues onde reponta a messe de ouro. Essas são as gottas generosas, são o enxurdeiro da fecundação, o tremedal da abundancia. As outras passam — o rio é alvo e feliz e discorre cantando ; o lodo é negro e parado.

Que nasce no rio ? a nymphéa ; o centro é esteril, só as margens tranquillas verdejam e o nateiro é todo trigo, é todo linho, é todo azeite.

Queres tu ser a gotta que vai na derrama fertilisante ? não, por certo — preferes, sem duvida,

ser a gotta ligeira e despreoccupada que desce na correnteza para o oceano do eterno silencio. O ideal é a « facilidade » — feliz é o que corre sem encontrar tropeço, brincando nos remoinhos, saltando nos pedrouços, revoluteando nos grotões e mais feliz ainda é a bolha ephemera de espuma que vive apenas o tempo necessario para reflectir o azul do céu e o verde formoso da paizagem.

Como são desiguaes os desejos ! Vêde como variam nas almas os ideaes. Cada qual trata com mais empenho de illudir o tempo.

O menino imagina-se um homem — é guerreiro e, brandindo armas, que são brinquedos, affronta inimigos imaginarios, ou é artifice e trabalha ajustando a ferramenta : aplaina, serra, prega e pule ; ou é agricultor e cava, revolve a terra, planta e colhe. A menina, ainda balbucia, e já pensa em ser mãi — ei-la tartamudeando caricias á boneca e nina-a, e veste-a, e affaga-a. Chega-a ao collo agasalhando-a, alisa-lhe os cabellos, fecha-lhe as palpebras e, á noite, cabeceando de somno, não ha convencê-la a deixar a filha : leva-a nos braços e dorme com ella chegada ao coração.

O menino julga-se capaz de realisar a conquista do mundo e orgulha-se da sua força e da sua agilidade levantando pesos, lutando ou subindo lentamente ás arvores, como um esquilo. A menina já se imagina seductora e, dengosamente, ensaia a faceirice. Um corre aos ninhos, corre a outra aos espelhos, e que fazem ? sonham com o amanhan, é o

instincto que os impelle atravéz do tempo ao destino prescripto.

Para complemento da illusão o menino põe-se a repuxar o labio, a retorcer as guias de um bigode imaginario, engrossa a voz, pisa com firmeza e, arrastando um bengalão, lá vai pela casa a pavonear ufano. A menina reclama um vestido comprido, exige que lhe levantem o cabello, adelgaça a cintura, toma attitudes languidas e, quando se reunem, continuam a sonhar e o sonho é a familia : são compadrios, crianças que nascem, projectos de baptisados, mesas de lauto festim ; ou intrigas na vizinhança, rusgas no casal e até (horresco referens !) allusões ao divorcio por incompatibilidade entre os conjuges. É uma comedia da vida por marionettes animadas. Esses querem avançar.

Agora vêde mais adiante — outra face da illusão : os que procuram retroceder : É o homem que se encalamistra, é a dama que se *maquilha* ; (1) que fazem ? procuram reparar « *des ans l'irreparable outrage* » ; são os regressivos.

Ha aqui um cabello branco indiscreto, ha ali uma ruga denunciadora, a pelle encarquilha-se, perde a frescura, vão-se os olhos tornando ternos, os labios já não são tão roseos, que fazer ? pedir soccorro ao artificio — e são tintas, pomadas, pastas, lapis, ferros de feitios complicados, toda uma pharmacia, toda uma cutelaria no toucador.

O homem recorda, então, o tempo em que era

---

(1) Se alguem possue um bom vocabulo português que possa substituir esse « francelho », queira dar-se o incommodo de m'o remetter registrado.

um trefego rapaz agil e forte. Ah! dançava toda uma noite sem sentir fadiga, excedia-se em extravagancias, sem jámais soffrer as consequencias. Uma noite em claro . . . que era isso! Bom tempo!

A dama relembra os seus quinze annos viçosos, o seu primeiro namôro, os dias do seu noivado. Como era feliz! tudo lhe sorria e os espelhos eram mais puros. Porque não havia de tornar esse tempo amavel?

E os velhos, os que já não pódem esconder as injurias do tempo? esses tornam á infantilidade. O proprio tempo como que os transforma — tornam-se tartamudos, ficam desdentados, caminham á custa de apoios, alimentam-se como os petizes e até vão engelhando: — a velhice é a caricatura da infancia. Os extremos tocam-se.

Certos povos entendiam que era uma caridade matar os velhos. Que ficavam elles fazendo na vida? Pobre ruinas, antes que aluissem o melhor era deitá-las abaixo e os velhinhos, como era de uso o sacrificio, resignavam-se, e, arrimados aos mancebos, rindo, talvez, por entre os trigos e os fenos, ouvindo, pela derradeira vez, as vozes alegres dos passaros, lá iam para o cutelo, desejando a paz aos que ficavam e abençoando os pequenitos.

Que nos importa mais um anno? Isso de idade é grave para os velhinhos. Quando o copo está cheio basta uma gotta d'agua para que transborde. Para nós outros, porém, que ainda vamos pelo meio, que nos importa essa gotta que cahiu da clepsydra?

A vida é como aquella collina encantada do conto maravilhoso — para alcançar-lhe tranquillamente o viso é mistér seguir de fronte erguida, olhando sempre em frente.

Ai! dos que volvem os olhos ao Passado — ficam na melancolia e na saudade e, se não vêm rochas que clamam, como viram os irmãos de Parisada, vêm lápides tumbaes e illusões perdidas. Assim, pois — caminhemos de olhos no além! e que o novo caminho nos seja suave.

UM SIMPLES

Não sei se ainda vive, no fundo das suas terras mineiras, cuidando a horta e o pomar que tinha uma escancarada voragem em torno da qual florejavam laranjaes, o prudente, acautelado Fraga. É natural que viva porque, como o *seguro* morreu de velho, Fraga ha de ir além do seculo que nasceu com elle.

Não o levarão molestias nem desastres: acabará socegadamente, sentado no limiar da sua casa, olhando as arvores que plantou, sem agonia e sem peccado, como uma lampada que se extingue á mingua de oleo.

O Fraga, que me foi apresentado numa tarde brumosa, á hora doce da Avé-Maria, annunciada pelos sinos da velha e escavacada cidade, tão rota nas suas terras como uma fidalga que houvesse sido assaltada em caminho por um rol de bandidos e ficasse sem uma moeda e sem uma joia e crivada de

golpes atirada, como morta, ao fundo de um vallado, era um homem alto, magro, ossudo que, ao apparecer na varanda alpendrada da casa colonial, me fez lembrar o typo esgalgado do cavalleiro D. Quixote.

Recebeu-nos com a bonhomia patriarchal que caracterisa a gente hospitaleira de Minas e, recolhendo-nos á sua sala, alva, caiada de fresco, onde reluzia a mobilia negra, de jacarandá esculpido, offereceu-nos café e fumo.

No interior da casa senhorial crianças faziam alegre algazarra e, no pateo, fronteiro á varanda, o gado domestico, que chegava dos pastos, mugia baixinho.

Veiu o candieiro, que um negro suspendeu a um ferro e, dentro do circulo de luz, em volta da mesa redonda, sobre a qual havia um vaso cheio de cravos frescos, entabolamos conversa e, de assumpto em assumpto, falamos de viagens e foi, então, que o velho Fraga emittiu a sua opinião de homem prudente, que prefere ir devagar, pousando em ranchos, com a sua tropa espalhada no campo e os camaradas estendidos em pelles, á beira d'um fogo, tocando e cantando até á chegada do somno, a metter-se num wagon de comboio, trancado, opprimido, com a poeira a entrar-lhe pela boca e a empanar-lhe os olhos.

— Olhe, meu amigo, os homens percorreram todos os mares sem o vapor e trilharam toda a superficie da terra sem as locomotivas. Para levá-los pelas aguas os navios eram como grandes aves viageiras — á hora da partida abriam as azas largas e lá iam sem risco de explosões e, em terra, eram

os carros de bois que rodavam, eram os cavalleiros que passavam a galope, eram os elephantes carregando ás costas familias inteiras, e camelos que trotavam pelos areaes abrasados. A viagem era vagarosa, mas a gente tinha a certeza de chegar ao seu destino.

Para civilisar o mundo o homem não precisou d'essas complicadas « mechanicas », agora que está tudo prompto é que os taes progressistas se lembram de estender trilhos e de aquecer caldeiras, para que ? Olhe, meu amigo, depois de jantar o meu feijão pódem vir os melhores manjares d'este mundo porque eu nem os provo — estou farto. É assim tambem com as taes « mechanicas ».

Agora que o mundo está conhecido de pólo a pólo é que vêm vapores, estradas de ferro, o diabo . . . Porque não inventaram essas coisas antes ? Com que companhia de vapores se entendeu Moysés para transportar os israelitas atravéz do Mar Vermelho ? Em que comboio fugiu Nossa Senhora para o Egypto ? Os primeiros effectuaram a travessia a pé e a Virgem fez a viagem montada num jumento. Historias ! E veja o amigo : Quem viaja a cavallo ou em carro de bois sente um alegrão doido quando vê na estrada, ao longe, outro cavalleiro ou quando ouve o rincho de outro carro de bois ; e no trem ? Se a gente vê vir, na mesma linha, outro comboio em sentido contrario, só tem uma coisa a fazer : é encommendar a alma ao Creador, porque está frito. Não, meu amigo. Deus não quer pressas, devagar se vai ao longe. O dia continúa a ter as mesmas 24 horas, nem mais, nem menos ; os infantes nascem com o mesmo tempo

e, se se precipitam, não resistem. Não contrariemos as leis divinas.

O meu amigo, para prolongar a conversa, que nos interessava, perguntou ao excellente velho: «Que faria se fôsse forçado a mudar-se para terras distantes?» Fraga cruzou as pernas, enclavinhou as mãos nos joelhos e disse tranquillamente:

— Eu tenho ahi uma cadeirinha ainda em estado de servir, possuo excellentes animaes de sella, bons carros e gado de primeira ordem. Se tivesse de mudar-me arranjava a cadeirinha para a *velha*, mettia a criançada em um carro coberto, mettia noutro as criadas, arrumava os cacarecos em dois ou tres, fazia uma bôa matalotagem e, com o rebanho entregue aos rapazes, que são de confiança, uma manhan, com a fresca, antes do sol, sahia por ahi fóra, devagar. Agua não falta por essas terras de Deus. Quando o sol apertasse, buscava a sombra das arvores, com a tarde retomava o caminho e, á noite, se houvesse rancho, muito bem, se não houvesse, melhor. Havia de chegar a são e salvo, isso havia! affirmou.

O que está dando cabo do mundo é justamente essa pressa ambiciosa. Para que havemos de correr? Quem vai no seu passo, chega ao fim da vida descançado e sem remorso de haver pisado muita criaturinha inoffensiva. Eu, que aqui estou, nunca me apressei para nada — vou devagarinho e vou vencendo, e assim parece que a velhice tambem vem chegando devagar. Os senhores de agora querem vêr muito, querem saber muito — que lucram com isso? Aquella arvore que está ali fóra nunca se arredou d'aquelle lugar — ali nasceu, ali,

todos os annos, fica coberta de flôres; ali dá os seus frutos, os passarinhos já a conhecem; não é feliz?

— Não sei, disse eu.

— Garanto que é. A felicidade é a flôr da satisfação. Quem se contenta com o que tem, é mais que venturoso, porque não conhece o desejo que gera a inveja e a ambição. Quantos sóes bastam para aclarar o mundo? um. Tudo que Deus fez anda devagar; depressa andam as criações do diabo, como os ventos que destróem, e os raios que fulminam. Vamos devagar, nada de trens, nada de vapores. Volta e meia é um desastre... Para que?

Levantou-se, acompanhamo-lo á varanda. A lua subia lenta e branca no céu, os grillos cantavam na herva, um aroma de flôres agrestes perfumava o ar e, no interior da casa senhorial, onde se fizera silencio, uma voz meiga cantava a ninar crianças.

— Pois é como lhe digo: trens não me apanham. Tenho a minha bestinha viageira, docil ao freio e de bom passo, que me leva a toda a parte, sem risco. Eu, quando penso nos tuneis, fico todo arripiado. Deus me livre! Para sepultura basta a que me espera no cemiterio. E não sou tatú! concluiu.

Ruskin, o grande estheta, o visionario que sonhou a *Saint George's Guild*, essa herdade modelo onde o homem, sem o auxilio de machinas agricolas, semeava e colhia, e a mulher cardava a lan, levava a maçaroca ao fuso, fiava-a cantando e depois, estendendo a trama no tear, punha-se a urdir o tecido, como a Arachné pagan; Ruskin, o adorador da natureza, não só fugia aos trens, como

os combatia, não permittindo sequer que os objectos que lhe eram dirigidos (como os livros que o seu editor lhe enviava de Orpington para Londres, que eram transportados em carroças) fôssem despachados nos armazens das gares.

Ruskin, comparando o passado com o presente, mostra um camponio de outr'ora viajando a pé, de uma cidade a outra, atravéz dos campos floridos, bebendo nos limpidos regatos, repousando á sombra das verdes arvores, ouvindo os passaros, contemplando os largos horisontes de verdura viçosa, ou de alegres collinas, com moinhos que bracejavam e, disseminadamente, como grandes moutas brancas, bandos de ovelhas pastando. Além do exercicio salutar, tinha elle a impressão, e que gastava ? as solas dos seus fortes sapatos ferrados.

O camponio de hoje, para fazer uma curta viagem, compra um bilhete, mette-se em um wagon e, inerte, lá se deixa levar aos solavancos. Fuma para distrahir-se, trava conversa com um desconhecido, que lhe incute na alma rustica idéas subversivas ; na primeira estação, para fazer alguma coisa, bebe ; bebe adiante e lá vai, cochilando ou viciando a alma no wagon, ou bebendo nas gares, e chega ao seu destino bebedo, com uns schillings de menos e o germen de um crime na alma.

A estrada de ferro é como uma grande lagarta que destróe a belleza da natureza. Se atravessa um campo queima-o com as fagulhas que lança ; as florestas abatem-se para que ella passe ; arredam-se os rochedos, deventram-se as collinas, desviam-se as aguas — o progresso é assim um destruidor da graça. E Ruskin não menciona os

desastres: os choques de comboios em rampas ou dentro de tuneis negros, os descarrilamentos, os esmagamentos de criaturas, e todos os mais horrores, que fórmam o sinistro cortejo de taes engenhos.

Têm razão os dois homens: o velho Fraga com a sua simplicidade, aferrando-se aos habitos patriarchaes, e o autor dos *Modern Painters* defendendo a natureza. Não ha como o burro para uma viagem pittoresça, mas francamente, para vencer distancias, com a urgencia que a nossa vida complicada exige, o vapor parece-me insufficiente e só conseguiremos alguma coisa no dia em que a electricidade fôr applicada á tracção nas vias ferreas e os balões scindirem os ares, não um a um, mas aos enxames, em revoadas, como grandes pombos correios.

Desastres... Que valem desastres? Rolem comboios, estourem balões, cubra-se a terra de destroços, escureçam-se os ares com retalhos de aeronaves, a Humanidade irá por diante, contente, heroica, indifferente ás victimas, que são as offerendas á victoria.

E os filhos do velho Fraga e os discipulos do grande Ruskin comprarão bilhetes nas gares e nas estações aereas e irão, contentes, percorrendo centenas de kilometros por hora na terra ou no espaço e pensando no tempo em que o pai viajava pelos andurriaes mineiros ao chouto d'uma besta preguiçosa e o mestre subia ás collinas para contemplar as nuvens douradas do crepusculo que elles verão, não mais acima das cabeças, mas debaixo dos pés, como amplo e flammejante tapete estendido no

espaço, superior ao que Clytemnestra estendeu no palacio de Argos para receber o atride victorioso.

E nesse tempo maravilhoso os homens, ainda insatisfeitos, pensarão em Progresso, mas no fundo d'uma aldeia, haverá sempre um burrinho nedio e um velhinho que o monte dizendo, como hoje diz o velho Fraga : « Que prefere o seu asno a todos os comboios electricos da terra e a todos os balões do espaço ».

E Deus que nos conserve esses simples que são a Poesia suave do passado no turbilhão da vida contemporanea.

AWAY!

Michelet compara os dias a pontes que, uma vez atravessadas, abatem desapparecendo no abysmo do tempo. Ninguem retrocede — a Fatalidade lá está para cortar a retirada. Não ha exemplo de um só homem que tenha, da velhice embranquecida e gelada, recuado aos claros dias da mocidade.

Mal passamos a ponte, sem que ouçamos o fragor da queda, sentimo-la aluir-se, vêmo-la desapparecer no vórtice fundo, onde pullulam milhões de vidas.

Do outro lado os mais fortes deixam pégadas eternas, os semeadores deixam germens esparsos que darão aos vindouros sombra e fruto, os tristes deixam lagrimas que fórmam nateiros fecundos, mas nenhum regressa áquella barranca adorada cuja paizagem, á distancia, esbatida na saudade, como que se torna mais fagueira, porque ninguem vê os curtos e agudos espinhos nem os calháos afia-

dos, mas a massa de verdura imponente, a sempre viçosa e admiravel Natureza e a estrada lisa e branca, ora larga, ora angusta, entre penhas alcandoradas ou frescos vergeis floridos.

Rindo, em tumulto alegre, acenando com palmas e flôres, vão as crianças atravéz da ponte. Que lhes importa que alúa aquella passagem que as conduz ao futuro? Não voltam os olhos porque não têm saudades, correm ansiosas, aligeirando cada vez mais os passos porque entendem que a felicidade está além, no brumal distante e lá vão! Mas acompanhai o velhinho e vê-lo-eis voltar-se, a todo o instante, diminuindo os passos, porque um minuto que avança na manhan apressa o esplendor, um segundo que passa no crepusculo leva á desesperança. A ascensão é lenta, o mergulho é instantaneo.

Para os que agora entram na vida o tempo é festivo. Anno novo! Anno novo! Ai! dos que caminham carregados de annos! Para esses os novos dias serão um fardo pesadissimo que ainda mais os curvará na estrada.

Lá vão elles tardigrados, arquejando, com os corações transbordantes e os olhos marejados. Quantos abysmos vencidos e, no fundo d'elles, quantos sonhos, quanta ventura, quanta illusão perdida.

Quiz Deus nascer nos ultimos dias do anno como para tornar a sua créche um diversorio bemdito onde as almas repousem e tomem o viatico da esperança com que se alentem na Terra.

É ali, na gruta pauperrima, entre o jumento e o boi, sobre a palha olorante que Jesus se exhibe.

Chegam-se todos os crentes ao tugurio, ouvem os cantos angelicos, escutam a egloga dos pastores e contemplam a Santa Familia que rodeia o predestinado Martyr. Os mais afflictos sentem-se alliviados na suave companhia e recobram a coragem para a jornada fatal. Emquanto adoram o Infante esquecem os tormentos e pensam na redempção futura, no premio magnifico que lhes está reservado no céu e, retomando o cajado, lá vão contentes, ao longo da estrada luminosa.

Anno Novo! Que veremos nós além da ponte de S. Sylvestre? Chegarão todos á outra margem? Quantos se abysmarão com a trilha oscillante?! Que desappareçam! o Tempo não se fatiga e, para os que chegam, lança novas passagens e logo as retira como o soldado do castello recolhia a levadiça á entrada do ultimo falcoeiro e do ultimo montaraz, quando o senhor tornava, com estrondo de charamelas e ladrar de matilhas, das montarias que fizera com a gente nobre do seu solar.

Nem todos atravessarão a ponte que nos vai ligar ao anno proximo, mas para que a vida continue, basta que passe um casal, como o que sahiu do Paraiso no dia do peccado e esse, entretido com o amor, nem dará pelo silencio propicio, nem se lembrará da mortualha que ficou atraz.

O melhor é seguirmos despreoccupadamente — não imitemos a mulher de Loth. A ponte é fragil, Deus assim a fez para que não retrocedessemos e pudessemos conhecer todos os bens, e todos os males da vida.

Se nos fôsse dado permanecer num mesmo sitio, á sombra acceitosa da mesma arvore redolente

e frutifera, com um claro arroio para nossa sêde serpeando á volta do nosso descanço, ficariamos satisfeitos com essa socegada e dôce existencia? não! Haviamos de querer avançar e falariamos com a mesma ansia com que falou o astuto Ulysses desligando-se dos encantos de Ogigya e das seducções de Calypso á medida que ia prendendo, com fortes pregos de bronze, os grossos troncos de cedro e de tecca da sua jangada:

«Oh! Deusa, não te escandalises! mas ainda que não existissem, para me levar, nem filho, nem esposa, nem reino, eu affrontaria alegremente os mares e a ira dos Deuses! Porque, na verdade, oh Deusa muito illustre, o meu coração saciado já não supporta esta paz, esta doçura e esta belleza immortal. Considera, oh Deusa, que em oito annos nunca vi a folhagem d'estas arvores amarellecer e cahir. Nunca este céu rutilante se carregou de nuvens escuras; nem tive o contentamento de estender, bem abrigado, as mãos ao dôce lume, emquanto a borrasca grossa batesse nos montes... Deusa, ha oito annos que não olho para uma sepultura. Não posso mais com esta serenidade sublime! Toda a minh'alma arde no desejo do que se deforma e se suja e se espedaça e se corrompe. Oh! Deusa immortal, eu morro com saudades da morte»!

Não é essa, em verdade, uma perfeita e saliente representação da eterna e insaciavel curiosidade do Homem que nem com o Bem se contenta e vai caminho do Mysterio só para vêr «algo nuevo» como o navegador? Se isso é proprio da condição humana, vamos ao nosso destino de curiosos, mas

vamos contentes, cantando e rindo, como os companheiros de Taillefer, em Hastings.

Deixemos que o abysmo atrôe com o rolar dos destroços da ponte atravessada — é o nosso passado que rola, é o dia de hontem que lá fica e que nunca mais avistaremos. Deixemo-lo no abysmo e vamos para o amanhan, para a linda e refulgente ponte de crystal que reluz ao sol entre as duas margens — a do que foi e a do que vai ser.

Que ha nos longes ? nevoas ; e dentro das nevoas ? a gloria, talvez, talvez . . . Que importa ! vamos vêr « algo nuevo » !

DECADENCIA

Da vida de duas princezas — uma alleman, outra russa — que cahiram em miseria, deram os jornaes o triste romance. A primeira, fugindo na mesma noite do casamento, preferiu ao marido, um principe, certo bohemio desabalado que, depois de a haver empobrecido, abandonou-a com uma filha pequenina e enferma nos braços.

A desgraçada, repellida pela familia, cuja corôa ficára indelevelmente mareada, errou, faminta e tiritante, pelos campos até que a criança lhe morreu achegadinha ao collo mirrado e, sem lar e sem pão, com uns sordidos andrajos sobre o esqueleto, foi, uma noite, bater á porta d'um hospital pedindo, a chorar, que a recebessem por misericordia. Receberam-n'a tomando-a por uma pobre mulher, viuva de algum operario e, só na hora extrema, quando a desvairada se desprendia do mundo, os enfermeiros souberam quem ella era.

A outra, menos romantica, perdeu-se em operações financeiras: atirou-se á jogatina da bolsa sacrificando milhões de rublos, empenhando as joias, o mobiliario, a sêda, os linhos, até que se achou, uma manhan, sem um azinhavrado kopeck. Como não era mulher fragil e conservava no coração um resto de esperança, preferiu continuar a viver, mesmo com soffrimento, a mergulhar no Neva ou a queimar os miolos, se os tinha, com um tiro.

Procurou emprego como a Krotkaia de Dostoiewsky e, como não lhe foi facil encontrá-lo em uma repartição do Estado, aceitou, com resignação, o lugar de servente de pedreiro e, como no tempo do fastigio subia, com pelliças caras sobre os hombros, as escadarias de marmore dos palacios moscovitas, pôz-se a subir as escadas oscillantes que levavam aos andaimes equilibrando na cabeça, sobre a rodilha dos cabellos louros, que haviam, em tempos prosperos, sustentado uma corôa, o cócho acogulado de barro.

Acabou em negra miseria, envelhecida, callejada naquele rude trabalho, ao sol e á neve.

Entre nós ha de ser difficil apparecer um d'esses casos lamentaveis, porque não temos principes, mas podemos apontar muitos decahidos que, se não têm nas veias o sangue azul, tiveram nos cofres ouro bastante para, com habilidade, se quizessem, arranjar o colorido cyanico que é um nobre privilegio dos descendentes de reis.

Um d'esses decahidos acabou, no Hospicio Nacional de alienados. Eu o conheci já na miseria, mas ainda são, integro de espirito. Chamava-se Pinheiro, por antonomasia — *Chicote.*

Fui-lhe apresentado, uma noite, por um academico, em cuja casa elle costumava pernoitar. Era um homem sympathico, distincto, dotado de uma voz insinuante, conversando como um gaulês.

Nessa noite, minutos depois da sua apresentação, falando-se do passado, o sempre *bon vieux temps*, elle, que se achava sentado em uma canastra, levantou-se e, sacudindo os cabellos, compridos e soltos como uma juba, poz-se a passeiar pelo quarto acanhado, em silencio, estalando os dedos. De repente, detendo-se, cravou em mim os olhos que fulguravam, e disse com um momo :

— Meu amigo, no Brasil ninguem vive, isto é uma ocára, comprehende ? uma ocára insipida. Para quem nunca atravessou os mares o Rio tem encantos, mas para quem vivêu lá fóra, isto não passa de uma aldeia sordida e triste, com um lindo céu e algumas arvores.

E, inspirado, entrou a descrever a vida alegre, agitada, em Paris — os *boulevards* illuminados, o *Bois*, á tarde, os lagos no inverno recortados pelos patinadores que deslisam graciosamente sobre a neve rutila, os theatros, os *cabarets* . . .

Depois Londres com o seu movimento e o seu nevoeiro, as costas azues do Mediterraneo, Nice e toda essa Italia artistica e languida, as ilhas classicas, a Grecia, Constantinopola, Jerusalém, os desertos, que sei ! Falou-me do mundo descrevendo pittorescamente, e com saudade, toda a sua longa e lenta viagem — noites em *Covent Garden* e noites á beira do Mar Morto, numa tenda, entre beduinos.

Depois o Egypto, depois a Hespanha com amo-

res e serenatas. Agitava-se, ia e vinha sacudindo, de instante a instante, a cabeça, com os olhos muito brilhantes. Eu ouvia pasmado e, como não conhecia a estranha historia da sua vida, tomava-o por um louco.

De vez em quando procurava os olhos do academico que m'o apresentára e nada nelles descobria que denunciasse incredulidade: o rapaz ouvia, com respeito, as descripções fantasticas que ia fazendo aquelle homem, cujo casaco estava no fio, cujas botinas gastas iam e vinham pelo soalho sem ruido como se fôssem forradas de algodão.

Depois referiu-se á Arte recordando as suas detidas visitas aos mais notaveis museus, com uma opinião sobre cada época e sobre cada um dos grandes mestres da pintura e da esculptura. Falava com acerto como se repetisse as palavras de um guia bem compilado. Por fim chegou á mulher e sobre todas teve uma phrase — desde a robusta camponia, linda e graciosa no seu vinhal do Douro, com as côres vivas dos seus trajos, que recordavam a fantasia alegre dos sarracenos até á branca e delicada miss, figura mystica, d'uma doçura divina como anjos das illuminuras medievaes. E a todas amára e guardava ainda o sabor d'aquelles beijos que recebera, uns que sabiam a mosto, outros que deixavam na boca a impressão delicada d'um gosto de violeta.

Mas quando, de volta d'essa viagem, elle reentrou a barra do Rio de Janeiro, a celebrada barra que não tem rival no mundo, a sua tristeza começou a manifestar-se. O enthusiasmo cahiu em morna melancolia e elle tornou á canastra, cruzou as

pernas e, depois de haver explorado inutilmente os bolsos, pediu-me um cigarro. Dei-lh'o e isso foi pretexto para que discorresse sobre o fumo, falando de Cuba e das suas ricas plantações. Não era um homem, era a propria geographia.

O grande sino de S. Francisco pôz-se a bater vagarosamente as dez horas e o homem levantou-se. O academico insistiu com elle para que ficasse.

— Não, estava uma noite linda, ia aproveitá-la.

Tomou o chapeu e a bengala, despediu-se e foi-se, cabeça alta, bambaleando o corpo. Quando os seus passos perderam-se na escada eu disse ao meu amigo :

— Esse sujeito é doido, não ?

— Não. Esse homem foi um verdadeiro nababo. Descendente de uma familia abastada herdou uma grande fortuna e, logo que entrou na posse dos seus haveres, resolveu satisfazer a ambição da sua mocidade : vêr o mundo e sahiu a realisar essa viagem admiravel da qual nos deu, ha pouco, as linhas geraes e, ainda assim, muito apagadas, porque elle hoje está com a melancolia : ha luar, é sempre assim.

— É, então, um lunatico ?

— Não sei, diz que o luar reaviva-lhe as recordações. Pensas, talvez, que foi dormir ? não, foi andar e anda até de manhan. Vai a pé a Botafogo, fica horas e horas a passeiar ao longo do caes, falando só, ou falando ao mar ; detem-se diante de certas casas, olha demoradamente, depois segue cantarolando, como para disfarçar tristezas. É sempre assim, quando ha luar.

Chama-se Pinheiro, Pinheiro *Chicote*. Dizem que,

de volta da Europa, enamorou-se de uma formo sissima senhora e desposou-a. A principio, po vaidade, abriu os seus salões, recebendo com faus to; levou a mulher aos bailes da côrte, aos espec taculos no Provisorio, a *garden-parties*, de repent retrahiu-se; nunca mais a senhora foi vista em par te alguma, e entraram a dizer que, numa scena vio lentissima de ciume, o marido levantára contra ell o chicote ferindo-a no rosto e no collo. O pov entrou, desde então, a chamá-lo Pinheiro *Chicote* juntando-lhe ao appellido, como antonomasia es tygmatisante, o nome do instrumento vil, com qu ferira a linda dama.

Nunca se referiu á esposa nas palestras que com migo tem tido, conheço taes factos por outras pes sôas que o alcançaram ainda no tempo brilhante.

A senhora morreu, dizem uns; outros affirmam que o abandonou e que ainda vive; não sei. Elle é o que vês — um misantropo, com essa erudição de viagens e um pouco de poesia melancolica no coração. De resto — bom homem, posto que, algumas vezes, tenha verdadeiras crises de máu humor tornando-se insupportavel. É de um orgulho desmesurado: soffre fome para não pedir e, se apanha algum dinheiro, vai, a correr, para a estação das barcas, para sentir-se no mar. Tem a nostalgia das aguas que o levaram a todos os pontos do mundo onde havia alguma coisa que vêr, e admirar; e tem, talvez, um remorso que lhe tira o somno, que o irrita ou que o prostra em longa e muda melancolia, dias seguidos. Fala seis linguas, e é um critico de arte admiravel. Onde mora ninguem sabe, dorme, ás vezes, aqui, outras vezes em casa

do Rodrigues, e nas noites de luar caminha. É tudo quanto sei.

— E que faz ?

— Nada. Já lhe quizeram dar um emprego, rejeitou com desprezo. Quer a sua independencia absoluta, não sabe obedecer.

Annos depois, uma tarde, achava-me eu no largo da Carióca, á espera do bonde, quando ouvi uma gritaria e gargalhadas estrondosas que vinham da rua de Santo Antonio. Voltei-me e vi apparecer, á frente de uma grande malta de garotos, roto, brandindo furiosamente um velho guarda-chuva, o Pinheiro *Chicote*.

Estava envelhecido e magro, o casaco era um trapo, as calças pretas, poídas na barra, reluziam. Caminhava apressado, gesticulando ; de repente, sentindo perto os pequenos que diziam chufas, que lhe atiravam immundicies, que o puxavam pelas mangas, pelas abas do casaco, voltou-se e foi um chorrilho de obscenidades. Um policia interveiu defendendo-o e elle lá foi, atirando os braços, com gestos ameaçadores, e desappareceu na rua Gonçalves Dias, perdido na multidão que subia apressada. Recolhido ao Hospicio foi, emfim, libertado pela morte.

Esse grande desgraçado que, para uns, soffria as torturas de um remorso, e para outros, era apenas um nostalgico da fortuna, vivia do passado : a maior miseria sustentava-o a recordação dos dias felizes que, no dizer do Dante, constitue a provação maior. Para elle era a felicidade.

Olhar as aguas verdes e irrequietas do mar er
para o infeliz um consolo. Por ellas seguira outr'ora
moço e rico, e ellas o viram feliz em tantos porto
diversos, gastando a mãos largas ; por ellas tornár
para agasalhar-se na patria tendo por companhei
ra uma senhora de esmerada educação e de fas
cinadora belleza. Fôra injusto e cruel com ella, a
erynnias vingaram-n'a e o misero Pentêu pôz-se
errar pela cidade, pobre e solitario, ao luar e ao so
revendo os sitios em que fôra feliz : aqui certo bal
cão d'um antigo predio, que fôra seu, talvez, d
onde ao lado d'ella, olhára tanta vez aquellas mes
mas estrellas do céu ; adiante, um jardim onde dei
xára uma lembrança do seu carinho numa arvor
que vira pequenina e que, então, abria uma cop
frondosa ; os montes, os campos, o mar, o mar sc
bretudo.

Essa insistencia da visão das coisas antigas de
via ir abalando o pobre espirito. Não foi a miseri
que levou ao desespero a alma orgulhosa, altiva
soffredora do miserando, foi a saudade, foi a lem
brança da ventura que, a principio, o sustentav
como a hera sustenta as ruinas, mas que, insinuar
do-se por todas as frinchas e taliscas, acabou pc
estalar aquellas fracas resistencias dando com
pobre alma na loucura. E que fazia o louco ? nã
vociferava, não investia, não ameaçava — só, mc
nologando, ia e vinha pelos compridos corredore
apontando coisas imaginarias, sorrindo, admirando

Ás vezes corria — não julgassem que ia prat
car alguma maldade, não ; ia tomar o comboio par
Jerusalém ou o trenó para atravessar a steppe
sorrindo, acenava adeuses fugindo na loucura par

aquelle passado, na visão suave do que fôra, dentro do eterno sonho.

Nas noites de luar accendiam-se-lhe os olhos, tremia e, pallido, sem poder conciliar o somno, não se aquietava emquanto não lhe permittiam ficar junto a uma janella olhando, atravéz das grades, a lua branca, no céu.

Que lhe recordaria o astro meigo? talvez um amor no deserto ou, quem sabe? a suâ brutalidade de ciumento.

Que descobriria na lua triste? seria elle um dos predestinados de que fala Raymundo Correia no seu *Plenilunio?* talvez. A lua . . .

Ha tantos olhos nella arroubados,
No magnetismo do seu fulgor!
Lua dos tristes e enamorados,
Golphão de scismas fascinador!

Astro dos loucos, sol da demencia
Vaga, noctambula apparição!
Quantos, bebendo-te a refulgencia,
Quantos por isso, sol da demencia
Lua dos loucos, loucos estão!
. . . . . .

D. JOÃO DE MARAÑA [1]

Na lapide de uma tumba rasa, que serve de limiar á portaria da igreja da Caridade, em Sevilha, lê-se, em letras gastas pelo contínuo roçar dos pés, este epitaphio sombrio : « *Aqui yace el peor hombre que fue en el mundo* ».

Diz Mérimée que taes palavras, ditadas no momento da morte por aquelle que debaixo dellas repousa, como se quizesse ficar sob um perpetuo estygma ou sob um perpetuo annuncio, ou foram suggeridas por humilde arrependimento ou inspiradas por desmarcado orgulho.

O corpo que ali jaz foi o de galhardo fidalgo, destemido e affronteso, horror de Sevilha e de Salamanca, herdeiro da fortuna e da nobreza dos condes de Maraña, infame rausor de virgens, profana-

---

(1) Reminiscencia de uma novella de Mérimée.

dor de claustros, grande acutilador e matador de homens.

D. Carlos de Maraña, vencedor dos Alpuxarras, era de antiga e illustre casa sevilhana, famosa nas chronicas esforçadas do tempo das grandes guerras. Depois de muito talhar mourisma, destroçando aduares, escalando muralhas e levando, á frente da sua mesnada afoita, a cavallaria do Islam batida e confundida, mui cançado de «montear» os cães de Mafamede e não menos enfastiado de aventuras, resolveu recolher ao seu palacio, nos arredores da cidade, no silencio sombrio d'um parque de velhas arvores, com muita terra de semeadura para o fundo, onde verdejavam olivedos e vinhas.

Os famulos, com as contínuas e demoradas sortidas do fidalgo, ficavam a cochilar no immenso e soturno palacio e, de tempos a tempos, acordados pelo mordomo, lá iam aos salões. Abriam largamente as janellas ao sol e ao ar, sacudiam a densa poeira que encobria os quadros, açacalavam as armas das panoplias, bruniam os marmores dos moveis, batiam as tapeçarias, mas o senhor não tornava e, de novo, o palacio recahia no silencio, fechado á luz como solar abandonado e maldito.

Ás vezes, um cavalleiro, coberto de pó, com as armas sem brilho, refreiava, diante da grande casa armoriada, o ginete esfalfado, apeava e, com o punho da espada, batia de rijo na porta principal, chapeada de ferro, como a de uma fortaleza. O som estrondava longamente. Acudiam, a correr, os famulos sobresaltados, olhavam pelo postigo gradeado e, reconhecendo o cavalleiro, com esforço faziam

rodar a porta emperrada e pesada, de cujos gonzos, no lento girar dos quicios, cahia, como a farinha da mó, uma vermelha poeira de ferrugem.

O cavalleiro penetrava, era acolhido com alegre alvoroço, dava-se-lhe do melhor vinho e da melhor fruta e, á noite, em volta da grande mesa, ao chammejar da lenha, seccando canecos, elle narrava á boa gente domestica os feitos maiores do senhor, que lá ia, ao longo das praias, repellindo para o mar o ismaelita corrupto, levando-o, á ponta de lança, como o campino, na lesiria, apúa a pampilho o touro. E até noite alta, quando o fogo morria, os famulos, em silencio, maravilhados e orgulhosos, escutavam as descripções das proezas do lidador. Na manhan seguinte o cavalleiro apressado montava um animal robusto e, com outro á dextra e machos resistentes, lá ia levando novas armas ao campeão que pelejava e vencia a peito descoberto.

Veiu, porém, o fastio da vida errante e incerta e o fidalgo com mais d'uma ferida no corpo e um grande talho d'alfange na face acobreada, entrou no seu palacio e, suspendendo o montante e o morrião, despindo a couraça abolada, que foi brilhar, como um trophéo, entre as luzentes armas dos Maraña, mandou abrir, de par em par, todas as portas e janellas, e, nesse dia, velhos morcegos, que se haviam acolhido, como em ruinas, aos angulos d'aquelles salões, deslumbrados pelo grande sol que entrava fulgurante, puzeram-se a esvoaçar pesadamente, indo de encontro ás telas, ferindo-se nas ascumas, aos trissos, e foi para a gente domestica uma divertida e ruidosa caçada.

D. Carlos, porém, habituado á vida agitada dos acampamentos, sentindo-se muito só naquella immensa morada, pensou em tomar esposa. Como, pela vida que adoptara, andasse sempre longe, não conhecia as damas sevilhanas, despindo, porém, as armas e cobrindo-se de velludos, com um gracioso florete ao flanco, antes adorno que defeza, fez-se o mais assiduo galanteador nos salões da nobreza, procurando, com sagacidade, uma donzella que fosse, em tudo, digna do seu nome e de seu amor. Achou o que buscava, não no esplendor da cidade, mas no retiro virtuoso de um paço de velha nobreza, calmo no seu recato, todo em sombras d'arvores, á beira do Guadalquivir.

D. Ignez, nascida e criada naquelle pensativo solar, onde apenas viviam damas, que o pai lá lhe ficára em guerras, na costa do mar, junto do filho que o seguira, muito moço ainda, mas já ardente em batalhas, era d'uma pallida belleza, mais branca do que as imagens do seu oratorio contiguo ao quarto em que dormia, fechado a ferros como uma cella de monja ou o ergastulo de galé.

O primeiro homem que os seus olhos calmos contemplaram com a demora de um olhar foi D. Carlos, o guerreiro acerrimo, junto de quem ella ficava como um lirio fraco e languido perto de annoso roble. De vê-la a pedi-la não houve demora e logo se annunciou pelas casas armoriadas o casamento do conde batalhador com a delicada filha dos fidalgos de *Beira d'Agua*.

As bôdas, como convinha a duas familias de tanta prosapia, foram sumptuosas. Tres dias duraram as festas e a gente dos campos desceu a

admirar a riqueza e a fulgurancia do palacio dos Maraña.

Annos tristes passaram sem esperança de herdeiro. Uma manhan, porém, D. Ignez, a chorar e a tremer nervosa, deu ao conde a noticia grata de que se achava fecunda, e, mezes depois, na hora da tarde, com o canto dos frades que enchiam a capella, nasceu, robusto e lindo, o varão que devia honrar e continuar a gloria das duas casas.

Levado á pia com solemnidade — dobravam alegremente os sinos como nos dias grandes da religião — recebeu o infante o nome de João e cresceu entre os cirios e as rosas da capella, onde a mãi, que o tinha por dom divino, com elle desapparecia a rezar.

O conde, taciturno, medindo os vastos salões a duras e largas passadas, murmurava contra aquelle vergar d'alma, e, quando, longe das vistas da mulher, achava o filho curvado, a folhear velhos livros cheios de illuminuras devotas, lá o arrancava com violencia e, trancando-se com elle na sala d'armas, ia-lhe apontando, um a um, os retratos dos avós, citando-lhe os seus feitos, descrevendo batalhas e, ora brandindo uma espada, ora embraçando um escudo, ora enristando uma lança, arremessando-se e recuando, aos brados estrondosos, davalhe ao vivo o exemplo dos combates quando, na confusão da peleja, os ginetes acobertados chocavam-se com estridor e as lanças voavam em estilhas de encontro aos aceiros rijos. E, como o menino, em cujas veias ardia o sangue bravo dos heroes de duas temiveis linhagens, se fôsse inclinando áquelle gosto que renascia no pai, deu-lhe o fidalgo

um destro mestre de armas e, assim, entre esfiar de rosarios e botes e arremettidas, devoções no oratorio e retinir de espadas no salão ou no parque, foi crescendo o mancebo que devia continuar, com honra e denodo, a tradição dos Maraña.

Vendo-o o conde desenvolto e robusto, resolveu despachá-lo para Salamanca, onde florecia a Universidade.

D. Ignez, ao despedir-se do filho, encheu-lhe os bolsos de rezas e amuletos, pedindo-lhe que se lembrasse sempre do quadro que havia na capella domestica, representando as almas do Purgatorio, soffrendo nas chammas, espicaçadas por demonios negros, entre monstros esvoaçantes.

Que a não esquecesse nas suas orações, para que a sua alma não chegasse a penar como penavam as da téla sinistra. D. Carlos, cingindo-lhe uma espada de boa tempera, lembrou-lhe a honra dos Maraña que elle ia continuar e engrandecer. E o moço partiu.

Em Salamanca fê-lo o demonio encontradiço com o estudante mais estroina da Universidade, D. Garcia, nobre e airoso moço que andava esfarrapado por gosto e blasphemava por basofia.

Ligaram-se os dois. De dia dormiam pelos grabatos das baiúcas ou nos alcouces das marafonas, entre restos de orgias ; á noite, traçando as capas, com a guitarra e a espada, lá iam pelas ruas e calejas acordando as virgens que acudiam aos seus cantares seductores.

Rara era a noite em que D. João, recolhendo, não referia ao companheiro um novo crime — ou de deshonra, descrevendo, com lascivia cynica, a

belleza profanada, ou de morte, commentando o golpe com que prostrára o desconhecido na tréva deserta de uma esquina.

Tantos e tão seguidos foram os seus crimes que, a conselho de D. Garcia, que temia um levante dos burgueses e a rispidez do corregedor, abandonou Salamanca, passando-se a Flandres a offerecer a sua espada e sua lealdade ao ferreo duque d'Alba.

Tornando, porém, a Sevilha, onde o palacio, por morte dos fidalgos, reentrára no antigo silencio, uma noite, num fim de orgia, gabou-se D. João de haver ultrajado no amor toda a casta de homens. Rolára com mulheres no estrame do pastor serrano e em damascos de leitos reaes; tivera mesmo nos braços, núa e ardente, áquella que, em Roma, todos inculcavam como amante do Santo Padre. Só lhe faltava, na lista dos trahidos, um nome — o de Deus. Foi, então, que alguem se lembrou de o excitar ao derradeiro e mais hediondo ultraje e, para enraivecê-lo, sorrindo com incredulidade, desafiou-o a rematar a lista infame com o nome que faltava.

Pallido, oscillando, ergueu D. João o cantaro espumante e emprazou os companheiros para um festim que seria presidido por uma freira. Beberam todos e o sol, entrando pelas janellas enramadas de trepadeiras, dispersou-os.

Na manhan do dia seguinte estava D. João no leito quando ouviu tanger de sinos e lembrou-se que ali perto, na vizinhança, a curtos passos da sua residencia, erguia-se um convento de freiras, casa de muita pureza, de onde jámais sahira para o mundo o echo mais leve do mais leve escandalo. Ali

quiz elle ensaiar a seducção e, vestindo-se ás pressas, com austeridade, encaminhou-se ligeiramente para o seu posto.

Entrou e, seguindo, com ar contricto, por entre bancos e genuflexorios, foi ajoelhar-se junto ás grades que separavam as freiras e as noviças da multidão dos devotos do officio da manhan. Logo, lançando o olhar arguto ao gynecêu sagrado, poude vêr entre as monjas uma ainda moça e de perturbadora belleza. Tanto, porém, que deu com ella, bateu-lhe o coração e a si mesmo, baixinho, lançou esta pergunta: «Onde vi eu este rosto?» e a freira, por seu lado, tremia e baixava os olhos córando, com o que mais se lhe avivava a formosura.

Attentando na face da religiosa lembrou-se de certa donzella de Alcalá, herdeira de um nome puro que elle, em delirio sensual, enxovalhára. O nome subiu-lhe aos labios: «Thereza»; com elle, porém, na mesma lembrança, veiu toda a tragedia que rematou tristemente aquelle caso de amor: o velho pai, que os surprendera, ferido de morte no vão d'uma escada, um lacaio a escabujar em sangue e ella fria e pallida, cahida como morta e seminúa sobre os linhos do leito profanado.

Thereza tremia, mas o amor, que não lhe deixára o coração, subiu como um fogo abafado que um sopro de brisa ateia e logo rebrilha e chammeja.

Houve entre ambos o entendimento dos olhos, corresponderam-se com as centelhas das pupillas e, mais tarde, pondo D. João o jardineiro do seu lado, facil lhe foi falar á monja e logo a rendeu, combinando-se, entre os dois, a fuga para a noite proxima. Uma liteira bem fechada e guardada por

homens bravos viria esperá-la a par do muro, numa viella deserta; o jardineiro guiá-la-ia ao caminho e, para que não succedesse, no caso de ser elle interrogado, dizer o que sabia, um dos lacaios devia emmudecê-lo para sempre. Com tal recado deralhe o conde um dos punhaes mais finos da panoplia veneravel, arma que os de Maraña só haviam utilisado, com lealdade e bravura, defendendo a Fé, defendendo a Patria ou defendendo a honra.

D. João não viveu as horas que o afastavam do momento alegre e de vaidoso triumpho em que devia apparecer entre os companheiros, conduzindo pelo braço a esposa do Senhor. Chegada que foi a noite, lá se foi elle postar no sitio mais escuro, á espera que soasse a hora determinada.

Era pelo começo do outono; um vento frio picava e as corujas passavam no ar brumoso com chirrio lugubre.

Impaciente ia e vinha o fidalgo, quando ouviu um côro de vozes tristes que pareciam entoar um canto religioso. Devia ser no convento, pensou — alguma prece nocturna. Mas não, era um canto merencoreo, de morte, e elle, que olhava, viu apparecer ao longe uma procissão sinistra.

Duas longas filas de penitentes negros, com cirios, encapuchados em cogúlas, precediam lentamente um esquife forrado de velludo e trazido aos hombros de monjes de longas barbas brancas e armados como guerreiros.

Apezar do vento as chammas dos cirios conservavam-se direitas e as estamenhas dos homens mantinham-se immoveis, duras como as roupagens de pedra das estatuas e, sendo elles numerosos, não

se ouvia, entretanto, o mais surdo rumor de passos.

A procissão encaminhava-se para uma velha igreja arruinada e desprezada. Como o primeiro penitente passasse junto do fidalgo, cuja curiosidade ia crescendo sempre, elle dirigiu-lhe a palavra perguntando: « Quem era o que levavam a enterrar ? »

O farricoco levantou a cabeça e o nobre moço viu dois olhos que pareciam arder e um rosto agudo, macilento e marmoreo como o de um morto e o estranho andejo disse sinistramente:

— Senhor, é o conde D. João de Maraña.

Elle sorriu affectando indifferença, certo de que o informante, que o reconhecêra, quizera zombar do seu animo e foi com a procissão como attrahido.

O cortejo seguia no mesmo andar pausado e surdo, e achava-se ainda a alguns passos da igreja quando, entre os velhos muros, reboou tristonha e funebre, a voz grave do orgão e logo, no limiar, appareceu um grupo de padres entoando cavernosamente o *De profundis*.

Deposto o esquife no cenotaphio, formaram alas os penitentes para a vigilia funerea. Então, já aterrado com todo aquelle cerimonial, o conde adiantou-se e dirigiu-se a outro penitente, perguntando-lhe:

— Quem ali jazia ? e o homem, em voz cava, respondeu como o primeiro:

— Senhor, é o conde D. João de Maraña.

Allucinado, o moço fidalgo arremetteu e, querendo empurrar os penitentes, a sua mão impetuosa passou atravéz dos corpos como por um fumo negro. Subiu, em desvario, os degráus do cenotaphio, chegou ao esquife.

Nesse momento na torre do mosteiro soava vagarosamente a hora do sinistro ajuste. Thereza, ansiosa e medrosa, devia vir pelo jardim silente suppondo-o escondido na sombra quieta das arvores.

Violentamente descobriu o rosto do cadaver, inclinou-se e viu: Era elle que ali estava estendido, as mãos duramente enclavinhadas no peito, livido, hirto e frio; era elle proprio, bem lhe haviam dito os penitentes: era D. João de Maraña, filho do conde Carlos, rausor de virgens, roubador e matador perverso. Em torno, sombriamente calados, immoveis, velavam os penitentes negros.

Curvavam-se-lhe as pernas, um suor frio escorria-lhe da fronte, faltava-lhe o ar. De repente levantou-se na igreja uma grita estrondosa e medonha: «A nós, o infame! A nós, o dilapidador! A nós, o devasso!» E, de toda a parte: das ruinas dos nichos, dos vãos dos velhos altares, dos escombros do côro, quebrando, com estrepito, as lages sepulcraes que assoalhavam a nave, surgiam sombras pallidas e nellas ia o conde reconhecendo as suas victimas amorosas e as que haviam cahido a golpes de espada e punhal — lindas moças conspurcadas, velhos cujas barbas brancas esvoaçavam, mancebos d'uma graça inda infantil e todas mostravam as feridas sangrentas ou vociferavam contra o enganador que as manchára e esquecera.

A velha igreja enchia-se, atroavam os clamores e, nas cimalhas, nos florões dos capiteis, nas cornijas, demonios rubros, de cornos em brasa, riam com esgares, balançando-se suspensos das caudas, brandindo garfos que chammejavam.

. . . . . .

Na manhan seguinte alguem passando, por acaso, pelas ruinas da igreja viu, cahido entre os destroços d'um muro, o moço nobre — a seu lado jazia a espada núa e humida do orvalho. Não lhe acharam no corpo ferimento algum.

Recolhido ao palacio ali esteve, entre a vida e a morte, longas e tristes semanas, a cuidado de um velho dominicano e, melhorando, viram-n'o os famulos sahir, envelhecido e curvado, seguindo com o religioso para desconhecido sitio.

Tempos depois todos os bens dos Maraña eram convertidos em esmolas e mais um frade rezava no côro dos dominicanos.

REHABILITAÇÃO

Baptista Tornielli, escrevendo ao Aretino, disse, com deslavada e cynica subserviencia: « Non sapete voi, che con la penna vostra in mano havete soggiogato più principi, ch'ogni altro potentissimo principe con l'arme ? La penna vostra a quale non mette terrore, a quale non é formidabile ? » O proprio Aretino deixou dito em uma carta: « . . . la maggior parte de i gran maestri non temono l'ira di Dio, e temeranno il furore de la mia penna ».

Quando a morte alliviou Veneza d'aquelle discolo que a depravava, choveram os epitaphios e, em todos elles, transparecia o odio que o grande diffamador criára em torno da sua pessôa detestada e temida.

Entre os muitos, citados pelos biographos, ha este que resume a vida abocanhadôra do « sozzo cane »:

Qui giace l'Aretin poeta tosco
Che disse mal d'ogum, fuor che di Dio
Scusandosi col dir : non lo conosco.

A palavra, posta a serviço de uma idéa generosa, fulgura como astro, empregada por um vilão é como a centelha do pantano. Os mesmos vocabulos que o Aretino, como um volcão de lama, arremessára de Veneza sobre as reputações manchando-as, são esplendores nos versos de Dante e Petrarcha.

Victor Hugo, na *Reponse à un acte d'accusation*, um dos golpes mais rudes vibrados contra o pedantismo classico, fez uma brilhante defesa do vocabulo humilde, d'esses miseros e despreziveis termos do populacho, que não entram nos diccionarios para que não maculem as nobres expressões de estirpe, descendentes de sonoros verbos gregos ou latinos ou, mais remontadas ainda, podendo mostrar a sua origem nos livros da India veneravel ou da Persia heroica.

Elle desceu ao *patois* e foi buscar a farandula da gyria, penetrou o *argot* mysterioso e trouxe para o esplendor da sua estrophe os vocabulos esmolambados, descalços, sordidos, cambaleantes que os poetas escrupulosos e os prosadores brazonados evitavam como se evita nas ruas um bebedo que resmunga, aos trancos, ou um mendigo esfarrapado.

Toda palavra tem uma missão, é um sêr :

Car le môt, qu'on le sache, est un être vivant . . .

e o grande poeta, o denodado renovador, acabando com os preconceitos, num generoso impulso, enri-

queceu a lingua francesa com aquela horda formidavel que fazia pensar numa avalanche de barbaros, como os hunos grosseiros de Attila, rompendo fragorosamente pelos periodos molles, estrondando nos versos alambicados, com a brutalidade de invasores poderosos que trouxessem um sangue novo e pullulante para trasfegar nas veias dessoradas dos consumidos nobres dos glossarios.

E, como nos tempos rudes, um scytha, coberto de pelles cerdosas, com grandes e desabridos gestos, vozeirando, bramando, rugindo, saltava do cavallo ardego para sentar-se no throno d'um monarcha effeminado, gasto pelas orgias, assim os rudes filhos do povo, os termos resoantes do calão da plebe, subiam a escadaria de marmore da estrophe e iam impor-se anonymos, sem etymologia conhecida, collocando-se orgulhosamente entre um verbo, cujo radical vinha dos tempos da *Iliada* e um adjectivo contemporaneo de Fabio Pictor.

> Sombre peuple, les mots vont et viennent en nous.
> Les mots sont les passants mystérieux de l'âme.

Que é a idéa sem a palavra ? uma alma errante. Julgais, talvez, que ha homens mudos ? engano : ha homens carceres : as palavras lá andam dentro d'elles como galés em um presidio. Algumas logram, ás vezes, evadir-se e sahem coxeando, tartamudeando, como se ainda lhes pesasse a grilheta. A palavra é, pois, o corpo da ideia e porque havemos nós de repellir essas criaturas do sentimento, da impressão do povo ? Não lhes perguntemos de onde vêm — são os garotos do pensamento, mas

quantos d'esses garotos têm conseguido a consagração dos lexicons ?

Os classicos não admittiam a promiscuidade, lá diz o poeta na sua Resposta fulminante : queriam que os vocabulos apresentassem certidões, que lhes mostrassem as raizes da arvore genealogica e, se desconfiavam da bastardia de algum d'elles, logo o repelliam com desprezo e rebuscavam um substituto digno, de sangue azul, que fôsse o introductor do pensamento na circulação.

Se o termo se tornava antiquado esqueciam-n'o — era como um invalido, quando não o enterravam pondo-lhe como epitaphio o lemma : *archaico*. E ninguem ousava exhumar o cadaver que lá ficava, não apodrecendo, mas immobilisado como uma mumia entupida de resinas e envolta em ligaduras, com a idéa que representára, ao lado, como o escaravelho egypcio, symbolo da alma immortal.

Victor Hugo não só adoptou o baixo dialecto como reanimou os archaismos e quantos d'elles brilham nas suas estrophes, remoçados como o Fausto, ligando o passado ao Futuro ?

Il n'y a qu'un môt pour dire les choses, creio que é de Flaubert este admiravel axioma e aquelle escriptor que quizer apresentar o povo com verdade terá de lançar mão do seu vocabulario. Gautier recommendava insistentemente a leitura dos diccionarios : « *Lisez les dictionnaires !* » e Victor Hugo disse :

> . . . . . Chacun a quelque chose en l'esprit ;
> Et tout homme est un livre où Dieu lui-même écrit.
> Chaque fois qu'en mes mains un de ces livres tombe,
> Volume où vit une âme et que scelle la tombe,
> J'y lis . . . . . .

Eis a razão porque elle, procurando traduzir a vida das suas personagens, serviu-se da linguagem peculiar a cada uma.

Eu mesmo — e sirvo-me do exemplo — senti detestavel impressão a primeira vez que vi um indio em um nucleo de catechese.

Atravessando a floresta ia eu imaginando, com delicia, encontrar um homem reforçado e nú tendo apenas, em torno dos rins, um enduape de pennas e, na cabeça altiva, um kanitar tremulante e calculem a minha decepção quando me achei diante do cacique dos *tembés*, que arfava apertado numa farda de capitão da guarda nacional.

Dá-se o mesmo com a expressão — ella, para impressionar, não deve vir disfarçada, os mestres antigos comprehendiam assim. O euphemismo é o envilecimento da idéa.

Il n'y a qu'un môt pour dire les choses . . . o mais é artificio e, se o povo tem a sua vida especial, as suas emoções proprias, porque não havemos nós de as traduzir com o cunho forte e rispido da sua origem ?

As expressões populares são sempre representativas — ou são satyricas como as caricaturas ou onomatopaicas — tomemo-las e demos-lhe um lugar nos diccionarios, introduzamo-las na obra d'arte porque, ao lado dos grandes quadros mysticos dos mestres do Renascimento, pódem figurar os desvarios de Goya, e Callot não perde apparecendo entre as verdes paizagens de Tadema nem em confronto com as finas carnes amorosas das mulheres de Cabanel.

A rehabilitação do baixo vocabulo deve-se, em

França, ao mais nobre dos poetas contemporaneos que levou para a lingua a mesma idéa democratica da igualdade apregoada na vida social pelo programma da Republica.

Todas as palavras são nobres porque vêm da alma ou, como disse o grande paladino dos simples :

Car le môt, c'est le Verbe, et le Verbe, c'est Dieu.

A SORTE

A bruma viera cedo apressando a noite, a noite maior, e trazendo o frio, o bom frio do S. João. Não havia uma estrella, certamente Jesus as escondera para que o essenio bravio, que acabou ás mãos de Mennaei, no fundo do carcere de Machærous, perto das cavalhariças de Herodes, onde brilhavam, como de neve, as tresentas eguas brancas da Arabia que Vitellio arrebanhou, maravilhado, não se aproveitasse de alguma para, com ella, incendiar o mundo. Não havia uma estrella, em compensação, de instante a instante, alguem bradava no terreiro annunciando um balão. Corriam todos contentes, em chalrada ruidosa, as crianças empurrando os velhos e, na varanda, ao frio, ficavam a olhar o fogo errante que lá ia oscillando, aos boléus, em direcção ás montanhas.

A fogueira alta ardia no terreiro espalhando um rubro clarão que chegava ás arvores tingindo-as

de sangue e tornando a folhagem rutilante. Por vezes, ao abater dum tronco encarvoado, fagulhava um enxame de faiscas alegres que estralejavam e morriam. As crianças levantavam alarido saltando e batendo as palmas: «As abelhas de S. João! As abelhas de S. João!»

Subito, um foguete arrancava e lá subia serpenteando, explodia: dois, tres estouros ou eram bombas que estrondavam. Feixes de canna, rimas de batatas e de carás esperavam a um canto, perto de uma aroeira, a hora do pagode, como dizia tio Chico.

Violas e cavaquinhos preludiavam e, lá dentro, na casa illuminada, era um ir e vir de gente apressada em torno da mesa florida, onde já os grandes bolos tostados, os cremes, as gelatinas, os sequilhos empilhados, os alfenins alvissimos e as compoteiras desafiavam a gula da petizada e mesmo dos taludos que rondavam aquelle altar esquecendo o outro, armado numa saleta, entre folhagens, onde S. João, cercado de cirios e de rosas, com o cajado e o melote ao hombro, seguido do cordeirinho, estendia a mão como a abençoar.

As velhas faziam-lhe a côrte: volta e meia lá estava uma espevitando os cirios, afastando um galho pendido ou contemplando, com enlevo, a imagem. Outras chegavam e, de mãos enclavinhadas, ficavam um instante a olhar, com um movimento tremulo dos labios. Só a dona da casa, muito occupada com a ceia, não se detinha ante o santo — quasi que nem olhava, tendo-o por uma «divindade domestica», um intimo com o qual não fazia cerimonias. As outras que pedissem á vontade, ella não precisava; tinha-o todo o anno em

casa e, quando quizesse alguma coisa, era só abrir o oratorio e rezar um *terço*.

No peitoril d'uma janella, ao sereno, um copo de agua esfriava — alguem ali o deixára, com um ovo dentro, para vêr a sorte á meia noite. Tiravam-se os primeiros cantos, logo interrompidos pelas gargalhadas... recordações alegres de outros annos.

« Quá, genti ! » e lá iam os tangedores, dobrados sobre os instrumentos, ponteando com bravura, qual mais agil, qual mais faceiro, repinicando os bordões que resoavam cheios, pondo um arripio em todas as raparigas. Mas a noite esfriava deveras ; uma aragem gelada vinha de fóra. Pipocavam foguetes, crepitava a fogueira ; mas era inverno bravo, os dedos estavam duros. « Genti, issu assim não vai.»

Tio Chico entendeu as falas e foi logo, pressuroso, buscar o restilo para animar o povo. « Sim, que encarangados elles não podiam mesmo tocar coisa que prestasse e a noite estava dura. Elle proprio, que não era friorento, estava ali fazendo de forte, só Deus sabia como.» E lá foi o codorio, no mesmo copo de vidro grosso, de mão em mão, e era um pigarrear satisfeito em todo o bando. « Agora péga, genti ! mas péga cum sustancia, nada d'afrouxá. Oia ca genti não sabe si chega p'r'o anno ! » « Cruz ! Credo ! » rebateram o agouro. Havemos de chegar, porque não? O santo não tá ahi? qui mais ! Deixa di falá ansim. Que a morte tem de vir, todo o mundo sabe, mas o melhor é não falá nella. Que venha quando Deus quizé ». « E que seja bem tarde ! » disse um dos violeiros e Casimiro, que era folião, accrescentou com a sua voz

cheia : « Permitta Deus que ella, quando tivé di vi p'ra mim, dê uma topada no caminho e fique concertando o pé uns bons *par* de annos . . . » Houve riso e um « Pois sim ! » atirado num muchocho.

Mas uma das violas rompeu e as outras, em concerto, com os tremulos dos cavaquinhos e os graves dos violões, deram o signal da dança.

Uma a uma, graciosamente, fôram as moças cedendo aos convites dos rapazes e, em pouco, os pares revoluteavam e era um sorriso só em todos os rostos, um só brilho em todos os olhos e que aroma na sala, de canella e de lirios, lirios das aguas, dos que nascem no meio das lagôas, nos remansos dos rios, tão brancos, que até dizem que são restos da lua cheia que ficam nas aguas e que vêm á tona, de noite, pedindo á lua que os recolha.

As velhas, sentadas pelos cantos, enlevavam-se nas graças das filhas e, quem sabe lá se aquelles sorrisos, que lhes franziam mais os rostos encarquilhados, não se referiam ás suas reminiscencias, ao bom tempo d'antanho, quando, novas e lindas como aquellas que ali dançavam, cingidas, por braços de rapagões, ai ! d'elles, ouvindo-lhes as palavras iam, quasi sem sentir o chão, fazendo voltas airosas e leves como se os mancebos fortes as levassem ao collo, carinhosamente, por um sonho fóra. Ai ! tempo.

E as violas zangarreavam alegremente e lá fóra, com a grita das crianças, ia morrendo a fogueira. E a bruma crescia como o fumo de uma fogueira maior que ardesse longe, no céu, talvez, para recreio dos anjos.

— Mas, genti, quê dê Luzia ? !

A esta exclamação lançada, de improviso, no meio da sala que refervia, detiveram-se todos entreolhando-se pasmados. Os violeiros, que afinavam os instrumentos, levantaram as cabeças fitando a dona da casa que, de braços cruzados, olhava ora para um, ora para outro como á espera de uma resposta. A mocinha ali não estava, não estava lá dentro : dançára uma polka, a primeira, com o Firmiano, isso dançára, mas não a viram mais.

— Quem sabe se ella foi-se deitá? Já olharam no quarto ?

— Não está ! affirmou a dona da casa com a voz opprimida.

Já as senhoras se haviam espalhado pela casa, invadindo os aposentos, chamando a mocinha. Tio Chico chegou á varanda e poz-se a bradar para o terreiro, onde a fogueira morria esquecida:

— Luzia ! Luzia !

Nada ! Um balão fugia pelo ar escuro levado pelo vento ; longe o risco de fogo de um foguete coriscou no negrume; as arvores buliam devagarinho e, no silencio, ouvia-se bem a quéda da agua no moinho, perto.

— Luzia ! Onde se terá mettido essa rapariga ?

Chegaram outras pessôas á varanda, olhando, chamando.

As moças cochichavam reunidas e já pesavam suspeitas sobre a mocinha quando, de novo, a voz de Tio Chico se fez ouvir :

— Que é aquilo ali em baixo ? Vocês não es-

tão vendo um vulto ali para os lados dos bambús ?

— Sim. Parece. E o velho bradou de novo: « Luzia ! » Um cão poz-se a ladrar na sombra. « É gente ! é . . . E é gente conhecida. O *Tigre* que calou a boca é porque é gente de casa ». As senhoras romperam pela varanda afflictas quando um dos violeiros disse : « Vem gente ali, e é mulher. » « Luzia ! »

— Eh ! responderam.

— Que é que você anda fazendo lá fóra com essa noite, menina ?

Era ella. Vinha devagarinho com um punhado de lirios na mão e coroada de lirios. Entrou calada, sorrindo timidamente, a brincar com as flôres.

Cercaram-n'a e a dona da casa avançou sem poder conter a furia :

— Que é que você foi fazer lá fóra, pequena ? Onde estava você ? Fala.

Tio Chico quiz intervir, já disposto a perdoar a escapada, mas a mulher, de pé diante da mocinha, com as mãos nas cadeiras, olhava-a a resmungar ameaças. Luzia, de olhos baixos, esmagava os lirios alvos sem dizer palavra, com um sorriso triste no rosto moreno e lindo.

Foi uma velha quem descobriu o segredo :

— Que horas são ? perguntou.

— Vai para uma, disseram.

— Então está ahi, Luzia foi á fonte. Pois vocês não estão vendo que ella está cheia de açucenas ?

A rapariga levantou vivamente a cabeça e fitou a indiscreta :

— Pois fui mesmo, disse altiva ; fui e que mal ha nisso? Cada qual sabe de si e Deus de todos. Fui !

E, nervosa, desatou a chorar.

Foi bom assim porque a gente que a cercava sentiu um grande allivio, fôram-se as suspeitas e as companheiras, que a julgaram mal, como se as picasse o remorso, cercaram-n'a carinhosamente consolando-a : «Que não chorasse ! D. Anna não estava zangada. Tinham dado falta, não a viam, não a achavam em casa . . . Aquillo era um matto perigoso, podia ter acontecido alguma coisa, ficaram afflictos. Era natural. Ninguem estava zangado.»

Abafando os soluços ella foi seguindo entre as companheiras para o interior da casa. Os violeiros, querendo acabar com aquellas tristezas, deram o signal para uma quadrilha e Tio Chico foi logo dizendo que era a ultima, antes da ceia, e como D. Anna, muito ansiada, ainda falasse do grande susto que lhe pregára a filha elle, que estava alegre, fez-lhe uma festa brejeira no rosto gordo :

— Está bom, não falemos mais nisso ; a pequena foi á fonte vêr a sorte, já está ahi, com a graça de Deus. Vai vêr a ceia, anda ; sem isso não teremos comida senão lá para a madrugada.

— Com uma noite fria assim ! até póde apanhar uma coisa no peito.

— Qual, historia ! em noite de S. João não ha molestias. Vai, anda. Olha, a gente está fraqueando que até faz pena.

Dançava-se com enthusiasmo a terceira parte da quadrilha, marcada, aos berros, pelo Gustavo da *Roça nova* quando um tiro estrondou no terreiro.

Os cães ladraram com furia, mas quasi ao mesmo tempo, uma das moças, que olhava para a varanda, exclamou córando :

— Mundico, gente !

Um rapaz desempenado estava parado á porta, de botas, chapéu á banda, o chicotinho enfiado no punho, sorrindo. Foi um alvoroço na sala, desfez-se a quadrilha ; correram todos para o recemvindo e quando Tio Chico viu o rapaz, alegre como estava, abriu largamente os braços e caminhou para elle :

— Quê, homem ! Você por aqui ! Quando chegou ?

— Hontem e aqui estou que é o mesmo que dizer que ainda não preguei olho. E tia Anna ? E Luzia ?

As duas appareceram e foi um espanto ruidoso :

— Meu Deus, Mundico ! Quando chegou ? Você fez exame ? Foi feliz ? Como está gordo !

E a velha mirava-o, sorrindo. Luzia, mais retrahida, sorria tambem, mas de olhos baixos.

— Toma alguma coisa, rapaz ; um pouco de vinho, um pouco de canna, café ?

— Nada ! Nada. Não estavam dançando ?

— Sim.

— Uma quadrilha ?

— Estavamos na terceira parte.

— Pois vamos continuar. Não ha por ahi uma dama ? E voltava-se lançando o olhar em torno. Tens par, Luziazinha ?

— Eu, não.

— Então, anda cá.

— Mas falta um *vis-à-vis*, disseram.

— Arranja-se. Tio Chico, titia . . . Venham.

— O que ?

— É para completar aqui o negocio, tenham paciencia.

Os dois velhos, quasi empurrados pelo rapaz, fôram tomar lugar e os violeiros romperam. O Gustavo gritou logo, já rouco : *En avant !* E Mundico, inclinando-se disfarçadamente para a prima, perguntou baixinho :

— Então ?

— Então ? ! Então é que elles desconfiaram. Eu bem dizia a você que estava demorando muito.

— *Châine* de circumstancia só para as madamas ! esguelou o Gustavo.

E as violas repinicavam com furia.

A NOVA RAÇA

Quem conheceu o fazendeiro, o grande senhor de terras e d'almas, mais poderoso do que os soberbos ricos homens da idade média, difficilmente, e com pena, o reconhecerá no agricultor actual, sombra triste d'um fastigio morto, ruina melancolica d'uma grandeza extincta.

D'antes, quem passava a porteira d'uma fazenda, que era como pequena cidade encravada entre arvores, quasi todas com a sua capella erguida no centro de jardim florido, tinha a certeza de encontrar abundancia e alegria : os paióes regorgitavam, o gado cobria os vargedos uberrimos, as maquinas nublavam os ares com a poeira do café e a escravatura, numerosa e forte, espalhada pelos outeiros, punha a nota de vida em todos os cantos, mesmo no fundo das grótas sombrias, onde a agua limpida manava, negros faziam luzir os ferros agricolas, cantando banzeiramente as suas saudades d'Africa.

A mesa, copiosamente abastecida, dava a illusão opipara de banquetes. Chegasse quem chegasse, lá encontrava um talher e acolhida amavel e, á hora em que a sôpa vinha, a ferver, das immensas cozinhas, ou o sino badalava alegremente ou um negro possante sahia á varanda, com uma buzina, soprando stentoricamente, para que os viajantes, que passavam nas estradas proximas, apressassem os animaes e chegassem a tempo de poder refazer-se sob o tecto hospitaleiro da grande vivenda rural.

As festas eram fantasticas. Não será nestas linhas escassas que hei de descrever tão sumptuosos regalos e só a penna abundante de um Simão Machado poderia bosquejar taes maravilhas do passado — eu não tenho as côres vivas de que se servia o pintor das procissões mineiras, no tempo rico do transbordamento do ouro.

Dizer fazendeiro correspondia a dizer nababo e quando, na cidade, apparecia um d'esses homens de tez queimada, largo chapéu de palha, calças fôfas, de brim branco, casaco folgado e anneis e ourama lampejando, corria na assistencia um murmurio de assombro e todos os olhos deslumbrados cravavam-se no homem que, pelo habito de tratar soberanamente a escravatura humilde, julgava-se, em toda a parte, um superior e, quando mettia a mão nas algibeiras fundas, sacava maços de notas gordas e, ás vezes, ouro reluzente, apanhado á beira dos seus corregos, que elle trazia, como amostra, para offerecer á venda.

Um filho de fazendeiro tinha fóros de principe — era uma entidade quasi sobrenatural, um como

Aladino dos contos arabes. As cocottes punham-lhe cerco, os fornecedores disputavam a honra de pagar-lhe o champagne estroina, o credito escancarava-se ao mais extravagante dos seus caprichos, e adulado, vangloriado, sempre com uma turba a formar circulo em volta da sua pessoa, lá ia elle, orgulhoso, debicando amores, provando todos os prazeres, a espalhar notas, com a mesma prodigalidade com que um rijo vento do outono dispersa folhas seccas.

Era isso no tempo em que o café valia o seu peso em ouro. Ah! o bom tempo! Hoje, o fazendeiro é um typo de que se não fala e, quem o vê, não imagina que está diante de um descendente dos Cresos ruraes, dos famosos senhores rusticos, cujos lindes territoriaes iam além da linha do horisonte.

Muitas das antigas fazendas são hoje taperas ermas — o matto reconquistou, palmo a palmo, o terreno que lhe fôra tomado. Vêem-se casarões immensos com as paredes fendidas, os telhados cobertos de herva, os paióes em ruinas lugubres e, ás vezes, estalando os soalhos pôdres, pullulantes de tortulhos, varando os tectos carunchosos, uma forte e verde arvore irrompe á grande luz, sacudindo victoriosamente a sua rica folhagem, que farfalha aos ventos e abriga os passarinhos.

Perguntem pelo fazendeiro — foi desalojado pelo crédor e, á luz alegre d'uma manhan, com algumas reliquias num velho carro de bois, abandonou, com a familia, o solar agreste, lançando-se aventurosamente a uma vida nova, como um naufrago que se salvasse nú da perfida procella.

Não julguem que exagero — copio fielmente quadros da decadencia.

O fazendeiro que ainda resiste vive, como o triste propheta hebreu, desferindo lamentosos threnos — sem animo e sem esperança, espera resignadamente a chegada da Miseria. A terra debalde produz, debalde os campos cobrem-se de flôres, de que vale tanta uberdade ? para que tanto esmalte nas campinas e nos outeiros, se o producto depreciado não dá, sequer, para o custeio da propriedade, que tudo consome ?

Os que lucram são aquelles que lá andam pelos lançantes dos morros, homens, mulheres e crianças louros, como os temidos germanos de Tacito — são os conquistadores, que entraram submissamente como colonos e que, com a vida sobria, accumulando os salarios, vão conseguindo impor-se, adquirindo lotes de terras, que elles mesmos revolvem e semeam. São os donos futuros, é a geração nova, que se impõe pela força e pela perseverança.

No dia em que o fazendeiro exgotta o ultimo recurso o colono levanta a cerviz e é vê-lo, então, dominando, como para desforrar-se do tempo da obediencia passiva, ditando leis, assediando a casa senhorial, a exigir com armas e affrontas.

Quando li as palavras acerbas do livro presago de Graça Aranha, senti que o meu patriotismo, revoltado, protestava contra aquelles augurios crueis do allemão Milkau :

« É provavel que o nosso destino seja transfor-

mar, de baixo a cima, este paiz, de substituir por outra civilisação toda a cultura, religião e as tradições de um povo. É uma nova conquista lenta, tenaz, pacifica em seus meios, mas terrivel em seus projectos de ambição. É preciso que a substituição seja tão pura, e tão luminosa, que sobre ella não caia a amargura e a maldição das destruições. E por ora nós somos apenas um dissolvente da raça d'este paiz. Nós penetramos na argamassa da nação e a vamos amollecendo, nós nos misturamos a este povo, matamos as suas tradições e espalhamos a confusão ! . . . Ha uma tragedia na alma do brasileiro, quando elle sente que não se desdobrará mais até ao infinito. Toda a lei da criação é criar á propria semelhança. E a tradição se rompeu, o pai não transmittirá mais ao filho a sua imagem, a lingua vai morrer, os velhos sonhos da raça, os longinquos e fundos desejos da personalidade emmudeceram, o futuro não entenderá o passado ».

Hoje, porém, posto que reaja com toda a força, com toda a energia do meu instincto patriotico, diviso, atravéz d'aquella prophecia, um fundo de verdade : o Brasil vai sendo transformado, não absorvido. Os inimigos não vêm em esquadras, apparelhadas belicosamente : chegam em grandes levas, que enxameam as prôas dos transatlanticos, vêm dos paizes regorgitantes, sahem do aperto das grandes cidades e, como soffreram toda a sorte de torturas, desde o frio, nos lagedos dos caes, até as fomes nas baiucas em que se accumulavam, ás dezenas, confundindo os halitos e os gemidos ; desde a affronta dos poderosos até o desprezo dos proprios parentes mais aquinhoados pela fortuna, ou-

vindo o nome do Brasil e, talvez, lendas que ficaram dos venturosos tempos do ouro, demandam ansiosamente a terra do sol e das flôres, onde não ha invernos que tranzam nem miseria que mate, onde sobram campos aos pastores e ainda existem regiões inteiramente virgens, nem trilhadas nem vistas por homens civilisados, onde só caminham hordas de bugres e feras fremem, ao luar, em manadas sanguinarias.

Chegam, são acolhidos pelo clima tépido, que é uma caricia natural, respiram, a largos pulmões, o puro ar das florestas, dessedentam-se nas limpidas aguas dos arroios que murmuram, contemplam os grandes rios, admiram, extasiados, as borbulhantes cachoeiras e, contentes com o que vêm, dão graças a Deus pela redempção e vão immediatamente tratando do estabelecimento, que é o primeiro passo para a conquista.

Fazem-se colonos e, como já conhecem a miseria, trabalham ambiciosamente, acorçoados pela fertilidade. Na casa, o mealheiro é commum, e como a familia vive com sobriedade, os lucros crescem, em pouco tempo.

O fazendeiro, ao contrario, habituado ao fausto, á vida prodiga, não somma ás despezas e, á medida que a crise augmenta, vai dissipando com mais largueza, como para atordoar-se. O seu dinheiro transfere-se do cofre para as arcas dos colonos, empilhando-se até o dia em que elle se encontra sem vintem e assediado pelos avaros trabalhadores que lhe sugaram a fortuna.

Esse é o dia tragico, o *dies irae :* o senhor abandona a propriedade absorvida pela hypotheca, os

colonos tornam-se pequenos proprietarios e começa a expansão na terra.

Os berços lá estão ao fundo das casas — são os novos homens. Onde, antigamente, chorava, em farrapos, o crioulinho nú, filho do escravo, vage agora o bambino rosado e louro, abençoado por este sol admiravel. Vai-se a lingua cruzando — vocabulos exoticos resoam estranhamente em phrases portuguesas, é a lenta invasão da palavra ; já se não ouve o resôo soturno dos tambores nagôs ; agora é o estrepitar das castanholas, ou o sonoro adufar nas soalhas dos pandeiros napolitanos.

Nos terreiros de congáda dança-se a tarantella e as tradições brasileiras vão desapparecendo. Pouco a pouco uma nova raça surge e a humilima e dessorada geração, enfraquecida pela abastança desordenada, cede aos sadios o terreno, como os romanos da decadencia cederam aos robustos barbaros.

Mas o caldeamento se fará sem prejuizo da Patria — a nação não perecerá, porque os que vão nascendo, á medida que os pais enriquecem e aformoseam a terra, vão-lhe ganhando affeição, amam-n'a e, começando por defenderem a casa, acabam defendendo a fronteira e quando, desapparecido o ultimo decadente, viver, rija e formosa, a nova gente, sobre esse diluvio, como o Espirito de Deus nas aguas da catastrophe, ha de pairar a lingua, a doce lingua portuguesa, enriquecida, sem duvida, com expressões adventicias, e baixando sobre a terra a raça que ha de ficar, a Patria reapparecerá mais bella, mais graciosa e mais rica, prompta para todas as sementeiras, como reappareceu o mundo

depois dos quarenta dias de calamidade, tendo com prova de alliança não o iris fulgurante, mas a ban deira auri-verde, que é o symbolo da nacionalidade

O que se está realizando — é possivel que e veja como optimista — é a lei da selecção e não um conquista — os fortes hão de prevalecer e queir Deus que assim seja, para gloria da Terra e orgulh dos nossos filhos.

A raça desanimada que ahi está, essa é que nã póde subsistir. Homens que choram em presenç do perigo não merecem as honras do triumpho.

Venham os novos brasileiros, appareça e do mine a gente nova e robusta.

Foram os barbaros que renovaram o mundo oc cidental: venceram, mas foram assimilados pelo vencidos e, para fazer a assimilação das hordas qu chegam, basta-nos o nosso Sol.

PALPITES

— Ó mulher, onde metteste o dinheiro?

— Que dinheiro, homem de Deus?

— Não te queiras fazer fina! Responde e deixa-te de historias. Que fizeste do dinheiro que estava no pé de meia?

— No pé de meia não havia vintem. O que havia no pé de meia foi-se na barrella.

— No pé de meia havia duzentos e tantos mil réis em muito bôas notas, que eu lá guardei. Vamos, deixemo-nos de brincadeiras: Onde metteste o dinheiro?

— Se eu te digo que não havia vintem...

— Vintem não havia, havia notas, já te disse. Onde estão?

— Foram por agua abaixo, na lavagem.

— Mau! mau! Olha que não estou disposto a rir. Quem sabe se a senhora quer imitar o ministro? Imitar, digo mal, porque elle queima. Va-

mos, diga onde poz o dinheiro, se não quer que eu faça aqui uma das minhas. Depois... Aqui d'El-Rei!

— Homem, queres que eu seja franca?

— Sem duvida.

— Pois o dinheiro... o dinheiro... levou-o o burro.

— Que burro, senhora? Para que quer um burro duzentos e tantos mil réis?

— Foi o burro. Elle não levou os duzentos mil réis de pancada, foi levando aos poucos.

— Como? Então o burro entrava no quarto, abria a meia, tirava o dinheiro que queria...? Homem, mulher, tu pensas que eu sou idiota?

— Quem tirava não era o burro, Manoel.

— Então quem era?

— Era eu.

— Tu! Então que historia é essa do burro?

— É que era o burro que o levava. Tu nunca jogaste no bicho?

— Eu? A senhora bem sabe que eu não tenho vicios.

— Pois foi o burro do jogo que levou o dinheiro. O caso foi assim: Conheces a mulher do Cunegundes, uma ruiva, que tem dois filhos pequenos?

— Conheço. Mas que vem cá fazer a mulher do Gunegundes?

— Ouve. Como sabes o Cunegundes está de cama ha uns pares de mezes. Emquanto teve saude foi um homem de trabalho, atirava-se a tudo para ganhar a vida — trazia a casa farta, a mulher limpa, os pequenos sempre bem vestidos; a molestia, porém, acabou com tudo isso. O pobre homem, para não morrer á mingua, aprendeu a fazer cha-

rutos, mas os charutos dão pouco. Que eram cem charutos por dia para uma familia como aquella? A Adelaide andava varada, pallida: os pequenos, rotos, descalços, pediam pão de casa em casa; até fazia pena. Quanta vez eu aqui lhes dei comida. Ah! meu amigo, quando um pai de familia cahe numa cama...

— Pois sim, mas vamos ao burro.

— Vamos. As coisas estavam nesse pé quando, um bello dia, a Adelaide, que não tinha um casaco decente para chegar á janella e andava sempre a chorar, a lamentar-se, pedindo a morte para ella e para os filhos, appareceu risonha e mais contente do que d'antes e, todos os dias, eu, por entre as reixas da janella, via chegar gente com embrulhos para a Adelaide: eram queijos, caixas de vinho, fazendas e a Adelaide a deitar luxo até que um dia sahiu de carro como a senhora do doutor.

— E o pobre do marido a fazer charutos.

— A fazer? a fumá-los, e dos bons, deitado em lençóes de linho, com fronhas de renda nos travesseiros: um luxo de principe. Eu fiquei a banzar e, como não sou maliciosa, disse commigo: «A Adelaide tirou a sorte.» E um dia, apanhando-a a geito, disse-lhe em ar de pagode:

— Então, sua felizarda, sempre apanhou um bilhetinho premiado, hein?!

Ella ficou muito espantada e respondeu:

— Não senhora: eu não jogo na loteria. Ah! já sei porque a senhora fala — é porque me vê andar assim, apezar da molestia do Cunegundes, coitado! Que quer, minha amiga? quem não tem cão, caça com gato.

— Que gato?

— Espera, homem. «Emquanto o Cunegundes tinha saude e força eu não me preoccupava, mas veiu a doença e, a senhora sabe, as crianças têm fome e o homem da venda não fia, principalmente quando sabe que o dono da casa está entrevado no fundo de uma cama. Procurei trabalho. Só me appareciam charutos; desanimei. Foi então que uma comadre minha, cujo marido anda longe, apanhando borracha nos sertões do Amazonas, disse-me que eu aventurasse alguma coisa no touro. Aventurei. A primeira marrada custou, isso custou, mas hoje... E desatou a rir, só para que eu lhe visse os dentes obturados a ouro, como lá diz o outro. Fiquei a olhar para ella e, com franqueza, estranhei aquella alegria, porque a Adelaide era alegre, mas agora dá umas gargalhadas... «Então a senhora vive á custa do touro?»

— É verdade, respondeu ella.

— E seu marido?

— Ah! meu marido não sabe. Para uma mulher ser feliz no jogo do bicho deve guardar segredo, principalmente para o marido. A senhora porque não tenta? Tu sabes que não gosto de bois, não gosto de touradas. Boi só vacca, essa mesma cosida. E disse-lhe:

— Não, D. Adelaide, eu não gosto de bois.

— Não gosta! A senhora diz isso porque ainda não experimentou. Eu tambem não gostava e hoje não posso passar sem elle. Experimente, experimente — e dobrou-se toda noutra gargalhada.

Fiquei pensando e depois que ella sahiu resolvi experimentar.

— Tu ! ?

— Então ? No primeiro dia mandei pedir porco ; deu o burro ; no segundo dia mandei buscar elephante, deu outra vez o burro. Desconfiei de tanto burro. Diabo ! isso não é um jogo, é uma estrebaria ! Quem sabe se não é Deus que me está mostrando o caminho da felicidade ! pensei. Á noite sonhei que estava agarrando um burro pelo rabo. Foi naquella noite em que te agarrei, não te lembras ?

— Sim, mas eu não sou burro.

— Nem eu te agarrei pelo rabo. De manhan, muito cedo, fui ao pé de meia e mandei comprar no burro . . . couce ! E . . . de couce em couce, meu velho, fiquei a tinir. A Adelaide vive regaladamente á custa do touro, eu com o burro só consegui amofinações e miserias.

— Então os duzentos e tantos mil réis foram todos no burro ?

— Todos.

— Muito bem.

— Antes eu tivesse jogado no touro — ainda hontem deu.

— Se a senhora tivesse jogado no touro ia agora mesmo, como um fuso, para o olho da rua, entende ? O touro dá todos os dias, mas se me constar que a senhora joga em semelhante bicho eu faço um banzé dos diabos nesta casa. Touro não é bicho que entre em casa de familia, está ouvindo ?

— E a Adelaide ?

— Que tenho eu com a Adelaide ?

— Ella não joga em outro.

— Por que o marido está entrevado, mas eu

não estou, com a graça de Deus. Emfim — no burro póde jogar uma ou outra vez, pouco, com touros é que não quero negocios. Se eu souber que me entrou touro aqui em casa a senhora vai para o olho da rua em dois tempos. É o que lhe digo. (E foi; todos os jornaes noticiarem o caso commentando-o). O homenzinho, que apertára os cordões á bolsa, levando para a Caixa Economica o que d'antes deixava nas meias, começou a desconfiar dos lautos jantares que a mulher lhe apresentava — eram verdadeiros festins — e, farejando os pratos, perguntava desconfiado:

— Mulher, isto é burro?

— Tudo é burro, pelo moderno.

— Então agora não dá couces?

— Qual! está manso como cordeiro.

— Pois sim, mas não te fies.

Depois appareceram sêdas, chapeus, costumes de panno francês, joias, camorotes do lyrico.

— É burro?!

— Então! que ha de ser?

— Olha lá, mulher — acho muita carga para um burro só.

— A culpa não é minha... se elle dá.

Um dia, porém, o homem entrou em casa justamente na occasião em que a mulher fazia jogo e viu. Que viu elle? Sei apenas o que os jornaes disseram: que elle travou d'um pau e desancou a mulher. Sem razão disse a coitada ao delegado, explicando o caso: na occasião em que o marido entrou no quarto ella abria a porta de espelho do guarda casaca e o homem tomou por uma desobediencia o que era a sua propria imagem.

— Eu permitti que ella jogasse no burro, senhor doutor, mas o que eu lá vi de burro não tinha nada.

— Então que era ?

— Ora ! que havia de ser ? palpites da Adelaide.

ROMANCE TRISTE

Poetas . . . Poetas são como as abelhas que buscam apenas na flôr a substancia com que fazem o mel. Que lhes importa que, depois da visita ao nectario, a flôr murche e feneça ? outras ha pelo bosque perfumado e para essas outras vão ellas aligeirando as azas.

Donzella, que dais ouvidos ás canções do poeta, julgais ingenuamente que elle vos pertence, que nunca mais se apartará do juramento feito aos vossos pés, com os olhos nos vossos olhos, procurando, talvez, surprender a vossa alma ? engano vosso — para que elle vos abandone basta que uma outra appareça.

Foi Zeuxis, se me não trahe a memoria, que, para realisar na tela um typo de belleza, reuniu na sua officina varias donzellas, aproveitando de cada uma a linha ou a côr mais pura, o garbo ou a languidez, a esbelteza e a curva graciosa e, depois de

rematada a figura, era um complexo maravilhoso e as moças, que se haviam prestado a ser modelos, deixaram no painel do artista um pouco do proprio corpo. D'esta ficaram os olhos, d'aquella ficou a fronte, os cabellos d'uma despenhavam-se ondulando sobre os alvissimos e redondos hombros d'outra, as mãos eram de tal, os pés d'uma outra, era a boca d'um rosto, o nariz d'outro e assim a obra perfeita era como o mel das abelhas — o conjuncto do sabor de multiplas corollas. Fazem assim os poetas.

Um conheço eu que, depois de me haver lido uma admiravel composição em sonoros alexandrinos, toda consagrada á gloria de uma mulher ideal, dizendo-lhe eu o nome da criatura inspiradora, fez um momo dobrando lentamente o papel em que fulguravam os lindos versos :

— Estás louco. A boca, effectivamente, é d'ella, mas os olhos . . . Ah ! se visses os olhos de . . . Duas violetas, meu amigo ! Duas violetas ! Nunca vi olhos d'aquella côr !

— Mas Fulana, objectei, tem uns pés de saloia.

— Sim, os pés são hediondos mas eu, na poesia, refiro-me aos pés imperceptiveis da Cesira. Conheces Cesira ? ah ! meu caro . . .

— De sorte que na tua poesia ha quatro mulheres . . . ?

— Cinco, aliás : a graça é da Olympia, ninguem anda como a Olympia ; é uma deusa.

— Mas isso é um gynecêu em alexandrinos, homem.

— O poeta não ama a mulher, ama a belleza, concluiu o meu amigo com solemnidade.

Não pensava assim o que morreu entre as arvores amigas. Foi um amoroso fiel e calado, não gemia o seu tormento, continha-o no coração e, de quando em quando, lá o exhalava em estrophes. Emquanto a criatura amada viveu na mesma cidade em que elle morria abafou medrosamente o seu segredo, como Arvers ; ella, porém, partiu para outros climas, para outros braços e o solitario, num derradeiro esforço, deixou o seu retiro e publicou a sua historia dolorosa. No frontispicio do livro, como a legenda sinistra, poz elle uns versos do *Cancioneiro* de D. Diniz que resumem toda a sua agonia :

Quizo ben, amigos, e quero e querrey
Hunha mulher que me quis, e quer mal,
E querrá ; mays non vos direy eu qual
A mulher ; mays tanto vos direy,
Que quis ben, quero, e querrey tal mulher
Que me quis mal sempre, querrá, e quer.

Fomos companheiros em Lambary. *Ella* tambem lá estava. Uma vez, á tarde, conversavamos no *cottage* do parque, ouvindo as cigarras, quando elle se pôz a falar no fallecimento da sua velha mãi, uma bôa e resignada velhinha, que era o seu amparo moral no mundo. Nunca pensára na morte emquanto ella vivera, mas na mesma tarde do enterro, voltando do cemiterio, começou a ser perseguido por aquella idéa fatal. Sabia que estava perdido, era como um edificio que ia, aos poucos, cahindo e, na sua qualidade de ruina, só acolhia tristezas. Emfim ! e, resignado, encolheu os hombros.

— Mas tu tens aproveitado muito aqui, com as aguas.

Voltou para o meu rosto os olhos tristes e, com um sorriso melancolico, disse com a sua voz rouca:

— Com as aguas...

Subito um riso crystallino rompeu alegremente o silencio crepuscular. Ergueu-se o poeta de olhos cravados num caminho que se ia enchendo de festivo barulho. Um bando garrulo de moças appareceu e, entre ellas, esbelta e loura, com uns olhos que fulguravam, a boca mais vermelha que as rosas sanguineas, onde um sorriso tinha residencia, *ella*, a mysteriosa criatura amada. Como se quizesse martyrisar o desgraçado, chamou-o, a rir, tomou-lhe o braço e lá o foi levando por entre as flôres, a inebriá-lo com o seu perfume de mancenilha.

Nessa noite, no salão do hotel, o poeta recitou um apologo: «*O sapo e a estrella*».

Era uma vez uma estrella...
E vai um sapo, o idiota,
Logo apaixou-se ao vê-la.
.....

O apologo foi recebido com applausos geraes, mas num vão de janella, houve quem murmurasse, disfarçando um sorriso: «*O sapo*... coitado! é elle...» E a estrella andava trefegamente pela sala reunindo pares para uma quadrilha.

E elle, triste, do fundo da sua melancolia de moribundo, ficava-se a contemplá-la, como o sapo contemplava Sirius. Não lhe falava do seu amor; e que lhe havia de dizer se ella era a propria imagem da Vida e elle... sempre a tossir, ouvindo as

lastimas dos que auguravam a sua morte proxima. Que, ao menos, a deixassem ali, perto d'elle. «É a luz da minha ultima hora», suspirou, uma vez, disfarçando a magua num sorriso.

Á volta, no trem, elle queixou-se: «Vai recomeçar o meu soffrimento...» E voltou os olhos marejados para o banco em que ella estava — era o apartamento. No hotel viam-se a toda a hora e elle estava sempre a ouvir-lhe a voz, mesmo quando adoeceu pediu que lhe conservassem a porta entreaberta e, como se alvoroçava quando, pelo corredor, vibrava o riso crystallino da formosa indifferente!

No Rio viu-a uma tarde, na rua do Ouvidor, toda vestida de azul:

Chapeu azul, vestido azul, de azul bordado,
Azues o pára-sol e as luvas, Senhorita,
Como um lotus azul por um deus animado,
Passa, toda de azul, por mil bocas bemdita,
.....:...
Vendo-a não se vê mais nada que o azul tonteia...
Como num sonho azul logo nos vem á ideia
Um pedaço de céu azul passeiando a terra.

Um dia ella partiu para o campo e de lá, a cruel, escrevendo a uma amiga, pedia-lhe que dissesse ao poeta que certamente elle ficaria curado com aquelles puros ares da serra, bebendo aquellas frias aguas que manavam das penhas e o leite gordo que uma bôa mulher trazia, todas as manhans, á porta do hotel. Elle que fôsse, que a fôsse vêr para convencer-se: estava outra, ella mesma achava-se bonita.

E o misero, soffrendo, lançou-se afoitamente ao trabalho: em oito dias concluiu uma peça, entregou-a ao emprezario e partiu. Lá esteve e, em-

quanto a sentiu perto, louvou a terra e os ares, falando em resurreição: «Revivo aqui — sinto-me outro». Ella, porém, desceu e, desde logo, todas as virtudes dos ares puros e das aguas limpidas desappareceram. Voltaram os soffrimentos — a febre, a insomnia, os suores nocturnos até que, um dia, os jornaes annunciaram a partida da bem amada para a Europa.

Esse amor era uma misericordia, a presença da criatura era o amparo d'aquella vida, tanto que ella partiu começou a destruição. A Morte, encontrando o coração ferido, foi abalando as ultimas resistencias, uma, porém, reagia — era a esperança de que ella voltasse. Mas não, deixou-se ficar em outras terras, nos braços de outro. Bem que a sua Musa presaga soluçára:

Ella nunca terás nem seu amor.

Desequilibrado, sem esse arrimo forte, o poeta cahiu. Tornou-se-lhe, então, a vida um rosario de dôres e as que menos o torturavam eram as que lhe pungiam o corpo — a alma, essa soffria mais acerbamente. E começou o desfallecimento — o solitario achou-se sem o seu «sonho», tudo era deserto em torno: nem o seu faceiro sorriso, que era a alegria dos seus olhos, nem a sua voz que era a sua melodia predilecta, nem o aroma que ella esparzia como se deixasse no ar um sulco de perfume. Lá longe! Como chegar até lá...? Esses poetas, têm, ás vezes, sonhos extravagantes... Quem sabe?!

Abatido, quiz ainda voltar ao sitio que ella lhe recommendára como sendo um lugar de belleza e

saúde. Foi, apeou á porta do mesmo hotel rustico que ella habitára, percorreu vagarosamente os caminhos que ella percorrera, agasalhou-se á sombra da sua arvore predilecta e teve visões de amor, *viu-a* ao longe, sentiu-a entre as flôres sylvestres:

> Tudo de luz se inunda e, dominando tudo
> Cheio da propria luz, sobresahe na paizagem
> O correcto perfil d'essa que me não ama.

Esse perfil não estava na paizagem — estava no coração, era uma miragem passional, mas... Esses poetas, esses poetas! quando amam são capazes de tudo e quem sabe se o desgraçado, sem esperança de tornar a vê-la, não fez como aquella escrava do conto que, para juntar-se ao filho morto, cravou um punhal no coração?

Elle não precisava lançar mão de uma arma para realisar esse desejo sinistro — a Morte estava dentro d'elle e bastou que deixasse a féra sahir da jaula, onde a continham os cuidados, para que, em um momento, o martyrio findasse. E agora...?

Talvez que, em breve (não vem longe a primavera) a ingrata, que habita um velho castello de França, receba a visita da alma peregrina.

Uma noite, apoiada ao balcão, olhando o céu, ouvirá cantar um rouxinol nos roseiraes em flôr. Será tão lindo e tão sentido o canto que ella, apezar de indifferente, voltará o rosto para ouvi-lo e, ouvindo-o, não imaginará que, no passaro dolente, palpita a alma saudosa do que viveu por ella, do que morreu de amor.

Ah! o soneto d'Arvers, o soneto d'Arvers...

É bem possivel que, quando chegar á França a noticia da morte do poeta, seguida dos commentarios sobre a sua paixão funesta, ella, deixando no collo a carta annunciadora, exclame, penalisada, na lingua que adoptou:

«Quelle est donc cette femme?» et ne comprendra pas.

O GALLO

Todo curvado e attento, a olhar as entranhas sangrentas d'um gallo, o meu amigo Galracho, arúspice e rosa-cruz, venerador de Peladan, *sar* nos cartões de visita e primeiro official do correio, na lucida manhan de janeiro, emquanto o Menino seguia para o templo, a cumprir a Lei Judaica, santa pela intenção e hygienica pelos resultados, tirava augurios no fundo recondito de um quarto discreto, onde se empilham caixotes nos quaes, á guisa de altar, as victimas palpitam e mostram nas visceras os arcanos do futuro.

Galracho, em *robe de chambre* sacerdotal, com um facalhão inglês, de lamina luzente e larga, lembrava um sacrificador do antigo tempo.

Quando entrei, sentindo os meus passos no soalho que range, voltou a cabeça e fitou-me com os seus olhos de myope, desarmados das poderosas lentes. Não me reconheceu de prompto, mas ou-

vindo-me a voz, tranquillisou-se e acenou mysteriosamente para que eu encostasse a porta afim de que a senhora, que é alegre e incredula, não interrompesse a cerimonia com o seu riso e com os seus commentarios mordentes.

Galracho suava em bicas naquella estufa esoterica e deposito de velhas caixas. Um raio de sol, descendo pela claraboia, dourava a victima gorda em torno da qual esvoaçavam gulosamente, desrespeitosamente moscas zumbidoras e o arúspice, com as mãos mais vermelhas do que as de um magarefe, tomava notas ligeiras numa larga folha de papel toda manchada de sangue.

— Que diabo fazes tu aqui, Galracho ?

— Não vez ? estou tirando augurios, como os nossos pais romanos. Leio o futuro. Leio-o nas entranhas d'este gallo como se o lesse nos mesmos livros da sybilla. Estava agora justamente interpretando o figado. Ah ! meu amigo, suspirou Galracho meneando a cabeça, em grande e abatido desalento — as coisas não nos sorriem. Vamos ter molestias este anno, molestias mortaes e muitas.

— Epidemias ? !

— Epidemias . . . não digo. Ha muita gordura no figado, vê — o gallo está gordo de mais.

— Divino é que elle está !

— . . . e a enxundia confunde as linhas do mysterio. Não te posso dizer se teremos epidemias ; affirmo-te, porém, que teremos molestias.

— Isso tambem eu affirmo, mesmo sem olhar as entranhas do bicho.

— Olha aqui a moella. Que vês nella ?

— Eu . . . eu vejo que o gallo morreu em jejum,

ou, antes, tendo illudido a gana com uns granisos e areia.

— Sabes que quer dizer isto ? Sabes ?

E a voz de Galracho silvava e os seus olhos de myope faiscavam.

— Quer dizer que não atiraste milho ao poleiro.

— Não, quer dizer que vamos ter fome ! fome ! ! ! Não a fome que soffreram os lydios, mas . . .

— Uma fome modesta, assim como quem diz : meia ração.

— Isso : meia ração ; meia ração é bem dito. Vamos passar á meia ração. E Galracho coçou a cabeça intrigado : O diabo é a gordura ! Quasi que não posso interpretar com tanta banha. Mas cá está a fome, cá está !

— Olha, Galracho, faze como José ; previne-te — enche a despensa e o gallinheiro, põe-te em guarda e não esqueças o meu talher.

Mas o grande amigo saltou electrico, arripiado, numa inspiração.

— Olha o fel : a politica : está tumido e negro. Vamos ter lutas, lutas tremendas. Ah ! meu amigo, no anno passado, consultando as entranhas d'uma pata...

— Tão gorda como este gallo ?

— Não, mais magra, (era uma pata propria para o mysterio) eu annunciei todas as calamidades que nos haviam de flagellar. Disse que o presidente seria substituido . . .

— E foi, realmente.

— Disse que haviamos de perder um grande homem.

— Perdemos varios, a pata foi sóbria ; é verdade que estava magra.

— Prognostiquei o nascimento do Augusto.

— Tua senhora, em outubro, já se sentia mal e, em março, avisado amigo, levamos o lindo Augusto á pia.

— É verdade! Vi tudo na pata.

— É extraordinário. E agora no gallo?

— Vejo todo o anno em que entramos. Chamo a tua attenção para aquella gordura que se vai fundindo ao calor do sol.

— E que diabo é aquillo na tua sombria sciencia?

— Aquillo? pois não vês? a gordura é dourada, não é? pois é um projecto de conversão do papel moeda.

— Em ouro, comprehendo.

E Galracho meditou e disse:

— E póde ser tambem uma tentativa revisionista.

— E sobre o Codigo Civil, que diz o gallo?

— Tem muita gordura, meu amigo, e a gordura é o embaraço. Vou agora consultar uns velhos livros sybillinos para ordenar o oraculo. Espera-me um instante no meu gabinete, tens lá a rêde, livros e uma caixa de musica com doze peças.

Dirigi-me ao gabinete, tomei um livro ao acaso — era um romance venusino com gravuras que fariam humilhação aos camapheus antigos, dei corda á caixa de musica e afundei mollemente na rêde, ouvindo o repinicar do *Trovador* e deliciando-me com uma historia d'alcova, ardentemente illustrada. Despertei em sobresalto, sacudido pelo amigo Galracho que me chamava para o almoço.

— Dôce somno! exclamei esticando-me nas pontas dos pés. Dorme-se bem neste gabinete,

A caixa emmudecera e o livro jazia escancarado sob a rêde expondo uma scena lubrica aos olhos pudibundos do ledor d'entranhas.

Lá fomos ao almoço e, emquanto roíamos azeitonas e barravamos, com manteiga fresca, o pão branco e molle, levantou-se uma questão. Galracho affirmava que as entranhas do gallo gordo haviam-lhe augurado um successo estranho e tão novo que elle, apezar de haver consultado todos os mestres da sciencia, não conseguira decifrar. E Galracho estava, em verdade, sombrio e preoccupado e, tão distrahido estava que, com vagar, soprava para o prato toda a polpa das azeitonas e engulia, com gosto, os caroços.

Uma terrina, fumegante e cheirosa, appareceu e occupou, com grandeza e brilho, o centro florido da mesa. Galracho meditava emquanto a senhora ia enchendo os pratos com uma canja, toda lentejoulada d'olhos d'ouro e com paio ás rodellas. Cheirava e espalhava por toda a casa o seu appetitoso cheiro.

— Galracho, disse eu, baixa á realidade : deixa lá o transcendente, toma a tua colher e atira-te á canja. Deixa lá o successo : que venha e, para que não nos encontre fracos, comamos e bebamos.

— Não, meu amigo, não ; o que eu achei no gallo não me sahe da cabeça. Ali ha successo e grande !

— Então que foi ? dize lá !

— Que foi ! que havia de ser ? um ovo, homem, achei um ovo.

— Superfetação . . .

— Qual superfetação !

— Velhice . . . e eu ia comendo.

— Qual velhice! Um ovo authentico... num gallo. Este paiz está perdido, meu amigo; irremissivelmente perdido. Nem Deus o salva!

— Por causa do ovo?

— Então? Queres vêr?

E, arrebatadamente, Galracho deixou a mesa, correu ao santuario e eu ouvi um urro, um verdadeiro urro e logo o arúspice reappareceu tremendo de terror sagrado, com os cabellos em pé, livido, bradando:

— Que é do gallo?

E a senhora, serenamente, sorrindo, mostrou a terrina que rescendia dizendo ao esposo alarmado:

— Está aqui, homem, não te apoquentes — aproveitei-o para a canja; estava tão gordo...

— O gallo prophetico! Estamos perdidos!

E Galracho deixou-se cahir pesadamente no sofá e poz-se a dizer com uma voz tão soturna, rolando uns olhos tão apavorados: «Estamos perdidos! Estamos perdidos!» que eu, francamente, não descancei emquanto não me vi livre do diabo do gallo gordo e carregado de vaticinios.

AS ARVORES

Li algures que, na China, quando nasce um infante, os pais plantam uma arvore. Á medida que a criança vai crescendo, vai a arvore ganhando vigor e belleza ; e quando o petiz, ainda mal seguro nas pernas, sahe, arrastando pela cauda um minusculo papagaio de papel de arroz, pintado a côres, a sua verde irman, lá de longe, acena-lhe com todos os seus ramos viçosamente cobertos de folhas e, se é precoce, recamados de flôres.

Para alentá-lo tem o jovem chim os cuidados domesticos — os pais não o perdem de vista e a ama tartara, solicita e carinhosa, segue-o a toda a parte, protegendo-o, ao sol, com a sua sombra, equilibrando-o com os seus braços, animando-o com o seu canto monotono e, á noite, depois de o adormecer com uma historia maravilhosa, deita-se-lhe junto ao berço de laca, em fina esteira e, ao mais leve resmungo, ei-la de pé, debruçada, a examinar

a cócedra macia, a sacudir o mosquiteiro ou a balançar, de leve, o berço delicado. De manhan, lá o leva ao ar puro, aos jardins, a correr na relva ainda humida e, quando o sol aquece, vai ficar á beira dos lagos que parecem dormir um somno doce e eterno e sobre os quaes as aves, que se reflectem ligeiramente, passando e fugindo no ar, são como iterativos sonhos.

A arvorezinha tem apenas o sol e as chuvas que a vão nutrindo e, nos tempos seccos, duas vezes ao dia, ao partir e ao chegar das pombas domesticas, a rega do velho tankia melancolico. Ninguem a agasalha — dorme exposta ao tempo, ao clarão dos luares, e cresce, enfolha-se, frondeja e florece.

O jovem chim deixa os braços da ama e, seguindo para um kiosque forrado de sêda, alto como um *tai*, agasalhado discreta, silenciosamente num bosque de bambús, entrega-se a um velho letrado que lhe fala dos grandes espiritos do imperio : Laótseu propagando a doutrina de Taó, Confucio ditando aos discipulos as sabias leis puras da moral dos lamas contemplativos que descem do Thibet, como uma corrente beneficiadora, fazendo crescer nas almas a esperança e, por desfastio, de quando em quando, lá lhe põe ante os olhos uma peça dramatica composta por alguma das mulheres do régio harem para os comicos da côrte.

Depois são as armas — é um espadachim que lhe transmitte a sua agil sciencia, manejando uma espada ou enristando uma lança ; depois o mestre de equitação que aderença um alfario ardego, até que, um dia, moço e lindo, gracioso e robusto, para continuar a gloria da sua casa, os pais, depois de

muitas consultas, resolvem dar-lhe por esposa uma princeza mandchú, senhora de terras vastas, ricas em arroz e em arvores de laca.

Contratada a alliança, determinado o dia dos esponsaes, é logo chamado um artista perito para construir o leito nupcial. E a arvore que, lá fóra, toda se enfeita ao sol, a arvore plantada no dia do nascimento do noivo, alta e forte, verde e em flôr, é sacrificada como uma victima. Recebe no tronco um golpe fundo, outro logo, ainda outro, cava-se uma cinta d'onde escorre, como sangue novo e sadio, a seiva loura, saltam aparas e a madeira ringe, estrepita, estala, oscila e pende. A fronde ainda resiste, mas a uma leve aragem, derreia-se languidamente e, ao peso da folhagem, inclina-se com fragor atroante e tomba com sonoro farfalhar de folhas e de galhos.

É depois arrastada, entra na officina, é serrada, acepilhada, torneada e vai, pouco a pouco, sob os ferros do artista, tomando a feição graciosa de um leito. Os embutidos enfeitam-n'a, os vernizes emprestam-lhe brilho resplandecente, o ouro enriquece-a em filetes de caprichosas voltas e, no respaldar, o dragão emblematico de rútilas escamas, contorce-se, de olhos fuzilantes, com as garras de ouro esmagando crysanthemos e lirios sobre um fundo vago, indefinido, onde vôam garças.

É nesse leito que se reunem os membros da nova familia. A arvore torna-se assim como um elo humano — o seu destino é nobre, a sua genitura é poetica e, á proporção que sobe, vão os pais sentindo que é tempo de cuidar das bodas e ella, toucando-se de flôres, parece estar a chamar a linda

noiva, que deve repousar nos seus braços e gerar no seu collo.

Eis ahi um culto poetico que, se não garante a eternidade do vegetal, estabelece, ao menos, a obrigação do replantio. Assim, na China, emquanto nascerem infantes, nascerão arvores. Um pimpolho que engatinha indica que ha uma ramaria a dar sombra e flôr, um tronco forte, não longe, destinado a ser o thalamo sagrado — e ganha a natureza com essa tradição poetica, criada, sem duvida, por um philosopho budhista, defensor de animaes e florestas.

Por que não havemos nós de imitar, no amor, essa gente barbara, que vive confinada entre as altas muralhas, além das quaes não chega a civilisação? Se um bruto mongol entrasse em uma das nossas mattas e encontrasse o lenhador derrubando velhissimos troncos, não para aproveitá-los em uteis construcções, mas para reduzi-los a achas, certamente, e com razão, tomá-lo-ia por um barbaro. Pois esses barbaros constituem legiões — do extremo Norte ao extremo Sul do Brasil o machado trabalha desapiedadamente, sem descontinuar, devastando.

Quem percorre o interior paulista vê, ao longo das linhas ferreas, altas trincheiras de lenha — é o tributo florestal. As locomotivas, como os dragões das lendas medievaes, exigem esse repasto cruel. A tarasca de Rhódano reclamava virgens ; o monstro de ferro exige o cedro, e a selva despovoa-se em proveito do que chamam — o progresso.

A área esterilisada pelo machado é immensa — o calculo feito por um distincto engenheiro, o dr.

João Pedro Cardoso, assombra e prova, com algarismos irrefutaveis, que se os lavradores não tratarem, em tempo, de sustar a depredação, dentro em breve uma grande área do riquissimo Estado de S. Paulo não será mais que vageiro esmarrido.

Com a morte das arvores desapparecem as fontes: rios que rolavam aguas abundantes derivam agora em filetes rasos e tão escassos que uma quente semana de verão á bastante para seccá-los; a caça rareia. Estrangeiros, que percorrem o interior, voltam impressionados com a ausencia de passaros — não se ouve um gorgeio, não se vê um ninho — tudo é silencioso, e viaja-se longamente, ao sol, sem um oasis, sem uma arvore, mas os tócos adustos, que apontam á flôr da terra, attestam a existencia anterior de florestas grandiosas — levou-as o machado, arrasou-as o fogo, e, sobre o terreno, nú e sáfaro, cresce a herva maninha que apenas serve de abrigo á serpe. O ar vicia-se, o mesmo clima modifica-se, e isso é notado pelos velhos moradores d'esses lugares, d'antes bem regados e sadios, e hoje seccos, ingratos e insalubres, onde o homem não vive nem a sementeira vinga.

Além das estradas de ferro, que devoram as florestas, grande numero de fabricas não queima outro combustivel senão a lenha, e já não falo na que se consome nos fogões domesticos.

O lenhador vive folgamente, sem preoccupações — não tem o cuidado do lavrador que se alarma quando, no tempo da florada, o sol abrasa ou grandes chuvas assolam; não lhe importa a geada, as larvas são-lhe indifferentes — sempre é tempo para destruir e o mercado é sempre lucrativo.

Um ferro de bom gume, o carro e quatro juntas de bois bastam ao que vai á floresta, e quem atravessa as estradas ouve monotamente os golpes do machado, de repente um grito de aviso e logo o estrondo da queda d'arvore talhada.

Parece, entretanto, que já se vai sentindo a necessidade do replantio; os mesmos «fazedores de desertos», como muito bem lhes chamou Euclides da Cunha, começam a comprehender o mal que fizeram, mas não se atrevem a repará-lo, porque é mais difficil construir que destruir — emigram, talvez com remorsos, passam adiante, d'olhos compridos, consultando os horisontes rasos, e onde descobrem verduras frondosas, ahi ficam, afiam os ferros, armam ranchos e entram em exercicio.

Dizem-me que ha leis decretadas em favor das arvores, affirmam-me que o Congresso já se preoccupou com essas miseras autochtones, mas quem ha de fazer respeitar a lei? Onde estão os nossos guardas florestaes, a nossa policia das mattas e dos campos? Ninguem os viu até hoje. O homem, que atravessa a trilha com a caçadeira e um cão, é um pobre matuto que vai bater a macéga ou o cerrado, vêr se levanta uma perdiz. As arvores não tem defensores.

As municipalidades evitam, com esperta prudencia, a luta. O fazendeiro declara que as mattas lhe pertencem, são seus bens, póde mandar destrui-las se assim lhe convier. Que lhe importa a manutenção dos mananciaes que abeberam a cidade ou a villa? a lenha é tão sua como o café e o milho, a cana e o feijão, o arroz, a batata e a mandioca que elle colhe e manda ao mercado, e o lenha-

dor errante é um voto certo e será um terrivel capataz da opposição se a municipalidade lhe sahir ao encontro prohibindo-lhe a faina cruel.

E, dia a dia, vão os bosques desapparecendo. A região privilegiada e formosa das arvores será, em breve, mais árida e mais núa do que a Lybia esteril. Os mais bellos especimens da nossa flora riquissima somem-se reduzidos a cinzas e os animaes emigram, fogem : uns pela terra, outros pelos ares, buscando novos abrigos, e a terra alhanada, deserta, com uma hirsuta felpa de capins resequidos, estende-se, plana e solitaria, ao sol que a queima, cheia de cepos tostados, que são como fragmentos de columnas, restos de um fastigio morto, escombros de uma gloria extincta, ou cippos funeraes num cemiterio.

O arvoredo é o grande chimico de Deus. Felizmente o alarma, que repercute em todo o Estado, vai despertando a attenção dos que ainda se interessam pela sorte d'esta terra formosa, rica e desgraçada.

URBANO DUARTE

As ideias apparecem-nos como a Verdade — núas ; somos nós, os escriptores, que as vestimos e, como cada qual tem a sua feição propria, póde a mesma idéa, tratada por varias pennas, ser jovial como uma canção, meditativa como um proverbio, gloriosa como um epinicio, passional como uma ode saphica, dolente como uma elegia, lubrica como uma fescennina, sentenciosa como uma maxima ou comica como uma tabarinada. Tudo está no gosto do revestimento.

Vejamos, por exemplo, uma caveira que suggere, a quem quer que a veja, a idéa da morte — ponhamo-la sobre uma erma, á beira dum caminho bem trilhado e façamos desfilar por elle um grupo de poetas.

Dirá o primeiro :

« Eis um espelho de bom aço. Se as mulheres o tivessem nas suas camaras não haveria vaidade.

Bem inspirada andou a Magdalena que o tomou para seu uso quando se fez troglodyta arrependida. Este é o espelho que a Verdade deve trazer na mão. Pois sim, senhores — Não somos lá grandes coisas ! »

Dirá outro : « Ser ou não ser, eis a questão . . . » Outro : « Concha da idéa, sahiste do oceano tormentoso da vida, jazes vazia na praia deserta do nada. Dentro de ti, porém, como dentro das conchas, ha um rumor constante que é o éco immorredouro da agitação de onde vieste. Na concha é o estuar da vaga, em ti é o referver da idéa. Ondas, maiores que as do pensamento, tormentas, mais desencadeiadas do que as da consciencia, não as tem o mar largo. Vós que passais encostai ao ouvido o craneo tabido e ouvireis o éco da vida que por elle passou — são os espectros dos sonhos, das ambições, das angustias, dos gozos que assombram a ruina. Evoé ! pela eternidade da agitação ! »

Outro :

— « Foste, talvez, como uma flôr de arôma e os beijos procuravam-te ansiosos, hoje, fanada e secca, jazes no esquecimento e no abandono. Onde andarão as abelhas que te buscavam ? Que outro nectario as prende ? És como um caule secco de onde, uma a uma, todas as petalas cahiram ».

Outro :

— « Pulvis ! poeira e só. A carne levou-a o verme, o arcabouço rolará na terra até á reversão total. Eis o que somos. E já que o fim é tão triste, porque nos havemos de amofinar com a ambição e a vaidade ? »

Outro :

— « Nichos vazios, que é dos olhos que rolavam ansiosamente dentro do vosso ambito, como leões em jaulas apertadas ? Boca, que é da vossa humidade ? que é do vosso perfume ? que é da vossa melodia ? Ouvidos, que é dos vossos andarilhos que levavam ao cerebro todos os recados . . . ? Ah ! pobre craneo, já não te abrasa a paixão, és como uma velha lampada sem oleo. Quantas vezes, trazida pela Luxuria, a insomnia hospedou-se entre os teus muros ! Quantas vezes, como em antro de lamias, esfervilharam em ti espectros delirantes ? Foste, como cafurna orgiatica, abrigo de succubas e todo o corpo que encimaste soffreu agitadamente com os teus delirios. Agora repousas, só os insectos viajam pela abobada deserta e os ventos silvam atravessando o teu bojo vazio. Mas se o amor viveu em ti e com ventura, foste feliz e eu invejo-te, carcassa ».

Outro : — « Não somos nada neste mundo ».

Finalmente : « Ris, fazes bem ; o teu rictus é como um recibo ironico. Durante a vida pagaste caro o teu tributo, foi uma cilada que teus pais armaram-te. Quem eram elles ? talvez não os houvesses conhecido. Fazes bem em rir, mas como a vida exige a hypocrisia e tu, sendo caveira, andas por entre os vivos, dias antes do desastre que te levou os musculos e os outros enfeites, devias ter ido a um dentista para que te arranjasse essa boca . . . porque, com franqueza, esses molares estão indecentes e tu devias gastar muito algodão nas covas que elles apresentam : não são dentes, são verdadeiros armazens. Com o algodão com que os tamponavas poderia uma fabrica tecer panno para

um regimento. Se é para mostrar os dentes que ris, pódes limpar a mão á parede ».

Ha disparates nesses commentarios, pois são taes disparates que constituem a harmonia. Homens ha que se commovem, até ás lagrimas, com a claridade pallida da lua cheia, outros dão para o derriço e sahem afinando violões á procura de alguma dama descuidada ou paciente que lhes ouça as lôas; outros, finalmente, dão para valentias e, ardidos, de sobrecenho carregado, brandindo cacetes, investem provocadoramente desafiando e, se a policia não acode a tempo, os jornaes, no dia seguinte, registam fracturas e contusões e autos de flagrante. Ainda se ha de escrever uma monographia sabia com este claro titulo:

Da influencia da lua cheia sobre os espiritos

Os nossos chronistas são, em geral, contemplativos (mea culpa! mea culpa!) e vestem todas as ideias de melancolia, torcem o mesmo riso e descobrem em tudo um estygma de dôr — poucos são os que riem. Dir-se-á — somos um povo triste e o chronista, que reflecte a alma do povo, não póde andar ás gargalhadas. Não sei se somos um povo triste, sei que somos um povo timido.

O brasileiro é naturalmente expansivo, mas profundamente desconfiado e a verdade da affirmativa, que faço sem receio da contestação, tiro-a do seguinte caso commum:

Chega-se a uma casa e, pouco a pouco, vêm surgindo os membros da familia, todos mais ou menos reservados, de olhos baixos, como receiosos; por fim apparece o pimpolho chuchando o dedo e trata logo de encolher-se entre os joelhos da maman. A conversa vai indo arrastada, por monosyllabos, com grandes pausas, até que o chefe, vendo o embezerramento do petiz, chama-o á ordem:

— Então, que é isso? Tira o dedo da boca.

O pequeno amúa e o hospede, para dizer alguma coisa, affirma — « que o menino tem um olhar revelador e parece muito bomzinho. » Espanto dos pais:

— Bomzinho! isto... ahn! É porque o senhor não sabe. Elle é porque está fazendo cerimonias, o senhor ha de vêr.

Effectivamente, d'ali a instantes está o pequeno a cavalgar a bengala do hospede, estão as meninas ao piano, a dona da casa faz o historico da vizinhança, o chefe reclama as chinelas e todos, á vontade, riem, galram, mostram que têm sangue e que não são mudos, muito pelo contrario, como dizia o outro.

O brasileiro é isso: « um povo que faz cerimonias » e os chronistas sempre o apresentam em momentos cerimoniosos, raros são os que no-lo mostram como elle verdadeiramente é — em calças fofas e largas chinelas, rindo de mãos nas ilhargas, como riam os bons velhos de Brantôme e Des Periers.

D'esses raros chronistas um dos mais fieis era Urbano Duarte, o excellente, o alegre companheiro que se finou na estação do riso.

Conversavamos uma vez, no bom e guloso tempo do *Rabelais*, aquelles opiparos e intellectuaes jantares! a proposito de chronicas, era do grupo o torturado Pompeia, que então andava a burilar os seus rendilhados periodos das *Canções sem metro*, quando, a proposito de estylo, alguem lembrou-se de fazer a apologia da Fórma. Urbano, encarquilhando as palpebras, sumindo, ainda mais, os olhinhos miudos, sorria; de repente, pondo-se de pé, disse peremptoriamente:

— Não concordo. A chronica deve ser um flagrante da vida, e eu desafio a todos vocês a que me apresentem um homem, seja uma besta ou um genio, que, na intimidade, fale essa linguagem que vocês lhe emprestam. Eu tomo os meus burguezes nos dias communs, no trabalho ou na cadeira de balanço da sala de jantar, com as calças brancas e o paletó de alpaca ou em mangas de camisa, á fresca, emquanto esperam o jantar, ouvindo os seus canarios. Vocês só apresentam typos endomingados, num estylo de sobrecasaca e cartola, com muita agua de Colonia no lenço e muita severidade nos modos. Vocês não conhecem o homem — o homem é *isso* que eu descrevo; o resto, meus amigos, arranjo. Vocês inventaram essa historia da «tristeza do povo» e aferram-se a ella. O brasileiro não é triste; o brasileiro é o povo mais pandego do mundo. Querem a prova? Sempre que eu conto uma das minhas anecdotas encontro um sujeito

que me diz, sorrindo maliciosamente; «Seu maganão, aquillo foi com o F... hein?» Protesto — que não, nem conheço o F... e o homem, sempre com o rizinho malicioso: «Não conhece, hein? ora morda-me o dedo se é capaz». Isso prova que o facto que relatei foi um reflexo da realidade. Eu não invento — transcrevo. Tristes... tristes somos nós».

Effectivamente... tristes somos nós e elle era dos nossos. Atravessou a vida a fazer rir, que elle não ria, as suas chronicas eram verdadeiras mascaras e, com a atroada carnavalesca, como se a Morte quizesse, em homenagem a esse dispensador de prazer, dar-lhe a extrema illusão no derradeiro momento, elle volvia os olhos humidos para a esposa e para os filhos, que era para esses entes que elle, calando as dôres, ria atravéz das paginas, incessantemente, com a regularidade de uma machina hilariante e, para não entristecer a meiga companheira... talvez ainda sorrisse.

A sua propria Dôr sahia disfarçada e quem diria que era um gemido de moribundo que vinha, ás vezes, com tão ruidoso tintinabulo pelas columnas dos jornaes afóra?

Bem podia elle dizer com Stecchetti:

Ben ritornato carneval giocondo;
Eccomi serio: ecco repiglio il mondo,
La maschera bugiarda.
Oh! non tradire il mio dolor segreto.
Pallido aspetto mio! Mostrati lieto,
Che la folla ti guarda.

CIUME

Um missionario que por ali passou, demorando-se dois dias sob as palhas pôdres dum velho curral, porque nenhum dos moradores, para que o santo homem não desse pelos torpes vicios que ennegreciam as suas vidas, tão livres como as dos animaes, quiz hospedá-lo ou apenas visitá-lo, sahiu aterrado d'aquella aldeia, mais encharcada em peccados do que a impura Sodoma e, nos campos, sacudiu, com horror, a poeira das sandalias.

A igreja cahia em ruinas e pastores, nas horas mais abrasadas, recolhiam os seus rebanhos á sombra fria das lages da velha nave e ficavam profanando o sagrado muradal com cantares de amor, senão com o mesmo amor. O cemiterio jazia desamparado, sem muro ou sebe que o protegesse contra os animaes e não havia uma cruz em todo o vasto terreno tomado pelas hervas bravas.

Os sacramentos eram ali desconhecidos. As

crianças ficavam com os nomes que lhes davam os pais sem que o baptismo os confirmasse e purificasse ao mesmo tempo a almazinha maculada; não havia noticias de casamentos e, na hora extrema, ninguem se lembrava de reclamar uma vela e a presença de um padre para que a alma, prestes a partir, não sahisse em trevas e carregada de peccados.

O missionario resumiu a sua impressão numa phrase: « É uma grande possilga ». E era. Todavia, se o santo homem tivesse seguido um trilho sinuoso que, por entre velhas arvores, levava ao alto de um outeirinho alegre, teria encontrado os lirios d'aquelle tremedal: dois velhinhos e tão puros que, até se dizia, á boca pequena, que recebiam no seu casebre visita de anjos e de santos.

Effectivamente, uma tarde, um velho zagal, que recolhia com o fato de cabras trefegas, viu, no caminho do outeiro, um lindo moço louro, com azas mais brancas do que as das garças, subindo vagarosamente em direcção ao casebre. Era um anjo do Senhor e, como os velhinhos nem sequer desciam ao mercado, logo se murmurou na aldeia que o mesmo Deus os sustentava milagrosamente mandando-lhes, por anjos, agua pura e manjares.

Em verdade não se póde desejar vida mais santa do que a que levavam as duas criaturas perdidas em tão escuro marnel de crimes. Sempre juntos, elle e ella, não desciam ao povoado para que os seus tremulos pés não tocassem a terra d'aquelles caminhos malditos nem os seus olhos esmorecidos vissem o rosto d'um d'aquelles hereticos. Viviam na moradia solitaria e tão arredados da impureza

da aldeia como se estivessem a mil leguas de distancia.

Contente com elles, já por serem virtuosos e, principalmente, porque conservavam a virtude em tão depravado meio, quiz o Senhor recompensá-los generosamente com uma acção de grande misericordia. Assim, uma tarde, estavam os dois velhinhos, como de costume, sob uma velha mangueira, plantada e tratada por elles, onde as cigarras e os gaturamos cantavam ao cerrar do dia, quando um velhinho, mais velho que elles, abordoado a um bastão florido, com uma sacola ao flanco, appareceu-lhes, como por encanto, pedindo agasalho, exactamente como fez Jupiter, outr'ora, procurando, como peregrino, a Philemon e Baucis.

A velha reconheceu promptamente o bom Deus sob o miseravel disfarce e, numa emoção que a agitou suavemente, sorrindo com lagrimas e tão trémula que nem podia juntar as mãos engelhadinhas, poz-se a louvar o Creador, clamando que era indigna de receber na sua miseria Aquelle que governava os mundos e premiava a justiça.

Mas o Senhor, tranquillisando-a, disse-lhe :

« Que se ella se commovia por vê-lo ali, á sombra da velha mangueira, mais se commovia a sua Bondade por ter, naquella terra tão envilecida, duas criaturas sans que lhe abrandavam a colera suspendendo-lhe o movimento de vingança que mereciam gente e terra tão vis ». E, aceitando a offerta dos velhinhos, sentou-se com elles á mesa frugal da ceia e participou, com appetite, da brôa e d'um pedaço de anho que era tudo que havia no armario pobre.

Ao fim do repasto — já noite negra, posto que o outeirinho resplandecesse porque nelle estava a propria Luz — o Senhor disse aos seus hospedes que lhe pedisem uma graça. Os dois hesitaram, encolhidos de vexame, e foi o mesmo Deus quem, de novo, falou:

— Quereis tornar á mocidade? Dar-vos-ei a mesma força e a mesma belleza que tinheis quando, na antiga ermida, em presença do cura, vos recebestes como esposos.

O velhinho sorriu esfregando as mãos a pensar naquella mocidade ardente e tão bem vivida! Ah! como era bom ser moço, poder andar, correr, bailar, subir ao monte, ter força no braço e ligeireza nas pernas. Ah! como era bom ser moço!

Por baixo da mesa o seu joelho magro e trémulo tocou o joelho trémulo da velhinha e o Senhor esperava pacientemente com um dôce sorriso na face veneravel. Então a velhinha falou:

— Senhor, o que a Vossa Divina Graça nos offerece é, em verdade, um presente divino, só o mesmo Deus, como sois, poderia fazê-lo; mas se a criaturas vis, como somos, quizesseis permittir a sinceridade, eu vos agradeceria o que nos offereceis com um não respeitoso. Ser moço é, em verdade, um grande bem, mas não depois de haver sido velho. O que torna a vida agradavel é a esperança e que esperança podemos nós ter quando, com a experiencia de cem annos pesados, sabemos que tudo é illusão? Não, Senhor — não queremos voltar á mocidade. A vida é um livro que se não relê. Já que nos permittis a escolha, ouso pedir-vos que nos concedais a Graça de morrermos sem

ansia, no mesmo minuto, para que um não tenha de chorar o outro e não soffra a agonia, mesmo rapida, da solidão e da saudade. Esta é a graça que vos pedimos, Senhor.

E, Deus, commovido, prometteu aos velhos que assim como desejavam se havia de cumprir. Disse e logo um clarão illuminou o casebre deslumbrando os velhinhos que entraram a tremer e, quando os olhos tornaram a vêr, o recinto estava como d'antes — em silencio e sobre a mesa ardia escassamente a candeia das vigilias.

— Queres vêr que foi sonho ? exclamou a velha.

— Sim, foi sonho, affirmou o velho ; mas lá estava um prato, conservando ainda um pouco de pão e um pouco de anho, prova de que um terceiro ali havia estado e esse terceiro fôra o mesmo Deus que os visitára.

— Tu devias ter pedido a mocidade, disse baixinho o velho ; e a velha, firme na sua idéa :

— Foi melhor o que pedi.

Uma semana depois achavam-se os dois velhos sentados sob a mangueira, gozando o fresco da tarde e ouvindo as cigarras e os gaturamos, quando uma nuvem lhes passou pelos olhos. Ouviram uma dôce musica, sentiram um aroma gratissimo e inclinaram-se, um sobre o outro, conservando-se sentados e immoveis, sob a velha mangueira cheia de cigarras e de gaturamos. Logo dois anjos desceram e tomaram as almas dos velhinhos subindo com ellas ao céu, todo estrellado e com um luar que lu-

zia como se se houvesse preparado no Paraiso uma grande festa para os receber.

Os corpos lá ficaram vazios, no banco, sob a velha mangueira, junto ao casebre do outeirinho e ali o tempo os ha de consumir sem que os da aldeia dêem pela morte d'aquelles justos.

Subiam os anjos com as almas e, de repente, o que levava a da velha ouviu-lhe a voz dôce a perguntar:

— E elle?

— Vem perto, nos braços de um cherubim, descança.

— Não é uma virgem que o vem trazendo?

— Não, é um cherubim.

— Ah!

E subiam. Apezar do vôo ligeiro dos anjos levaram toda a noite a subir até que avistaram a porta esplendida do céu, onde uma turba de seraphins desfolhava flôres e esparzia aromas.

A alma da velha, sempre preoccupada, não se aquietava entre os braços de seu conductor, indifferente aos esplendores celestiaes, só perguntando pela outra. « Vem ahi », respondia o anjo sorrindo e assim chegaram á presença dos Thronos que guardam a entrada do Paraiso. Um d'elles adiantou-se e, tomando a alma da velha, levou-a a um grande santo que se movia entre retortas e alambiques em um immenso laboratorio.

O santo trancou-se com a alma da velhinha e, ao cabo de uns minutos, abrindo de par em par as portas rutilantes, declarou que havia encontrado entre as virtudes, que eram magnificas, 55 % de ciume.

Levantou-se uma discussão entre os anjos: uns bradando que o ciume era um feio peccado, porque a base do amor deve ser a confiança reciproca, outros affirmando que o ciume era a mesma essencia do amor. Deus decidiu a favor da velha recebendo-a, a sorrir, á sua direita e foi a vez de ser examinada a alma do velho.

Não foi longa a operação e o santo, encarregado do laboratorio ethereo, abrindo as portas, declarou, carrancudo, que havia encontrado vestigios de um amor impuro.

A alma da velha estremeceu á direita de Deus. E o santo continuou com precisão a expôr o crime divulgado pela analyse:

« Certa noite, na primavera, no caminho do outeiro, descia uma moçoila para a fonte, com a bilha ao hombro, quando esta alma toda se agitou num desejo ardente e . . . » As virgens córaram e, batendo azas, fugiram espavoridas e a alma da velha tremia á direita de Deus e soluçava:

— Ah! antes eu não viesse ao céu! Antes eu não viesse porque conservava a illusão unica da minha vida. A Rachel! A Rachel! Estou a vê-la, a desavergonhada, com a bilha ao hombro, a caminho da fonte. Antes eu não viesse ao céu.

E a alma do velho, entre os dedos do santo, tremia, num grande medo. E os juizes declararam — « Que aquelle peccado merecia ao penas infernaes ».

Ia o santo soltar a alma peccadora quando a outra, a da vélha, pôz-se a gemer afflicta, rojando-se aos pés de Deus:

— Para o inferno não, Deus de misericordia! Para o inferno não, meu Senhor!

— Louvo a tua caridade, disse o Senhor commovido, porque tens pena d'aquelle que te trahiu. Não queres que pague nas chammas o seu crime?

— Ah! Senhor, não é pelas chammas, não. Pouco se me dá o fogo que lá arde...

— Então porque é? perguntou o Senhor e os anjos, cheios de curiosidade, cercaram a alma chorosa da velhinha:

— Ah! Senhor, a falar verdade; é porque sempre ouvi dizer que o inferno está cheio de mulheres bonitas.

O PASSADO

Depois de um anno bem longo de apartamento encontramo-nos peito a peito num abraço forte que, por muito apertado, como que nos espremeu o coração fazendo com que nos subisse aos olhos uma humidade que o nosso pudor de homens logo seccou.

Não nos ficava bem chorar na gare d'uma estação atulhada de gente, com tantos olhos curiosos voltados para o nosso lado, porque o povo começa a interessar-se pelos seus poetas e ali estava o maior da nossa geração : Bilac.

Olhei-o depois, vagarosamente e, a principio, pareceu-me o mesmo rapaz robusto e sadio do bom tempo. Ah ! o bom tempo ! Pouco a pouco, porém, (meus olhos estavam deslumbrados pela emoção) comecei a notar nos cabellos negros do fino cantor das *Virgens mortas* uns sulcos de rara alvura, uns

fios claros como uma teia que se tramasse naquelle esplendido negror.

Diabo! disse commigo numa explosão de egoismo, somos da mesma idade e se elle tem esse «signal dos tempos» eu o devo ter tambem e, machinalmente, passei a mão pelos cabellos como se quizesse sentir os mortos, os arrefecidos fios entre os que ainda conservam o tom louro da mocidade.

Não os senti, não podia senti-los, e, confesso, fiquei com um pequenino orgulho como se houvesse reconhecido a minha resistencia maior. Mas o amigo, o irmão, como nos fossemos lentamente dirigindo para o carro, lançou tambem um olhar perscrutador á minha cabeça e, como eu, ufanamente, alisou os seus cabellos negros e luzidios. E puzemo-nos a falar dos amigos distantes.

Emquanto o carro rodava, ia eu pedindo noticias de um e de outro, de certos lugares amados e o poeta referia-se aos homens com tristeza, quanto ás bellezas da terra sempre as mesmas, talvez maiores, realçadas por um anno de copiosos aguaceiros e de soalheiras abrasadoras. Só os homens mudam.

— Mas tu estás o mesmo.

— E tu?!...

Como mentiamos! Eu vira-lhe os cabellos brancos e elle tambem descobrira os meus. Mentiamos ambos.

Quando nos concentramos, no meu gabinete, entre livros, discorremos largamente sobre os dias passados — dias de esperança, sem preoccupações, sem tormento. Havia difficuldades, mas com que

garbo as venciamos e o riso era o clarim com que sahiamos a pelejar, entretanto...

— Francamente, suspirou o poeta, se Deus me propuzesse voltar á mocidade com a condição de repassar os soffrimentos que curti, eu lhe diria: — Muito obrigado, Senhor!

— Não querias?

— Não.

— Pois eu daria alguma coisa para tornar a esse tempo.

Houve um silencio entre nós, interrompido estrondosamente por [illegible] d s meus filhos que entrou cavalgando uma bengala. Emquanto a criança circulou pelo gabinete estivemos calados, logo, porém que, ao appello tartareado do irmão mais moço, esfusiou pela porta, aos brados, galopando, voltamos ao nosso assumpto.

— Queres saber? Trazes apenas da travessia que juntos fizemos as impressões amaveis. Ha memorias que repellem as recordações amargas. Se houvesses lentamente descido pelas barrancas escalavradas d'um abysmo, rasgando as carnes nas arestas da pedra, deixando as roupas, que são as illusões, (porque nós andamos vestidos de illusões) nos espinhaes, sangrando, arquejando, simplesmente porque na altura o ar era mais fresco e cheiroso e de lá os horisontes pareciam mais amplos e nas bordas dos rochedos viste flôres de côr admiravel e ninhos cheios de passaros, quererias voltar ao soffrimento e aos receios da descida? não, por certo. Pois a nossa vida, no passado, foi isso, senão foi peior.

— Nem tanto.

— Teriamos de rever os amigos mortos e passariamos pela dôr de os perder de novo, seriamos pungidos pelas mesmas desillusões.

— E os gozos ?

— Gozo ! O gozo é o prazer tranquillo que nunca tivemos. O homem que janta, ás pressas, num hotel de estação, não aprecia o que come. O nosso prazer era um delirio e queres a prova ? somos dois entediados.

— Eu, não.

— Tu, não ? E deixaste o Rio e vieste procurar o silencio d'uma cidade do interior. Que é isso senão indifferença ? O teu prazer hoje é tranquillo, como convém. Tens a esposa, os filhos, o aconchego seguro, pensas no amanhan — és homem, emfim. E que eras tu ? um visionario que vivias accumulando utopias e colhendo desenganos. Queres saber ? Eu não olho para o passado com saudade, senão com tristeza e pena do que lá deixei, que foi muito, foi tudo, devo dizer.

Demais, para recordar esses dias extinctos, não careço da memoria — tenho os achaques. Pensas que venho por essas serras acima por gosto ? Não sou alpinista. Venho empurrado por esse mesmo Passado que me deixou assim, como vês. Se me dissessem — volta ao passado e virás suavemente pela vida sem molestias, caminhando sobre libras esterlinas, livre das perfidias, da inveja, do odio mesquinho e das discussões politicas, eu ainda pediria alguma coisa ao bom Deus . . . ?

— ?

— Que me fizesse bronco, mais bronco que um penhasco, para não ser perturbado na minha feli-

cidade pela intelligencia. Não ha coisa peior, meu amigo. O «Porque ?» é peior que o abutre de Prometheu ; querer saber é o diabo. Não ha nada como a indifferença dos lorpas e das coisas. Viver como a agua que corre cantando por entre ribas verdes sem se preoccupar com o destino — se vai direita ao mar ou se tem de rebalsar-se num açude para depois descer a uma azenha e virar a mó. Isso é que é. Mas viver a vida vivida com todas as suas vicissitudes, nunca ! E queres saber ? para mim deve ser esse o supplicio infernal. Morre um desgraçado e, na outra existencia, é condemnado a repassar todos os soffrimentos que o atormentaram na primeira provação — dôres, falta de agasalho, dias de solidão, noites de insomnia, intrigas, o diabo . . .

— E tu que não falas d'um só momento feliz, porque os tivemos.

— Gottas de agua no absyntho.

— Que pessimismo, homem. Isso é influencia do dia, que está taciturno, com essas nuvens pardas. Vamos dar uma volta pela cidade. Conheces Campinas ? Já aqui estiveste ?

— Sim, em 1892, horas apenas.

— Pois vamos dar uma volta.

Sahimos. O dia era triste, nublado ; nos telhados das casas corvos negros, pousados numa immobilidade de figuras de bronze, concorriam para a melancolia que nos ia encharcando a alma. Em uma das praças cantava a agua d'um chafariz. Começou a polvilhar uma neblina fria, que ia abrumando o horisonte. Amiudamos os passos, corremos curvados, com as golas dos casacos le-

vantadas. Quando nos refugiamos na *Minerva* — justamente o caixeiro chegava para o muito conhecido: « Que ha de ser ? » — a chuva cahiu forte, aos jorros, ruflando na vidraçaria e o poeta, sacudindo-se, muito cauteloso, arripiado e arrependido de haver sahido sem o guarda-chuva, resmungou contra o tempo perfido:

— Diabo! esta molhadela agora...

— Quê ? estás impressionado ?

— Então ? Que pensas ? Julgas, talvez, que somos ainda aquelles doidos que affrontavamos aguaceiros como o famoso que apanhamos desde o largo do Rocio até á rua do Riachuelo uma noite de carnaval ? Pois sim!... Hoje os medicos nem querem que eu apanhe sereno. E tu ? O caixeiro serviu-nos dois grogs. Lembras-te da tua volta do rio d'Ouro, quando lá foste com Moysés Frontin para a maravilha da agua em seis dias ? parecias um d'aquelles barbaros de Arminio descriptos por Tacito.

— Se me lembro! molhado até os ossos.

— E nada, hein ?

— Fome apenas.

— Bom tempo!

E o poeta, talvez para não cahir em contradicção, poz-se a mexer lentamente o seu grog, mas bem que lhe notei certa ondulação do peito como se elle houvesse engulido um suspiro. Por fim, não se contendo, disse:

— Estamos velhos, meu amigo.

Eu affirmei num aceno, descorçoado. E, calados, ficamos a ouvir a chuva que jorrava grossa.

NAS AGUAS DO MAR

O pulpito da sua maior eloquencia não tinha entalhes preciosos nem recamos classicos, por elle não andára o formão nem a goiva o cavára; por elle não se ennastravam folhagens nem anjos o rodeavam, em coros jocundos, soprando tubas ou tangendo harpas — o pulpito de sua maior eloquencia foi um bruto e desconforme penhasco, negro e calvo, fincado nas areias de beira-mar. Na sua base a onda fervia e o verde e putrido sargaço formava uma orla verde. Ali pousavam as gaivotas nos dias azues, ali refugiavam-se as procellarias quando os grandes ventos conflagravam os mares, d'ali falou o santo aos peixes.

Não era Antonio um frade do abysmo, posto que as fundas aguas de esmeralda tambem possuam congregações religiosas. Heine faz menção de dois ou tres bispos marinhos, que deram á costa nos frios littoraes do Norte, arrojados á praia por

algum vagalhão heretico ou colhidos na rêde d'um pescador ousado.

Antonio, nascido em Lisbôa, era frade paduano e a razão que allegam os seus biographos, explicando o seu capricho de prégar aos peixes, é ponderosa. Os homens, incrédulos e desattentos, faziam ouvidos de mercador ás suas santas palavras. Debalde elle os chamava para a virtude, debalde lhes promettia a bemaventurança, os ingratos achavam maior prazer no vicio e preferiam a vida terrena, que conheciam, á outra que era apenas uma hypothese de prégadores. «Mais vale um passaro na mão que dois voando», diziam e a igreja ficou ás moscas.

Eis porque o santo resolveu prégar aos peixes.

Logo que elle surgiu no cimo do penhasco acardumou-se o mar que, de verde que era, ficou colmado de prata — robalos, badejos, sardinhas, pescadas, baleias monstruosas, tubarões vorazes, linguados, raias, polvos, enguias, todos os representantes do povo escamoso, acudindo apressadamente dos antros, subiram á tona do mar placido e ouviram devotamente a prègação do frade.

Antonio falou com muita inspiração referindo-se aos gozos enganadores e ephemeros da vida e, quando alludiu ao céu, foi tal o poder da sua palavra inflammada que os peixes entraram a flagellar o mar com as barbatanas, que é assim que os peixes manifestam o seu enthusiasmo. Alguns, mais sensiveis, ficaram com os olhos marejados, e, convertidos, levantaram um grande e atroante clamor, pedindo o baptismo.

Desceu Antonio do penhasco e, como os cate-

chumenos estivessem na melhor das pias, limitou-se a pronunciar as palavras sacramentaes, dando a cada um o nome que lhe subiu á boca naquella hora milagrosa e foi assim que os peixes ganharam os nomes porque são hoje conhecidos nos mercados.

Finda a prègação, despediu o santo o seu auditorio e desceu do saxeo pulpito. Foi, então, uma alegria immensa no mar. Os peixes, confiando na promessa de paz que lhes fizera o santo, sahiram contentes nadando á flôr das aguas que o luar fazia de prata.

As baleias golfavam trombas espumosas, os bôtos viravam as mais arriscadas cambalhotas, as raias saltavam cahindo de chapa na agua, com estrepito, e as sardinhas, aos milhares, toldavam o mar semelhando ilhas brancas e resplandecentes que fulguravam ao luar. Só um velho espadarte, desconfiado e prudente, em vez de sahir em triumpho apregoando a bondade do propagandista e a facundia do orador, como faziam os seus irmãos, desceu a metter-se na lapa mais funda, entre as mais enredadas algas, buscando, com difficuldade, encravar-se nos labyrintos de coral, e quieto, lá se deixou ficar a vêr em que paravam as modas.

Ali jazia mestre espadarte quando viu passar uma gorda tainha, muito garrida, a dar de cauda, com pressa, como se fôsse ligeiramente a algum negocio urgente.

— Irman tainha, perguntou o matreiro peixe, onde vais tão taful e com tamanha azáfama e açodamento ?

— Onde vou ? Que pergunta ! Vou gozar o luar

que lá em cima esplende e vou aspirar o aroma que chega dos jardins da terra.

— E não receias o anzol e a rêde do pescador ?

— O anzol e a rêde ? Pois não ouviste o sermão do santo, irmão espadarte ?

— Ouvi, irman ; ouvi e aqui estou nesta lapa porque não ha outra mais funda por estes mares ; e acho que farias bem se te deixasses ficar entre as lages em que nasceste. Deixa lá o luar, deixa lá o perfume ; enlapa-te, irman tainha, enlapa-te.

— Pois desconfias do santo irmão, espadarte ?

— O santo é homem e eu sou peixe, irman.

— Que tem isso ? Ah ! minha irman, bem se vê que és muito nova. O Deus dos homens, minha irman, morreu por elles e não por nós. Foram os homens que o trouxeram á terra com os seus pedidos de misericordia. E que fizeram os homens ? pregaram-n'o em uma cruz. Que devia acontecer depois de tamanha ingratidão ? devia baixar sobre os homens um castigo tremendo, não é verdade ?

— Sim.

— Pois, minha irman, o castigo baixa, mas é sobre os peixes, que nada fizeram. Quando os homens commemoram o sacrificio do seu Deus atiram-se a nós sem misericordia e é uma devastação por esses mares que . . . não te digo nada. Se nós tivessemos um Deus poderiamos ter uma quaresma e nela tirariamos justa vingança dos homens, mas nós somos peixes, não temos Deus, não temos politica, não temos nada.

— Então achas que Santo Antonio . . . ?

— Eu acho que Santo Antonio quer pregar-nos alguma. Palavras de tal homem a peixes . . .

uhm! Isso é isca! Minha irman, quando um superior desce assim a intimidade com a canalha... desconfia d'elle: o menos que póde pedir é a vida. Para o homem o reino do céu dos peixes... é o escabeche. Enlapa-te, irman tainha, e deixa lá andar em cima quem anda.

Pela manhan uma sardinha passou desgarrada e espavorida diante do velho espadarte:

— Que é isso, irman sardinha? Onde vais assim aforçurada?

— Ih! irmão espadarte... o sermão do frade... o sermão do frade.

— Lindissimo! Admiravel! Um primor de fórma.

— Uma isca perversa! As rêdes varreram o mar de praia a praia e, como nós confiavamos na promessa de paz, a pesca foi avultada, nem sei mesmo se ainda haverá peixes que continuem a especie nestas aguas.

— De outros não sei, mas que ha espadartes e sardinhas garanto — sardinhas porque atravessam as malhas por serem pequeninas, espadartes porque não se fiam em palavras. Palavras, palavras, palavras... E parecia que a alma de Hamlet se havia encarnado no atilado peixe.

Desde então nunca mais quizeram os peixes ouvir sermões. E por essas e outras vão os milagres rareando e... não apparecem eleitores em dias de eleição.

UM CONVENTO FLUCTUANTE

No porto de Taganroğ entrou um navio bem curioso : o grande veleiro *Pokrow-Pressiyatya-Bogoradiz*, que não é senão um convento fluctuante. Toda a equipagem é composta de monges do monte Athos ; o capitão é o P. Gerassin, superior da Ordem. Os marinheiros monges trazem vestes ecclesiasticas, porém, apropriadas ao serviço.

O navio é pintado de negro e tem na prôa uma grande cruz.

A bordo o capitão diz missa todos os dias.

Em geral, ahi se observam rigorosamente todas as regras do convento. O accesso ao navio é interdicto ás mulheres. A carga compõe-se de oleos sagrados e de objectos religiosos.

Os monges e os officiaes são de nacionalidade russa, mas navegam sob o pavilhão turco.

Noticia transcripta.

Quem leu as paginas admiraveis consagradas pelo Visconde Melchior de Vogüé á Montanha Santa, que fórma o fecho de um dos promontorios chalcidicos, rematando, em contraforte abrupto, uma das linguas de terra que, como os tentaculos de um polvo immenso, partem da antiga peninsula ma-

cedonica para o mar, não vê sem interesse a curta noticia da peregrinação dessa nau monastica, abrindo as velas aos mesmos ventos que levaram Argos em tempos mais fortes e mais jocundos, ao som de cantos, com a flôr dos pelasgos, á conquista do ouro nas terras de Etes.

O monte Athos, cuja sombra, espalhando-se nas aguas calmas do Egêu, chegava, no dizer de Plinio, a escurecer as praias de Lemnos, viu formigar a seus pés a chusma asiatica que Xerxes conduzia fragorosamente ; viu mais duma vez, em noites claras, passarem, em cardumes, brincando e cantando na vaga, as encantadas filhas de Nerêu ; viu nascerem cidades em torno do seu corpo, viu-as cahirem esboroadas pelas catapultas ; teve, mais duma vez, ensejo de admirar as aguerridas phalanges macedonicas, e, uma manhan, olhando d'alto um punhado de homens, que formigavam na sua base, descobriu entre elles Dinócrates, que propunha talhá-lo d'alto a baixo numa figura monstruosa na qual o futuro maravilhado visse a imagem do moço Alexandre, dominador do mundo.

As florestas seriam a cabelleira encaracolada e verde do heroe formoso, as nuvens formariam a sua chlamide translucida ; fontes rebentariam copiosas das dobras do seu manto ; nos seus hombros, pelas suas coxas cresceriam cidades, na palma das suas mãos, estendidas e abertas, quadrigas disputariam o premio da corrida e a seus pés fervilhariam emporios colossaes.

O sonho de Dinócrates passou e o monte, aspero, escabroso e altivo, manteve-se o mesmo do

antigo tempo, monstruoso e severo como o descreveu Diodoro.

Morreram os deuses, o crepusculo escureceu o esplendor da Hellade e o monte lá está, de pé, nas terras que hoje são da Romelia, onde voaram, em tempo de Trajano, as aguias do Capitolio, levadas, como gerifaltos, pelos vexillarios de Roma e quem agora o governa é o turco barbaro que lá mantem, numa aresta de rocha, entre vinhas agrestes e rispidos cardos seccos, o seu representante.

O monte é hoje um silencioso eremiterio: cobrem-no mosteiros atorreados, alguns construidos nos primeiros dias do seculo IX, em pleno esplendor byzantino, outros mais recentes, mas todos rijos, de grandes blocos de granito, lembrando as construcções cyclopicas das primeiras eras.

Neiles habitam os homens santos, os homens virgens que se afastaram, para o sempre, do mundo segregando-se nos alcandores, onde não chegam as seducções enganadoras do seculo.

Nas épocas da prosperidade d'essa thebaida alpestre mais de dez mil monges entoavam antiphonas pelos seus meandros, no fundo dos valles onde se despenham torrentes, nos visos dos cimos, nos pendores dos abysmos, no seio das mattas escuras. Hoje esse numero está reduzido a seis mil *skitas*, administrados pelo conselho dos cinco ou *epistatia*, que elege annualmente, tirando alternativamente d'um convento e d'outro, o *prothatos*, ou magistrado supremo do estado monastico.

A população do monte Athos, diz Melchior de Vogüé, é exclusivamente composta de religiosos subordinados á regra de S. Basilio. O uso da carne,

do fumo, dos banhos lhes é desconhecido. Usam invariavelmente habito negro, de lan, conservam toda a barba e o cabello que trazem em tranças sob altos gorros, de tecido grosseiro, copiando a fórma do *fez*.

Seguindo a antiga crença nazarena, não cortam os cabellos: *Non tanget caput novacula*, como diziam os *nazires*. « A particularidade mais curiosa da sua regra é a prohibição feita a toda a mulher, a toda a criança, a todo o animal femea de penetrar no territorio do Athos. Essas prohibições pueris, para não dizer revoltantes, nunca foram infringidas desde que foram ditadas, ha mais de dez seculos: ellas contribuem, mais que tudo, a dar um caracter de singular estranheza a esse canto de terra, posto fóra da natureza, tão longe quanto poude levar o furor ascetico ».

É com tal gente que vai tripulada a náu que surgiu no mar de Azov, não com a celeuma alegre que os marujos levantam quando sentem na aragem o tepido perfume da terra proxima, mas ao som triste dos canticos religiosos.

Sebastião Brandt, o grave jurisconsulto de Strasburgo, auctor do *Narrenschiff*, ou navio dos loucos, não foi tão longe com a sua tresloucada fantasia. As lendas bretans falam de barcos espectros, que passam surdamente nas brumas dos dias polares e nos quaes a companha é toda de sombras e a bandeira é uma alva mortalha, e vive a lenda do navio do *Hollandês* errante, acossado por mil

tormentas, vogando incerto por todos os mares. Mas que são essas criações da satyra e do medo, essa ironia e essas superstições comparadas á verdade, que póde ser vista diante do porto rumoroso da cidade fundada por Pedro o Grande ?

Lá está o navio. É um mosteiro sobre aguas : a sua tripulação é toda de monges, a sua carga consiste em oleos santos e em objectos religiosos.

Emquanto está ancorada a maruja mystica póde cuidar serenamente do culto : o gageiro deixa o cesto de gavea, deixa o timoneiro a canna do leme, fecha o piloto a bitacola e, com os pannos ferrados, as vergas estendidas em cruz, a náu atrôa os hymnos. Sobe-lhe do bojo, em espiraes ceruleas, o fumo aromatico dos thuribulos, tine, retine a campainha e a hostia, branca e pura, eleva-se entre os dedos salitrados do *prothatos* navegador, á luz do céu nevoento, defronte da cidade moskovita.

Mas . . . vendidos os santos oleos e os rosarios de sandalo, as nominas e as veronicas, as reliquias, e, talvez, antigualhas byzantinas, e aberto largamente o panno sigamos, mar em fóra, a náu monastica.

Lá vai, prôa altiva, rompendo a vaga, galgando o macaréu. Lá vai ! Range a mastreação, silva o vento nas enxarcias e, em torno do cabrestante, passam os monges os cabos. Eia ! mãos bentas, ala ! iça ! Aos turcos a chalupa ! Ala ! e o *prothatos*, energico, brada á companha hirsuta que, marinhando por mastros e mastaréus, surgindo nas escotilhas, caminhando na rêde da bujarrona, em faina ligeira, põe o navio á feição do vento até que elle ganha a abordada e parte. Lá vai !

Se não mentem as balladas do Norte, que se referem á existencia de cathedraes e mosteiros submarinos, onde officiam bispos e cantam, em côro de nacar, escamosos monges e freiras de olhos d'esmeralda, quando a náu monastica passar na vizinhança de taes templos e conventos, os sinos bimbalharão sob as aguas ceruleas e as sereias christans ajoelharão devotamente nos genuflexorios de coral, sobre esponjas macias.

Não é a peregrinação dos monges que eu lamento — o mar tem encantos que absorvem a alma, quem viaja sonha, mas a terra? A terra que se adivinha como uma fellah pudica, encolhida sobre o verde tapete das aguas, toda envolta em gaze, mostrando vagamente os seus contornos, os relevos do seu corpo ondulante; a terra que se vai avistando, ainda indecisa, despindo-se com o vagar pudico de uma noiva, deixando vêr alvuras; e depois as torres agudas que apparecem, zimborios que rebrilham, vidraes faiscando; por fim a cidade que se vê linda, alegre, resplandecendo, ora em verdes planicies ou em avelludados outeiros, com o casario alastrando ou subindo, em rebanho, pelos flancos das eminencias e lá, no referver da vida, o espectaculo novo para aquelles olhos cançados de vigilias á luz trémula das lampadas absconsas, da grande, forte e inevitavel germinação.

Não lhes arderá na alma o desejo, filho do instincto, que é o pastor do rebanho dos sentidos? Não lhes pulsará o coração ansioso batendo, como machina apressada, a impellir o corpo para o seu destino? O pólo magnetico do amor não os attrahirá da terra?

Não, não é a peregrinação pelos mares que eu lamento. As sereias deixaram as ondas que d'ellas apenas conservam a perfidia; as sereias estão hoje em terra firme e têm as suas grutas de coral, não erguidas pelos phalansterios, mas estofadas pelos armadores; o que eu lamento é a chegada aos portos, é a visão da terra seductora.

Uma mulher que passa na praia cantando leva-lhes os olhos e manda-lhes o seu perfume! Oh! o aroma da carne! Outras caminham ao longe e, á noite, á hora calada das estrellas e das ardentias, quando no porto adormecem as docas, sulca as aguas mansamente um barco e nelle, unidos, dois vultos trocam beijos. O monge que vela escuta o crepitar dos labios ardentes, debruça-se á amurada, olha e, extasiado, não se póde tirar daquella contemplação allucinante.

Ao longe a cidade, recamada de luzes, fulgúra e um hausto grande, quente, rumoroso como um arquejo, hausto que é a confusão de todos os suspiros que sobem, hausto que é a grande respiração voluptuosa dos que amam, chega ao navio ascetico e os monges levantam-se atordoados como perseguidos por um sonho máu.

Que é! Que é! indaga o *protathos*. E todos, lividos, perturbados, trémulos, estendem os braços magros mostrando a cidade ao longe, cravejada de luzes, subtilisando o perfume embriagador da volupia. É a cidade! É a cidade!

O *protathos* dá o signal da partida fugindo com pressa ao peccado e, á primeira luz da manhan, pannos todos abertos, bojando á aragem, lá vai a náu velejando a fugir á mulher, levando, porém, como

um presente satanico, a acidia, essa melancolia que é uma saudade do mundo, essa tristeza mortal que é uma revolta da carne e que foi assim definida por Frei Luiz de Granada :

« He uma frouxeza e cahimento de espirito para bem obrar, e particularmente he uma tristeza e fastio das coisas espirituaes ».

E, recolhendo a náu ao porto do Egêu, voltando os monges ás asperezas da sua montanha, mais a acharão deserta e triste, intratavel e mesquinha. Mas a regra ferrenha será transgredida, não pela presença da Mulher, mas pela obsessão do Feminino apenas e de leve percebido nos rapidos surgimentos naquelles portos onde o amor era livre, na terra e no mar, não só entre os casaes humanos que trocavam beijos, mas até entre os animaes.

E, no monte, os delirantes, contorcendo-se raivosamente nos grabatos das cellas, não distinguirão no murmulho do arvoredo o delirio do amor e, se distinguirem, por certo não communicarão ao *protathos* para que elle, em ira feroz, não conclame as congregações para abaterem, a machado, as depravadas arvores, unicos viventes que ousam, com desfaçatez, cumprir o preceito divino da procreação naquelle eremiterio da esterilidade.

Pobre náu de sombras, mais tragica do que a dos espectros alvos, que passa envolta em nevoeiros pelos tristes mares mudos da região dos pólos.

Pobre náu de agonia !

A MORTE DO ESTADISTA [1]

Não ha morte que mais commova do que a do guerreiro : basta que a noticia circule para que a multidão se levante empolgada pelo enthusiasmo e deplore, com verdadeiro sentimento, a perda do heroe. O que, entretanto, a agita e abala não é propriamente a quéda do vingador intrepido da Patria, mas a série de circumstancias, o conjunto épico que a torna extraordinaria.

Imagina-se o momento, compõe-se a rhapsodia, á guisa das de Homero, concorrendo cada imaginação com o seu subsidio : « Ei-lo soberbo, sofreando o ginete árdego que escarva o sólo, á frente dos exercitos estendidos em linha de batalha.

« Ao sol que sobe, claro e quente, rebrilham as

---

(1) Dr. Silviano Brandão, eleito para a vice-presidencia da Republica.

linguas agudas das bayonetas, fulgem os canhões, scintillam os metaes das fardas. As bandeiras desfraldadas palpitam ansiosamente como aves batendo as azas em ensaios de vôos; relincham os corceis, vibram os clarins estridulos e elle olha firme, com a espada a flammejar no punho, attento aos passos do inimigo.

«Subito, ao longe, d'entre as hervas, um golfão de fumo explúe, outro, mais outro... Atrôa o pavido silencio, turva-se o espaço luminoso. Estraleja e ronca a metralhada rasgando os ares, detonam bombas, crepita a fusilaria e, d'um lado e doutro, o incendio cresce, o armistrondo rebôa.

«Gritam, guaiam, clamam os feridos, gemem os moribundos e, num momento, ao soar dos clarins, movem-se os cavalleiros erguendo as compridas lanças, fórmam-se os pelotões e elle, acenando aos soldados, parte, á redea solta, levando no rastro do seu ginete a multidão frenetica.

«Lá vai a avalanche em desabalada investida atravéz do fogo cruento, rompendo as sebes de aceiro, deixando a planicie assoalhada de cadaveres, os vallados entupidos de mortos, os marneis encardidos de sangue. Mas uma bala silva—empallidece o heroe, oscilla incerto na sella, pende-lhe no punho a espada, cerram-se-lhe os olhos e os companheiros, que o vêem sem alento, acódem em seu soccorro. É tarde! a morte turva-lhe a vista, mas a alma heroica sobe-lhe ainda aos labios para o derradeiro commando, pedindo que prosigam e emmudece abandonando o corpo enlanguecido.

«A soldadesca, ao saber do desastre, assanha-se ainda mais querendo vingar o general ousado e

áquelle cadaver, que é recolhido á tenda, fazem os exercitos uma oblação de sangue, só voltando ao acampamento quando o inimigo, espavorido, abandona a acção refugiando-se, desbaratado, entre as suas trincheiras».

Morre assim o guerreiro, choram-n'o todos os olhos, lastimam-n'o todos os corações, mas comparai a sua morte á d'esse homem que se finou depois de tão longa agonia.

O guerreiro, cahindo entre os bravos, leva na alma a consoladora certeza de que a patria o glorificará, porque os actos da sua vida não se reservam em segredos ; o homem de Estado vai duvidoso da justiça, entretanto, se aquilatarmos os feitos d'um e d'outro, o guerreiro terá de ceder ao estadista.

Na guerra, a commoção de todos influe na coragem, ha o estimulo electrisante dos clarins, ha o pean das musicas guerreiras, as vozes que bramam, a artilharia que incita, o fumo que embriaga, e, acima de tudo, a força poderosa do instincto de batalha que arrasta, impelle o mais enfraquecido.

O scenario é vasto, o publico é o universo e no silencio d'um gabinete onde chegam, como projecteis tremendos que vão direito á honra, os reclamos do povo faminto, os apodos das facções adversas, os protestos da imprensa, as accusações dos grupos despeitados, os pedidos das camarilhas e os compromissos que trahem a honorabilidade do governo, as campanhas politicas, as urdiduras da intriga, as guerrilhas de campanario, as exigencias absurdas dos directorios, as alicantinas eleitoraes, todas as tramas da administração eivada de vicios antigos, nos quaes o homem de Estado se debate

como a mosca na teia da aranha perfida, elle só tem um estimulo — o dever.

Se resolve uma questão cria sempre desaffectos, se aplaina uma difficuldade dão-n'o por acompadrado, se consegue um beneficio, accusam-n'o de interessado, se protella uma resolução affligem-n'o com injurias, se procede com energia bradam contra o tyranno, se anda com calma e doçura increpam-n'o de pusillanime.

Deixam-lhe os cofres vazios e exigem que os abarrote. Se restringe os gastos passa a ser miseravel; se desattende, por insufficiencia, aos contractos anteriores, logo lhe assacam os mais infames apodos e não o deixam em paz um só minuto — os amigos com a amizade, os inimigos com os ataques.

Sabe o guerreiro o que tem a fazer: o estadista tem sempre necessidade de modificar os seus planos para attender ás conveniencias. Um é o absoluto conductor da batalha; outro é um instrumento do partido: o primeiro só tem um fim: vencer; o segundo precisa attender á victoria e aos meios de consegui-la fechando, muitas vezes, os olhos ao saque como fez Caio Marcio dentro dos muros de Corioles.

Esse que se finou esteve na trincheira, de pé, até á ultima hora. Já a molestia o minava, já elle sentia os primeiros crueis symptomas do mal que, antes de o levar, o torturou penosamente, e lá estava trabalhando em silencio, em prolongadas vigilias, para recompor o Estado cuja administração lhe fôra confiada.

Quem via o seu trabalho, quando elle o fazia?

ninguem. Vêm-n'o todos agora, e applaudem. Elle, entretanto, dirigia a batalha formidavel na qual os exercitos eram de homens pacificos contra a miseria, contra a esterilidade. Elle ordenava os semeadores nos campos, os lenhadores nas florestas, os mineiros nas minas, os machinistas nas machinas, os faiscadores nos corregos, a justiça no seu tribunal, a instrucção nas escolas, a honra e a fortuna nos lares e a integridade nas lindes do territorio do Estado.

Não viam ou não queriam vêr emquanto elle agia, foi necessario que, com a quebra do seu corpo, a vista se alargasse francamente pelos beneficios que elle fizera para que então o applaudissem e venerassem.

Essas victorias sem brilho são as mais fecundas e esse que morreu de fadiga, sacrificado pelo dever, foi o vencedor de um inimigo terrivel — a inercia, porque deu aos mineiros, povo forte e nobre, mas que parece viver ainda numa época pastoral, como os hebreus em Ur, a consciencia da sua força e o incitamento para o progresso e, mais feliz que o pastor energico do povo de Deus, succumbiu na cidade formosa que sonhára para ser o centro da vida do poderoso e riquissimo Estado, que vive acabrunhado e pobre dando, entretanto, ao mundo que o explora, os thesouros do seu ventre inexgotavel. Esse que foi honesto, trabalhador e leal bem merece que lhe dêm por mortalha a bandeira da sua terra, porque por ella morreu heroicamente, abnegadamente e . . . pobre.

E esse heroismo da honra vale bem o da temeridade.

SIM E NÃO

Nestes civilisados tempos, esterilisados por mui civilisados que são, sem ideal e sem crença, que é a «fórma» mais nobre e mais alta do ideal, com muita cultura e muita chateza — porque o que se ganha em superficie perde-se em elevação — o homem, esse ser «amante e pensante», perdeu as qualidades que o tornavam a maravilha maior da criação — um pouco de divindade dentro de um pouco de argila — e passou a ser uma obra artificial como as machinas beneficiadoras ou o garrulo phonographo.

Nos bons tempos d'antanho, tempos simples e heroicos, quando os anjos, nas horas douradas e calmas da tarde, nas épocas de aroma e sabor, que eram a da florecencia e a do fruto, encolhendo as azas, vinham sentar-se sob a vinha dos lares, bebendo com sêde humana a agua fresca pelo gargalo vermelho das urnas que as moças, como Ra-

chel, graciosamente lhes offereciam e aceitando brôa, o anho e o vinho da refeição frugal dos patriarchas, a vida era, talvez, mais rude, em compensação a alma era mais pura e tinha toda a sua força de criação que os tempos foram consumindo.

O patriarcha era um nomade — se a terra do seu habitat se lhe tornava ingrata ou se a fonte com os calores, ficava em marnota, logo ordenava a partida e, tomando um bordão, reunindo a sua gente, lá ia, entre os lentos carros toldados de pelles, onde se acolhiam as mulheres e as crianças, com um rebanho numeroso a balar e a mugir na códa da caravana, guiado por pastores, que eram, ao mesmo tempo, homens de guerra, olhando attentamente as terras, provando as aguas, á escolha de um sitio de fertilidade e belleza onde estendesse a pelle das tendas e cravasse os moirões dos curraes.

O «homem» era um ser de vontade, pensava e agia por si — era o sacerdote e o juiz, o patrono e o caudél: officiava e julgava, abençoava e conduzia ao combate. O altar era um monte de pedras coberto de musgo; o tribunal era a soleira da propria casa e havia crença e havia ordem. Com duzentos bois, uma centena de vaccas, um lote de ovelhas e rafeiros possantes e, para trazerem em ordem esse armentio, uns rapagões alentados, o patriarcha era um rei no deserto e, se succedia sahir-lhe ao encontro algum *ras*, o senhor de campo e monte, com muitas lanças, embargando-lhe o passo, bradava á sua grey.

O pampilho do pastor transformava-se em lança, o corno de reunir o gado resoava como tuba de

guerra, e toda a bucolica, perdendo o seu encanto sereno, mudava-se em epinicio.

E a terra ficava em poder do mais forte como premio da victoria ; era a prisioneira e os triumphadores, como não havia vaidade, em vez de levantarem arcos festivos e de abalarem o silencio com arengas e apologias celebrando a batalha, bem conduzida e bem terçada, recolhiam os despojos, enterravam os mortos e, passando e repassando o arado pelo solo, que as patas dos ginetes haviam calcado, semeavam cantando e as festas triumphaes quem as fazia era a primavera.

Os homens não tinham livros, muito eram os tijolos cozidos em que gravavam os fastos da raça e as observações que faziam na terra e no céu ; não tinham tribunas, não tinham jornaes, não tinham escolas. A sabedoria era pouca e bastava : saber a época de lançar a semente, a época mais favoravel ao córte das arvores, quando convinha mondar, podar, armar um carro, laçar um touro, aderençar um potro, tosar a ovelha, aguçar um ferro de lança, cavar um pilão, fiar uma estriga, dobar um novello, desviar um golpe, vibrar uma funda, triturar as hervas beneficas, sonhar e cantar os hymnos religiosos, eis em que consistia todo o saber humano. E os homens tinham saude e alegria e as mulheres tinham virtude e belleza — o céu era o mesmo, o mesmo era o sol e as estrellas brilhavam, talvez mais claras, dentro da noite.

Rolaram seculos e os homens fôram inventando e applicando — e, á medida que inventavam e applicavam, iam perdendo a energia : a escripta atrophiou a memoria, a machina atrophiou o musculo,

o artificio matou a belleza, o sophisma foi batendo o bom senso, a polvora inutilisou a bravura. A sciencia reduziu toda a acção humana a funcções nervosas e musculares, sanguineas e lymphaticas, productos de mais ou de menos bile, de mais ou de menos phosphoro.

O furor de Ajax, cantado por Homero, podia ser combatido por um colagogo e a Iliada não existiria. Hesiodo foi um ingrato cantando as pierides, quando devia ter enaltecido a massa cinzenta. Em uma caixa de phosphoros Jonkopings ha mais idéas do que em todo o Parnaso grego de onde decorreu, como uma clara e sonóra fonte, toda a anthologia. Com a substancia que gerou o *Gorgias*, de Platão, os petizes do nosso tempo accendem cigarros ás mesas dos botequins e, sobretudo, para confundir o mundo e abastardar a Humanidade, a Palavra domina.

A Palavra — eis tudo, eis o mal grande ; a Palavra que vôa e que é aguia ou corvo, borboleta ou mosca, e a Palavra escripta, que é diamante eterno ou gotta de agua ephemera, luz ou brasa, gloria ou diffamação, epopéa ou mofina.

Em verdade — quaes são os verdadeiros pólos do mundo senão estas duas palavras : *sim* e *não*, que resumem toda a vida ? Estes dois monosyllabos essenciaes, que respondem a todas as necessidades da existencia, dispensam a lingua e, em qualquer gesto, numa contracção subtil ou num ligeiro aceno logo se manifestam — basta uma oscillação

de cabeça para que se affirme uma verdade ou se negue uma graça.

No olhar, o *sim* é brilho; o *não* é chamma que arde. *Sim* é fecundo; *não* é esteril; *sim* corresponde ao estio; *não* corresponde ao inverno; *sim* é vida, *não* é morte. Todas as demais palavras não passam de modificações d'esses monosyllabos — são como os recamos com que o logista, para dar mais valia e realce aos objectos, costuma enfeitá-los.

No amor: a mulher que vos unge com a luz enternecida dos seus olhos, que vos envolve com o halo dos seus braços, que vos acaricia com o seu mais suave sorriso, que, pouco a pouco, brandamente, vai inclinando a cabeça, como uma arvore inclina o seu ramo florido, para que vos chegue á boca o beijo dos seus labios, que faz com todos esses movimentos cheios de meiguice e de graça? diz *sim*. Aquelle que, para responder ao vosso pedido afflicto, explica que a politica vai mal, que as terras estão esgotadas, que as chuvas são poucas, que ha falta de braços, que o paiz está á beira de um abysmo, vai desembrulhando lentamente um involucro de palavras inuteis dentro do qual ha apenas — *não*.

A criança sorrindo, estendendo os braços, está a dizer: *sim;* amuando está a dizer — *não*. Na politica — o parcial do governo, que se levanta com muita gravidade e, longamente, discorre horas e horas sobre um projecto, despejando palavras ôcas, pouparia um trabalho inutil se logo dissesse — *sim;* o opposicionista verberando, citando, apostrophando, lamentando, não faz mais que encher um *não!* para que retumbe.

Vêde duas obras compactas sobre uma these controvertida, um autor é materialista, é espiritualista o outro. Que ha nas mil e tantas paginas atochadas dos pretenciosos volumes? *sim* em um, no outro *não*.

Trava-se uma guerra, ferem-se batalhas, succumbem milhares de homens, arrazam-se cidades, sossobram navios... Se quizerdes saber porque assim se hostilisam as duas nações perguntai a um philosopho laconico e elle vos dirá — « Queria uma o *sim*, a outra respondeu que *não* e do *sim* e do *não* veiu a guerra que as maltrata ».

Simplificada a vida em duas palavras sóbrias, para que ha de o homem gastar tanto tempo com tão ôca facundia? Palavras são folhas que cahem, só o tronco subsiste — ou é verde e é *sim* ou é secco e é *não*.

Lycurgo exercitava os jovens espartanos, não em discursos vazios, mas na precisão eloquente e, essa raça de austeros silenciosos, que brandiam na guerra uma espada curta, dizendo como Agis « que era de tamanho sufficiente para alcançar o inimigo », tambem nas suas respostas só empregavam as palavras strictamente necessarias: a prolixidade é um vicio da decadencia.

Assim o homem que se tornou atheu para não perder tempo em orações, que inventou a escripta para descançar a memoria, que inventou a machina para poupar o musculo, que inventou a polvora para alliviar-se do peso das armaduras, que negou o « ideal » para não sahir do real, onde tine a moeda que é o encanto da vida, esse adorador fanatico da inercia que vive a poupar o esforço, não descança

e, falando ou escrevendo, trabalha mais do que todos os patriarchas do velho tempo e, não contente com o que a boca infatigavel jorra, durante as horas do dia, em discursos, em controversias, em palestras, em maledicencia, em conchavos, em declarações, ainda pôz o phonographo a palrar, conservando, como embalsamadas, as proprias vozes dos mortos.

E a razão que allegam os avaros da hora em defeza d'esse instrumento é a falta de tempo. Não sobra tempo para leituras, que os minutos são poucos para negocio e chalreio e assim, emquanto o homem estiver ao balcão vendendo ou a almoçar á pressa ou a espairecer na varanda, um phonographo lhe irá servindo, como em conserva, as noticias do dia, berrando os telegrammas da ultima hora, os discursos do parlamento, as vendas da bolsa; outro lhe exporá as ultimas novidades scientificas; outro dissertará sobre a nova philosophia, o ultimo, rangendo, irá vagarosamente narrando as peripecias do romance em voga. E é isto a civilisação: o culto da palavra. Ah! os homens sobrios do bom tempo! os patriarchas das primeiras eras!

Mas, ó plumitivo incoherente e ingrato, que seria de ti se não fôsse a palavra! Que vens tu fazendo por essas paginas fóra senão desmentindo o teu sermão? Dá conta do teu recado com um *sim* ou com um *não*.

Se não fôsse a palavra, ingrato, onde irias tu buscar assumpto para tanto? no instituto dos mudos talvez, que fôram, sem duvida, os autores d'esse falso adagio que diz que «o silencio é de ouro.» De ouro, pois sim, mas estou certo de que elles o

trocariam, de bom gosto, pelo cobre mais azinhavado do calão mais reles.

Louva a palavra, plumitivo, louva a palavra sonora. Para gloria da palavra, basta este vocabulo : « Amo ! » cantando docemente na boca duma mulher. Louva a palavra e pede aos homens que a louvem e, quanto á vida dos patriarchas, deixa lá : sempre se viaja com mais facilidade e commodidade em um wagon de primeira do que no melhor carro de bois do tempo de Jacob.

Isso de lamentar o tempo... words, words, words.

E vês, ingrato ? ainda para remate do teu trabalho veiu em teu auxilio a palavra.

UM MODELO DE MARIDO

Mieulx est de ris.
RABELAIS.

Lembro-me sempre d'ella e d'ella guardam dôce lembrança, dôce e apimentada, por vezes, todos quantos a conheceram e saborearam, nos famosos e prolongados jantares do Andarahy, aos sabbados, os excellentes pitéos, cujos segredos lá fôram para a Eternidade com a alma virtuosa que abandonou, por uma indigestão de pepinos, o corpo anafado da que se chamava cerimoniosamente D. Bertholeza Couceiro e na intimidade Totó, sem mais nada.

A excellente senhora, que Deus tenha ! expirou nos braços do inconsolavel marido numa noite triste de agosto e as suas ultimas palavras fôram ainda de bondade, recommendando um perú que engordava para ser servido no proximo jantar, tão tristemente adiado por motivo tão triste.

Com a morte da admiravel matrona cessaram os jantares e, aos sabbados, os antigos comensaes

do Andarahy, espalhados pelos hoteis, trincando bifes corneos, lamentam, com sentimento, aquelle desastre que os privou da delicia hebdomadaria dos mais louros e cheirosos vatapás que jámais alastraram terrinas, dos peixes fritos mais deliciosos que jámais rechinaram em sartans, sobre azeite de gergelim, das almondegas, dos caranguejos em cascos, das sopas de ostras, das tortas fôfas de camarões ou de mariscos das . . .

Como eu invejo os santos ! Se lá no assento ethereo ha uma cozinha, muitos dos bemaventurados já terão soffrido as dolorosas consequencias da gula, porque nenhum, mesmo aquelles sobrios ascetas que se contentavam com um gafanhoto ou com uma secca raiz, resistirá aos acepipes em que era inimitavel a bôa D. Totó, mestra em temperos.

De todos o que mais sentiu a sua morte foi o Couceiro. Ainda hoje o pobre homem, sempre que se senta á mesa, com o guardanapo tarjado entre as dobras do pescoço gordo, suspira com tanta angustia que as folhas tenras da alface vôam dos pratos como sopradas por um rijo vento do outono e, aos sabbados, ha lagrimas dignas. Quantos cozinheiros, d'um e d'outro sexo, têm passado por aquella cozinha tão celebrada no antigo tempo ! Quantos ! Mas os segredos, esses não tornam.

Couceiro lembrou-se de tomar um *medium* para a cozinha e, todas as noites, com muita gravidade, entre panellas e frigideiras, invocava o espirito da esposa para que se communicasse com o *medium* ditando receitas. Cheguei a acreditar que o viuvo fizera alguma porque o espirito arranjou uma tal salada de ovos duros, mariscos, beterraba e espe-

ciarias que o bom homem quasi rebentou e emmagreceu a caldo chilro durante uma semana de cama, drogas e diéta. Contando-me elle o caso eu observei :

— Couceiro amigo, os espiritos são ubiquos e vêm tudo, não póde haver segredos para os immateriaes. Tu és homem e fragil, Couceiro amigo, e nunca houve no mundo, especialmente nesta patria, que um sol perverso abrasa, tantas seducções como agora. Viste algum palmo de rosto e . . .

Couceiro levantou-se e roncou espalmando a mão gorda no peito generoso :

— Juro-te que sou puro como uma vestal ! Vivo para a finada — sou tão fiel áquelle tumulo que . . . nem sei mesmo. Queres que te diga ? . . . E o meu nedio amigo e amphytrião nos saudosos tempos esbogalhou os olhos radiados de sangue e, depois de uma pausa sisuda, disse : Eu sou o modelo dos maridos.

Notei que os seus olhos saltados iam-se marejando e quiz fugir ao assumpto melindroso e commovente ; elle, porém, insistiu.

— Não, agora has de ouvir-me ; quero provar a um amigo, como tu, que sei cumprir os deveres que a viuvez impõe. Eu sou um Achilles, entendes ? Em coisas de virtude sou, todo inteiro, um Achilles, palavra de honra !

— Mas . . . has de ter o teu calcanhar, Couceiro ; todos temos.

— Sim, tenho calcanhar. Mas, que diabo vou eu fazer com o calcanhar ? Digo-te e juro-te pelas minhas barbas que sou uma vestal. Não ha dois Couceiros no mundo ; não ha ! A alma da minha

mulher, d'aquella grande amiga, que era tambem tua e dos outros, dos ingratos que me abandonaram, vive nesta casa e governa-a, eu sinto-a. Mas o que tu não sabes é que os olhos de Bertholeza me acompanham, elles que são tudo quanto resta do seu corpo que a terra comeu com uma voracidade incrivel. Ah! que Bertholeza devia ser saborosa, tanto lidou com temperos que ficou, sem duvida, saturada e a terra — como nós, que tambem somos terra — aprecia o que é bom.

Quando fui ao cemiterio para a exhumação ia certo de encontrar ainda um resto de carne, d'aquella carne tão tenra e tão branca; pois, meu amigo, só vi ossos limpos, mais chupados do que os ossinhos das gallinhas de môlho pardo que ella fazia e que eram uma verdadeira delicia. Ossos e cabellos, nada mais. Tomei o esqueleto adorado e apertei-o de encontro ao peito.

Ah! quem a viu e quem a visse! nem parecia a minha, a nossa Bertholeza, que era uma senhora de peso e medida. Depois de apertar aquelles queridos ossos encerrei-os em uma urna e trouxe-os para a minha companhia. Todas as manhans lá ia eu á sala e, curvando-me, beijava a urna, dizendo: «Bom dia, Bertholeza». Antes de deitar-me ia desejar-lhe uma boa noite. Assim vivemos alguns mezes, eu e os ossos.

Um dia, porém, tive uma idéa, uma idéa que só podia nascer no espirito de um marido fiel como eu me prézo de o ser. Encaixotei os ossos e despachei-os para Londres com uma carta a Harrison & Brothers. Mezes depois recebi o resultado da minha encommenda e vais vê-lo. Couceiro, então,

tomando a lapella do seu casaco, disse-me : Estás vendo estes botões ?

— Sim, Couceiro, estou vendo.

— São de ossos humanos, ossos de Bertholeza. Os botões do collete, os das calças, os das ceroulas, os da camisa, os do sobretudo, são da mesma materia. Os cabos das facas e dos garfos com que cômo, o cabo do meu guarda-chuva, o castão da minha bengala, a piteira em que fumo, o cinzeiro, o tinteiro, as minhas canetas, o meu porta-cartões, o cabide em que penduro a minha roupa, as peças do meu xadrez, tudo, tudo foi feito em Londres, por Harrison & Brothers, com os ossos da minha sempre chorada mulher. Olha estes suspensorios ? fôram tecidos com os seus cabellos e os seus dentes estão todos aqui, menos os postiços.

E Couceiro, abrindo a camisa, mostrou-me sobre o vello hirsuto e negro do peito, como uns ovinhos de lagartixa bem aninhados, quatro molares presos a um fio de ouro.

Eu, pasmado, não dizia palavra : olhava e admirava.

— Que outro homem seria capaz de proceder assim, dize, tu que conheces os homens ? Garanto-te que se mais não fiz foi porque os ossos para mais não deram. O meu desejo era que elles me fizessem a casa e os moveis e, se eu tivesse obtido a pelle macia e alva de Bertholeza, mandaria fazer camisas e ceroulas, mas que queres ? os ossos eram poucos e a pelle foi devorada pelos bichos. É assim que vivo — sou uma urna. Esta é a memoria do corpo ; da alma como me hei de esquecer ?

Logo de manhan, quando me trazem o choco

late ou o mingáu, suspiro por ella e sempre que faço alguma refeição lembro-me d'aquelle espirito gentil. Aos sabbados, então, choro copiosamente. É possivel que a alma ciumenta se tenha querido vingar algumas vezes, mas só com ciume das cozinheiras. Lembro-me que, um dia, no tempo d'aquella cabocla Sebastiana, gabei, com enthusiasmo, um peixe de forno, dizendo — « que parecia preparado por minha defunta mulher ». Pois palavras não eram ditas e já eu engasgava com uma espinha atravessada na guela. Fiz tudo : virei o prato, engoli farinha, invoquei S. Braz, tossi, nada ; foi preciso chamar um cirurgião. Outra vez foi com um polme de ervilhas, em verdade maravilhoso ! — louvei-o e fui para a cama com uma congestão de figado da qual não sei como escapei. Bertholeza não tem ciume da Mulher — eu posso admirar a belleza, o que ella não permitte é que eu elogie as cozinheiras. Eis o caso.

Para não ceder ás tentações ando com os ossos, sirvo-me d'elles para tudo : é com os meus botões que converso e os botões, como sabes, são ella e, sempre que se vai gerando em meu espirito alguma idéa menos digna, assim como os eremitas, sentindo o demonio, levantavam a cruz, eu esfrego os botões e logo se dissipa o sortilegio e assim vivo puro e só, sem pensar no peccado que nos estraga o corpo e põe-nos a alma á boca do inferno. Outros maridos, menos escrupulosos, contentam-se com o ligeiro luto de um anno e com algumas missas mandadas dizer, mais para a sociedade do que pela alma das suas defuntas — o meu luto aqui está nos

ossos : trago-os no corpo e uso-os em tudo e as missas digo-as eu mesmo, á mesa, duas, ás vezes tres por dia, sempre que cômo.

A mesa é um altar, já alguem disse — pois é diante d'esse altar e com as lagrimas dos meus olhos que eu rezo pedindo a Deus que trate a alma da finada com todo o carinho da sua misericordia. E agora sê franco e dize se ha no mundo outro homem como eu, fiel á esposa apesar de ser ainda um bom partido e bem disputado ?

Ha ahi uma viuva que me faz ardentes propostas com os olhos, ainda luminosos, sempre que me encontra. Estive para corresponder, mas lembrei-me do finado e disse aos meus botões : « Nada, elle é capaz de fazer-me alguma lá pelo outro mundo, para vingar-se de eu lhe haver tomado a mulher... » e recuei. Depois, francamente, nunca gostei de objectos comprados em segunda mão — trazem sempre alguma coisa dos primitivos donos. Uma vez, ainda era viva Bertholeza, comprei uma cama em um leilão de antiguidades ; pois meu caro, fizemos tudo para pô-la em estado de servir, não houve meio — á noite, mal nos deitavamos, sentiamos umas cocegas, depois umas dentadas e teriamos sido devorados em vida se eu não me resignasse a passar adiante, com prejuizo, o tal movel precioso. Com a viuva podia acontecer o mesmo. Não, já agora levo a minha cruz ao Calvario.

— Mas . . . Ha partidos novos, Couceiro, e excellentes. Tu és um homem conhecido, rico, ainda forte.

— Quarenta e oito feitos.

— Então ?

— Não quero. Lembro-me sempre do meu avô.

— Que houve com o teu avô ?

— Eu tive duas avós, uma direita em tudo, outra torta, tambem em tudo. Meu avô, já era avô tres vezes, meu e dos meus irmãos, quando, perdendo minha avó, casou com a outra que podia ser sua neta e o resultado foi apparecer um tio que escandalisou a familia

— Porque ?

— Ora . . . porque appareceu durante a ausencia do meu avô. Parece que a senhora minha avó quiz fazer uma surpreza ao velho. E fez.

— E elle ?

— Elle era um idiota (salvo seja) e reconheceu a criança, até achou nella traços da familia. No anno seguinte veiu uma tia . . . e ainda depois da morte de meu avô, um anno depois, nasceu-lhe um filho, o caçula. Não, eu fico com os meus botões e com os outros ossos e, como, tendo a mesa farta e bem temperada, sou um homem feliz, contento-me com as cozinheiras.

EMMANUEL

Foi em Belém, no Pará, em julho de 1899, que o vi pela ultima vez em companhia da formosissima Nella Montagna, uma mulher alta e branca, de neve, em cuja alvura realçava, em contraste, o negror dos olhos e dos cabellos.

Não era uma grande artista, sentia-se bem a sua fraqueza ao lado do possante interpretre de Shakespeare, era uma divina carne, uma flôr de volupia, um estimulante lubrico dos sentidos. O seu porte airoso e, ao mesmo tempo, flexivel, dava-lhe o aspecto delicado de um grande lirio quando ella apparecia, como no *Hamlet*, toda branca, na sua candida tunica, os olhos parados, desfolhando malmequeres e caminhando, como uma somnambula, para a morte nas aguas.

Emmanuel adorava-a com a furia ciumenta de italiano que sabe amar e admirar. Era preciso vê-lo no *Othello*, na scena da camara: avançava como

um abutre para o ninho da pomba e como que todas as desconfianças sopitadas explodiam naquelle momento misturadas com o seu amor ardente e sensual.

Como elle admirava a filha de Brabantio, como sentia a mulher cuja belleza ia fanar-se na morte e o arrojo com que arremettia era bem o de um impulsivo, o de um homem que sabia, ao certo, que se não executasse, de prompto, a sua resolução, fraquearia diante da formosura vencedora.

E era bem isto, o grande tragico: um amoroso e um impulsivo. Na tragedia, quem examinasse detidamente a personalidade do actor, acharia estas duas qualidades — a vehemencia no amar e a violencia na vingança.

No *Rei Lear*, por exemplo, que era o seu melhor trabalho, no qual, até hoje, ninguem o excedeu, quando não era um violento, um homem de rebentina, era um domador da furia. Na scena da divisão do reino o velho mal se continha no throno attendendo á direita, á esquerda, irrequieto, agitado, alegrando-se ruidosamente com as respostas de Goneril e de Regana e insurgindo-se, aos berros, com a ingenua simplicidade eloquente de Cordelia.

A sua sahida era como uma rajada de borrasca — a côrte seguia-o num torvelinho como se elle a fôsse arrastando impetuosamente. Era bem o homem que encarnava a personagem, a «alma» do poeta adaptava-se perfeitamente ao individuo que a carregava.

Nas scenas subsequentes d'esse doloroso poema que Florence O'Brien denominou, com tanta propriedade: uma noite de tempestade *(a stormy*

night) era sempre o impulsivo que apparecia até o final em que irrompia o grande amoroso, que se abrandava sentindo a presença d'aquella filha tão ingratamente repellida do seu coração e que, quando a encontrava assassinada, feroz na sublimidade do sentimento, como o leão que arrasta para a floresta a companheira morta, vinha trazendo o cadaver aos arrancos, porque já lhe negavam auxilio os braços debeis, aos gritos surdos que eram verdadeiros uivos e, repousando a filha, hirta e fria, ajoelhava-se perto, numa agitação de agonia, chamando-a, apalpando-a, querendo vêr-lhe os olhos vitreos, sem poder comprehender aquella catastrophe, até que, desesperado, desenganado, não podendo supportar a dôr ia, aos poucos, pendendo e cahia morto sobre o corpo amado.

Emmanuel era sublime em todas as scenas d'essa estupenda agonia, porque ella lhe dava ensejo de mostrar as duas forças da sua alma elastica : a força de arremesso e a força de retracção — a violencia e o amor. Ninguem definiu melhor esse typo do velho rei bretão do que Victor Hugo. Não o esculpiu num bloco, talhou-o numa pedreira virgem. Depois de haver descripto Cordelia, diz o poeta gigante na sua linguagem gigantesca :

« Et quelle figure que le père ! quelle cariatide ! C'est l'homme courbé. Il ne fait que changer de fardeaux, toujours plus lourds. Plus le vieillard faiblit, plus le poids augmente. Il vit sous la surcharge. Il porte d'abord l'empire, puis l'ingratitude, puis l'isolement, puis le désespoir, puis la faim et la soif, puis la folie, puis toute la nature. Les nuées viennent sur sa tête, les forêts l'accablent

d'ombre, l'ouragan s'abat sur sa nuque, l'orage plomb son manteau, la pluie pèse sur ses épaules, il marche plié et hagard, comme s'il avait les deux genoux de la nuit sur son dos . . . »

Ninguem encarnou melhor esse typo, sempre colossal e barbaro, do que Emmanuel, dando-nos perfeita essa especie monstruosa da paleontologia do soffrimento e do amor.

Foi nessa tragedia que o vi em toda a sua grandeza, foi nella que o senti e que o admirei com mais enthusiasmo e mais lagrimas, e mais tarde, em um banquete offerecido a Rodolpho Bernardelli, no salão theatro S. Pedro, conversando com o grande tragico que, então, se me revelou um erudito, comprehendi que elle não só representava aquellas scenas como as soffria todas, porque não as commentou como grandezas litterarias, discorreu sobre ellas sentindo, com acabrunhamentos e ansias, como se fôsse contando, em dolorosa confidencia, os martyrios da sua propria vida, os transes agudos da sua atormentada existencia. E não esqueço o ar resignado com que elle lançou toda a culpa sobre o desventurado : « Eh ! um imprudente ! . . . » E, encolhendo os hombros, ficou de olhos no chão, esmagando nervosamente entre os dedos pequeninas migas que encontrava na toalha.

Vi outros artistas interpretando esse tremendo papel, nenhum, porém, conseguiu dar-me a verdadeira impressão da realidade, da vida que eu obtinha de Emmanuel e mais do que ao seu talento attribuo á sua constituição moral aquella maravilhosa « realisação » da epopeia sinistra do poeta maximo.

Emmanuel era admiravel no *Othello*, era revoltante no *Shylock*, era amoroso no *Romeu*, mas em todos esses papeis sentia-se o actor. No *Rei Lear* via-se a criação, era a propria figura ancestral d'aquelle, que, conforme rezam as chronicas, «no anno do mundo 3105, sendo Joás Rei de Jerusalém, subiu ao throno da Bretanha, succedendo a Baldud, principe de grande poder e de muita sabedoria e bondade. Leïr chamava-se e, governando o seu povo com muita cordura, criou para o seu reino uma época de prosperidades deixando, entre outros beneficios, a cidade forte de Caeirler, fundada pelo seu braço».

No theatro moderno, Emmanuel sentia-se acanhado, opprimido — a sua voz, que dialogava, no escampo, com o trovão, soava estrondosamente nos salões, o seu proprio corpo como que se não sentia ageitado no trajo contemporaneo — os seus gestos eram largos, os seus movimentos rispidos. Imaginai um d'aquelles esforçados guerreiros que, como Oliveiro ou Guido, sahiam a pelejar cobertos de aço e manejando armas que dois dos nossos coevos nem sequer alçariam, despindo o aceiro pesado e vergando a casaca cerimoniosa. Toda a altivez desappareceria e, em vez de airoso e galhardo, o homem atorreado apparecer-nos-ia ridiculo, atirando as pernas leves, abanando com os braços, desiquilibrado e timido, a servir de chacota a quantos o vissem. Não era ridiculo o actor porque suppria com o talento a falta de disposição, mas o artificio saltava aos olhos, o esforço era por demais visivel e o vexame tornava-o quasi humilde e lá ia elle procurando um plano inferior, como envergo-

nhado de mostrar-se com costumes que não eram seus.

Conhecendo profundamente os antigos, falava dos gregos com verdadeiro enthusiasmo e, certa vez, no seu camarim, conversando-se sobre Sophocles, Emmanuel levantou-se e, descrevendo o typo de Edipo, esse grande avô de Lear, a traçar largamente as scenas, pôz-se a murmurar o grande monologo do desventurado. Ao fim, com um movimento descorçoado, juntou as mãos e, de olhos no céu, suspirou: «Não é possivel... Não é possivel...» Representava-se nessa noite *O Grande Industrial* do *incomparavel* senhor Ohnet e o contra-regra veiu preveni-lo. Emmanuel deu de hombros e, lentamente, como se fôsse a um sacrificio, lá caminhou vergado para a scena.

Era um antigo, educado á antiga. O seu mesmo porte, altaneiro e robusto, inculcava-o um homem de rija tempera, um homem da idade forte. Novelli é incontestavelmente mais correcto, falta-lhe, porém, a *fougue* de Emmanuel, aquelle ímpeto indomavel que o arrojava na acção transformando-o, de simples interprete, em personagem viva.

Nos ultimos tempos a vida do grande actor ia cahindo nas peripecias do *Romance Comico*, de Scarron. Em Manáos, disseram-me, viveu enclausurado em uma cazinha modesta onde escondia, com ciume, o seu thesouro de amor. Aos que o iam visitar elle apparecia como Shylock: primeiro entreabrindo desconfiadamente a janella, depois franqueando a porta e acolhendo, a contra-gosto, na sua sala onde tudo era desordem. A mulher raramente apparecia e elle falava, sorria, lançando, de

espaço a espaço, um rapido olhar á porta como para fiscalisar a prisioneira.

Era um sensual, dirão; não sei — sempre o conheci assim, acompanhado por uma mulher formosa que mais se impunha pela côr da pelle, pelo brilho dos olhos, pela massa sombria de cabellos, pelas linhas ondulantes do corpo do que pelo talento. A primeira — Virginia Reiter, abandonou-o, segundo a versão que correu, por não poder supportar a sua colera ciumenta; houve outra, que tambem o repelliu — a ultima foi a alvissima Nella Montagna e essa, se os de Manáos não exageravam quando descreviam a sua vida atribulada, esteve, algumas vezes, ameaçada de representar ao vivo a scena cruel da camara de Desdemona. Não sei se o acompanhou até á ultima hora ou se, como as outras, para não acabar ás mãos do terrivel ciumento, deixou no seu lugar uma grande saudade.

Lembro-me de a ter visto, uma vez, no Pará. Emmanuel magoára um pé e soffria; fui visitá-lo. Uma criada recebeu-me introduzindo-me em uma sala que estava muito longe de ser um primor de gosto. Ali fiquei relendo velhos jornaes que se achavam sobre uma mesa, onde era tanta a poeira que se poderia nella semear. Por fim ouvi passos lentos, arrastados e Emmanuel appareceu-me de *robe de chambre*, barba crescida, os cabellos arrepellados, coxeando, amparando-se ao hombro da formosa mulher, mais branca do que nunca. Não sei porque, lembrei-me do cégo Edipo seguindo vagarosamente, soffredoramente levado por Antigone.

Ali estive algum tempo a ouvir o grande artista que, então, andava com um desejo forte de repre-

sentar *Macbeth*. « Se voltar ao Brasil comprometto-me a trazê-la », disse-me referindo-se á tragedia macabra e amorosa, festejando o rosto alvo e macio da companheira, ameigou-a : E tu farás a Lady . . . Tem as mãos lindas, não acha ? E, com a pequenina mão marmorea pousada na sua mão de athleta, esperava a minha opinião. Eu affirmei : — que, em verdade, era maravilhosa e ousei levantar os olhos para os olhos negros. Creio que Emmanuel rugiu. Felizmente elle não podia correr e foi por isso que a tanto me atrevi.

Não poude o artista realisar a promessa magnifica confirmada no dia em que d'elle me despedi para subir as grandes aguas, em direcção ao Amazonas, depois de o ter ouvido, ainda uma vez, a ultima, não em scena, mas no salão de um club, onde elle disse, como sabia dizer, o canto v do *Inferno*, de Dante.

Descança, grande espirito, repousa nessa região mysteriosa de onde viajor algum logrou jámais voltar e se lá, como conjecturou, em hora de saudade, o grande épico, se consente memoria d'esta vida, certo estarás repassando o monologo sinistro do principe sombrio e vendo o que nelle existe de verdade : « Morrer . . . dormir . . . dormir ! sonhar talvez ! . . . »

E com que sonharás tu, alma que fôste o espelho de outras almas ? Com que sonharás tu ? com a tua Arte ? com a Patria azul ? com as terras que percorreste ? com todos os povos que viste ? . . . Ah ! não, sonharás com ellas : com Ophelia, com Desdemona, com Portia, com a suave Cordelia, não as abstracções do poeta, mas as lindas mulheres

que as fizeram viver a teu lado, quando conspiravas contra a infamia rebuçado na velha capa de Hamlet, quando rugias sob a couraça do mouro, quando exigias a divida de carne, sentado a um canto do tribunal, afiando voluptuosamente a faca na sola do velho papuz, quando, coroado de urzes, com um junco por sceptro e um bobo por companhia, affrontavas a tormenta no descampado.

Sonharás com ellas e, se sonhares, pobre espirito amoroso, misero espirito ciumento, como te ha de ser dolorosa a bemaventurança com as reminiscencias d'esses amores.

LUAR

A tarde ia muito fresca, muito dôce, toda azul, sem névoas. Já o sol mergulhára por traz dos cerros que resplandeciam como zimborios e cuspides d'uma rica cidade de lenda, toda d'ouro puro, sob velarios tendidos de purpuras attalicas e os ultimos raios solares abriam-se em leque flammejante sobre as lombadas accesas.

As arvores, d'um desenho forte, em nitidos relevos, realçando todos os detalhes, pareciam cravadas na lamina esbraseada do occaso, como bordadas a retroz negro em téla de sêda chammarreada. Um silencio de extase ia adormecendo o campo raso e extenso que se esbatia em linhas indecisas, nas quaes, a espaços, resaltava, em tom mais claro, o sapé d'uma choça com o terreiro aberto em meio do pomar, como um resto de luz na penumbra serena do crepusculo.

A estrada direita, alvacenta, desapparecia no

bambual que vergava em movimentos demorados, afflictivos, d'ansia e por ella tardo, tristonho, cabeça baixa, as mãos juntas d'encontro ao peito, vinha vindo um negro.

Á varanda, reverdecida de ipoméas, chegava, na aragem, o cheiro dôce das açucenas que abriam; os grillos começavam o seu canto nas hervas. Era a hora das juritys: quem fôsse ao açude havia de vê-las á beira d'agua, trefegas, esvoaçando assustadiças com turturinos doridos.

Empallidecia. Os cerros tornavam-se escuros, perdiam a côr dourada e uma nevoa fina, rala, subia da terra, envolvendo-os. Longe, num canto do pasto onde frondejavam paineiras altas, o gado mugia deitado ou esfregando-se voluptuosamente pelos troncos. Borboletas nocturnas vinham vindo da matta pesadamente, em vôo incerto, as azas bambas, atordoadas, como se houvessem acordado. Nuvens de mosquitos esfarinhavam-se no ar. O céu tornava-se violete, num esmaecido e lustroso tom de porcellana antiga. Estrellas piscavam, aqui, ali, dispérsas

Em casa, como se o poderoso mysticismo da hora contivesse as almas, todos guardavam silencio, as proprias crianças, reunidas a um canto da sala, brincavam baixinho, cochichando e o velho Estevão, com a sua apiançada dyspnéa de asthmatico, estirado na cadeira, braços abandonados, olhos entre-cerrados, deixava-se afagar, com volupia, pelo ar puro e fresco que entrava, ás bafagens, como em halitos regulares.

Naquelle silencio religioso um som triste permanecia insistente como zumbido lugubre que im-

pressionava — vinha do lado da estrada, mas os meus olhos estavam retidos na contemplação da matta que negrejava alta, dominando a collina, com as suas grandes arvores cerradas e immoveis.

A lua nascia cedo e era de lá que ella devia surgir como um grande passaro que ali tivesse o seu ninho macio e sahisse, pela hora da noite, remontando silenciosamente aos ares, todo branco na escuridão ferruginea. Morcegos esvoaçavam aos trissos rispidos, passavam d'esfusio, confundindo-se com as ultimas andorinhas.

O velho Estevão queixou-se do frio, pediu que fechassem a porta e logo poz-se a tossir. Deixei-me estar. Olhava a matta soberba que era um empastamento negro no fundo esmaecido do céu vesperal. Mas o som triste attrahiu-me. Voltei-me para o lado da estrada que amarellecia entre as duas bandas do campo e olhava quando ouvi a voz arquejante do Estevão : « Ahi vem o poeta ! »

Na collina accendiam-se as casas dos colonos. O céu, sobre a matta, esclarecia, ficava d'uma côr melancolica e no pasto, longe, scintillavam vagalumes como se homens andassem por ali fumando, apparecendo, desapparecendo, escondidos pelas moitas negras.

O som vinha vindo, cada vez mais soturno. Um raio de luz amarella estendeu-se na varanda e uma voz saudou : « Bôa noite ! ». Outras vozes responderam e houve um alarido alegre de crianças.

A natureza, passada a transição do crepusculo, parecia acordar, transformada para vida mais calma. A Luz androgyna voltava para a terra o seu flanco feminino — era a hora criadora, a hora ma-

ternal da lua, hora silente e de amor, hora de iniciação. O meu espirito perdeu-se em sonhos, reminiscencias de leituras affluiram-me á memoria — éras velhas da Humanidade, mysterios do culto astral, scenas do rito pagão, tão cheio de encantos.

Erbui os olhos. A matta começava a branquear como se um véu fino viesse baixando de leve sobre as frondes, fluctuando, tenue e solto, entre os galhos. Reappareciam, mais negros, os contornos do arvoredo, destacavam-se os altos e sobranceiros jequitibás e, d'olhos fitos, hypnotisado pela magia d'aquella solemnidade extatica, eu olhava.

A luz infiltrava o seu esplendor na densidão florestal; appareciam clarões alvissimos. Lembrei-me, então, dos mystas de Orphêu, todos de alvas tunicas, com harpas soantes, coroados d'hera, caminhando maciamente entre os fortes carvalhos da Thessalia divina, graves, silenciosos, seguindo os passos do grande iniciado delphico para o valle feliz e aromal do Tempé.

A suggestão poderosa da reminiscencia trouxe a illusão completa. Era o paganismo poetico que eu revivia naquelle suave minuto rapido de sonho. Diana evocava em minh'alma o seu culto. A Lua, antiga e fiel companheira das peregrinações e dos amores humanos, a Lua dos thracios selvagens, a triplice Hecate sanguinolenta empolgava-me como se o seu poderoso philtro se fosse espalhando pelo sangue das minhas veias, fazendo-me passar, como a natureza, numa transição suavissima, da grande Luz das idéas novas para o frio pallor dos ideaes primitivos.

Eu ali estava com o mesmo enlevado respeito e

o mesmo encantamento com que, na rocha escura e escalvada da agreste Samaria, o pastor emorita do tempo de Yokanan e de Jesus, vendo o primeiro clarão do astro nocturno, ficava de pé, com o queixo na volta do cajado nodoso, entre as cabras do seu fato e, ao ascender da lua no céu livre e pallido, bradava atroadoramente como por uma buzina: «Eschmún! Eschmún!» acenando com a grossa e pesada lan de ovelha que lhe servia de agasalho na caverna fragosa. Astarté dos phenicios, branca, celestial amiga dos navegadores...

Eu estava assim enlevado quando o som soturno subiu de perto. Um vulto caminhava rente com a varanda: era Terencio, velho africano que ali estava tocando o seu urucungo. Ás vezes sapateava resmungando e lá ia d'olhos no céu.

Era o «mina», o homem da selva negra, que festejava ritualmente o astro contemplativo; era o barbaro que celebrava, á sua maneira, o culto da natureza luminosa como, talvez, ainda celebrem nos mattos bravos ou no terreiro das aringas os seus irmãos africanos. Calou-se de repente e houve um silencio maior e, sobre as arvores, a lua immensa surgiu, alastrando a campina vasta de claridade. De repente, Christina, abrindo a porta, sahiu á varanda entre as crianças que saltavam e riam e, levantando nos braços o pequenino Carlos, que ria gostosamente derreando-se, mostrou-o á grande lua serena:

— Olha lá em cima, meu filho! olha...!

E, sacudindo-o, poz-se a cantarolar:

Lua, luar
Tomai este menino
E ajudai-me a criar . . .

As crianças, aos saltos, com as camisolinhas tufadas, repetiram :

Lua, luar . . .

Por fim Christina, em frenesi amoroso, apertou o filhinho nos braços e, beijando-o com voracidade, sacudindo-o, agarrado ao collo, lá foi com elle, a correr. As crianças ficaram brincando e o velho negro, sentado no ultimo degráu da escada, voltou ao seu urucungo e ao seu canto e eu deixei-me estar olhando, olhando e, como eu, no terreiro, uma mulher, de branco, olhava o céu e a lua — alguma colona talvez . . . que pediria ella ?

. . . . . .

Quando deixarão de atravessar as almas entristecidas esses queridos espectros das primeiras crenças ! . . .

ARTE

Acompanhai um grupo de homens a uma galeria de pintura, entrai com elle, tanto que chegardes ao salão logo o vereis dispersar-se buscando cada qual, não a pura emoção esthetica, mas a representação de uma «realidade» conhecida. Não é o instincto do Bello que os conduz, é o instincto da Critica.

Um, que foi militar, mas que nunca desembainhou a espada, senão em vesperas de revista para esfregar a lamina com uma camurça, detem-se, muito grave, de olhos apertados, em frente de uma «batalha», commentando, com a sciencia dum estrategico, a posição do exercito, as attitudes das figuras: explicando os diversos apetrechos bellicos, analysando a expressão de cada um dos combatentes.

Outro, que viajou commodamente em um paquete do Lloyd Bremen, estaca diante de uma «ma-

rinha », a comparar o navio que veleja a todo o panno por um vasto e roleiro mar, cortando o quadro em diagonal, como para mostrar o flanco no qual a onda se acapella, com o outro em que fez a travessia e recorda calado aquelles dias, aquellas noites de viagem, vendo na tela uma referencia ao passado feita com o proposito de despertar reminiscencias bôas.

Outro, com as mãos nos joelhos, fica acocorado a olhar uma *natureza morta :* perdizes e lebres. O homem é caçador e busca nos animais o *tiro* apenas. Mais adiante, certo cavalheiro, de ar sizudo e oculos de grossas lentes, o sobrecenho carregado, fita umas lindas arvores — está a classificá-las, descobre-lhes as familias, como que lhes fala, porque, emfim, na sua qualidade de botanico, é quasi um intimo.

Mais longe, um saloio rebarbativo coça o queixo e, risonho, confessa que — « repolhos d'aquelle tamanho nunca os teve na sua horta » e toda a sala murmura approvando, criticando. Só, diante de uma paizagem mystica — um trecho de campo á hora crepuscular sobre um fundo violete de collinas nubladas — um rapaz, por vezes eleva os olhos como em extase, torna depois com elles ao assumpto, eleva-os de novo, um instante, gosando introspectivamente a visão ou tirando da natureza exterior, material, a mesma essencia subjectiva, o que ha de suggestivo, de divinamente poetico em toda a realidade. Esse é o unico que gosa, os mais olham, comparam as simples representações de factos, de coisas e de aspectos.

A verdadeira Arte é desinteressada como o ver-

dadeiro amor e procura na natureza não o que ella tem de util, mas o que ella tem de Bello — d'ahi essa constante tentativa dos artistas para alcançarem o que se convencionou chamar o Ideal, que é para a Arte o que Maya é para a mythologia hindú — a suave, a eterna illusão.

A poesia que é, afinal, a alma de toda a Arte — melodia na musica, emoção na pintura, expressão na esculptura, symbolismo na architectura, graça na dança, é uma idyosincrasia e, por isto mesmo, variavel. Ha uma só poesia, mas os meios de representação multiplicam-se — não ha aspectos, ha impressões.

A poesia de Hesiodo differe essencialmente da poesia de Barbier, como a do Dante diverge da de Lamartine, todavia ninguem ousará negar ao autor dos *Iambos* e ao poeta sentimental da *Queda de um anjo* o sentimento lyrico, que é a fonte da verdadeira Poesia.

Se compararmos uma tela de Fra Angelico com uma fantasia de Callot acharemos em ambas a mesma essencia poetica, a interpretação é feita, porém, de accordo com a personalidade de cada um. O motivo dorico de um côro antigo e a *Adelaïde* de Beethoven, uma canção de *galiongis* do Bosphoro e o *Adeus ao cysne* do *Lohengrin*, são variações differentes dos mesmos sons. A escala é uma só.

O que varía substancialmente é a fórma, a essencia é immutavel ; para senti-la, porém, é necessario não ficar superficialmente na representação, mas descer á intenção. Vêr não é olhar, é comprehender : é sentir com os olhos.

O artista fiel não deve imaginar a natureza,

deve senti-la. Ruskin, o grande revolucionario da Arte inglesa, pensava assim : « Para que mentir, se a realidade é admiravel ? » Na esthetica ruskiniana tudo é Bello. O « Bello é a assignatura de Deus nas suas obras ».

A belleza é caprichosa. Para transformar toda uma paizagem basta um raio de sol e o mesmo trecho de bosque, visto em horas differentes póde, na téla, com a poesia propria dos momentos — porque cada hora tem a sua expressão — dar impressões diversas, interpretado por artistas de genio.

A côr é sempre um reflexo da luz e não a realidade da visão ; a palheta é um relogio e os pinceis variam como os ponteiros seguindo o esplendor ou as sombras.

A luz de um quadro é sempre motivo de controversia. Os que não sabem vêr revoltam-se indignados contra certas ousadias — um fundo de serras côr de rosa, uma agua arroxeada, certo tom violete escorrendo pelo tronco rugoso de velha arvore, uma nuvem coruscando no occaso como lingua de fogo, a nevoa azul deixando vêr, em transparencia suave, a natureza que adormece ; perfis de choças, rochedos esbatidos, bosques que se confundem em uma unica mancha d'um tom cinereo-escuro, e lá ao fundo, destacando-se vivamente, aguda e branca, uma torre fina.

Essas temerarias ousadias ferem a visão commum e provocam protestos : « Não ha taes côres, montes côr de rosa, aguas como feitas de violetas diluidas, nuvens de fogo, ares azues, absurdo, erro, asneira ! » E, por mais que o artista affirme que *viu* aquelles aspectos, que copiou fielmente aquel-

les effeitos de luz, a revolta continúa, simplesmente porque o critico não teve a fortuna de admirar, na realidade, aquellas magnificencias que lhe parecem exageradas, como se a Arte pudesse exceder em belleza a natureza.

O que os olhos não vêem, o espirito não póde compreender, affirmam os intransigentes; entretanto, aceitam, sem discutir, todas as affirmações da Sciencia. O mar que os nossos olhos vêem é uma verde planicie e ninguem hesita em aceitar a sua curvatura; os astros que a nossa vista alcança são pequenos pontos luminosos e não ha quem nelles não *veja* outros tantos mundos. Uma refracção na téla á absurda, um poente de ouro é fantasia e a analyse do espectro é uma verdade que todos acatam porque traz o prestigio da Sciencia.

Toda a obra de Arte que commove é verdadeira, porque só a verdade impressiona e suggere, assim, pois, faça-se a critica com a emoção, não com a preoccupação.

Ninguem analysa o sol que atravessa os escassilhos da folhagem, nenhum critico ousará achar escandaloso o verdigai dos fetos na orla bronze-negra d'uma floresta nem se dirá que uma garça de neve pousada em uma boia escura foi um arranjo da natureza. Entretanto, taes motivos, num quadro, fariam logo a critica vociferar contra o convencionalismo. Em arte só ha um fim — é o Bello, e quem o attinge, impõe-se.

Todos os processos, todas as escolas dirigem-se para a mesma conquista da verdade esthetica. Que importa que o artista tenha uma das tres preoccupações: da côr, da luz ou da linha? Vejamos se

satisfaz na realisação, se nos transmitte o seu « assumpto », se nos faz sentir emoção, que é o fim essencial da obra de arte.

Seja a maneira adoptada a de Perugino ou a do Caravajo, traga a suavidade de Fra Angelico ou as sombras carregadas do Espagnoletto ou seja o assumpto de pura idealisação : uma virgem aerea entre lirios esguios fluctuando em brumas ceruleas, fugindo e deixando um rastro de luz fina no caminho percorrido, mãos postas, olhos extasiados, uma aureola a illuminar-lhe a cabeça, pequena como a das figuras quasi fluidas dos preraphaelitas.

Não entremos a desfazer em analyse o trabalho, pedindo o claro escuro, diluindo as sombras ou reclamando proporções para as flôres, transparencia para as aguas, musculos fortes para a figura — contentemo-nos com a impressão.

Essa pintura dos preraphaelitas, como a musica de Wagner, é uma « ideação » — ambas são falsas para os que não admittem a intervenção duma arte no dominio de outra, porque, dizem elles, julgam poder dispensar a palavra — impondo-se como expressivos poemas de côr e de som. Eu sou dos que não indagam se a invasão é admissivel — preoccupo-me apenas com a emoção que me causa e, interpretando, góso e gosando satisfaço-me.

A proposito da exposição do artista brasileiro Aurelio de Figueiredo, que foi, durante alguns dias, hospede de Campinas, muito se discutiu a nova maneira que vai avassalando os velhos processos da pintura. Entre os 38 quadros expostos no salão do *Centro de Sciencias, Letras e Artes*, dez filiam-se á luz — são quadros de esplendor — em todos el-

les brilha o sol, em uns com o rigor da manhan, em outros com a saudade crepuscular e essa luz farta derrama-se esplendidamente pelas télas, transfigurando a paizagem que, olhada de repente, offusca, mas contemplada, sentida, expondo todos os seus detalhes, transmitte o sentimento que nunca mais nos deixa e que fica no espirito, forte, eterno, como a « idéa » de um poema ou o « som d'uma voz adorada », ou, como diz melancolicamente o poeta saturnino :

L'inflexion des voix chères qui se sont tues.

Diante de um dos quadros intitulado *Tarde fluminense* disse alguem, com sinceridade :

— Sim, eu *sinto* bem a hora, *sinto* o tramonto do sol, que deixa um resto de luz rosea nas montanhas, vejo que é a tarde, mas . . . não comprehendo essa côr. Acho tudo *bonito*, mas não percebo ; não sou capaz de exprimir o que sinto. Nunca vi uma montanha côr de rosa.

— Mas já procurou vêr uma montanha á hora do occaso, com os restos da luz que se vão diluindo em sombra ?

— Não. Sinto a tarde, isso sinto . . .

— E quantas vezes terá o senhor detido o andar olhando um céu afogueado, arvores polvilhadas de ouro, aguas lampejando como laminas de prata, lombos de rocha faiscando e depois tudo arroxeado . . . ?

— Sim, sim.

— Então ? Se visse isso mesmo em um quadro que diria ?

— Não sei.

Esse « não sei . . . » diz tudo.

Nessa nova « maneira » do artista ha o triumpho esplendido da luz. A natureza é clara e é justamente essa alacridade que parece defeito, o que nós condemnamos é justamente a verdade — é o sol que veste de purpura os rochedos, que chammeja nas nuvens, que recena os arbustos, que scintilla nas aguas e que polvilha de bruma dourada os ares finos. Os nossos olhos como que não sentem a impressão da arte, os quadros são como os postigos e o que vêmos entre a moldura, como na abertura d'uma janella, é a propria natureza luminosa — é a manhan, é o meio-dia, é a tarde. É a luz, emfim, em todos os seus aspectos, a côr em todos os seus matizes.

E a falta dos tons fortes, os toques pastosos, as manchas largas á espatula, as tintas superpostas, toda essa grossa placagem que dá ao quadro a rugosidade aspera de cascas esborcinadas, é substituida pela suavidade harmonica dos esbatidos, pelos contrastes que não ferem, como não ferem na natureza, pela doçura que ha em toda a verdade, quer ella seja uma flôr, quer seja um penhasco anfractuoso e nú.

Demais o que ha nessa pintura luminosa, que logo impressiona, é a poesia das coisas que se espalha de todas aquellas télas como o perfume se evola de um ramo de flôres — com a naturalidade de uma respiração.

A Arte não é a copia servil, é o sentimento ou a adoração da Natureza, como disse Ruskin. A obra de Arte não é bella por isto ou por aquillo, é

bella porque é bella. As regras são apenas caminhos e que nos importa que o artista tenha seguido por uma trilha por elle mesmo aberta se chega ao ponto em que se acham os mestres ?

Em Arte só ha um processo mau — é o do trivialismo, e infelizmente é esse o que mais admiradores tem.

O POETA

—

Os criticos de profissão devem estar afiando os ferros para a autopsia do gigante afim de que o mundo, que estremeceu abalado com a queda do colosso, possa conhecer o segredo da força que impulsionava aquella formidavel figura épica que, durante tanto tempo, fazendo soar uma lyra estranha, maravilhosa pelo prestigio, como as de Orphêu e de Amphião, moveu, a seu talante, as multidões insubmissas e as coisas inconscientes, agitou as almas e as florestas, as paixões e as tormentas fazendo com a natureza o que Prospero, o magico, fazia com a sua ilha e com as forças elementares, passivas e obedientes á voz d'essa poesia alada : Ariel.

Quem estudar a fauna prodigiosa do naturalista de Medan pasmará da sua estupenda faculdade de analyse : o que Buffon e Aubudon fizeram com os animaes elle fez com a natureza, com a differença, porém, de que os primeiros restringiam as

suas observações ao criterio scientifico e elle viu e descreveu com a larga visão da Poesia, sem se preoccupar com o estreito limite, rompendo, devassando todos os horisontes e todos os mysterios.

A sua obra é uma visão apocalyptica — ao lado de cada homem está uma besta monstruosa. Aqui é a Terra superficial, geradora dos frutos e das flôres, a Terra do pão e das rosas, o campo da seara e o jardim das violetas. É a Terra do sabor e do arôma, do alimento e do gozo : a besta fecunda, estendida ao sol e á neve, a ruminar sementeiras e mortos, devolvendo a cinza em estriga e em corolla, colorindo as camelias com a pallidez das virgens mortas, carminando as papoulas com o sangue absorvido.

É a besta tranquilla, a esphynge imperturbavel que devora o homem e o lar — consumidora e prodiga. Por sobre ella vão os arados, cantam os lavradores, chiliam os pardaes, resplandece o sol, alargam-se as sombras quietas, desce o crepusculo, pallejam os luares e a besta serena vê passar, uma após outra, gerações e gerações de rusticos, de avós a netos pisando-a, rasgando-a, conspurcando-a, até o dia fatal em que a sua boca escancara-se e fecha-se sobre o corpo gelado do camponio morto.

Ali é a Terra profunda, a Terra dos Telchinos, a terra obscura, o antro. É a besta spelea, o minotauro sinistro, a mina. Parece dormir e os homens, como os anões das lendas scandinavas, lá vão ao intimo abscondito, penetram, excavam, tiram-lhe as riquezas e o monstro consente até que, em dado momento, como aquelles dragões flammivomos dos barditos medievaes, sopra um halito

explosivo e as galerias aluem como se as garras da fera se plantassem nos homens subjugando-os, esmagando-os, triturando-os.

Subito uma agua jorra, é como a baba lubrificante que escorre. Os que pódem fugir correm alucinados ás caçambas e sobem ouvindo os gemidos das victimas e, alcançando o grande ar luminoso, respiram, gratos áquella resurreição ; mas lá os espera outra besta — a miseria, que os desnuda e os deixa ao frio, que os consome e os esqueletisa, que os prostra, que lhes rouba os filhos, que lhes prostitue as mulheres, que os converte em assassinos.

Outra « besta » — o mar, que o diga Lazare. Outra, o bosque, o Paradou, especie de Mylitta babylonica, Eden no qual as arvores, as aguas, o ar, a luz, os passaros, os insectos, são outros tantos poderes lascivos, ministros da eterna força irrecursiva que junge os corpos tirando delles a eternidade da especie, como do attrito dos lenhos, na mão do sacerdote aryano, saltava, viva e alegre, a esplendida centelha que mantinha perenne no altar, o corpo terreal e fulgurante de Agni.

Outra — a locomotiva, especie de *bôa* dos tempos humidos do planeta, quando ainda a crosta da terra era molle e fria como o barro que espera a plasmagem do artista. Lá vai a correr, arquejando, atravéz da névoa das manhans e da escuridão das noites, com o seu grande olho cyclopico a brilhar, o seu rostro rente aos trilhos, bufando fumo, lançando brasas, a assustar os rebanhos com os seus urros, cortando os campos, atravessando cidades, mettendo-se ariscamente pelas lócas, subindo aos montes, descendo aos valles, beirando rios, lançan-

do-se afoitamente sobre abysmos, ora alegre, ora exhausta, vivendo como se tivesse alma, morrendo como se tivesse vida.

Outra o commercio; outra a guerra; outra a Arte... e toda a obra, emfim, do admiravel artista, é uma scena de pygmeus em torno de um animal monstruoso.

A mesma *Naná*, como muito bem notou Lemaitre, que é senão a « besta » do vicio ?

« *Naná* est une belle bête au corps magnifique et malfaisant, stupide, sans grâce et sans cœur, ni méchante ni bonne, irresistible par la seule puissance de son sexe. C'est la « Venus terrestre » avec de « gros membres faubouriens ». C'est la femme rèduite á sa plus simple et plus grossière expression ».

Zola apresentava-se como um reformador filiado ao processo de Balzac quando, em verdade, elle foi o grande decorador do romantismo : o edificio estava prompto e sustentado pelas cariatides que fizeram a revolução de 1830, elle entrou e, levantando os andaimes, começou a ornar as paredes com os *frescos* soberbos da sua « *Historia natural e social de uma familia no segundo imperio* ».

Mesmo se lhe quizermos notar os processos e essa estranha psychologia das coisas vamos encontrá-la esboçada, á maneira larga de Miguel Angelo, por Victor Hugo — nos *Trabalhadores do mar*, o oceano ; em *Notre Dame*, a cathedral etc. — são as coisas vivas, as coisas animadas, os monstros que Zola desenvolveu classificando na mesma « familia » todos os achados que foi fazendo na vida — desde o mercado até Lourdes, na série das *Cidades*.

Os que se preoccupam miudamente com as analyses meticulosas pódem notar os defeitos na grande arte decorativa do possante autor dos Rougon-Macquart — eu contemplo-a á distancia, abandonando os detalhes fatigantes e só demorando a vista nos que revelam uma impressão poetica como a estropeada selvagem dos cavallos famintos, na *Debâcle* ou a morte de Albina, entre flôres.

Zola era um sincero : descrevia monstruosidades porque a sua visão poderosissima augmentava tudo, dando proporções collossaes ás menores coisas. Esse « naturalismo » que deu o Moysés é o mesmo que gerou o *Inferno* — é o naturalismo dos genios. A verdade é uma, mas sentida diversamente.

O luar que para Musset era um incentivo poético, porque é suggestivo, para o burguês é apenas pretexto para um passeio, á fresca : para o bandido é um cumplice ; para o sensual é um amavio ; para o melancolico é um motivo de tristeza ; para o alegre é o melhor incitamento á troça.

Zola via a natureza atravéz de um sonho pantheista. Elle era dos poucos que não acreditavam na voz prophetica que gemeu doridamente nas praias da Thessalia — para elle o grande Pan vivia. Poeta e poeta dos fortes andou sempre dentro d'uma illusão, seguindo um sonho ao qual resolvera dar o dôce nome de Verdade.

Foi um pessimista, e, por isto, rudes foram os ataques com que a Critica, mais d'uma vez, o foi perturbar na sua grande officina, esse castello de Médan de onde, todos os annos, sahia uma obra divina e satanica, como do solar do conde de Rai-

mond, numa noite sinistra, fugiu, aos gritos, Melusina, a mulher-serpente.

Nos livros do poeta ha esse dualismo — a cauda serpentina é enorme, mas prestai attenção e descobrireis em todos elles o busto e, dentro, um coração meigo pulsando com enternecimento como batia o da castellan, que, tornando á pena, enchia os ares de gemidos e orvalhava a terra de lagrimas pensando nos pequeninos filhos e no amor que deixára.

Em Raimond é a curiosidade a causa do Sortilegio ; em Zola é a imaginação, essa curiosidade do Ideal.

Sei que a Critica aprecia a parcella e na obra de um grande espirito procura, não só os largos traços como as pequeninas e mesquinhas insignificancias e, como os corvos, passa indifferente pelas bellezas, baixando immediatamente, com alegres crocitos, mal sente o fortum da carniça. Falo da pequena critica, a das varejeiras, que estão para os corvos como os chacaes estão para os leões.

Não vejo em Zola o homem da preferencia salaz. Mas se elle só foi repellido porque nos apresentou *Naná*, porque havemos de adorar Longus, com a sua Lycenion, Ovidio com os seus *Amores*, Vatsyayana com os seus conselhos, Apuleio com a sua *Metamorphose*, Theocrito com a sua *Feiticeira ?* A volupia é mais excitante do que a lascivia : ha seducção maior nos encantos que se adivinham, do que na nudez que se ostenta descomposta e impudica.

Ha exagero, mas sejamos leaes : o exagero é a qualidade propria do escriptor, é a sua maneira

— como elle exagera o mal exagera o bem, como exagera o homem exagera a natureza. Para Montsou aquella gente, para Sedan aquelles soldados e aquelles animaes fantasticos, para Coupeau aquella monstruosidade do *Assomoir*, para aquella vermina aquelle planturoso mercado do *Ventre de Paris* com os seus taboleiros, com as suas barracas onde parece accumular-se toda a producção das hortas fartas dos arredores da cidade.

A mesma virtude é exagerada como no padre Mouret, o mystico.

O estylo de Zola é formidavel. Elle não tinha a preocupação das miudezas, posto que, por vezes, se divertisse em detalhar; a sua intenção era o assumpto e, diante da téla immensa, lançava o desenho com a pressa fogosa de um delirante e, enchendo-o com as tintas, procurava, á força de côr, a verdade imaginada e, quando contemplava os seus horisontes como que ainda os achava apertados e lá ia com elles para mais longe, impellindo-os como se afastasse um biombo que atravancasse um aposento.

O que torna talvez monotona a grande obra é o forte tom marcial que d'ella sobe — é o mesmo hymno que regula a vida d'aquella gente — no campo e na cidade, nas minas e nas igrejas, nas gréves e no amor, na guerra e na balburdia dos mercados, nos *boulevards* e nas chans campestres.

O rythmo é o mesmo e tem-se a impressão de um cinematographo variegado, de grandes proporções, ora trazendo scenas épicas, ora apresentando episodios domesticos ou mostrando o trabalho agricola, a luta tremenda do camponez com a terra, ao

som da Marselheza, tocada estrondosamente e sem descontinuação.

Esse defeito do poeta épico desapparece por vezes e é quasi sempre attenuado pelo enthusiasmo que desperta ainda que prejudique, em certos lances, a emoção. Isso, porém, vem ainda provar que o grande escriptor era um extraordinario poeta que se deixava arrebatar pela musa, seguindo-a nos vôos arrojados.

Bem differente do tranquillo Daudet, que tão bem descrevia os homens e a vida, sem arrancos, com sentimento justo, com as proporções exactas. Um via a natureza e o homem e copiava-os, outro cantava-os com a voz forte com que os aëdos e os *ollans* dos tempos heroicos referiam os feitos dos guerreiros e descreviam as carnificinas e as quédas estrondosas dos muros das cidades.

Sei que a critica vai analysar a obra do romancista, eu fico contente com a minha admiração pelo poeta.

A DIRECÇÃO DO BALÃO

Craveiro, da extincta e florida firma de Craveiro & Rosas (chá, cêra, rapé e sementes) era homem de muita carne, de bom sangue, catholico e conservador. O pai, além de haver sido um dos esteios do partido, fôra, na mocidade, conservador d'um museu, onde, diziam as más linguas, encontrára a excellente senhora D. Brigida, modelo de honestidade e de magreza. O que lhe sobrava em virtude escasseava em carnes.

Até os vinte annos Craveiro Junior, que nascera intanguido, foi um mocinho amarello e magro, muito sujeito a bronchites e a colicas, sempre a tossir e a gemer pela casa, atabafado e molle. A mãi atirava-lhe para os hombros derreados todas as lans que encontrava ; o pai obrigava-o a trazer baetas sobre a pelle e D. Seraphina, todas as noites, fazia-lhe uma gemmada substancial com canella e cravo e punha-lhe aos pés, sob as cobertas, duas

botijas com agua a ferver, tanto que, uma vez, estando Craveiro a dormir quando a solicita senhora lhe chegou ás plantas o aquecedouro, o rapaz, num assombro, saltou da cama berrando que descera ao inferno, como Orpheu; e pôz-se a esfregar os pés, ás gadanhadas, mostrando bolhas que lhe haviam feito os ardentes ladrilhos do reino de Belzebuth. Apezar de todos os cuidados Craveiro continuava a amarellecer e a definhar, sempre a tossir, mastigando pastilhas, engulindo xaropes.

Não era bonito, tinha sardas e cravos (não fôsse elle Craveiro), os cabellos eram negros, mas raros, e a fronte ia-se-lhe alargando com a idade, o que maravilhava o velho que, ao contemplar a vastidão d'aquella testa, lisa e côr de marfim, que ia subindo a pique, dizia, com enlevo e orgulho — que era o talento, o fogo vivo do genio que esturricava a raiz do cabello como as chammas, em agosto, lavrando por um cerro, consomem, até ás raizes, as plantas que o vestem.

Apezar da prophecia do velho, o apregoado talento do rapaz era difficil, e só escorria, em fio escasso, em dias de festa domestica, arriscando, á mesa, um brinde trémulo. Quando se falou em mandar Craveiro aos estudos, D. Brigida oppoz-se aterrada aconchegando o filho aos ossos do peito:

— Medicina, Brigida; aventurou pacatamente o velho.

— Deus me livre! O que? para o pobre menino ter de estudar em defuntos e passar toda a vida á cabeceira de doentes, com risco de apanhar alguma coisa!? Deus me livre!

— Bem. Engenharia, então.

— Que engenharia, homem! Você parece maluco! Para um dia cahir d'uma ponte ou ficar debaixo d'um tunel.

— Então... direito.

— Nada! Póde, como promotor, accusar um sujeito de maus bofes, que mais tarde queira tirar vingança...

— Então, filha, só o seminário. Vamos mettê-lo no seminario.

D. Brigida sorriu desvanecida, mas veiu logo um suspiro contrariar o prazer:

— Sim, padre, isso era outra coisa, mas... e os jejuns? Elle podia lá com os apertados jejuns!? Não. Olha, queres a minha opinião? mette-o no commercio, dá-lhe sociedade na loja. Elle que venda chá, dizem que o chá ataca os nervos, mas é historia: o chá é inoffensivo, a cêra é grata ao Senhor e as sementes são a riqueza da terra.

— E o rapé? e as lanternas? e os fogos?

— É verdade. Mas seu Rosas póde encarregar-se d'essas coisas. Divida-se a casa em duas secções — uma para o pequeno, outra para seu Rosas.

E assim fez-se. Craveiro encarregou-se da 1.ª secção e o Rosas lá foi para a dos explosivos e dos esternutatorios.

Nos primeiros tempos a vida foi uma maçada tediosa para o mancebo: o dia todo ao balcão ou no escriptorio a vender cirios, barrigas, pernas, chá verde, chá preto, chá padre, aboboras e fuchsias. Pouco a pouco, porém, habituando-se, Craveiro deu em pandear — aos vinte e cinco annos era, todo elle, uma só, immensa barriga. Foi necessario alargar a porta do escriptorio para que o homem pas-

sasse. A mãi, alvoroçada, exigiu um exame medico e a sciencia, em lenta e minuciosa analyse, achou apenas toucinho. Foi uma alegria em casa.

Um dia, chovia a jorros, Craveiro bocejava no escriptorio com a fronte lisa sobre a mão, quando duas senhoras, acossadas pelo aguaceiro, entraram precipitadamente na loja. Era no tempo dos balões tufados, ahi pelos fins da guerra. A que parecia mais velha trazia um balão de pequeno diametro; a outra, porém, com as gotteiras que pingavam da saia, fez na casa um circulo maior que a roda massiça de um carro de bois.

Era uma criaturinha viva, d'um moreno quente e avelludado, olhos mais negros que jaboticabas maduras e com uma pequenina bôca que era mesmo um botão de rosa. O collo era alto e arfava, as mãos eram finas e arrepanhavam o mantelete com um brilho rico de anneis.

Craveiro, vendo-a, sentiu um tumulto no coração amadurecido para o amor e, como as duas senhoras se conservassem de pé examinando plantas, elle comprehendeu, com muita subtileza, que ellas não queriam saber de dhalias nem de azáleas, senão d'um pouco de agazalho até que a chuva estiasse; e offereceu cadeiras. Agradeceram e sentaram-se. A mais velha accommodou o balão; a mais nova, porém, por mais que batesse, por mais que aconchegasse, não conseguiu submetter os arcos rebeldes de crenolina, que ficou rebeldemente empinada e enfunada expondo á curiosidade lubrica de Craveiro os pequeninos pés da linda morena e um palmo de meias côr de rosa que eram uma tentação, ou melhor duas tentações.

Craveiro perdeu a cabeça e, de olhos gulosamente abaixados, admirava; os caixeiros ouviam-lhe os roncos e viam-lhe o fogo das pupillas incendiadas. Felizmente chovia e os fogos lá estavam na secção pyrotechnica do Rosas. Por fim a chuva serenou e as duas senhoras, com muitos sorrisos e agradecimentos, sahiram.

Craveiro não se conteve, tomou, á pressa, o casaco e abalou, a largas pernadas, chapinhando nas poças, escorregando no lôdo, a vêr a direcção que tomavam os balões.

Oh! aquella morena! Aquellas meias côr de rosa!... Via-a ao longe, muito tufada no grande balão que bambaleava, via-a e forcejava por alcançá-la. Mas a barriga! aquella barriga...

Num cruzamento de ruas perdeu de vista a linda criatura. Ficou a olhar pasmado: onde se teria mettido? Pôz-se a rondar o ponto em que se sumira a belleza, a olhar as casas, a tossir, a pigarrear... e nada! E ali esteve até tarde. Já escurecia quando, com o desespero na alma, o desventurado resolveu voltar ao negocio, mas, ai d'elle! já não era o mesmo homem calmo, sisudo, despreoccupado — tornou-se frenetico, deu em berrar com os caixeiros, em atirar murros á secretária e, em casa, á noite, cercava-se de papeis e punha-se a riscar, a calcular e em tal lida, ia, ás vezes, até á madrugada, suspirando e bufando.

O pai interpellou-o uma noite sobre aquellas vigilias que lhe compromettiam a saude e Craveiro, sem tirar os olhos do papel, respondeu seccamente:

— Estou vendo se descubro uma coisa...

De sorte que o velho, quando D. Brigida sus-

pirava attribulada com tantas noites em claro trabalhosas, dizia-lhe com uma ponta de orgulho

— Deixa lá o rapaz, está com a sua descoberta Eu, quando te dizia que elle devia estudar para engenheiro, tinha as minhas razões.

E Craveiro, sobre um complicado desenho que representava o cruzamento das ruas, collocava dois feijões pretos e um feijão cavallo — os feijões pretos representavam as duas aerostaticas senhoras o feijão cavallo era elle e tanto mexia com os taes feijões que perdia a calma e acabava a pesquiza atirando formidaveis murros á mesa e, já deitado esmagando os travesseiros, lançava ainda exclamações que atroavam a casa : « Eu hei de descobrir, custe o que custar. Eu hei de descobrir ! » E, tanto insistiu na famosa descoberta que, um dia, foi postar-se no tal cruzamento, perguntando a todos que passavam :

— O senhor (ou a senhora) não viu por aqui um balão com umas meias côr de rosa ? Não sabe que direcção tomou ?

Arrancaram-no d'ali, á noite. Estava louco.

Os pais quizeram conservá-lo em casa, mas Craveiro berrava com tal furor que a vizinhança, alarmada, recorreu á policia e o infeliz foi internado em um hospicio. O Rosas passou a dirigir as duas secções, D. Brigida finou-se ralada de tristezas, o velho seguiu-a pouco depois, e Craveiro lá ficou no hospicio colculando e engordando até que as banhas o prostraram a um canto do cubiculo, pesado e inerte.

Com os annos, porém, foi-se-lhe desvanecendo a mania e os medicos pensavam em dar-lhe alta e

teriamos cá fóra o estupendo corpanzil do antigo negociante se um incidente não o compromettesse. O medico passava a visita quando, justamente diante de Craveiro, voltou-se para o pharmaceutico que o acompanhava:

— Então, hein? temos o balão.

Craveiro estremeceu e arregalou os olhos, maravilhado.

— Parece que sim, doutor.

— Onde? bradou o louco, num rugido.

— Onde? Em Paris.

— Em Paris?! um balão? com meias côr de rosa?

— Como?

— Sim, senhor: meias côr de rosa. Acharam sempre, hein?

— Acharam; e foi um patricio nosso, mas... Que historia é essa de meias côr de rosa?

Craveiro teve um sorriso malicioso e, affagando a papada, murmurou:

— É cá uma coisa, doutor. Se eu, naquelle dia, tivesse descoberto a direcção... Ah! não lhe conto nada...

— Que direcção?

— A direcção que tomou o balão; eram dois.

— Um do Severo, disse o pharmaceutico.

— Qual Severo! Um era d'uma senhora magra, já idosa, a mãi, creio. Mas o das meias!...

— Que meias?

— Que meias, hein? que meias?

Poz-se a ranger os dentes, fechou ameaçadoramente os punhos e... foi mettido em camisola de

força. E agora a furia é contra o medico, porque entende o infeliz que foi elle (pobre dr. Brochado !) quem descobriu o balão ou antes — a direcção que tomou a dama que o vestia.

E lá está.

APOLOGIA

Que sôe o hymno de Archiloco a cujos accentos estavam tão habituados os ares finos e azues da Olympia que, mal auletrides e cytaredos o rompiam, entre as nuvens doiradas da poeira da arena revolvida, logo os écos o iam redizendo antes mesmo que os cantores o entoassem.

Que sôe o hymno de Archiloco celebrando a victoria dos athletas que, com o poder do musculo robusto e agil, conquistaram a gloria que fica perpetuada na inscripção tabular.

Os tempos são outros. Já os poetas não se levantam entre o povo, com a lyra enramada de oliveira pallida, o olhar ardente de inspiração, saudando os heroes da luta. Hoje a poesia é gemedora e fraca : arrula e suspira, não freme como nas eras pujantes, quando muito atita, porque lhe falta o heroismo de outr'ora que fazia do poeta um glorificador.

O homem definha e com a consumpção que lhe vai entibiando o corpo, a alma se lhe torna fraca, pusillanime, sem fé.

Já que os cantores contemporaneos preferem a mollicie do amor á valentia da peleja, um beijo ao arremesso seguro dum disco de bronze ; o abraço languido á formidavel tensão nervosa que exige um pugilato ; a caricia de um olhar humido ao flammejar dos olhos de antagonistas que se medem ; um gorgeio de mulher voluptuosa ao rouco bramir do auriga que, no estadio, excitava as parelhas da rapida quadriga ; uma promessa lasciva ao desafio heroico, genios do passado e tu, maior de todos, moço thebano, cantor sagrado dos grandes feitos de Epharmosio, vencedor nos jogos pythicos, neméus e isthmicos, empresta o teu genio immortal a um dos vates que melhor compõem a estrophe, com a imagem que a illumina e com a rima que a enfeita, para que elle dignamente descante o renascimento do culto e da belleza do Homem.

Salvé ! salvé ainda heróes do pareo forte que vindes levantar, com o vosso exemplo, a alma abatida dos mancebos patrios.

Um povo não se robustece na inercia. A mesma arvore, prisioneira pelas raizes, tem o vento como *lanista* que a obriga a exercitar-se : abalam-se-lhe os galhos, retorce-se-lhe a coma, a captiva debate-se violentamente como o leão que passeia na jaula e salta corcoveando para expandir a sua força nervosa,

O rochedo cravado tem o mar que o fustiga. A terra é como a Atalanta do espaço: corre vertiginosamente e, se se perde do sol que a vence, deixando-a nas brumas do inverno, é porque se curva para apanhar os frutos do outono que o Hippómenes flammejante lhe atira.

O homem, que se devia impôr pela força, como a mulher impõe-se pela graça, porque elle deve ser como o cedro e ella como a palmeira, copia os ademanes femininos e, a pretexto de ser esbelto, amaneira-se, fugindo a todo o exercicio, com receio de que se lhe callejem as mãos ou se lhe tufem os musculos endurecidos como os do Hercules Farnesio e o resultado é termos uma mocidade dessorada, tibia, muito encalamistrada, muito oleosa e trescalante, mas incapaz de um acto de energia, passiva por fraqueza, humilde por desalento.

A culpa, em verdade, não é dos moços, senão dos pais que os criam nos refolhos domesticos, atabafados, para que o ar não lhes dê tremuras, para que o sol não lhes creste a cutis, e, d'esse chôco o que sahe é uma ninhada a piar medrosa e transida, que encara a vida com medo e, á primeira difficuldade, encolhe-se e deixa-se morrer covardemente.

Se os governos das sociedades modernas não entendem, como o rispido Lycurgo, que o infante é um bem da patria que o deve affeiçoar, desde a idade mais tenra, ao destino que lhe cabe, que é o de ser um cidadão util na paz, como elemento de prosperidade e na guerra como elemento de defeza, cuidem, ao menos, de mostrar aos pais que os exercicios são a melhor medicina e a moral mais san — ganham com elles o corpo e a alma, desenvolvem-

se a força e a coragem, uma que é o fruto da robustez, outra que é a flôr da energia.

Felizmente parece que a mocidade já se vai insurgindo contra o regimen desmoralisador.

Coalha-se o mar de embarcações esguias que disputam a carreira na arena verde e mobil; corpos arrojam-se ao encontro da vaga e lá vão por ella ás braçadas rijas, ora levantados nas cristas espumantes, ora desapparecendo nos sulcos; as bicycletas affrontam os andurriaes, trepam ás serras, descem aos valles, atravessam florestas em viagens longas, de Estado a Estado; a péla elastica parte como uma bala da cesta dos fundibularios; cruzam-se floretes e sabres em punhos de esgrimistas; turmas flanqueam as parallelas, correm outras ao *lawn-tennis*. Ali é um trapezio que oscilla, além é um corpo que volteia na barra; mais longe vai o ginete sorvendo o ar dos prados frescos, levando um cavalleiro louro e moço e no campo, sobre a herva rasa, correm os *teams*, disputando a bola que bate, salta e vôa perseguida, indo d'um a outro, repellida, em ansia desensoffrida de victoria que dá á face dos luctadores a côr alegre e formosa da saúde.

É exercitando-se n'esses jogos energicos que o homem aprende a vencer na vida. O hoplita dançava a pyrrhica sob o peso derreante das armas.

O grego era um povo estheta que admirava o corpo formidavel de Sostrato dormindo nú, estirado na herva verde e cheirosa do Parnaso. O grego

corria aos gymnasios para applaudir os gladiadores. A Hellade atroava quando um mancebo conquistava, em Argos, a taça de bronze e as corôas ornavam a thymele tragica como a borda da biga triumphante.

Hoje, porém, raros são os que prestam culto á robustez. As raças succumbem anemicas : o Adão actual não se parece com o collosso de argilla dura cuja ossada era de rude granito — é uma figurinha de terra-cota, mais para a peanha do que para a arena.

Nem todos os pais querem vêr os filhos nesses exercicios — a maioria prefere vêr os seus mirrados pimpolhos, muito apertados em umas casacas que lhes dão o ar de grandes gafanhotos negros, fazendo numa sala voltas subtis de valsas.

Felizmente, porém, começam a apparecer os jovens reaccionarios, os que se revoltam contra essa vida abafada e molle de plantas de estufa e correm, com o peito forrado por uma camisa de malha, os braços nús, as pernas núas, ao ar livre reforçando-se ao sol que é o grande juiz e o apologista da força.

É preciso pensar um pouco no Homem, que é o responsavel pelo mundo, que é o fiador do Progresso. Não basta que sobre as vertentes das collinas e nas verdes planicies cresçam palacios de nobre architectura, alastrem relvedos de parques, refuljam serenos lagos ; que, por toda a parte, circulem activamente os vehiculos electricos, que haja monu-

mentos nas praças, centros de sabedoria, casas de diversão, casernas e hospitaes. É necessario que haja homens, homens que não fiquem avassalados pelas maravilhas, homens que não sejam ridiculos ao lado das magnificencias, homens, emfim, dignos da cidade, do paiz em que nasceram e no qual brilham pelo esforço e pelo espirito.

Que diria o estrangeiro que, ao saltar no cáes d'uma cidade toda de marmore, com avenidas de cedro, faiscante de fócos electricos, visse pelos degráus dos templos, nas raizes robustas das arvores, nos perystillos dos palacios, uma população enfesada, a tiritar de frio, macillenta e livida? Sorriria ou daria por mal empregada tanta belleza. Pois temos um meio de evitar esse ridiculo deprimente e o meio é bello e nobre e nos foi dado por um povo que é um dos orgulhos da humanidade — o inglês. Acceitemo-lo e tornemo-nos dignos d'esta grande patria, que é, como um jardim exuberante de Titania . . . habitado por pygmeus.

PALAVRAS DE UM STEGOMYA

Andava eu, á tarde, a espairecer no meu pequenino jardim, onde as angelicas apendoadas promettem, para dias proximos, varas floridas de fazerem inveja ao proprio S. José, quando um mosquito *(stegomyia fasciata)* imaginando-se, talvez, rouxinol, entrou a perseguir-me esvoaçando em torno da minha cabeça com um zumbido enfadonho, só comparavel aos exercicios de violino do meu melodioso amigo Eleutherio.

Esbordoei-me a valer, não para castigar o corpo peccador com as macerações que valem por maçagens espirituaes, porque robustecem a alma em graça e favor divino, mas para vêr se apanhava o terrivel e desafinado *stegomyia*. O animalejo, porém, que era astuto e agil, fugia á bordoada rindo-se da furia com que eu ia enrubecendo a cara e, principalmente, as orelhas.

Desanimado, retrocedia deixando o jardim,

áquella hora delicioso, quando me pareceu ouvir, não mais o enfadonho zumbido, mas palavras, palavras claras como as que sáhem da boca dos homens.

Voltei-me espantado á procura do meu interlocutor mysterioso e só vi o Jacintho, que regava um canteiro de violetas, calado como o proprio silencio.

— «O senhor póde ouvir-me em particular?» interrogou a voz mysteriosa. É estranho! exclamei, sentindo um arripio em todo o corpo e os cabellos crescerem-me na cabeça.

Quem me falaria? Que invisivel ser aereo andaria a divertir-se commigo á hora santa em que os sinos espalhavam, na serenidade da tarde, os dobres religiosos das Trindades? Demonio? não! demonios não ousam affrontar a voz dos sinos e poucos são os que se atrevem a fazer diabruras á luz do sol. (Faço excepção de ti, demonio de olhos claros e cabellos luminosos, tu não te preoccupas com os sinos nem com o sol, mesmo a primeira vez que te vi foi em uma igreja, na missa das onze e a manhan era das mais radiantes. Falo dos demonios do inferno e tu... tu és um demoninho do céu). Mas deixemos idyllios satanicos, vamos ao caso mysterioso. Quem me falaria?

Procurava eu o mysterio quando, de novo, ouvi a estranha voz:

— O senhor póde ouvir-me em particular? Quem lhe fala sou eu, *Stegomyia fasciata*, vulgo pernilongo, um seu criado.

Era o mosquito.

Não se espantem os leitores — já no tempo de

Esopo e depois nos dias de Babrius os animaes falaram e com o bom Lafontaine, isso, então, nem se fala!... até em francês se exprimiam, como dizia, maravilhado, o admiravel Salema. Assim, pois, não ha motivo para estranheza no que lhes vou contar.

Requestado, com tanta gentileza, pelo *Stegomyia*, não quiz ficar por baixo de um reles mosquito e respondi, tambem fidalgamente:

— Pois não, meu amigo, estou ás suas ordens. Quer conversar aqui mesmo ou prefere o meu gabinete, mais agasalhado e discreto?

— Aqui mesmo, senhor. Peço-lhe apenas que nos aproximemos d'aquelle sabugueiro em flôr para que eu descance em uma folha e possa falar com a calma necessaria, porque o que tenho a dizer é grave e reclama attenção.

— Pois vamos lá para o sabugueiro.

E fomos. *Stegomyia* partiu á frente, zumbindo, mas quando cheguei ao arbusto, foi um trabalho para descobrir o illustre animalejo e, se elle mesmo me não houvesse chamado, d'entre miudas florinhas, eu teria desistido da interessante entrevista que vou tentar descrever, omittindo pequeninos episodios como, por exemplo, as ciladas que contra o meu interlocutor armou uma aranha esperta, que o descobriu de longe e desceu, ligeira, por um fio, não logrando, porém, o seu perverso intento porque *Stegomyia*, que vê longe, safou-se chamando-me para junto de uma sempre-viva vermelha.

— Meu amigo, já que sabe o meu nome, quero que tambem saiba onde nasci e o que faço neste

ingrato mundo, onde só pódem viver em paz os grandes. As moscas, por exemplo, que são mais impuras que nós, porque nascem nas estrumeiras, não soffrem as perseguições de que somos victimas.

Nasci numa gotta d'agua, eu e mil e tantos irmãos que andam soltos por esses ares. Não conheci meus pais. Logo que senti forças para voar deixei a gotta d'agua, subi ao macio espaço e comprehendi immediatamente que o homem era o meu peior inimigo porque, tendo fome e procurando o nariz vermelho dum sujeito, não sei como escapei ao murro com que o perverso poz as proprias ventas em sangue. Voei e tive de esperar pacientemente que todos dormissem para, então, regalar-me á vontade. O grande crime : chupar um pingo insignificante de sangue, muitas vezes bem ordinario : mais agua que sangue, como o leite das vaccas ; outras vezes tão carregado de microbios que é um nojo bebê-lo, só mesmo por necessidade. Mais do que nós sugam as pulgas e quem é que as persegue com medidas hygienicas, os taes preventivos que nos põem tontos, principalmente uns pós que fazem uma fumaça dos diabos á qual não ha mosquito que resista ?

Os nossos filhos — e dizem que os homens são humanos ! — não chegam, muitas vezes, a vêr a luz do sol — matam-nos *ab-ovo :* despejando as tinas, estancando as pôças, não deixando agua, nem mesmo nos jarros, só para que não tenhamos lugar para a criação da prole. É justo ? Deus disse : « Crescei e multiplicai-vos » e os homens, contrariando a ordem expressa do Senhor, querem que diminuamos, mais do que isso : que desappareçamos e empregam todos os meios para que a ini-

quidade se realise. E porque? porque uns sabios affirmaram que os transmissores da febre amarella somos nós.

Ora, francamente, ou taes sabios não enxergam uma pollegada adiante do nariz ou querem imitar aquelle lobo da fabula, porque a verdade é que nós entramos nessa historia de febre amarella como Pilatos no Crédo. Dizem elles:

«O mosquito é o transmissor certo e talvez o unico da febre amarella, do impaludismo (febres intermittentes), etc.

O mosquito transmissor da febre amarella, muito commum nas nossas habitações, é o *stegomyia fasciata*, conhecido geralmente pelo nome de — *mosquito ou pernilongo rajado*».

Eis a accusação. Agora vou eu, em meu nome e em nome de todos os meus irmãos, produzir a defeza que o senhor me fará o obsequio de tornar publica:

O mosquito é o transmissor. O que transmitte é aquelle que faz passar além ou de um corpo para outro, no caso vertente, alguma coisa, que aqui é o germen da tremenda pyrexia. Entre mosquitos — e o senhor póde consultar a estatistica da nossa mortalidade — nenhum foi jámais victimado por essa doença, propria do homem. O que acontece é o seguinte — nós (e, como nós, muitos d'esses que se dizem philantropicos) vivemos á custa do sangue humano, assim quiz o Senhor que fôsse e assim ha de sempre ser: o homem é, pois, o nosso hotel. Ora, se o senhor entrar, um dia, no seu hotel e comer um bife com cogumellos (eu detesto os gallicismos porque sou jacobino) que lhe ponha no

estomago uma carga soffrivel de toxicos, culpa d bife ? não, atira a responsabilidade para os cogu mellos que o envenenaram, não é verdade ? Poi comnosco é o que se dá : nós sômos o bife, os cogu mellos são o sangue humano. Se alguem tem di reito a queixar-se não é o homem, é o mosquito qu bebe cada sangue que é mesmo uma immundicie

Eu já bebi um sangue que era só cerveja, bebi digo mal, provei e, enjoando, porque detesto be bidas, fui procurar outro sangue mais sóbrio e en contrei-o em um rapaz. Mal comecei a sugar-lhe a nuca, que era alva como a de uma mulher, sent que a cabeça do rapaz oscillava. Estava na môna por inoculação de ebriez, dirá o senhor — enga no : estava com uma congestão e morreu, horas depois. Fui eu o transmissor da molestia ? não Eu podia, quando muito, ter transmittido uma be bedeira, não acha ? mas congestão, nunca !

Porque não cuidam os homens de purificar o sangue ? Ha tantos purificadores — o mercurio, o iodureto, o arsenico e ainda outros. Não ! enchem-se de molestias e depois querem que os mosquitos, que comem sardinha, arrotem garôpa, como vulgarmente se diz. Não — o mosquito não transmittiria a febre amarella se a não encontrasse no sangue.

E não fica nisso, ha de vêr — dir-se-á amanhan que o mosquito é o transmissor de todas as molestias physicas, mesmo de algumas moraes, vehiculo nefando dos germens nefastos á vida e á moral. Assim, se certa dama incorrer em grave falta, ninguem attribuirá o peccado á sua cabecinha leviana nem ao seu temperamento abrasado, mas aos mosqui-

tos e como hoje, de accôrdo com a doutrina de Lombroso e *tutti quanti*, não ha mais criminosos, senão degenerados de varias categorias, não haverá, igualmente, impudor, mas dentadas de mosquitos. E será frequente ouvir-se : « Coitada de fulana, uma senhora tão séria, para o que havia de dar. Aquillo foi algum mosquito que a mordeu levando virus de amor ». E quando se der algum desfalque tambem se poderá dizer :

— Veja você, o Cabedello, um exemplo de honestidade. Quem diria ! Eu, custa-me a acreditar. Para mim ali andou pernilongo. E o mosquito passará a ser o bóde expiatorio ou o burro de carga de toda a pouca vergonha !

Se tivessemos um laboratorio de analyses os amarellentos podiam ficar descançados porque não lhes iriamos á pelle, mas o mosquito, como o poeta, *prend son bien où il le trouve.* E ainda berram.

Berrem contra os que apanham febre amarella, berrem contra a sujeira, contra o desaceio, contra os comedores que nada fazem e não estejam a descarregar a culpa sobre o mosquito.

Ha mosquitos em Paris, em Londres, em Bruxellas, em todas as cidades, em todo o mundo e porque não se manifesta universalmente a febre amarella ? Respondam — é que em todo o mundo são mais os actos do que as palavras.

Saneem a cidade e hão de vêr que o mosquito, sem perder os seus habitos de sangue-suga, será tão inoffensivo ao homem como as andorinhas que chilream á beira do seu telhado.

Uma criança, mamando no peito de uma ama inficcionada, não só ganha o mal como, passando

ao peito d'outra ama, logo o transmitte. A culpada é a criança innocente ? não, culpada é a ama. É o caso do mosquito.

Agora, meu senhor, por quem é, defenda-nos, escreva sobre nós, não é vergonha para a sua penna descer a um bichinho tão infimo — o grande Virgilio escreveu o *Culex*.

E adeus ! Prometto em meu nome e em nome de todos os *stegomyias* que, se escrever sobre nós, poderá, d'ora avante, dormir sem mosquiteiro, palavra de pernilongo.

E eu, para não ser mordido, prometti ao *stegomyia* reproduzir as suas palavras e cumpro a minha promessa.

BURRO OU CÃO

Burro ou cão ? E Melchisedec da Silva, de mãos nos bolsos, media, a largas passadas, o seu quarto de sabio e celibatario com uma duvida no espirito, mais incoercivel que a de Hamlet : Burro ou cão ?

A mascara de burro, um primor, lembrava a cabeça asinina que Puck fez crescer sobre os hombros de Bottom ; a de cão era tão perfeita que o velho Pachá andava pelos cantos eriçado, desconfiado, a roncar. Melchisedec não se decidia e, hesitante, queimava charutos e era tanta a fumaça no aposento que as estantes, altas e atochadas de preciosos volumes, desappareciam abrumadas pelo fumo, menos denso, entretanto, do que a duvida que escurecia o claro espirito do profundo psychologo. Burro ou cão ?

Quando entrei para consultar o meu esclarecido amigo sobre um aphorismo complicado de Mencio, o espanto reteve-me á porta, sobre um velho atlas

de ethnographia que servia de capacho. Não vi Melchisedec, o que vi foi uma especie de Anubis, de pyjama, contemplando-se a um espelho com serenidade. O velho Pachá bufava trepado na mais alta estante, com os olhos rebrilhando como duas brasas. Por fim o cynocephalo voltou-se para o meu lado, e, em vez de ladrar, disse-me com intimidade : « Entra, homem » ; e logo reconheci a voz do meu erudito amigo que, para tranquillisar-me, retirando a mascara, mostrou-me o seu rosto magro e pallido onde a barba crescida punha uma arripiada sombra.

— Que capricho é esse, Melchisedec? O sabio encolheu os hombros estreitos e sentou-se cançadamente, com um suspiro. Vais sahir fantasiado?

De novo encolheu os hombros com indifferença. Por fim, depois de alisar a fronte vasta, perguntou-me :

— Que dizes : burro ou cão ? !

— Burro ou cão ? ! não te comprehendo, Melchisedec.

Intimamente eu sentia um alvoroço contando com uma nova e argúta subtileza philosophica e cravei os olhos na face macilenta do austero homem.

— Não me comprehendes?

— Não.

— Pois não ha difficuldade alguma na minha pergunta. Senta-te e ouve.

Sentei-me e dispuz-me a ouvir a palavra, sempre fecunda, do grande e desconhecido commentador dos moralistas chinezes.

— Sabes que fui, de novo, preterido por um mocinho chamado Alfredo, filho de um chefe politico

que dispõe d'uma centena de votos por ahi algures. Estou vivendo dos meus livros e, levantando o braço direito, o mesmo que elle eleva para os céus, á noite, para apontar as constellações luminosas, mostrou-me uma das estantes, consideravelmente desfalcada.

— Estás vendendo os teus livros, Melchisedec ? ! exclamei pasmado e indignado.

— Alguns. Que hei de fazer? o senhorio e o estomago são exigentes. Mas vamos ao caso : fui preterido e queres saber porque ?

— Porque não levaste empenho.

— Talvez tenhas razão, mas eu attribúo á fama que vocês, meus amigos, criaram em torno do meu nome : que sou um homem de estudos, que tenho o meu bocado de philosophia, que penso, que escrevo a lingua sem grandes erros compromettedores . . . e que sou independente. Estudos e inteireza de caracter são duas qualidades más para quem precisa. O regimen é dos mediocres . . . e dos bajuladores : burro ou cão, não te parece ? Na face magra de Melchisedec tremeu um sorriso triste. Aquelle rapazote, que foi nomeado secretario de legação, foi meu alumno durante tres mezes. Quando se inscreveu na secretaria ainda escrevia *omenajen* e affirmava que a primeira missa no Brasil fôra rezada na igreja da Candelaria. Lá está na Europa e Deus o tenha por lá muito tempo para que a lingua não soffra com os seus constantes ataques. O governo entende que, como elle vai viver no estrangeiro, póde, perfeitamente, dispensar o português.

O regimen é dos mediocres e dos engrossadores;

como agora se diz. Um homem secco, como eu, não póde engrossar, mas tambem não me convém morrer á mingua. Preciso arranjar alguma coisa. Com a minha cara estou certo de que não consigo um lugar de porteiro nem mesmo de varredor. Tenho aqui duas mascaras, qual d'ellas devo levar : a de burro ou a de cão ? Qualquer d'esses animaes tem cotação : o ignorante impõe-se, o servil consegue tudo. Estamos no carnaval e estou aqui ensaiando os papeis de burro e de cão e amanhan, optando por um ou por outro, lanço-me por ahi á aventura, subo as escadas da primeira secretaria, dirigo-me ao ministro e zurro ou gano.

— Tu estás pessimista, Melchisedec.

— O que estou é convencido de que isto é o paiz dos analphabetos e dos zumbridos. Olha que é um crime saber lêr, meu caro. Vivi a absorver sciencia e litteratura e hoje não tenho uma camisa decente. Que é o carnaval ? a vida voltada pelo avesso, não te parece ? Todo homem tem em si uma feição que se occulta sob as conveniencias. Anthero, que é mais triste que uma missa de setimo dia, só se fantasia de palhaço e tem graça, faz rir a valer — ninguem dirá que, sob aquella mascara comica, está a cara consumida do mais tacitumo homem que o sol cobre. Na quarta-feira de cinzas Anthero recomeça a pensar no suicidio. As crianças, que são verdadeiros diabretes, trocam, de bom grado, o mais rico trajo de principe, pela ganga rabuda de um diabinho ; os *velhos*, são, em geral, rapazes lepidos. Eu vou virar-me pelo avesso mostrando-me burro ou cão e, quem sabe lá ? é até possivel que se dê commigo o que se dá com o An-

thero : que os solecismos me acudam em borbotões e que a minha espinha se torne mais flexivel do que um junco.

Queres, em summa, a verdade ? vou exercitar-me, vou aproveitar os tres dias de irresponsabilidade para despejar asneiras, afeiçoando-me aos barbarismos indispensaveis e para lamber todas as mãos e todos os pés que me apparecerem. A vida é dos que mais fingem — tudo está em saber disfarçar.

O rapazote não está a percorrer cidades, de embaixada em embaixada, a rir-se, e com razão, das minhas preoccupações espiritualistas ? E eu que faço ? não tenho uma côdea para roer e durmo sobre um catre duro, como um penitente. A sociedade deu-me o diploma de sabio, pois bem : faço agora questão de merecer o titulo de besta e só me considerarei feliz no dia em que ouvir á minha passagem, coisa que se pareça com isto : « Ali vai o maior camelo d'esta terra ! » No dia afortunado em que tal coisa se dér, poderás procurar-me porque serei uma influencia no paiz. A duvida que me retém é esta : Como devo ir : de burro ou de cão ?

Eu estava pasmado e o meu espanto cresceu de ponto quando Melchisedec enfiou na cabeça a mascara de burro e sobraçou um grosso volume :

— Que diz você ? roncou. Estou bem assim ?

— Eu acho que tu o que estás é doido, Melchisedech.

— Não te pergunto se estou doido, pergunto-te se estou bem como burro.

— Isso estás.

— Pois então, meu amigo, prepara-te para a surpreza.

— Que vais fazer ?

— Vou ao ministro. Ponho-me de quatro pés, subo as escadas, ornejo diante do reposteiro, entro, escoucinho, e . . .

— E sahes corrido a pauladas como aquelle burro da fabula que se metteu a fazer caricias.

— Então vou de cão. Filho, irrompeu de repente, eu preciso fazer pela vida, isto assim é que não póde continuar. É preciso transigir ? transijo. Os homens querem a mediocridade lisonjeira, seja feita a vontade dos homens.

— Vais renegar a sciencia, relapso ?

— A sciencia ? tudo ! o que eu quero é um emprego. Vou passar o resto da vida disfarçado em asno ou em cão ou alternativamente : em cão e em asno. Viverei como *Pelle de burro* — em publico besta quadrada, em casa, com o ferrolho corrido, philosopho espiritualista. E que pensas ? A maior parte dos fantasiados que por ahi anda esmóe uma idéa. Despe o *princez*, desmacaro-o e talvez encontres debaixo da belbutina um desgraçado que se atordôa ou um infeliz que tem fome. Já alguem observou que o carnaval, nos tempos de crise, é sempre deslumbrante — é que a loucura é proporcional ao desespero. Ha homens que bebem quando têm maguas. Dizem que é a festa da Folia, a apotheose da Hypocrisia é que é. Como eu quantos haverá ámanhan nas ruas ? Emfim, nada tenho com os outros. Dize lá — como devo ir : de burro ou de cão ?

— Não sei, Melchisedec.

— Vou de cão . . .

. . . . . .

Se os senhores encontrarem pelas ruas um sujeito pequenino, magrinho, com uma cabeçorra de cão, lastimem-n'o : é Melchisedec que anda cynicamente a mendigar emprego ou a ensaiar-se para um alto cargo.

Pobre Melchisedec ! não sabe o misero que a gralha póde disfarçar-se em pavão, mas o pavão . . . esse é que nunca se disfarçará em gralha. Com cabeça de cão ou de burro elle ha de ser sempre o mesmo philosopho, o mesmo erudito, incompativel com as propinas gordas. Em todo o caso não lhe matemos a esperança — deixemo-lo illudido nesses tres dias de illusão.

— Burro ou cão . . . que animal ! ! ! !

MANOEL VICTORINO

A infancia de Manoel Victorino parece moldada no versiculo do evangelista : « Nonne hic est fabri filius ? » Não era elle, como Jesus, filho de um artifice ? Não foi em uma officina que passou os seus primeiros annos serrando, acepilhando a madeira, afeiçoando-a a movel, lixando-o, envernisando-o, com os pés afogados em maravalhas, entre operarios, seguindo os conselhos paternos como o syrio misericordioso ouvia as palavras do carpinteiro que, á sombra da vinha domestica, enxameada de abelhas, escavacava, a enxó, o lenho dos montes?

A mesma cidade natal, alta, em formosa situação dominando o mar liso, com a sua população mixta e a sua verdura tão viçosa nos eidos e nos pomares, lembra a Galiléa messianica, que Ammiano comparou ao Paraizo pela doçura do ar, pela pureza cerulea do céu, pelo perfume das flôres, pela belleza languida das mulheres.

Ali cresceu o infante no trabalho, entre os irmãos e os operarios — com o homem simples que vinha do povo, com o tronco sahido da floresta : o primeiro, conservando ainda todas as tradições puras do passado ; o segundo ainda a exhalar o perfume silvestre das resinas — os representantes robustos das duas grandes forças humildes : a plebe e a selva.

Ali cresceu em virtuosa actividade e d'ali sahiu para o Sanhedrin tornando-se, em pouco tempo, o mais argúto e o mais brilhante dos doutores.

Do passado não se desligou jámais renegando-o por vergonhoso. O seu prazer era mostrar, na sala nobre da sua residencia, a cadeira que fizera na officina paterna : era o seu brazão de orgulho.

Conhecendo a vida, porque a vivera desde o gráu mais modesto até o solio mais alto, de cima, como se o coração lhe houvesse ficado na raza planicie de onde partira, tinha sempre os olhos abaixados para o soffrimento dos que fervilham obscuramente na miseria desconhecida e era por elles que a sua palavra resoava ferindo toda a gamma das angustias ; era por elles que a sua penna, forte como uma clava e delicada como um plectro, rodopiava demolidora ou vibrava suavemente a harpa das elegias ; era por elles que o seu genio criava e a sua mesma força vinha d'aquella humildade tanto que, quando um adversario, querendo abatê-lo, referiu-se, com desprezo, á sua origem, vimo-lo sahir mais alto d'aquella modestia. O Nada deu mais grandeza a seu filho e do opprobrio da accusação rebentou o esplendor da defeza, como das chagas de Jesus sahiu a gloria da sua doutrina.

O povo devia amá-lo porque elle era o seu mais legitimo representante. No passado tinha apenas para mostrar a porta de uma officina, mas, estendendo a penna, apontava o Futuro, cujas ondas ia apartando para levar a Chanaan os que confiavam no seu prestigio e na sua coragem.

Morreu pelejando, cahiu na trincheira e, como o soldado fiel que, ao sentir-se ferido, procura, na confusão da batalha, a bandeira pela qual verteu a ultima gotta de sangue, elle, na agonia, pediu ansioso: «Abram as janellas! deixem-me vêr o sol. Quero morrer vendo a luz!»

Era o combatente que procurava com os olhos a bandeira sob a qual pelejára. Queria vê-la, ainda uma vez, como se pudesse levar para a sombra do tumulo a sua visão, a visão esplendida do céu azul, da manhan illuminada em ouro pelo sol que subia. E foi, effectivamente, o seu lábaro, a Luz, na sua fulguração mais bella: a Verdade.

Pela Verdade foi que elle surgiu entre os guerrilheiros da santa campanha da abolição. Era ainda estudante, conservava, talvez, nas mãos os callos da ferramenta quando lançou o seu grito de guerra correndo a juntar-se aos propagandistas da redempção. O que elle foi como abolicïonista dizem-n'o os seus escriptos, repete-o o povo rebuscando na memoria as palavras flammineas com que o seu patriotismo ou, melhor, a sua philantropia verberava a exploração cruel da gente negra.

Vencida a primeira batalha logo empenhou-se, com o mesmo atrevimento, em outra, e foi dos que mais lutaram esquecendo interesses, e só visando o triumpho ideal e, até a hora em que estrugiram os

clarins da victoria, ninguem o viu desfallecer, ninguem o encontrou repousando.

Como o Macchabeu estava sempre nos pontos mais arriscados e foi a sua ansia nobre de refazer a cidade do Futuro que o matou. Ficou sob as ruinas quando, a grandes camartelladas, procurava desempecer os lugares ainda tomados por construcções defeituosas para nellas fazer subir o edificio novo e admiravel que sonhava.

O hebreu, filho de Matathias, cahiu sob o pachyderme monstruoso que, partindo das alas syrias, incitado pelo cornaca, esmagava no campo a gente israelita. Cravando-lhe a espada no ventre o heroe não mediu a força nem poude escapar a tempo á queda da mole viva, e foi por ella apanhado. Assim elle, na luta, sem olhar as consequencias, ouvindo apenas a voz do patriotismo, affrontou o perigo e, quando quiz recuar, as forças depauperadas negaram-lhe a necessaria energia e o vencedor ficou sob o peso do vencido.

Era um typo de raça, um dos ultimos representantes d'esses heroes em que tão fertil tem sido a gloriosa Bahia, que reune nos seus filhos o brilho dos athenienses e a audacia dos lacedemonios.

O seu enterro foi uma apotheose, todas as representações populares acompanharam ao frio silencio o despojo do grande homem como se nelle vissem um viatico que se recolhia. Foi a homenagem respeitosa com que os soffredores quizeram honrar aquelle envolucro de onde sahia, em clarões, como do sarçal montesino, o verbo eloquente da defeza e os protestos altivos contra o Erro.

Com Manoel Victorino desappareceu mais uma das glorias que nos orgulhavam.

Homem multiplo, elle era o sabio e o poeta, o fundibulario e o artista, o cyclope e o miniaturista.

De volta da sua viagem á Europa, reassumindo a cathedra de lente e tornando á clinica, arrebatava o seu auditorio de alumnos com a belleza da phrase, sempre culta, com que deslindava todos os segredos da sciencia e, á cabeceira dos enfermos, maravilhava os collegas com as audacias de alta cirurgia, recompondo, por meio da autoplastia, faces corroídas ou propondo e realisando resecções e ablações que pareciam loucuras. Terminada a operação, deixando o allivio áquelle que gemia, purificando as mãos que haviam chafurdado em sangue e em ichor, sentava-se á mesa e o cirurgião desapparecia e no seu gabinete tudo se transformava: o tabix do esqueleto cobria-se de carnes, um sangue entrava a colorir os labios que se entreabiam, onde só havia o rictus sinistro, olhos accendiam-se nas orbitas vazias, voltava o sorriso á face; o gesto, o movimento accionavam o que era inercia e o symbolo triste da Morte apparecia sob a feição risonha da propria Vida: era a Musa inspiradora! E a mão que, minutos antes, havia retalhado a carne, esborcinado a pustula, lá ia, obediente á inspiração divina, traçando o periodo scintillante, onde a idéa fulgurava facetada carinhosamente pelo capricho requintado de um artista magnifico.

Mas se o barbariso se levantava nas ruas, se partiam justas queixas do meio do povo opprimido, elle deixava a sua torre de marfim e, subindo

ao posto de combate, com a furia de um lapitha, era vê-lo lá de cima a arrojar catapultuosamente penhas sobre penhas, como a ave monstruosa da lenda persa que, remigiando na altura, de azas largas, para vingar-se, guindava penhascos até perto do sol e, lá de cima os deixava cahir, destruindo com elles esquadras nos mares, e aldeias em terra.

Morreu pobre como o homem da cabeça de ouro, de Daudet que, depois de haver enriquecido meio mundo com as preciosas lascas do craneo, um dia, querendo comprar um par de botinas, levou os dedos á cabeça, que era o seu thesouro, e tirou-os ensanguentados, com umas miseraveis estrias de ouro... «Il y a par le monde de pauvres gens qui sont condamnés à vivre de leur cerveau, et payent en bel or fin, avec leur moelle et leur substance, les moindres choses de la vie. C'est pour eux une douleur de chaque jour ; et puis, quand ils sont las de souffrir...» e assim termina a *Legende de l'homme à la cervelle d'or.*

O que morreu tinha ainda uma copiosa riqueza na grande mina, mas dava-a toda aos que a pediam. Aquelles labios não sabiam dizer não! E lá ia elle a todos os trabalhos, mostrando-se em todos os lugares, na hora do combate ou no instante da caridade — fulminando ou implorando, batendo-se pelos opprimidos ou pedindo para os pequeninos e para os valetudinarios.

Na sua casa da rua Leite Leal, nas Laranjeiras, disse-me elle uma noite, a proposito da litteratura: «que era uma carreira ingrata, menos ingrata, todavia, que a politica. Não me aconselhava a deixá-la porque eu poderia responder com o mesmo

conselho e elle teria de calar-se e concluiu: esses idealismos são sempre fataes. A politica é tambem uma poesia ».

Toda a vida d'esse extraordinario lutador de rija tempera, mas desprovido de couraça, porque não tinha o egoismo para defender-lhe o corpo nem a indifferença a reforçar-lhe o coração, residia no cerebro, que funccionava como um pharol mostrando ora a luz branca da paz, ora a luz verde da esperança ou o clarão sanguineo do combate.

A tempestade rugia em torno d'elle, tremenda, os vagalhões assaltavam o seu rochedo cuspindo-lhe a baba salgada da injuria, e elle, indifferente, continuava a alastrar o mar procelloso com o clarão salvador do seu genio — por elle fugiam os navios evitando a costa tenebrosa salteada de rochedos e as alcyones vinham bater as azas de encontro á sua luz como se tentassem fazer a tréva, mas só conseguiam maguar-se e cahiam palpitantes nas rochas do seu pedestal. As procellarias gritavam, longe, na vaga, receiando affrontar o esplendor e todos os monstros marinhos, que esperavam a carniça dos naufragios, olhavam, com odio impotente, aquella fulguração bemdita que abria na ferruginea densidão uma clara estrada por onde os navegantes pudessem levar seguramente os barcos frageis.

Como não visse clarão de sol e a noite se prolongasse pelo dia o pharol não se apagava e, aclarando, resplandecendo, ia sendo minado na base pelos vagalhões assaltantes e, repentinamente, fragorosamente, eis que a torre desaba deixando em negra escuridão a costa e o mar sinistro onde agora

érram, entrechocando-se, os navios perdidos e alcyones, monstros e procellarias festejam, com alegria selvagem, a catastrophe.

Misero e grande luzeiro, tiveste a sorte de Prometheu e mais do que o grande piedoso que viu apenas as filhas de Oceanus chorando lamentosamente em torno do seu presidio, tu tiveste toda a Patria a chorar em volta do teu corpo, e se, como na linda poesia do grande lyrico das *Levantinas*, as lagrimas que a tua morte arrancou corressem em um só caudal por elle iria fluctuando o teu esquife como uma *bari* divina descendo na correnteza de um rio de saudade.

O VIOLINO [1]

No recesso mais temeroso de embrenhada floresta, onde o sol era tão raro como os passarinhos, avultava, calada e sinistra, alta e de muros de ferro, cercada por um fosso no fundo do qual luzia uma agua morta, logradouro de rans que, desde o cahir das noites, alteravam o silencio com um lugubre côro, a alcaçova do genio.

Homem algum, cavalleiro ou lenhador, por mais atrevido que fôsse, jámais chegára áquelle encantado sitio ; as mesmas aguias temerarias, ainda acossadas pelas tormentas, evitavam, espavoridas, as ameias da mansão ; só as estriges e os vampiros chirriavam, trissavam esvoaçando em volta das

---

(1) Improvisado no *Club Campineiro*, na noite do concerto do violinista Diaz Albertini, e escripta a pedido de varios admiradores do extraordinario artista, para que fique como lembrança da encantadora festa.

torres sombrias onde tinham os seus ninhos bem agasalhados.

Um exercito de gnomos e enxames de sylphos vigiavam a terra e o ar e, á beira dos rios, nas pedras das fontes, nixes e ondinos, com os cabellos verdes emmaranhados de algas, faziam a guarda silente das aguas e ai ! de quem se aventurasse pelos meandros de tão fechado bosque ! Aquelle que chegava a avistar o viso d'uma das torres não olhava jámais o sol que redoura os campos.

Tão tristonha morada, perdida na selva, devia ser como um carcere. Quem a visse, quem a percorresse, não lamentaria o sequestro do mundo. Os salões, que eram incontaveis, variavam no feitio e na riqueza. Neste, os muros eram todos de prata ; noutro eram de claro crystal ou de onix negro e rebrilhante. Os tectos resplandeciam como céus recamados de pedras finas. O ladrilho era todo de porphyro, de aventurina, de topasio e de jalde.

Fontes aromaticas, golfando sonoramente, refrescavam, perfumavam todos os aposentos e os jardins immensos, de aléas semeadas de mica, estavam sempre floridos e por elles, festivamente, cantavam legiões de passaros mimosos e graciosas corças e antilopes, juntos, á beira dos lagos espelhentos, olhavam pensativamente os cysnes que nadavam.

Não havia, entretanto, em toda a immensa alcaçova, a sombra de uma ancilla — todo o serviço era feito mysteriosamente e a unica criatura que habitava a vastidão era a mimosa e linda princeza Eudalia.

Filha de reis, tinha Eudalia cinco annos quando, uma tarde, passeiando entre as aias nas alamedas do parque real, foi arrebatada por uma aguia que, sem dar tempo a que acudissem, voou, voou tão alto que, quando as aias, sahindo do espanto em que ficaram, ergueram os olhos, nada mais viram no espaço senão as nuvens que se accumulavam.

Foi uma consternação na côrte e em todo o reino. Emissarios sahiram propondo premios a quem descobrisse o paradeiro da princeza. Por fim lembrou-se o rei, para animar as pesquizas, de offerecer a mão de Eudalia e a corôa real a quem a conquistasse ao genio, porque um feiticeiro, consultando os seus grandes livros magicos, chegou a descobrir que o rausor era um genio e dos mais poderosos. Foi tudo em vão.

Cobriu-se a côrte de luto, mas com o correr dos annos, Eudalia foi esquecida — só a rainha a chorava quando, atravessando a camara deserta, via a cama de fios de prata em que d'antes sorria a princezinha.

Eudalia, emtanto, crescia feliz na merencorea alcaçova da selva. Nada lhe faltava — os seus desejos eram immediatamente satisfeitos.

A principio espantava-se de vêr a mesa servida sem que apparecessem criados, de ouvir musicas e cantos, de achar flôres na sua camara, de ser levada suavemente d'um a outro ponto sem vêr, sem sentir os braços que a transportavam ; pouco a pouco, porém, habituando-se á vida de encantos, achava naturaes e simples todos os prodigios.

O genio, esse, só de longe em longe lhe appare-

cia, porque andava, quasi sempre, errando. Era um lindo mancebo louro, de olhos azues, mas triste, de uma tristeza que se communicava á alma da formosa Eudalia, já então moça e linda.

Quando elle permanecia no castello, tempo tão curto e tão feliz para Eudalia! ella cercava-o de carinhos, tomava-lhe ao collo a formosa cabeça e, ameigando-o, asseteava-o com perguntas sobre a sua vida, sobre o mysterio d'aquella residencia; elle, porém, mantinha o mutismo, e para evitar mais perguntas, pretextava uma viagem e levantava-se á pressa. Sempre, porém, que tinha de sahir, chamava Eudalia e recommendava-lhe que respeitasse o salão que era fechado pela porta de bronze.

Succedeu, porém, que, sendo, d'uma das vezes, mais longa a demora do genio e conhecendo Eudalia todas as maravilhas do solar, cresceu no seu coração o desejo de vêr a sala prohibida. Que estranhos e admiraveis thesouros haveria lá dentro?

Durante quatro dias com as suas noites Eudalia lutou contra a curiosidade para não faltar á promessa que fizera; no quinto dia, porém, caminhando ao longo do corredor que levava á sala do mysterio, desejou, com ansia, vêr o que nella se continha e, como todos os seus desejos eram immediatamente satisfeitos, logo sem rumor, escancarou-se a porta pesadissima.

Eudalia, com o coração sobresaltado, entrou no recinto, que era illuminado por uma claridade azul e, correndo os olhos pelas paredes núas, nada viu que reclamasse a sua attenção e sorriu dizendo com-

sigo mesma: «Foi, sem duvida, para experimentar-me que elle prohibiu que eu aqui entrasse...»

Caminhando, porém, deu, a um canto, com um toro de madeira e num distico estas palavras: «Pedaço do tronco de Haïn, a arvore do Bem e do Mal.» Perto estava um fino arco, com estes dizeres em letras de ouro: «Arco de Eros, o Amor». Pendente da parede um nastro de filamentos: «Clinas do cavallo Pegaso»; ao lado quatro fios compridos: «Cabos da náu Argos»; não longe um «osso da cauda de um delphim», um «baculo de pastor aryano» e «os quatro cravos da cruz de Christo, os que pregaram os membros do Messias e o que cravou a legenda ironica no cruzeiro».

Eudalia sorriu vendo aquelles disparatados objectos, e ainda sorria quando sentiu que alguma coisa lhe cahia aos pés — olhou e viu finissima serra de diamante e logo uma voz lhe disse:

«Serra o toro de Haïn e tira duas laminas bem finas, dá-lhes a fórma de um gracioso tronco de mulher com a cintura bem justa — terás o Bem do amor e o mal do Ciume. Adapta-lhe, na parte superior, o baculo do pastor aryano e na parte inferior o osso da cauda do delphim, que conservam toda a bucolica dos campos e toda a melancolia dos mares. Crava na volta do baculo, dois em cada lado, os cravos da cruz e terás os pontos cardeaes do soffrimento. Prende nos cravos e liga-os ao osso do delphim os quatro cabos da náu Argos nos quaes silvaram os quatro grandes ventos de Eolo. Toma o arco de Eros e nelle estira, de ponta a ponta, as finas clinas brancas de Pegaso, que é o Ideal que arrebata. E, com o Amor e o Ideal, repassa os ca-

bos retesados da náu Argos e terás uma companhia na solidão em que jazes ».

Calou-se a voz e Eudalia ficou largo tempo a pensar no seu conselho até que se resolveu a executar o que ella lhe dissera. E assim fez.

Dias e dias passaram sem que ella sentisse, entretida, como estava, naquelle emprego, até que, ao cabo d'uma semana trabalhosa, realisou o seu desejo. Tinha o objceto nas mãos e, passando e repassando o arco pelos finos cabos, notou que alguma coisa gemia torturadamente.

De novo a voz falou no mysterio :

« Abre dois S na caixa do instrumento — um será o sorriso, outro será o soluço ».

Assim fez Eudalia e, de novo, repassando suavemente o arco, teve como uma visão angelica. E os primeiros accordes abalaram de tal modo a alcaçova que todo o encanto desappareceu e a pesada mole aluiu com estrondo e todos os gnomos, sylphos, nixes e ondinos que assombravam a floresta desappareceram da noite para o dia.

Justamente no momento em que soavam os primeiros accordes o genio chegou ao castello e descobriu a desobediencia de Eudalia. Para vingar-se, então, por haver uma mulher desvendado o seu segredo, brandiu a sua vara de encanto destruindo a alcaçova e arrasando a selva e, furioso, pronunciou estas palavras crueis :

« Vivias feliz, desobedeceste á minha ordem — soffre para o todo sempre, alma curiosa, encerrada na propria carcerula que construiste ».

E a alma de Eudalia, abandonando o divino corpo que habitava, passou-se para a caixa do

objecto que pacientemente construira com tudo quanto encontrára na mysteriosa sala fechada pela porta enea.

Annos e annos correram. Ninguem mais se lembrava da alcaçova do genio quando, uma tarde, um menestrel errante, parando, para repousar entre as augustas ruinas, ouviu um piar mimoso. Baixou os olhos e, entre as urzes fortes que livremente cresciam, enfestoando a pedra ennegrecida, descobriu um objecto de extravagante feitio. Tomou-o curiosamente, pôz-se a examiná-lo e viu que alguma coisa havia dentro delle — um passaro, talvez. Não! Ao lado jazia um arco, o arco de Eros.

O menestrel, sem atinar com a utilidade de taes objectos, ia-os já abandonando quando uma voz suave pôz-se a dizer:

« Repousa o instrumento sobre o coração e agita-lhe as cordas com o fino arco que empunhas e ouvirás todas as melodias — desde o canto innocente da ave, porque muitas pousaram na arvore do Paraiso, até o ululo dos ventos que sopraram, vergando os cabos da náu Argos. Nelle acharás a poesia suave dos campos e a epopéa grandiosa das tormentas no mar, a voz do Amor e todos os soffrimentos que resumem os cravos que pregaram Christo e o seu opprobrio. Ouvirás, emfim, quanto cabe entre os dois pólos do Sorriso e do Soluço que têm as suas passagens nos dois S talhados na caixa rubra, porque foi feita toda ella com finas laminas tiradas da Arvore do Bem e do Mal.

« O que tens, menestrel, é o sacrario de todas as vozes e, dentro do sacrario, jaz a alma que afina a melodia dando-lhe a expressão. Como o ar que

atravessa um jardim florido leva o perfume das flôres, assim os sons que repassam atravez d'uma alma levam o sentimento ».

Ouviu o menestrel e, tomando o arco docemente, extasiadamente, pôz-se a afflorar as cordas do instrumento.

E foi assim que, na terra, appareceu o violino.

VIGILIA

« MADRID, 18.

« Hoje, pela manhan, foi preso um individuo que atirou grandes e pesados ramos de flôres á carruagem da princeza D. Maria Thereza, irman de sua magestade o rei Affonso.

« Verificando-se que os ramos só continham flôres e que o individuo era um simples enthusiasmado, foi elle posto em liberdade ».

(Telegramma d'*O Paiz).*

Á primeira luz da manha ei-lo de pé, pallido, com fundas e rôxas olheiras, dobrado de fadiga, exgottado pela vigilia da noite longa, rolando soffredoramente, pavidamente, no leito real de baldaquino armoriado.

Que noite angustiada! Não padeceria mais um réu que, na vespera do supplicio, estirado no secco grabato, olhasse, de instante a instante, o alto e gradeado respiradouro á espera do primeiro alvor da madrugada mortal. Misero principe!

De volta das festas, ancioso por um instante

de silencio e socego, recolhe-se á sua camara tapeçada. As paredes sombrias estão cobertas de retratos dos grandes, dos fortes reis da Hespanha: de Affonso o poeta até Carlos V o senhor do mundo e outros e outros perdendo-se na penumbra, uns vestindo velludos, outros acobertados de aço e, entre elles, como a propria bravura iberica, o genio guerreiro da peninsula, o Campeador, com as mãos apoiadas no punho do montante, os olhos além, como a perscrutar o horisonte. E todas as figuras parecem fitar, com pena, o jovem rei, em cujas veias um sangue fraco circula com o vagar d'uma aguazinha de arroio que vai seccando.

Lá fóra, além dos muros espessos do palacio, velam as sentinellas armadas contendo o povo generoso que acclama o moço monarcha. E elle ouve as vozes confusas da populaça, ouve os sons das charangas que passam, o troar dos vivas que reboam e, de instante a instante, como a recordar a grande religiosidade da terra de Santo Ignacio e de Santa Thereza, os sinos bimbalham alegremente porque a Igreja celebra igualmente, com jubilo, a ascenção ao throno de mais um defensor da Fé. E elle ouve, escuta.

Vai a noite seguindo o seu curso, recama-se o céu de estrellas, a lua apparece, lua de Maio, clara e linda, d'uma dôce luz transparente. Um clarão amarellece o espaço como o livor d'um incendio. É que toda a cidade resplandece illuminada festejando o acontecimento de que é elle o protagonista. Elle é a causa unica d'aquella alegria, foi para honral-o que outros principes deixaram os seus reinos seguidos de numerosa comitiva; que

os embaixadores chegaram apressados, com presentes, de todas as partes do mundo ; que os comboios se multiplicaram para conduzir os homens curiosos do fulgurante espectaculo.

Todos os palacios têm hospedes de estirpe. Os grandes de Hespanha receberam e agasalharam representantes das nobres côrtes, os hoteis regorgitam de forasteiros, as modestas locandas fôram disputadas e todo esse movimento de sympathia fá-lo tremer apprehensivo. Onde estariam elles ?

Pouco a pouco a cidade vai escurecendo. Ainda passam grupos, e, ás vezes, uma estropeada de animaes. O leito lá está a esperá-lo.

Dormir ! ? E se alguem houvesse penetrado no palacio aproveitando-se d'uma distracção da guarda, que anda com a attenção nas festas, esquecida dos seus deveres ou, quem sabe ? talvez mancommunada com os assassinos ? Póde estar alguem ali dentro, á espera da hora silenciosa, com um punhal prompto para o crime.

A tremer, lento e cauto, ei-lo a correr os cantos, descalço, contendo o coração. Afasta os pesados reposteiros, olha, inclina-se para espiar atraz dos moveis ; desconfia e estira-se no soalho atapetado e olha para baixo da cama. Ha lá uma sombra, treme, recúa e insiste — não, talvez se haja enganado. Volta a olhar : sim, foi engano. Levanta-se e, dando com um dos retratos, estremece. A figura de um guerreiro formidavel parece sorrir com pena d'aquelle mancebo fraco que anda, em pontas de pés, de canto a canto, espiando, perscrutando, examinando.

Ah ! aquelle era da raça dos valentes que, ao

brado dos esculcas, montava o ardego ginete e, descendo a viseira e enristando a lança, arremettia feroz contra as hostes soberbas. Aquelle não tremia e, só com um brado, fazia recuar o inimigo mesquinho. Elle descendia d'aquelles heroes magnificos, era um rebento d'aquella raça viril de conquistadores afoitos, mas pobre d'elle! se para ser rei da Hespanha fôsse-lhe necessario revestir todo o aceiro d'aquellas armaduras, peça a peça, desde o morrião até os sapatos de ferro e afivelar a espada, embraçar o escudo, empunhar a lança, então o mundo veria que a raça dos reis acabou no dia em que o ultimo alfageme, açacalador de armas finas, deixou morrer o fogo na sua forja. E a noite segue.

Já os sinos não bimbalham festivamente. De espaço a espaço, no silencio, um d'elles bate as horas lugubres. O palacio dorme — lá fóra velam as sentinellas armadas como as guardas d'uma alcaçova sitiada.

E elle é o rei! Sente na fronte a impressão da corôa, ouve ainda as vozes que entoaram a sua glorificação, vê o povo contido pelas alas militares e o sol, o admiravel sol fazendo brilhar as polidas laminas das bayonetas que o defendem. É o rei!...

Deita-se medrosamente, encolhido. Uma zoada enche-lhe os ouvidos como se nelles tivesse as abelhas d'uma colmeia assanhada.

Repentinamente eriçam-se-lhe os cabellos, um fremito percorre-lhe o corpo, escancellam-se-lhe os olhos... que viu? Uma das figuras das telas como que se moveu levantando o braço rijo e, como o velho Eviradnus do poeta, deixando a armadura no palacio sinistro, lançou fóra do quadro a mão

calçada em guante agitando uma lança aguda. Foi illusão . . . O velho rei lá está immovel, olhando-o serenamente, com a piedosa ternura com que um avô contempla o pequenino neto. Foi illusão. Deita-se e, sem somno, fica-se a repassar todos os acontecimentos do dia. Elle é rei ! rei e senhor de toda aquella terra tradicional, rei d'aquelle povo heroico que, tantas vezes, em esforçadas batalhas, em arriscadas expedições, levantára gloriosamente o pavilhão catholico.

É rei e senhor nas cidades velhas como Toledo e nos campos fecundos, nas aguas do mar que ainda refervem sobre os destroços da frota carregada de ouro e nas montanhas onde rolou o precioso sangue de Rolando e de Oliveiro, em cujas penhas parece haver ficado o éco clangoroso do oliphante do paladino ; nos valles ferteis onde loureja o trigo e reverdece a vinha e nas covas asturianas onde se refugiaram os companheiros de Pelagio. Elle é rei !

Na sua infancia diziam-lhe que elle governaria outros povos de ilhas longinquas, umas nos mares da Asia, outros nos mares da America . . . Depois chegaram homens feridos, rotos, sangrando e nunca mais lhe falaram de taes ilhas . . . Tambem, para que mais territorio ? para que mais povos se elle tem a Hespanha e os hespanhóes ?

E elles ? Onde estariam elles, os inimigos ? Com certeza, durante as festas, alguns, mais atrevidos, tentaram chegar ao seu carro e teriam realisado o seu intento se a tropa os não tivesse contido e porque não havia elle de os conhecer, a todos ? Que fazia a policia que os não prendia ? e os carrascos da Hespanha ? Ah ! não, a Hespanha não os

tinha... E, como havia elle, o rei, de livrar-se d'aquelles homens que desejavam o seu sangue? Morrer! Morrer quando começava a reinar... E, ante os seus olhos, como numa dança fantastica, cruzam-se, rebrilhando, laminas frias de ferros mortaes. Sacode-se o infante, ergue-se e a visão horrivel desvanece-se subitanea.

Ali mesmo em palacio devia haver conjurados... Aquelle velho lacaio que vira seu pai, o finado rei, ensaiar os primeiros passos nas alamedas do parque real... Não, pobre velho! Se elle o olhava com aquelles olhos cheios de piedade..., Porque lhe havia de querer mal, o bom velhinho? Não! Mas os outros? os alabardeiros? os pagens, que, á noite, atravessavam sorrateiramente os longos corredores, cosendo-se com as paredes como se não quizessem ser vistos? Mesmo entre as damas algumas ha que lhe despertam suspeitas... E os guardas? serão todos fieis ao juramento que prestaram? Aquelles brados que quebram o silencio da noite morna não serão um signal convencionado? Porque não ha de elle conhecer todos os conspiradores! Oh! a incerteza cruel! a duvida tremenda! a eterna suspeita...

E aquelle homem que rompeu a multidão para arrojar ao collo da princeza os dois grandes ramos de flôres! Seria mesmo um representante do antigo e generoso povo de Hespanha que estremecia os seus reis dando a vida por elles? Sim, era um humilde homem do povo que, querendo provar aos soberanos a sua fidelidade, talvez até com o intuito de demonstrar que, apezar da sangrenta propaganda do anarchismo, ha ainda na Hespanha homens

fieis á tradição, resumira as suas despezas para reunir as pesetas necessarias á acquisição d'aquèllas flôres de Maio com que, enthusiasmado, saudou a princeza Maria Thereza.

A cavalheiresca cortezia não foi retribuida pela dama gentil, mas por um solicito agente da segurança que logo se apoderou do homem. E os dois ramos fôram repellidos do carro e, examinados cuidadosamente, os homens da policia nelles apenas encontraram flôres — rosas, lirios, amaryllis, fuchsias e, circumdando, folhas de tenue e recortada avenca e era tudo.

O homem, de pé, entre esbirros, olhava acompanhando, com pena, a destruição dos lindos ramos: as petalas espalhavam-se pelo chão, eram pisadas brutalmente e elle olhava, calado, lembrando-se de que, para comprar aquellas flôres, privára-se de tanta coisa . . . tanta ! E ali estava preso, maltratado, ameaçado como um criminoso.

Por fim, demonstrada a sua innocencia pelas mesmas flôres, deram-lhe liberdade. O misero ficou ainda algum tempo cabisbaixo, a olhar, e foi necessario que o mandassem sahir para que se resolvesse a tomar o chapéu e partir.

Desceu as escadas vagarosamente, um sorriso triste franziu-lhe os labios e, em baixo, detendo-se, ficou a pensar nas flôres, as lindas flôres, que lá estavam em cima amarfanhadas pelas mãos brutas dos agentes. Por fim, resolutamente, mergulhou na multidão e desappareceu.

Este episodio, que lhe fôra narrado por um aulico, acode ao espirito do jovem rei e, pensando no homem simples, cuja bondade fôra tão mal remune-

rada, Affonso sente o coração travado e uma voz, como da consciencia, diz-lhe no intimo da alma: «Esse homem nunca mais trará flôres á passagem dos reis — é um despeitado e tem razão... Se o vires no teu caminho evita-o. E lembra-te, agora que és rei, que os odios do povo nascem sempre de injustiças como essa que foi commettida com o teu subdito».

As sentinellas bradam e, como o rei se recline nos travesseiros, á escuta, ouve uns tremulos de guitarras e vozes que entoam uma *seguidilha* alegre. É uma serenata que recolhe, rapazes. E sózinho, triste, entre as hirtas figuras dos seus rispidos antepassados, o jovem rei da Hespanha vai esquecendo o enthusiasta das flôres para acompanhar aquella alegria da mocidade, ultimas notas da festa nocturna que lá vão pelas ruas adormecidas, fazendo estremecer de amor nos leitos puros as lindas moças enamoradas, como no tempo romantico de D. Juan Tenorio e, deixando-se cahir pesadamente no leito, o rei suspira, invejando os mancebos que pódem andar livremente, á noite, pelas ruas, cantando amores, ao luar.

RESURREIÇAO

Ave Maria ! dobre a finados. O sol agonisa. Em torno delle, no leito do occidente, prostram-se as nuvens, como odaliscas, recolhendo, com ancia, a herança luminosa dos ultimos esplendores.

Ei-las garridamente rolando na copiosa purpura que escorre. Todo o occaso encarde-se e, á mesma terra, chegam restos da luz que esmaece no azul. As nuvens ficam vaidosas, qual mais dourada ou mais vermelha, escabujando nas ondas sanguineas que, como um rastro, o sol deixa na altura. Iblis, porém, espreita as descuidadas e, tanto que o guerreiro tomba, logo se precipita no céu com a sua horda rapace roubando a claridade ás nuvens resplandecentes.

Rouba com furia, deixando-as pallidas como cadaveres e estende pelo céu livido o crépe negro da noite, prega-o seguramente com os cravos das estrellas, espalha sobre elle a cal funeraria da Via

Lactea e, aqui, ali, punhados de nebulosas e, a lua, como um fantasma melancolico, vestindo o sudario branco, sahe pelos ares tristes peregrinando solitariamente.

Veste-se a terra de luto e Iblis, sempre parodiando o Senhor, abre o sinistro aviario soltando nos ares os voadores tragicos. A estrige chirria, trissa o morcego, a phalena esvoaça e myriades de insectos enxameam a sombra como uma poeira viva: são miniaturas de vampiros, abelhas satanicas que fazem o seu mel com o sangue da flôr humana.

Meia noite! Iblis domina. O silencio é geral — só as aguas, que trilham o seu viajar eterno, passam chorando pelos cavados leitos pedregosos. É a morte. Eis, porém, que no oriente apparece uma nesga rosada — desprende-se o crépe, rasga-se o funéreo velario. Canta um gallo no campo, um sino vibra. Matinas! É a resurreição — a aurora.

Resurge o sol como uma semente que se abre: É um renovo primeiro, tenro, mal rompendo a densidão das nuvens, mas radia como uma haste que vai lançando as folhas, cresce, aclara, esplende, brilha, aquece rútilo, flammeja, sóbe no céu, impõe-se e, como sob uma arvore é a sombra que se espalha, sob o sol é o clarão dourado que irradia.

Vivo, lá vai, emtanto, a caminho da morte. O occaso é o alvo do oriente. A estrada da vida vai em rumo direito á sepultura e a sepultura que é? o canteiro de Deus.

Resurge! esta é a ordem indefectivel, este é o imperativo divino. A morte é um novo principio.

Para onde vão os rios? Vão ter ao mar, sóbem ao céu, baixam em chuvas e em orvalho, entranham-se na terra e reapparecem em vigor na planta, em sabor no fruto, em arôma na flôr; seccam na planta, mirram no fruto, exhalam-se na flôr e morrem. Vão renascer adiante, em outros sêres, na eterna resurreição, porque Deus, no Paraizo, fez uma só sementeira para toda a eternidade.

Não choremos a morte. Quem chora o somno? Quem lamenta uma criança que dorme? espera-se que desperte. Pois do somno maior espere-se a resurreição.

Esperar o céu é ter consciencia da eternidade. Mas o céu é o aniquilamento pela inercia, é a morte pela esterilidade. O fim universal é a producção: Deus é acção.

A piedade pela morte é um sentimento do egoismo humano. Porque se lamenta o homem que geme? simplesmente porque o gemido é a exteriorisação do soffrimento como a lagrima. E quem nos diz que as coisas não soffrem? A pedra bruta ferida responde ao golpe flammejando, arma-se de raios como a nuvem, tem cerdas de fogo, que arroja; a arvore lacrimeja quando o machado a fende e entre os animaes, que tão pouco nos merecem, ha as mesmas manifestações que caracterisam a dôr — a ave chora o ninho destruido, o pachyderme atroa a floresta com o rugido lamentoso quando encontra ferida a companheira. A dôr é universal.

O que torna os simples e as coisas brutas supe-

riores ao homem é a resignação e essa resignação é, talvez, uma prova a favor da utopia — o homem orgulha-se da sua intelligencia, mas que sabe o homem da vida ? que ella é o principio da morte e espera-a com tristeza — os animaes e as coisas esperam-n'a com indifferença e, talvez, com ancia, porque sabem que ella é um aperfeiçoamento.

A arvore não chora a folha secca que cahe — deixa-a ir desprendida : se ella fica nas suas raizes ali apodrece e a sua essencia, a seiva, volta ao tronco mais forte e renasce na flôr e no fruto ; se o vento a leva para longe, em qualquer sitio que caia, acha meio de renascer regressando ao esplendor solar mais perfeita e mais linda.

A carniça que tresanda sob enxames de moscas é um viveiro embryonario—onde alveja um arcabouço ha a semeadura fecunda — a sanie purifica-se no tumulo e o que foi nojo volta como delicia. O verme repugnante colora-se e desdobra as azas marchetadas durante o periodo da immobilidade — a larva jaz como morta no casulo antes de ser borboleta. Entre uma pagina e outra ha uma pequenina solução de continuidade, longa como um bater de palpebras — é a morte.

Em todas as religiões ha um deus que succumbe e renasce e os exegetas vêm nisso uma reproducção do mytho solar. Os mesmos gregos, tão indifferentes á morte, choravam entoando o *hino* lamentoso por occasião dos funeraes de Adonis. O Christianismo, ampliando as tradições antigas, não podia deixar

essa poesia da morte e fez della, não um simples episodio, mas o motivo essencial do seu culto.

Toda a cerimonia do rito tristonho converge para uma apotheose á resurreição; as traições, as angustias, a agonia do horto, a marcha para o Calvario, a crucificação, a morte, são os degraus que levam á gloria suprema. O céu escurece quando a cabeça do martyr pende sobre o peito, faz-se noite em Jerusalém. Redoura-se o céu ao grito das mulheres annunciando o desapparecimento do corpo.

O mysterio reproduz-se no rito como no mundo; a vida é uma continuação. Cada existencia individual representa o progresso de uma série de vidas — o homem é uma accumulação. « Onde estão os mortos? pergunta Schopenhauer, e responde: aqui entre nós. Apezar da morte, a despeito da putrefacção, elles e nós estamos unidos » e Pompey Gener accrescenta: « Assim se harmonisam o que nós poderiamos chamar a perpetuidade da materia e a perpetuidade do espirito — uma produzindo fórmas a mais e mais perfeitas, a outra fornecendo obras cada vez mais consideraveis. A herança das capacidades engendra seres cada dia mais aptos a pensarem, mais susceptiveis d'um grande nivel intellectual porque á capacidade e á aptidão que cada um recebeu ella ajunta o que adquiriu pela observação e pelo calculo. De sorte que, pela herança conservadora e pelo progresso individual, a Humanidade encaminha-se gradualmente para a perfeição ».

Essa certeza da vida progressiva atravez da morte não basta para consolar a mãi que vê o filhinho morto, estendido entre rosas e ciriaes, no

caixãozinho enfeitado de franjas e galões dourados. Maria sabia que Jesus havia de resuscitar, que sahiria da cova, ao terceiro dia, entre anjos, na gloria esplendida da luz divina; entretanto, desfizeram-se-lhe os olhos em agua e, emquanto durou o martyrio, não se despegou dos pés da cruz, na attitude sublime e muda do *Stabat.*

Viesse um cherubim á terra e dissesse á mãi infeliz que velava o cadaver do filhinho: « Secca o teu pranto, elle é anjo no céu . . . » ella, por certo, cahiria de joelhos e, de mãos postas, pediria o filho, preferindo vê-lo junto ao collo, a sugá-lo, a sabê-lo no céu, com uma harpa de ouro nas pequeninas mãos, entoando hymnos ao Senhor.

O que faz a morte triste é o egoismo humano.

O mundo é um grande tumulo, tendo á cabeceira a cruz de Christo e nós vivemos de exhumações — somos como essa Amina no conto oriental. A morte restitue-nos a vida, a semente é que nos dá o pão e o linho, subindo transformada da cova em que a deixamos. A vida é uma ressurreição perenne.

VALENTIM MAGALHÃES

Foi o meu primeiro adversario.

Quando estreei no Rio, em 1885, publicando na *Gazeta* um conto, puramente descriptivo, intitulado : *Pai do céu*, Valentim, que, então, redigia as *Notas á margem*, estranhou o meu estylo superabundante, troçou a minha adjectivação excessiva que prejudicava, sobremodo, a idéa, abafando-a : « A floresta não deixava vêr as arvores ».

Eu, que estava no pleno viço dos meus saudosos vinte annos, melindrei-me com as observações do critico e, ardendo em furia, cheguei a pensar em desforço violento e escandaloso. Mas um estupendo poeta épico (que acabou porteiro d'uma secretaria), lembrou-me, como mais digno, o duello : um duello de morte, á espada, num bosque. Applaudi a lembrança d'aquelle que devia ser o rival de Camões se não tivesse degenerado em empregado subalterno, e juntos fomos procurar certo roman-

cista (que não medrou, por motivos que a Historia Litteraria não registra) e estabelecemos, com crueza, as condições do encontro: um de nós devia ficar no campo. Esse um, está visto, seria o critico.

Felizmente nesse tempo o meu appetite era famoso e foi necessario adiarmos a discussão sanguinosa para irmos ao jantar.

Á mesa, devorando, a calma baixou sobre os ardegos espiritos e, ao café, já se não falava em duello. O épico superiormente forte, do alto da sua soberba lyra de sete cordas, sagrou-me o « primeiro prosador americano », o romancista augurou-me um futuro deslumbrante e, com um vinho, cujo veneno até hoje me róe as entranhas, bebemos á grande Arte, desancamos toda a cafila de imbecis (que eram os escriptores feitos. Vingai-vos, novos de hoje !) e sahimos para a noite estrellada, carregados de glorias, cheios de elogios e de ensopado com repolho.

Os tempos correram levando, pouco a pouco, as minhas illusões. Eu começava a vêr a realidade agreste. O épico esquecera as estancias que não lhe davam, sequer, para o almoço de assobio; o romancista lançára ao fogo as paginas admiraveis do seu estupendo estudo psychologico; só eu me conservei imprudentemente fiel a Apollo, vivendo como Villon e como aquelles povos da fabula que se nutriam do aroma das flôres.

Andava accesa uma grande guerra digna de ser cantada por um aëdo. A gente litteraria dividira-se em dois campos — em um d'elles tinha sua tenda, que era a *Semana*, Valentim Magalhães, no outro

avultava o pavilhão vermelho de Murat, rispido como um Ajax — era a *Vida Moderna*, revista notavel, não só pelas formosissimas producções dos seus collaboradores como tambem pelas gravuras terrificas que estampava.

Eu, que ainda guardava rancor ao critico, alistei-me na hoste de Murat e, força é dizer, as batalhas foram soberbas e, se a victoria nem sempre nos sorriu, podemos dizer, com orgulho, que não recuámos de adversarios, armados pelos deuses, como Achilles, que se chamavam : Bilac, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Fontoura Xavier, Filinto de Almeida, Aluizio Azevedo, Luiz Delphino, Julia Lopes e o chefe : Valentim Magalhães.

A furia sonorosa de Ajax-Murat retumbava em alexandrinos formidaveis, Arthur Azevedo compunha os seus delicados contos em verso, como essa formosa *Soror Martha* ou trazia-nos scenas de Molière, vertidas com a firmeza perfeita com que elle transporta d'um idioma para outro as obras primas da poesia dramatica e eu . . . sei lá ! eu vingava-me esvasiando tinteiros.

Bom tempo ! Como havia enthusiasmo ! Como todos nós acreditavamos no futuro ! Um dia Murat appareceu-me livido, bradando contra o publico ignominioso que não entendia o nosso jornal. Comprehendi. A *Vida Moderna* estava morta. Tambem, com tantos dragões, com tantas catastrophes na sua primeira pagina. Emfim... Entramos para a *Maison Rouge* e lá ao fundo, num salão obscuro, bebemos funebremente uma lutuosa cerveja preta.

A *Semana* continuou. Eu, sempre confiante, com um maço de originaes debaixo do braço, pro-

curava um canto socegado para escrever o meu primeiro romance. Nos botequins não era possivel, com a lufa-lufa dos freguezes, os berros dos caixeiros, toda a balburdia ruidosa do commercio, da politicagem, da maledicencia e da litteratice. E assim andava eu errando quando, um dia, me apresentaram Valentim Magalhães.

Guardei certa reserva digna, elle expandiu-se, sorriu e — ó desvanecimento! — falou de todos os meus trabalhos publicados n'*A Vida Moderna*. Lêra-os . . . ! Sorri tambem e, caminhando, fômos até a porta do *Londres* e o meu «cordeal inimigo» apresentou-me a Alberto de Oliveira e a Lucio de Mendonça e ficamos a conversar á porta até que o poeta jurista nos convidou para um grog honesto. Entretivemo-nos a falar de Arte até as cinco horas da tarde e Valentim, que não perdia tempo, pasmou de que assim o tivessemos agarrado. Levantou-se apressadamente. Antes, porém, de despedir-se, sem phrases rebuscadas, offereceu-me a *Semana*. Eu mirei-o espantado.

— E a luta?

— Que luta? A luta foi maravilhosa, que diabo! Podemos falar, com orgulho, das nossas batalhas contra o inimigo commum: a indifferença publica. Pensa, talvez, você que não senti o desapparecimento d'*A Vida Moderna?* Senti e muito, não só como escriptor que presa as bôas letras, mas tambem como proprietario de jornal, porque o publico, interessado na polemica, buscava, com ansiedade, a *Semana* e a leitura já se ia tornando um habito. Nós estavamos criando o leitor. O Murat fez prodigios, vocês portaram-se como valentes.

Agora, se queres continuar, lá tens a *Semana*. Aquilo é uma casa de artistas onde não cabem inimizades. Se o soneto do adversario é bom vai para a primeira pagina e com o louvor que merece. Effectivamente era assim.

Nas lutas em que o vi, varias vezes, empenhado, sempre contra adversarios temiveis: Sylvio Romero, Murat, Mallet, Valentim guardava sempre uma attitude correcta, fugindo, com gentileza, ás retaliações e aos doestos e só ficando no terreno da discussão, no assumpto da polemica.

No periodo mais brilhante da sua vida litteraria que foi, incontestavelmente, o das *Notas á margem*, elle teve fulgurações. Por vezes a sua replica, rapida e aguda, lembrava as vibrantes represalias de Camillo, o seu colorido tinha vida, a sua fórma, se não brilhava pelo bem polido das facetas, era forte e de bom quilate. Era um polemista nervoso, que esgrimia com elegancia e firmeza, atacando com lealdade e defendendo-se com graça. Teria, talvez, ficado como um typo original e unico em a nossa litteratura se a grande febre de produzir, o immenso desejo de desdobrar-se não o houvesse afastado do verdadeiro terreno, no qual o seu espirito se sentia á vontade.

No conto, no romance, no theatro não foi o mesmo homem vigoroso que nos havia apparecido na polemica e creio que só uma vez a sua alma de tempera acerada conheceu o desalento: foi quando a Critica, que esperava o momento para vingar-se, arremetteu impiedosa contra a *Flôr de sangue*, romance que bem pouco valor tem e que, longe de

ser um florão para o morto, é uma falha na sua obra pertinaz de batalhador.

Valentim *via* bem o real para o commentario, sabía dar a exacta impressão de uma leitura, achava, ao primeiro olhar, a parte fraca de um escriptor ou de uma obra, e, enristando a lança, era terrivel o golpe que vibrava, mas a imaginação não o levava longe e, observando para o conto ou para o romance, elle, o minucioso, o homem da lente, que não perdia um detalhe, por mais insignificante que fôsse, esquecia-se de tudo e, encantado, enamorado da propria obra, não lhe via os defeitos.

Foi o que se deu com a *Flôr de sangue.*

O nome de Valentim Magalhães ha de ficar como um symbolo — outro não houve de mais coragem, de mais tenacidade, de mais perseverança. Quando todos desanimavam querendo pendurar as lyras ou atirar ao vallado os buris com que lavravam periodos elle chamava-os, levantava-lhes o animo, falava-lhes das suas lutas e, rindo, travava-lhes do braço e lá os ia levando para a *Semana* e só os deixava quando lhes arrancava a promessa de novos versos e de novas paginas de prosa. Foi, sobretudo, um agitador e muito do que por ahi ha deve a sua origem áquelle eterno confiante, áquelle fiel appollineo que, mesmo abandonado, sem publico, costumava tanger a lyra para seu proprio gozo.

Foi elle o instituidor dos concursos litterarios que nos trouxeram tantos artistas magnificos que viviam ignorados na provincia e mesmo na capital. João Ribeiro, o poeta-philologo, publicou o seu primeiro conto, *S. Bohemundo*, uma joia, na *Semana.* Lá tivemos o *Caso do abbade*, de Garcia

Redondo. João Luzo forçou a popularidade com o *Seraphim tristonho*. Francisca Julia, Julia Lopes, Julia Cortines, Zallina Rollin, Adelina Vieira, foram apresentadas ao grande publico pela folha de Valentim. Antonio Salles, o dôce Luiz Rosa, Luiz Edmundo, e tantos outros poetas de merecimento estrearam n'aquellas paginas sempre fulgurantes onde resplandeciam as chronicas de Bilac e de Filindal, o puro e devotado Felinto de Almeida, alma rara de homem, alma sensibilissima de poeta.

Carlos Malheiro Dias, que é hoje uma das glorias da litteratura portuguesa, a quem se quer dar o sceptro de ouro do principe harmonioso da fórma, o admiravel Queiroz, eram dos mais assiduos frequentadores da *Semana* e, como se não bastassem á revista semanal tantas glorias, deve-lhe ainda a litteratura o haver ella ido buscar ao silencio em que se deixou ficar, depois da morte da *Gazetinha*, esse soberbo poeta, talvez o maior da America — Luiz Delphino, tão avaro em abrir os seus thesouros diante dos quaes a gente tem a illusão de estar debruçado, como nos poemas da India, á beira de prefulgentes abysmos de pedrarias, em cujo fundo, entre fulvos leões de ouro, parthenias de virgens núas dançam serenamente uma ronda sagrada, ao som de lyras tangidas por deuses.

O escriptor que morreu foi um chefe de movimento, foi o corypheu de uma theoria de poetas e de prosadores que hoje sustentam, com brio, a gloria litteraria da Patria e, se lhe não bastasse a sua copiosa bagagem para garantir-lhe o nome, elle viria á frente d'essa brilhante phalange, claro e puro,

como o de um guia que alumiou o caminho para a caravana.

Os que ainda se interessam pela vida intellectual do paiz devem sentir o desapparecimento d'esse robusto espirito, que, apezar da indifferença, lutando esforçadamente pela vida, sempre achava uma hora no dia para pensar e escrever, appellando, com a sua palavra insinuante, para os que se deixavam vencer pelo desanimo para que voltassem á luta, retomando as lyras silenciosas.

Valentim é um dos obreiros do grande periodo litterario do Brasil e este louvor não lhe negarão os seus proprios inimigos, se é que deixou alguns, não creio porque, como eu, todos devem estar convencidos de que elle nunca vestiu armaduras senão para defender, como bom paladino, a Arte que era a sua dama Ideal, o seu amor supremo.

Eu, que vivi dentro da agitação fecunda desse bom tempo, devo tambem ao morto de hontem, ser hoje . . . um homem que não tem onde cahir morto, porque tomou a sério a litteratura ingrata.

O NEY

Realisou-se, no cemiterio de S. João Baptista, no Rio, a piedosa cerimonia da exhumação dos ossos de Paula Ney.

Eu estava presente quando as «maxillas do sepulcro» se fecharam sobre o corpo do generoso bohemio. A tarde era linda, fresca e dourada. O arvoredo funéreo estava cheio de cigarras e, no alto e negro cruzeiro, brilhava ainda uma faixa de sol.

Eramos poucos, todos amigos do que ia ficar no seio da terra e, silenciosamente, como se adubassemos o alqueive que recebera a semente, iamo-nos transmittindo a pá de cal antes que a terra incubadora rolasse fechando o tumulo. Depois recuamos e os coveiros começaram o seu triste serviço.

As cigarras cantavam, alegres coephoras que, dos altos ramos funeraes, diziam adeus áquelle irmão que tambem atravessára a vida descuidado, sem pensar nos invernos agrestes que trazem a fo-

me. Cantavam, nem deviam chorar porque a morte fôra para o excellente rapaz um descanço — tão consumido andava elle e tão triste, como um principe que houvesse perdido o seu reino.

Nos ultimos tempos tornára-se melancolico, silencioso ; raro em raro atrevia um commentario. Encostado á porta do Paschoal, olhos parados e tristes, ficava horas contemplando a multidão, negando-se aos convites. A alguem que com elle insistia, uma tarde, para que fôsse beber um vermouth, respondeu :

— Obrigado, meu amigo — não posso aceitar : estou sem espirito ; e encaramujou-se amuado.

Dias antes da morte, indo eu visitá-lo, chamou-me para junto do leito em que jazia, estendeu-me a mão fria e magra — mão generosa que era como uma ponte de misericordia entre a riqueza e a miseria, porque recebia dos banqueiros para dar aos pobres, e ficou a olhar-me — enternecido e mudo, com os olhos a encherem-se-lhe de lagrimas. Disse, por fim, em voz surda e aspera, arrancada, a custo, do fundo do peito :

— Estou acabando, meu amigo. A Morte, em mim, está procedendo por partes : estou assistindo a uma mudança. Ella começou pelos extremos : tenho os pés frios, tão frios que não os sinto — estão mortos. Parece que estou soterrado em neve até á cinta. Não cômo, não tenho appetite. Isto cá por dentro está vazio — os organs essenciaes já perderam a energia, a Morte levou-a. Estou agora sentindo que arrastam alguma coisa no meu coração. Ah ! não ha de ser facil a remoção nesse organ, é que nelle eu tenho os moveis mais pesados.

O coração era o gabinete de trabalho de minha alma. Imagina o mundo de affeições que eu nelle tenho . . . ! E suspirou : Como deve pesar o meu amor de filho, velho amor que nasceu commigo e que a saudade foi, aos poucos, augmentando ! Minha pobre mãi ! E os outros amores ! meus filhos, ella, vocês, o sol, as crianças . . . tudo isto !

Quando sahem das casas os moveis pesados, os soalhos, por onde são arrastados, estriam-se de sulcos. É o que se está dando no meu coração. A Morte é brutal, meu amigo. Que execução dolorosa ! Como ella arrasta e como é lugubre o vazio que se vai fazendo em mim . . . ! Nunca imaginei que a minha vida acabasse assim, com um mandado de despejo. Sorriu tristemente e recostou-se nos travesseiros altos. Depois, tocando na garganta, continuou : Ouves a minha voz ? está rouca. Tu que a conheceste sonora deves ter pena da sua miseria actual. A Morte quiz levá-la inteira, não poude e fez com ella o mesmo que se faz a um grande movel : desarmou-a e lá a vai levando aos pedaços. Foi primeiro o timbre — estou fanhoso ; foi depois a ductilidade, estou aspero — resta-me o sarrido : falo como um asthmatico. Em pouco a Morte estará no cerebro abarcando as idéas e a divina Fantasia, que occupa o altar-mór. É triste morrer assim, aos arrancos. Cahir fulminado ! eis o meu ideal. Emfim . . . Quedou, cruzando as mãos. Que ha de novo ? perguntou de repente, repuxando as cobertas. A poesia indigena continua a proliferar ? E a politica ? E as mulheres ?

— Tudo como deixaste, Ney.

— Não é possivel. A imbecilidade deve ter pro-

duzido alguma coisa nova. Fala-me dos imbecis para que eu saia da vida sem saudade. Abriu os olhos como em ansia e, surdamente, soerguendo-se, exclamou: Meus filhos! Que ha de ser d'elles? Ah! meu amigo, o que dóe na morte é o desprendimento: os amores são as nossas raizes. Eu vou tranquillo — já dei balanço na vida: tenho um grande saldo a favor da alma e a benção d'um sacerdote honesto. Mas os pequenos? A Caridade anda muito atarefada e falta-lhe um reporter... como eu. Emfim...! Deus está lá em cima e eu, que tanto consegui dos homens, hei de conseguir alguma coisa do Senhor, não te parece?

Quando me despedi elle exclamou, conservando a minha mão: Adeus! Eu disse: «Até logo!» O moribundo sorriu: Até logo! Vais suicidar-te? Adeus! Adeus!

De repente, com os olhos rebrilhantes, como se nelles houvesse renascido a antiga centelha, fitou-me e, rindo, com todo o corpo a tremer, pediu-me:

— Olha, vê se contens F. Sei que elle anda a compôr um necrologio para recitar á beira do meu tumulo, volta e meia está aqui a rondar-me, a beber inspiração. Comprehendes que na minha posição de defunto, que é, com pouca differença, a mesma da victima do retrato a oleo, tenho de aturar resignado, mas vocês, meus amigos, que vão apanhar a maçada de uma viagem ao cemiterio... Não! Aquelle canalha, que nunca conseguiu impingir-me um discurso, é muito capaz de aproveitar-se da minha morte para vingar-se. Mas a pilheria é que eu não ouço. Em todo o caso, por causa das duvidas, não o deixes falar senão de-

pois que os coveiros houverem entupido a minha cova.

E rimos. Dois dias depois extinguia-se serenamente o grande espirito. As suas ultimas palavras fôram ainda de piedade e fantasticas. Voltando-se para um dos amigos que o cercavam, rouquejou, referindo-se ás crueldades praticadas em Canudos :

— Que hei de eu dizer ao Eterno quando elle interrogar-me : « Ney, como é que em teu paiz ha um homem que enfurna mulheres e crianças para matá-las a kerozene ? » Confesso que, pela privez na minha vida, quero dizer, na morte, ficarei sem resposta. Logo depois, vagarosamente, arquejando, murmurou : D'aqui a pouco estarei como o meu alfaiate : *cadaver.*

E assim desappareceu o genio da pilheria.

Paula Ney, cuja vida foi sempre mysteriosa, era conhecido em uma roda muito restricta — o bohemio, esse era intimo do povo : o banqueiro e o operario, a matrona e a cocotte, o fidalgo e o mendigo tratavam-no com a mesma familiaridade — era o Ney, o alegre Ney, que fazia rir, mas o verdadeiro Ney que enxugava lagrimas, que levava criancinhas doentes aos consultorios dos medicos, que guiava os cégos nas ruas, que visitava enfermos em verdadeiras tócas de miséria, que fazia enterros á sua custa e que defendia os animaes com o carinho piedoso de um brahmine, esse só era conhecido no reduzido grupo dos companheiros.

Certa vez trabalhavamos, na typographia Reynaud, onde era impresso *O Meio :* Mallet, escrevendo de pé, com o grande chapéu mosqueteiro, um immenso charuto a fumegar ao canto da boca ;

eu redigindo vagarosamente uma nota escandalosa ; Ney, a vociferar contra a « sandice universal » quando assomou á porta uma velha, muito encarquilhada e timida.

Ney, logo que deu por ella, precipitou-se e lá se ficou todo curvado cochichando, a gesticular com o pince-nez. De repente bramiu :

— Não senhora ! Ha de ser no sabbado, neste sabbado, senão . . . e rugiu ameaçador : metto-o na cadeia, a ferros. A ferros ! Vá e diga-lhe isto : a ferros ! E, tomando a velha pelo braço, inclinou-se e berrou-lhe ao ouvido : Olhe, minha senhora, isto é uma canalha. Mulher não é melão que a gente cala para vêr se está maduro. Diga-lhe que no sabbado, ás quatro horas, quero encontrá-lo prompto para a cerimonia. Os papeis estão arranjados, o padre está falado. No sabbado ! Nem que chova raios, entendeu ? senão demitto-o e metto-o na cadeia, a ferros. Elle sabe que sou homem para mais. Vá. O veu eu levo para salvar a moralidade do caso. E despediu a velhinha. Interrompendo, então, o nosso trabalho, esbravejou : Commigo está enganado !

Mallet voltou-se curioso :

— Que é ? De que se trata ? Quem é essa velha, Ney ?

— Hein ? a velha ? quem é ? homem, com franqueza . . . Sei que é uma velha que a compulsoria obriga a ser virtuosa. Procurou-me, ha dias, lavada em lagrimas, pedindo-me que lhe salvasse a filha, linda pequena que abalára de casa com um amanuense. Puz os meus galfarros em campo e

consegui descobrir o terno casal num chalet, no Engenho Novo.

Entrei pelo ninho amoroso como o proprio symbolo da Honra e bradei: « Olá, amiguinhos, não compromettam, a um tempo, com tamanho desplante, a grammatica e a moral: o verbo amar é regular, nada de excepções arbitrarias . . . » E, intimando os pombinhos em nome da Lei, trouxe a pequena e dei ao marmanjo quinze dias para tratar dos papeis, sob pena de ser demittido e posto a ferros, numa fortaleza. Ah! porque se fôr preciso, vou a S. Christovam, lanço-me aos pés do imperador pedindo justiça. O typo anda a adiar a coisa e hontem foi pedir moratoria, a pretexto de falta de dinheiro. Ha de casar no sabbado, mesmo porque eu sou o padrinho e a pequena não tem tempo a perder. Ha de casar no sabbado!

— Mas que diabo teus tu com isso, Ney?

— Que tenho! hom'essa! Não tenho nada. Mas é um desaforo. Que tenho! . . . Tenho irmans, sabe você? tenho irmans.

Effectivamente, no sabbado, ás 2 horas da tarde, o Ney apresentou-se na typographia enfarpellado para o casamento e com um lindo ramo de cravos brancos.

Cabem-lhe perfeitamente as palavras com que Philarète Chasles traçou o caracter estranho do poeta do *Intermezzo:*

« Heine est peuple; il est bohemien, et il l'avoue: bonhomme et médisant, il en convient. Mais il est homme. Il est même vulgaire à bon escient et j'aime mieux cela. Il pleure, il rit, il se desole. Redoutable et toujours présente, mobile, incertaine

et s'égarant sans cesse, en lui vit, éclate et flamboie, comme le feu follet sur les marais, la flamme de la passion sincere ».

Os que leram a noticia da trasladação dos seus ossos e que só conheceram o Ney das satyras explosivas e dos paradoxos flammejantes, muito devem ter pasmado sabendo que a Provedoria da Misericordia resolveu realisar aquelle meigo transporte em lembrança dos muitos e grandes beneficios prestados á santa instituição pelo grande estroina, que parecia rir de tudo e que passava os dias ás portas das lojas da rua do Ouvidor, não raro a pedir para os outros.

Generoso Ney ! só os que privaram comtigo pódem falar da tua caridade, mas não serei eu quem desvende os teus segredos. Descança em Deus, tu que foste o melhor de todos nós, o mais escandaloso e o mais meigo, o mais implacavel e o mais terno — abelha dourada que distribuia o mel e as ferroadas com a mesma liberalidade.

Descança em Deus, puro espirito.

O PEIXE [1]

Logo que se espalhou a noticia da prisão de Jesus — nesse tempo não havia jornaes de grande (nem de pequena) tiragem, mas havia mulheres — os discipulos, que eram apontados, em Jerusalem, como cumplices do nazareno, trataram de acautelar a vida, não porque receassem perdê-la — que era a vida amargurada que levavam comparada á outra, de tranquillidade e gloria, que lhes prometera o Mestre excellente? — mas porque tinham uma missão a cumprir, que era a de levarem aos mais remotos e rudes confins da terra a doce palavra tomada nos labios do proprio Deus.

A policia do sanhedrin, açulada por Malchus, que perdera uma orelha, varejava os *khans* das estradas, invadia os bazares que referviam nas ver-

(1) *De uma synopse talmudica . . .*

des e floridas vertentes do monte das Oliveiras, trazia vigiada a cazinha de Simão, na Bethania, onde ainda durava o suave cheiro do oleo com que Maria ungira os pés do moço amado e mantinha aceclas nas immediações das granjas de Gethsemani, de onde o vento trazia um cheiro aborrecido e morno de azeite novo.

Os mesmos galileus, d'antes tão dedicados ao filho do carpinteiro, bandearam-se covardemente e, como conheciam os lugares preferidos de Jesus, prestavam-se a guiar os esbirros, já subindo com elles aos velhos cedros da collina, sob cuja fronde, á tarde, quando os immensos galhos se cobriam de pombas, os que deixavam os pilões e os tanques, lustrosos de oleo, iam repousar um momento olhando, ao longe, as aldeias caladas, que as nevoas azues iam, pouco a pouco, abrumando, ou desciam ás margens escarpadas e rumorosas da pedrenta torrente do Cedron, onde moças cantavam entre linhos alvos, córados nas hervas cheirosas.

Jerusalém, a cidade maldita, era um perigoso sitio para quantos haviam acompanhado o mancebo divino que, trilhando as estradas de areia ou os caminhos pedregulhosos dos montes, espalhára, por toda aquella região amoravel, a doutrina do amor e milagres.

Cephas, muito compromettido, offereceu-se para agasalhar os companheiros em Capharnaum, na sua miseravel cabana de adobe, á margem do lago de Genezareth. Não havia riqueza, mas o Senhor, mais de uma noite, cobrindo o rosto com o seu alvo manto, dormira tranquillamente sobre um estrame, perto das redes que tresandavam á ma-

resia e, de manhan, quando os primeiros barcos, deslisando na areia, molhavam as negras prôas na agua transparente, abrindo os olhos, abençoára aquelles muros ennegrecidos de fumo e aquelle tecto onde as cegonhas costumavam parar olhando os espaços azues que o sol ia dourando.

Entre os galileus, estariam a salvo da perseguição e, cumprida a dolente prophecia, sahiriam todos, cada qual a seu rumo, a espalhar a semente bemdita que o divino apostolo lhes deixára na alma.

A proposta do pescador foi aceita, e como a noite era negra e alta, logo foi resolvido que deviam aproveitar o somno da cidade para a fuga ; e fugiram. Não diz a tradição como fizeram a viagem, ora atravessando campinas estereis, sem agua e sem sombra, ora galgando alcandores de rochas núas que, ao sol, ardiam e queimavam como brasas, ou passando em desfiladeiros altos, de pedra negra, fervilhantes de viboras que silvavam ameaçadoras á beira das luras. Chegaram a Capharnaum ao cahir da tarde, quando os barcos recolhiam lentos com o peixe vivo saltando no fundo da quilha, num resto de agua que rolava.

Os pescadores, tanto que Cephas lhes dirigiu a palavra, logo o acclamaram com alvoroço e, esquecendo a pesca e a ceia que os esperava, quente e cheirosa, nos lares, ás ultimas luzes da tarde dourada, sentados em circulo na areia, pediram ao companheiro noticias do lindo moço que tantos milagres fizera naquellas paragens de simplicidade. E Cephas, suspirando, com os olhos voltados para os lados de Jerusalém, annunciou-lhes a prisão do Messias.

Foi uma consternação entre a bôa gente. Alguns, mais exaltados, falaram em partir para a cidade vil, com armas. Forçariam as portas, assassinariam os guardas e iriam arrancar Jesus ás mãos dos seus algozes. Cephas, porém, que tinha experiencia da vida, agitou a cabeça lustrosa, dizendo:

— Amigos meus, as coisas parecem muito fáceis quando as olhamos de longe. Tambem tive impetos de levar tudo a gume de espada, chegue mesmo a decepar a orelha de um soldado recalcitrante e teria debandado a guarda se o Mestre me não houvesse detido, dizendo-me, com a sua voz dôce e persuasiva: «Que não me oppuzesse á realisação da prophecia». Embainhei a espada contendo a furia e deixei-me ficar para um canto remoendo o meu odio. Depois chegaram legionarios cobertos de ferro, com lanças e, querem vocês saber? foi preciso que um gallo cantasse tres vezes entre as oliveiras de uma herdade, para que eu recuperasse o animo que me havia abandonado.

Ninguem imagina o effeito que produz no espirito de um homem a presença da policia — é preciso ter sentido o que eu senti, eu que, vocês sabem, não sou medroso. Affronto com calma as mais desabaladas tempestades e, mais de uma vez, atravessei, sózinho, o bosque de Tiberiade onde ha féras que atacam. Mas a policia... Não sei. Nós somos os depositarios da palavra divina, continuou Cephas — se perecessemos, quem espalharia entre os homens o germen da nova doutrina? Sei que vão crucificá-lo e, se não fôsse a missão de que fui por elle incumbido, teria reclamado uma cruz, menor que a d'Elle, porque sou um discipulo, mas

com os mesmos cravos, no Calvario. Não devo, é preciso que me sacrifique pela sua Ordem — sou apostolo, tenho de viver.

E todos, em torno, lamentaram commovidamente a sorte d'aquelle discipulo fiel que, por amor da doutrina e da salvação dos homens, deixava de morrer no monte, ao lado de Christo e, sem parar, ferindo os pés nas pedras e nos espinhaes dos asperos caminhos, abalara de Jerusalém a largas pernadas para refugiar-se em Capharnaum.

Ora, em Capharnaum os rebanhos eram raros e, quando se abatia uma rez, era um acontecimento de que se falava longamente desde Magdala até Chorazin. O lago nutria as populações que lhe ficavam á beira — peixe e frutas, mais não havia. Sabia disso Cephas e, caminhando vagarosamente, á brisa fresca da tarde, para a sua cabana toda aberta em frinchas, com herva brava pelos muros, foi preparando o espirito dos companheiros :

— Olhem, amigos meus, aqui não ha os recursos faceis de Jerusalem, isto é uma pobre aldeia de pescadores — ha o bom peixe das aguas, a bôa fruta dos pomares e alguma caça gorda, no tempo dos patos, e é tudo. Tenham vocês paciencia, é pelo amor de Deus.

E, empurrando a porta da cabana, notou que ella resistia como se a houvessem pregado ; forçou-a mais rijamente, e lá a levou dentro com fragor.

Um ar humido, tresandando a bolor, fez com que o apostolo recuasse e, como um pescador apparecesse com um feixe de palhas embebidas em resina, levantando uma chamma rubra e crepitante, um bando de morcegos desprendeu-se das vigas

e voou, perdendo-se nos ares melancolicos, toldados de brumas, que era o triste momento do cahir da noite.

Cephas entrou seguido dos companheiros e como não houvesse pescado nem lume, um velho offereceu-se generosamente para fornecer-lhes a ceia e logo, pela filha, uma linda moça morena e forte como um cedro novo do Libano, lhes mandou duas fundas malgas onde, em môlho córado e perfumado a coentro, appareciam as postas dum peixe alvo e gordo, que cheirava appetitosamente.

Sentaram-se os discipulos e, devorando, recordavam as passagens felizes do bom tempo — as tardes á sombra do cedro do Olivete ou á beira das fontes onde se reuniam as raparigas, á hora em que os trituradores esmagam as azeitonas nas grandes fabricas de azeite de Gethsemani, os passeios á Bethphagé, as subidas á Bethania. Alguns, ainda agarrados ao mundo, pensavam, com saudade, nas bellezas da cidade vil — nos seus palacios, nos seus banhos, nos seus mercados e no formigar constante de homens que, de manhan, á hora dos primeiros sons das buzinas romanas, entravam cantando, com os jumentos carregados de frutas, moças com amphoras de leite, gomores de farinha e gigos de ovos, outras com aviarios de junco, as cabeças graciosamente ornadas de lirios, um ramo de rosas como a mostrar a divisão dos seios.

Lá fóra, a lua silenciosa illuminava de alvo o lago adormecido e foi o mesmo Cephas o primeiro a falar no Mestre :

— A esta hora que fará Elle? suspirou.

— Talvez pense em nós.

— E nós aqui comendo este saboroso pescado, que é o melhor de toda a Palestina.

— Eu comeria de bom grado um pouco de carneiro.

— E eu um bolo de farinha e mel ou um punhado de tamaras.

— Contentemo-nos com o peixe, que outra coisa não ha nestes lugares que o Senhor visitou e amou e lembremo-nos de que se fazemos este sacrificio, que ha de ser contado no céu, o Mestre amado soffre a injuria, sangra, expira, talvez, entre os soldados boçaes do romano e a cafila cruel dos sabujos do Sanhedrin.

Um largo e profundo suspiro abalou os velhos muros da cabana e as colheres raparam as malgas, onde apenas restavam as espinhas chupadas e, como nada mais houvesse, os discipulos desceram á fonte e Cephas, juntando as mãos, com os olhos no céu, disse cheio de uncção devota:

— Seja tudo pelo amor de Deus!

E, emquanto se demoraram em Capharnaum, Cephas e os seus companheiros não comeram mais que peixe do lago . . .

. . . . . .

É por isso, para commemorar o sacrificio dos apostolos que, durante a quaresma, o peixe é de preceito. Emfim, se não é por isso (bem póde ser que não seja, porque essa tradição é muito contestada), deve ser por outro motivo, bem desagradavel aos peixes, que nada fizeram e que na semana santa teem a vida por um fio e custam os olhos da cara.

UM AUDAZ

A vida extraordinaria d'esse robusto e alegre Steelman é das que se prestam ás urdidas e complicadas paginas dos romances de aventuras, com imprevistos maravilhosos, rasgos admiraveis de energia e audacia e prodigios a cada passo.

Steelman tem sido tudo, conhece todos os gozos e não ha dôr nova para os seus nervos. Foi tatuado na Tartaria : desenharam-lhe nas costas os mysterios da vida de um *lama* e inscreveram-lhe no peito, com um sortimento de finas e compridas agulhas, em tres espaçados mezes de tortura, um dos quatro livros da moral de Confucio.

Em Smirna teve uma cultura de balsamo ; foi pastor de camelos no Teheran ; cortiu pelles numa aldeia pestifera da costa do Mar Vermelho ; conduziu hostes negras d'uma aringa ao deserto onde destroçou um bando rapáce de beduinos que incendiava as culturas e furtava o gado ; prégou num

templo buddhista ; passou sob a terra, nas margens do Ganges, com uma plantação de aveia a brotar sobre o tumulo em que o encerraram, vinte e tantos dias, sem soffrer, sem sentir, dormindo tranquillamente « no seio da morte ».

Numa povoação thibetana, que era um immenso oasis de palmeiras, esteve nú, com uma leve tanga em torno dos rins, as mãos rijamente ligadas por uma corda de fibra de coqueiro, a cabeça curvada sobre um cêpo, sob o gladio reluzente e curvo de um fanatico.

Livrou-o da morte um prodigio do qual ficou referencia memoravel numa lage, em caracteres eternos, gravados fundamente, a ferro. Na occasião em que o carrasco, agarrando, a mãos ambas, o alfange largo, derreava o corpo para vibrar o golpe, uma cegonha, passando no ar, deixou cahir do bico uma flôr sobre a cabeça da victima.

O carrasco ficou como de pedra, a olhar ; a multidão tremeu e, repentinamente, com uma algazarra que chegou ás montanhas, onde os penitentes queimavam lenhas aromaticas, entre cedros frondosos, as mulheres, numa furia, descabelladas, aos ululos, arremetteram, derrubaram o carrasco, romperam, a dentes, as cordas rijas e, carregando Steelman, nú e pallido, entraram com elle no povoado, acclamando-o, e com a noticia do caso, appareceram adoradores, houve idéa de erigir-se um templo ao homem da tez rosada, moveram-se, dos mais fundos desertos, peregrinos com presentes e Steelman ficou como um deus, adorado, principalmente pelas mulheres, que lhe pediam fios de cabellos e da barba loura, razão pela qual esse homem admi-

ravel é calvo como Socrates e glabro como um hierophanta.

Nessa terra de trato rude e velhissimos costumes andou elle, dois annos, representando uma divina hypostase, e, o que maior tédio lhe punha nalma era não poder caminhar livremente porque, se apparecia nas viellas, com ansia de ar, logo o povo, correndo atropelladamente para forrar-lhe o caminho com as tangas, prostrava-se no pó da terra, secco e immundo, com um murmurio de reza, beijando-lhe os pés nús, as canellas núas, todo o seu corpo nú e elle tinha de seguir vagarosamente, rompendo aquella difficil muralha de homens, de mulheres e de crianças, babujado por aquellas bocas, beliscado por todos os dedos que não lhe deixavam um pello curto nas carnes.

Só os cães se animavam a fitá-lo, alguns mesmo rosnavam farejando-lhe as pernas e elle voltava á sua choça derreado, com o braço direito pendido e esmorecido de tanto sacudir bençãos sobre as cabeças devotas, sobre os mirrados campos para que se cobrissem de milho, sobre as aguas escassas para que não cessassem de correr e ainda pelos ares para que os não toldassem as nuvens de gafanhotos.

Fugiu, com odio e nojo, áquella gente espessa descendo o rio num barco de couro com uma rapariga e, chegando a uma cidade, já inglesa, onde havia *gin* e policia, respirou largamente, com satisfação, quando se viu entre as mãos de quatro policemen severos por causa da sua nudez divina, contraria á moral e ás leis britannicas.

Metteram-no em uma prisão sordida onde passou uma semana, entre um fakir bebedo e uma ve-

lha do deserto, adoradora de viboras, que chorava e cantava versos de Firdusi.

Steelman, na possilga, não se cançou de render graças a Deus que o livrára d'aquelle martyrio da adoração, restituindo-o á vida, com as suas leis exigentes, os seus carceres sujos, as suas inflexiveis justiças e os seus grogs.

Na Russia Steelman comprometteu-se no nihilismo alliando-se, em pacto tremendo, com os impulsivos do *otchaïanié*. Fez-se apostolo da regeneração, adorou o mujik e preparou uma bomba que explodiu á beira da linha férrea dois segundos depois da passagem d'um trem imperial e, uma tarde, á margem do Neva, depois d'um conflicto, foi espesinhado por um esquadrão de cossacos ficando sobre a neve, com o corpo em pandarecos, e uma costella a pedir sólda.

Na Polonia, em Varsovia, foi do partido dos libertadores e escreveu pamphletos com o pseudonymo de Kosciusko. Foi membro da Mafia, na Italia ; na Inglaterra alistou-se na « *Salvation army* » ; em França ateiou uma *jacquerie*, abafada a tempo. Apedrejou conventos na Hespanha, dirigiu uma gréve de cocheiros em Portugal, tentou incendiar o harem de Constantinopla . . .

Mas a sua aventura maior foi em Dakar. Saltando nesse porto com a sua insaciavel curiosidade de homens e de paizagens, foi seguindo, ao acaso, por entre choupanas e lixo, repellindo cães e negrinhos, a vêr, a informar-se, debuxando no seu album trechos da terra secca e miserrima, negralhões em camisolas folgadas, negras de grandes e pendu-

rados beiços, tetas molles e chatas e carapinhas altas como cocares.

As casas, umas locas, eram acaçapadas, algumas arriavam os muros frageis fendidos, arrimando-se ás arvores. Uma poeira quente embaçava o ar e, do labyrinto lobrego d'aquella immensa aringa, sahiam porcos grunhindo, cães gafados, ladrando, lotes de negrinhos nús aos saltos, rinchavelhando.

Steelman ia seguindo, a olhar, mas, amollecido pelo bochorno, sentindo as pernas vergarem-se, já se decidia a voltar quando viu, por entre as arvores, alvejar uma casa, á cuja frente uma latada verde cobria de sombra duas mesas toscas e dois compridos bancos mal acepilhados.

Um homem de rotundo ventre, barbudo e sardento, fumava á porta. Steelman adiantou-se e percebeu, com alegria, que a casa era uma tasca. Lá estavam as garrafas, as latas de conservas, pencas de frutos e, no seboso balcão, uma pipinha de crystal com aguardente. Pareceu-lhe aquillo um oasis providencial e logo, dirigindo-se ao gordo homem, que era francês, pediu cerveja e charutos. Só havia cerveja e infame. Steelman resignou-se e, amesendando-se, tirou o casaco, arregaçou as mangas da camisa e bebeu, depois estirou-se em um dos bancos e adormeceu. Quando acordou a luz era branca, cantavam cigarras, e uma brisa cheirando a florestas, sacudia as palmas dos coqueiros.

De repente, pallido, d'olhos arregalados, boquiaberto, Steelman ficou como se houvesse avistado um leão ou uma serpente. É que uma idéa irrompera, subita como uma pontada: o paquete! Ergueu-se assustado, pagou a cerveja chóca e deitou

a correr seguido de cães que ladravam e de moleques que riam, chegando á praia esfalfado justamente quando a lua, immensa e amarella, como de cêra, subia pelo céu vazio: o paquete era um pequenino ponto no horizonte que logo desappareceu ficando no seu lugar, á flôr das aguas, uma estrellinha a brilhar.

As muitas e arriscadas aventuras deram a Steelman uma resignação invejavel — duas pragas surdas e um leve encolher de hombros e o grande homem retrocedeu lamentando apenas a falta de charutos e o seu inseparavel Homero.

Caminhando pelas ruellas apagadas, onde começava o despejo, chafurdando em lodo, pisando flaccidas immundicies, que se esparrimavam mollemente sob os seus pés, chegou ao albergue onde o francês, na doçura da noite morna, com o cachimbo nos beiços, já bebedo, afagava a carapinha duma negra lubrica.

Entrou, contou a sua desgraça e pediu ceia e cama. A negra, num assomo de pudor, encolheu-se toda, escondendo nudezes e o francês, com um espanto grande no carão barbudo, pôz-se a resmungar — que fôra mesmo uma desgraça aquella partida do paquete e que, para ceia, só podia arranjar umas bananas fritas em azeite. Steelman comeu as bananas e dormiu num catre, forrado de palha, num quarto contiguo ao do alberguista de onde, até adormecer, revoltado com aquella mollicie, ouviu a negra gemer e o homem fungar como um suino no lôdo.

Cêdo, ainda escuro, Steelman saltou do catre, escancarou a porta e sahiu á procura d'agua. Não

havia agua, tudo era seccura e miseria. As arvores pareciam cobertas de cinza, a terra era todo um cineral, as mesmas casas pareciam feitas de cinza amassada. Rugiu com odio e, em assanhada revolta, responsabilisando a França por aquelle desconforto, jurou, no seu intimo, tirar uma desforra tremenda conflagrando a negrada da Senegambia contra o governo da grande Republica, que assim deixava uma das suas colonias sem agua para um banho e sem um charuto.

Effectivamente, recolhendo ao albergue, meditou um vasto plano de conspiração que, numa hora de matança e de fogo, acabasse com a dominação francesa. Redigiu a proclamação e os primeiros decretos, lançou as bases de uma constituição liberal na qual, como legislador supremo, permittia a polygamia e a nudez e, com as suas notas no bolso, sahiu a tramar.

Sabendo, por velha experiencia, que não ha povo, na face da terra, que se não julgue opprimido, Steelman dirigiu-se ao primeiro negro que encontrou, agachado junto a um poço, coçando as pernas. Chamou-o com mysterio e expoz-lhe a sua idéa. O negro, pasmado, esfolava, escalavrava os gambitos com as unhas sem perceber palavra e foi necessario que o grande homem lhe dissesse claramente — que era preciso acabar com os franceses, queimar as casas dos franceses, não deixar na terra negra memoria alguma dos franceses, juntando ás palavras, como se as illustrasse, a mimica mais precisa e feroz, para que o « comedor de carne de porco », saltando e ululando, lhe atirasse os braços ao pescoço, commovido. E logo sahiu a concitar os

companheiros e, em pouco, toda a população, reunida num bosque, ouvia a leitura da proclamação sediciosa.

Facas reluziram, fimbos entrechocaram-se e, com um juramento solemne, todos comprometteram-se a dar cabo dos brancos antes que outro sol luzisse e uma negra, com louvavel patriotismo, rasgando a saia, que era de riscas vermelhas, offereceu um trapo para bandeira. Steelman foi acclamado salvador da Senegambia e senhor absoluto de terra e mar, desde as carvoeiras do porto até as minas do sertão.

Infelizmente, porém, um negrote mais enthusiasta ou mais bronco, sem paciencia para esperar a hora propicia da meia noite, logo á tardinha, com um facalhão afiado, vociferando contra a França despotica, sahiu á procura de franceses. Foi preso e, ante ameaças de torturas e de morte, denunciou a conspiração sem omittir a leitura da proclamação e o episodio da bandeira.

Steelman, vendo-se perdido, ganhou a floresta e, durante noventa e tantos dias de trabalhos e sustos, de miserias e dôres, caminhou pelas brenhas, ouvindo silvos de serpentes e frémitos de tigres, nutrindo-se de frutos e de raizes, saciando-se em pantanos até que alcançou uma feitoria portuguesa, de onde poude passar a terras d'Europa, como cozinheiro num brigue.

Esse homem raro que conhece toda a terra e que nella tem sido tudo, encontrando-me, nas vesperas da sua repentina partida, disse-me, com verdadeiro terror: «Meu amigo, só agora, ao fim de trinta e tantos annos largamente vividos neste vas-

tissimo e descontente planeta, que tenho percorrido, como aquelle heróe do conto suabio, « sem conhecer o medo » vim tremer neste ponto superior da terra, onde as arvores são sempre verdes e os homens sempre amarellos.

Fui adorado por um povo forte e guerreiro que, antes de queimar resinas a meus pés, tentou arrancar-me a cabeça dos hombros ; fui pastor de camelos, curtidor de couros, *ras* de uma horda nihilista, socialista, anarchista e tudo mais que acaba em *ista* e que procura destruir a ordem social ; préguei num templo, passei um mez num tumulo, tentei sublevar povos, fuzilei homens e leões, pisei constituições e serpentes, cavalguei principes e zebras, fiquei tostado aos sóes africanos, tiritei em covas de esquimós, combati na China por uma religião desconhecida e defendi os christãos na Armenia, gemi em carceres, tres vezes a corda deu volta ao meu pescoço, fui tatuado, estive para soffrer uma operação decisiva que me desclassificaria e resisti a tudo sem empallidecer. Confesso-lhe, porém, que não me atrevo a ficar neste paiz excellente onde vim conhecer o que me parecia uma palavra van — o medo. Saio d'aqui com medo, meu amigo, varado de medo. »

— E porque ? perguntei.

— Porque ? ! Pois não sabe que, seduzido por um homem, consenti em alistar-me e sou hoje eleitor ? Francamente lhe digo — os que me admiram, os que andam a escrever louvores á minha coragem, não sabem que ha politicos e eleitores nesta terra ou, se sabem, ignoram como aqui são feitas as eleições. Com uma cedula eleitoral, recebi uma

caixa d'armas, dois cunhetes, uma camisa de malha, o recibo que me garante sete palmos de terra no cemiterio do Cajú . . . e outros papeis. Não ! antes a féra e os barbaros.

E o intrepido Steelman tomou passagem para o Amazonas, constando que vai viver entre anthropophagos. Os jornaes, annunciando a sua partida, subordinaram a noticia ao titulo : « *Um audaz* ». Um audaz . . . Pois sim !

A PROPOSITO DE FESTAS

Em torno do circulo eterno são varios e differentes os caminhos da vida, mas as regiões que elles percorrem são invariavelmente as mesmas. A primeira: *brumal*, o ponto de partida, é a região da infancia que coincide com a ultima: *nivosa*, região da velhice, como se fôsse uma aurora daquella noite, um esbatimento suave d'aquella sombra. Segue-se: *floreal*, a região luminosa e alegre da adolescencia, depois *germinal*, a fulgurante e calida região da idade adulta que se inclina, em crepusculo, para a tréva tristonha.

Ha uma larga e facil estrada central, sem um desvio, que liga os pontos extremos — é o caminho afortunado. Por elle seguem os felizes, os que fazem a travessia com descanço, sempre por sombras gratas. Ainda assim nem sempre os peregrinos alcançam a desejada méta porque não faltam ciladas,

não raream abysmos. As mesmas flôres admiraveis que enfeitam a perfumam as margens estillam veneno, as aguas limpidas dos lagos occultam serpentes e sob as folhagens que se adensam em macios tapetes trescalantes, ha vortices que devoram os caminheiros incautos.

E quantos são os que se aberram, uns por ousados, outros por curiosos, ainda outros por ambiciosos abalsando-se e perdendo-se nos invios caminhos! Ah! os invios caminhos . . . ! Esses são estreitos — uns pedregosos, outros apuados de espinhos, outros alagados por immensos marneis, outros ainda accidentados e todos estereis, com raras fontes e arvores escassas, mas como vão por varios sitios, sempre com horizontes novos, umas vezes ladeando a estrada larga, outras vezes subindo em acclives fatigantes pelas serras escabrosas, descendo a floridos valles, são os que o destino escolhe para os poetas, não só para que os cantem como tambem para que, com os seus cantos, dêem coragem á turba numerosa dos infelizes que os trilham.

A estrada larga é mais facil, mas não é mais bella; a regularidade da sua belleza torna-a monotona. Os aspectos dos caminhos variam de instante a instante, os mesmos perigos encantam e o orgulho de os vencer já constitue um incentivo.

Ha um lago, é necessario atravessá-lo, a empreza não é facil, antes, porém, do arrojo o caminhante contempla extasiado as maravilhas que tornam o sitio admiravel e, emquanto os olhos gozam, o soffrimento adormece . . . depois . . . á aventura! E, por todos esses caminhos varios, a Humanidade desfila em rumo ao seu destino.

As regiões, com os seus climas, com os seus aspectos proprios, essas não variam.

O feliz lembra-se vagamente da nevoa tenue de que sahiu para uma dôce luz. O' a alegre passagem! Como andava ligeiro e contente! como tudo lhe parecia delicioso! Não tinha cuidados nem tristes pensamentos, seguia cantando, por entre flôres. Depois o sol, o vivo sol, os frutos córados vergando os ramos das arvores, um momento de repouso num sitio aprazivel, um encontro idyllico, por fim a doçura da tarde, o silencio da noite e o serão em volta do fogo.

Felizes são os que pódem achegar-se á lareira, felizes são os que sabem accumular o necessario combustivel para a noite gelada. São como centelhas em torno do coração dos velhos as cabecitas louras dos netinhos garrulos, e, elles, buscando-os, sentem-se rejuvenescidos, vendo nos cabellinhos annelados como lampejos do sol da mocidade, o passado, tudo que foi, o irregressivo tempo.

Como os felizes, gozam os infelizes — não á lareira, mas á beira d'um fogo, ás vezes mais vivo e mais alegre. Pois não é verdade que as criancinhas pobres riem mais francamente? E vendo-as os avózinhos recordam os transes difficeis, mas os proprios espinhaes florecem, o proprio cardo dá a sua flôr e não ha vida miseravel que não tenha, lá no fundo, como um lirio em aguas de paúl, a sua poesia.

No extremo são todos os mesmos e, quando a noite escurece, quem póde saber, na multidão dos velhinhos tremulos e engelhados, todos com as mesmas rugas na face e com as mesmas saudades no coração, quaes foram os que vieram pela estrada fa-

cil e quaes os que tiveram de vencer os tropeços dos caminhos escabrosos ? Na morte ? quem os distingue ? são todos os mesmos pobres velhinhos.

O que lhes resta no fim da vida é essa saudade grande chamada tradição. E que é a tradição ? É o lume que as gerações se transmittem, o fogo sagrado que a Alma dos povos, como a antiga vestal, deve conservar sempre vivo. Todos os que viajam nos caminhos da vida trazem da peregrinação uma lembrança ou nelles deixam uma recordação.

Os poetas passam e deixam os seus hymnos, os prophetas deixam as religiões. Aqui fica a memoria de um amor, ali a ruina de um templo.

Os velhos, á noite, falam aos moços do que viram e elles, que vêm ? que encontram ? tudo arrazado : a Poesia morta, a Belleza extincta e fazem a viagem sem uma impressão, sem uma alegria, sem um oasis onde se reunam confraternisados e repousem celebrando o culto do Passado.

Não ha memoria de um só homem que tenha começado a viagem partindo da segunda região — todos vêm da nevoa infantil, todos sahem do mesmo ponto para que gozem todos os climas e tenham todas as impressões e é por isso que se perpetua no mundo o amor da Humanidade, porque « em tudo ha um pouco do passado ».

Nós caminhamos sobre tumulos. Como os antigos guerreiros para tomarem de assalto os muros das cidades iam subindo pela mortualha, fazendo de cada cadaver o degráu da escada, nós vencemos á custa do que foi — o dia de hontem é que nos deixa no amanhan, a noite, que é a morte, é que nos

traz o dia. Nas escadas, entre os degráus, ha um vacuo como os tumulos.

E porque havemos de ser ingratos com esse Passado ao qual tudo devemos? Quem o não lastima? Quem o não invoca?

> Comme nous voudrions, ne fût-ce qu'un moment,
> Revenir en arrière et, frissonants d'ivresse,
> Parcourir de nouveau le meandre charmant
> Que creuse, en s'ècoulant, dans nos cœurs la jeunesse!

A alma rumina — no fim da vida ella apenas se alimenta de saudades.

E ha quem diga que o mundo não carece de poesia!

A Poesia é o espirito, é a mesma alma da Humanidade. Calem-se os poetas e o mundo, com a sua agitação frenetica, ficará como um grande corpo de convulsionario rebolcando-se, inconscientemente.

Agindo, o homem só attribue o seu trabalho á mechanica do corpo — é a mão que escreve, burila, debuxa, cava, semeia, vence, erige, destróe e abençôa. Ninguem, no momento da acção, se preoccupa com a alma, ella, emtanto, é a idéa na phrase, a expressão na figura, o sentimento na paizagem, a intenção no braço do cavador, a direcção na dextra do semeador, o esforço no punho do soldado, a symetria no escopro do architecto, a furia no montante e o amor no gesto que perdôa e sagra.

Assim no progresso só se vê o producto material, ninguem penetra o segredo das coisas, que é a Poesia, criadora de Deus e da Liberdade, ubiqua como o proprio Deus.

A poesia não está só nos poemas, em tudo ella existe : sob a chlamyde e sob a blusa, sob a farda e sob o amicto — ella é a alma. Guia, ella tem um Norte, o Ideal. E é porque ella o indica que a Humanidade caminha.

Todos os povos veneram a sua Poesia, seja ella a Iliada ou os Niebelungen, seja a simples farandula no campo florido ou a suave vigilia em torno d'um presepe. Essa poesia simples, popular, que nos vem de éras perdidas, modificando-se, sem todavia perder a belleza, constitue, entre os homens, um elo forte, robustecendo nelles o sentimento patriotico.

Quem não terá visto o emigrado triste, sentado pensativamente no limiar da casa em que se installou no paiz novo, suspirar, olhando o céu estrellado, em noites santas, a pensar nas festas que se celebram nos campos da sua terra ? Será o europeu mais rude do que nós outros ? não, entretanto, apezar da intensa cultura intellectual que o distingue, é elle o povo mais conservador das tradições, mais respeitador das coisas do Passado e esse respeito dá-lhe mais resistencia á crença, prende-o mais á terra, conforta-o no desalento. Assim como elle traz a sua religião, traz a sua poesia.

Só nós, povo de hontem, povo infante, que ainda nos achamos na primeira região : *brumal*, por uma vaidade ridicula ou por um triste indifferentismo, que demonstra o nosso desinteresse pelas coisas patrias, deixamos que pereçam essas tradições ingenuas, uns allegando que ellas são restos de um culto pagão, superstições deprimentes, abusões aviltantes ; outros por entenderem que o tempo é escasso para os negocios lucrativos e que essas festas

infantis revelam ingenuidade e falta de ponderação.

Que o brasileiro é um povo triste sabem-no quantos visitam este alegre paiz, poucos, porém, ousam dizer a verdade, que elle é . . .

Em tudo quanto produzimos o que logo se nota é a absoluta falta de sinceridade, nem póde haver tal virtude quando há imitação. A nossa Poesia é um reflexo — os nossos poetas vivem a gemer, não porque soffram, senão porque está em voga o gemido. Se a Arte se nubla com o nephelebatismo, surgem os nephelebatas e já temos os symphonistas, os decadistas e uma serie de bardos em *ista* que não valem um caracol.

A verdadeira, a genuina Poesia brasileira raramente apparece e é preciso ter um grande nome para lançar á publicidade quatro ou cinco estrophes de puro lyrismo sem mescla de estrangeirice.

Somos um povo novo, devemos ter alegria e cantá-la. Só a Poesia espontanea vive, o arrebique é fragil. Não é inspiração que nos falta e a natureza ahi está a offerecer-nos copiosas fontes, mas . . . a França attrahe-nos e, como nos vestimos á francesa, tambem poetames á francesa. E vamos deixando morrer as tradições.

Antigamente, como eram divertidas essas festas de junho : Santo Antonio, S. João, S. Pedro. Quem as gozou deve lamentar a geração de agora, triste geração, triste e presumida, que não conheceu o encanto de uma noitada em torno da fogueira crepitante, a ouvir trovas e vaticinios, emquanto as nevoas se confundiam com o fumo dos fogos e os estralos das bombas faziam com que não fôsse ouvido o leve e amoroso rumor de um beijo.

Oh ! o passado, as festas do passado . . . !

Quem escreve estas linhas faz a travessia da vida por trilhos difficeis e muito lhe tem custado vencer certos tramites pedregosos, mas não inveja os moços afortunados que vão pela estrada larga, mas sem encantos, saturados de philosophias e com mais descrença e mais tédio na alma do que o frenetico Timon de Athenas.

Elle soube ser criança : na idade de brincar brincou e, ainda hoje, diante de uma fogueira, lembrando-se do velho tempo, só não se arriscará a saltá-la para não cahir . . . no ridiculo.

Mas o brasileiro começou pelo fim. É um povo que sahiu da noite, como as estriges. Quando entrará elle na região da alvorada ? E quando chegar á velhice, que dirá elle ás novas gerações, elle que nada leva, elle que vai destruindo e apagando o que recebeu dos bons velhos d'antanho, a crença, o amor e as tradições ?

Merencorea velhice vai ser a tua, povo de velhos que ainda balbuciam.

A ARVORE [1]

> Dans les villes et dans les écoles l'esprit subtil et vain peut rire de « l'âme de l'arbre». On n'en rit pas dans le désert, dans les climats cruels du nord ou du midi, où l'arbre est un sauveur. On y sent bien le frère de l'homme.
>
> MICHELET.

Quem, como eu, teve um dia a fortuna de dormir agasalhado por uma floresta, mais antiga que a cruz nesta formosa e moça região da America, sentiu, por certo, a mesma impressão poderosa que avassalou o meu espirito quando, ao morrer da luz forte, ao nascer da luz branda, desde a beira do rio até o intimo da selva, correu um sussurro manso como o suspiro amoroso da vegetação.

Os nossos canoeiros, acocorados em torno d'um

---

(1) A proposito da primeira *Festa das arvores* realisada em Araras (S. Paulo) no dia 7 de Junho de 1902.

fogo de versas, as mãos estendidas acima da chamma, que as avermelhava como se as trespassasse, falavam baixinho. A agua lenta e cheia do rio deslisava com leve murmurio, e, por vezes, longe, um pio d'ave nocturna feria o silencio. As nossas redes oscillavam de galho a galho fazendo farfalhar a folhagem.

Esfriava. Docemente, no céu limpido, ia a lua subindo. Já a densa fronde alta estava toda forrada d'alvo e, insinuando-se pelos escassilhos, atravessando as abertas, a claridade mystica escorria pelos troncos, alastrava a alfombra, brilhava na agua ou estendia-se no recesso do arvoredo ribeirinho figurando maravilhosas estructuras: Aqui, um adyto de capella, com o altar atoalhado, os nichos brancos, como de marmore; ali ruinas de castellos: as franças semelhavam muralhas aluidas, parapeitos ameados, torres que subiam talhadas em setteiras. E clarões, salteando o negror, criavam perspectivas funebres e fundas recuando aquellas fantasmagorias selvagens.

Além era uma alvura que se destacava, perpendicular e esguia, fincada na tréva como um cippo solitario. Mais longe, disseminadamente, esplendores colgando o negrume e a agua lisa e dormente do rio espelhava todos aquelles aspectos estranhos recordando-me as descripções romanticas do Rheno, onde os poetas vão abeberar a musa elegiaca, ao longo das margens tradicionaes em que perduram, como arcabouços do passado, muros negros de castellos e elfos e ondinas, á noite, esvoaçando ou bailando, redizem lendas do velho tempo ou entoam balladas melancolicas que fazem tremer o

barqueiro retardatario ou assombram e enlouquecem o afoito caçador furtivo.

Meus companheiros dormiam. Eu velava extasiado, olhando o céu por entre os ramos, e pareciame que as estrellas eram flôres que desabrochavam na coma altissima d'aquellas arvores. Por vezes, como se alguma se desfolhasse deixando cahir uma pétala esplendida, uma centelha descia trémula, bruxoleando e perdia-se. Vagalume errante, ardentia alada dos oceanos de verdura.

Então senti bem a vida grande e mysteriosa das arvores.

A espaços era um crepitar, depois um estalido secco, e logo um halito — era a brisa que passava. Seria a brisa ou o suspiro da selva presaga? Pobres arvores acolhedoras, prisioneiras da terra, bem senti que vivieis e vós, porque nos vieis ali, quizestes guardar reserva, como o caçador surprendido pela féra que, de bruços, contém a respiração emquanto sente o inimigo a farejá-lo. A vossa alma, que os gregos personificaram na hamadryade, não ousou deixar o recesso dos cernes, lá se ficou encolhida porque o homem cruel estava perto.

Debalde o luar magnifico brilhava, debalde as auras passavam, não procurastes corresponder ao appello do mysterio e a noite correu serena e casta, só os arbustos amaram, elles, os pequeninos. Bem os senti que se abraçavam na sombra, junto ás raizes dos jequitibás portentosos. Pela madrugada, um perfume forte, acre, estonteante, veiu até mim, perturbador como uma seducção. Vinha de longe, era a respiração offegante das arvores que se amavam na brenha virgem, era o arôma nupcial da flo-

resta, a exhalação erótica dos vegetaes. Era o amor poderoso e eterno da natureza, o amor fecundo, o amor criador que passava em effluvio pelo bosque, multiplicando a belleza, a graça, a força e o beneficio.

E porque se acautelavam tão pudicamente as arvores mais proximas ? porque sentiam o homem, o homem cruel, o encarniçado inimigo da sua generosa especie. Oh, se têm alma as arvores !

Alma é amor e que maiores provas de amor queremos que nos dê a arvore ? Ella é a purificadora do ar que respiramos ; ella é que nos garante a fonte que jorra para a nossa sêde e para a rega dos campos. Ella é a fiandeira de sóes — cahem-lhe na cópa os raios caniculares e ella, desfiando a flamma, dá apenas o calor ao que se achega á sua sombra. Ella é a medicina ; ella é a belleza cercando a moradia em que vivemos ; ella é a nossa confidente discreta porque é sob os seus ramos que abrimos francamente o coração deixando livres as saudades e as reminiscencias. Assim é a arvore viva.

Morta, ella é tudo — o principio e o fim : berço e esquife, e, entre esses dois pólos, tudo mais é floresta : a casa e o templo, o leito nupcial e o altar, o carro que trilha os campos, o navio que sulca os mares, o cabo da enxada e a haste da lança, tudo é madeira, tudo é arvore, floresta.

Matai a arvore e tereis o vageiro.

A terra tem os seus nazires : Sansão tosquiado é impotente para a vingança, as regiões devastadas tornam-se desertos. E que vemos nós por todo este vasto Brasil que era uma floresta frondosa ? a destruição inclemente. E porque vai tão encar-

niçadamente o homem á arvore, que foi a primeira geradora do lume nos tempos remotos do pastor aryano ? porque a arvore é um ser bruto, insensivel e mudo.

Ah ! que se attentasses bem, lenhador, á morte d'arvore, tal não dirias, homem de coração. Ao primeiro golpe do machado todo o collosso treme e os passarinhos, como a gente de uma cidade abalada por um terremoto, logo desertam os ninhos. Vai o segundo golpe ao mesmo lanho, afunda-o — eis a seiva a correr, é o sangue que se esvai; outro golpe e começa a arvore a gemer surdamente, doridamente — a sua folhagem agita-se como a acenar á clemencia, os seus ramos debatem-se, mas o lenhador, a mais e mais empenhado na crueldade, redobra os golpes e canta.

Em torno da que agonisa as outras parecem tremer como ovelhas num pateo de matadouro e, como se de uma a outra corra a noticia cruel, toda a floresta vibra prevendo a mesma sorte.

Por fim, a um golpe mais rijo, um estalo responde — é o stertor da arvore. E o lenhador recúa e fica a olhar.

Lá vem pendendo a frondosa cabeça, inclina-se e um fragor levanta-se na matta. Derruba-se hirta, roçando de raspão nas companheiras, a arvore ferida e cahe estrondosamente esmagando os arbustos gerados á sua sombra. Cahe e agonisa e leva dias agonisando até que se lhe vão seccando as folhas, encolhendo, mirrando... Então sim está morta a arvore.

E para que a sacrificas, homem de coração? para o fogo. E séccas a fonte da qual a victima era

como a nympha protectora, e esterilisas o terreno que ella fecundava alimentando-o, como o pelicano, com o seu proprio sangue que ia nas folhas, que ia nas flôres, que ia nos frutos. E, com a morte das arvores, lá se vão os animaes e, em pouco, o que os descobridores viram como a região favorecida da fartura e da belleza não será mais que um campo arrazado, secco e triste, cavado em valletas que fôram leitos de rios, brocado em grotas que fôram nascentes e desamparado ao sol esterilisador.

Felizmente começa a reinvidicação e coube á criança iniciar a santa empreza. Para responder ao machado ahi está a enxada nas mãos debeis dos infantes.

A semente é como a esmola e a Terra é como Deus: dai-lhe um grão e ella vos responderá com a centena; plantai um renovo e ella vos gratificará com o milhão e ainda com premios maiores que são o ar puro, a agua, a sombra, a medicina e com a sua belleza. Assim a arvore demonstra a sua gratidão.

Não tem alma e é grata! Não tem alma e vinga-se...

Eu, que tive a fortuna de dormir agasalhado por uma floresta, posso dizer-vos, crianças heroinas do renascimento, semeadoras bemditas da segunda geração floral: Fazei o bem ás arvores que ellas saberão corresponder á vossa caridade e lembrai-vos de que a festa que celebrais é o inicio de uma Redempção.

Renovar a flora é robustecer a Patria da qual as florestas são os reservatorios de vida e de fortuna.

A GLORIA

O caminho tornava-se a mais e mais apertado e sombrio. Arvores de coma espessa esgalhavam a ramaria densa interceptando a passagem da luz. O sólo, pedregoso e secco a principio, ia-se tornando em molle alagadiço — vasto balseiro onde apodreciam folhas mortas. Aves sinistras voejavam pesadamente de galho a galho, negras, de enormes garras, com os bicos aduncos manchados de sangue. No interior havia um choro perenne — talvez alguma fonte occulta a lacrimar.

De quando em quando um reptil apparecia — ora enroscado á beira da trilha estreita, vibrando a lingua bifida ou molle, oscillando pendente d'um ramo, como uma ponta de cipó.

O ar era humido e tresandava á podridão. Não havia outro rumor senão o do ramalhar do arvoredo e o do choro mysterioso que vinha, como um

funebre presagio, do recesso do bosque. E o peregrino seguia.

Era um lindo mancebo louro — os cabellos cahiam-lhe em bucres sobre os hombros, as suas mãos eram brancas e finas, o seu andar airoso. Seguia cantando, sem impressionar-se com o horror do sitio. Animava-o a esperança de que, além d'aquella morta paragem, resplandecia no céu um sol eterno. Para alcançar, porém, o largo e formoso paiz da luz sempre viva, quantos sacrificios teria ainda de soffrer ?

Ia caminhando, a cantar, quando, d'um calvo rochedo, desceu crocitando uma revoada de corvos famintos. Abriu o farnel e, para conter os voracissimos animaes, atirou-lhes a metade das provisões que levava. Foi o bastante para que, de todos os lados, acudissem, com uma grasnada aterradora, centenas d'aves vulturinas, umas negras, outras vermelhas como se houvessem tingido as pennas em sangue.

O peregrino, sem descorçoar, abriu a governita e desfez-se de tudo quanto levava e, emquanto os monstros debicavam gulosamente as provisões, lá ia elle, sempre a cantar, feliz com a esperança de vêr-se, em breve, livre d'aquella passagem temerosa.

Mas, d'entre o bosque uma voz silvante, que parecia retalhar o silencio, poz-se a dizer atravéz de casquinadas sarcasticas :

« — Que ha de ser de ti, mancebo imprudente ? Julgas, talvez, que está proximo o termo da viagem ? Muito tens ainda que andar e que soffrer. Desfazes o teu alforge, cedes tudo aos abutres e

com que has de saciar a tua fome quando ella apertar? A floresta é esteril, as arvores que vês nada produzem. Volta, ainda é tempo; retrocede antes que se desfaçam as tuas pégadas, que são o roteiro que te restituirá á vida feliz que abandonaste por um sonho ingrato. Não prosigas.

Quanto mais avançares, mais difficil se te tornará o regresso ao lar abandonado onde vivias feliz, entre os teus, á sombra das tuas arvores sempre em flôr. Não te illudas! Essas aves bravias que vês, gordas, tão gordas que mal pódem voar de um galho a outro, nutrem-se de imprudentes como tu. Outros, que têm ousado a travessia, teem ficado pelo caminho e, apodrecendo, vão formando esse atascal escuro em que chafurdas.

Retrocede em tempo para que não tenhas a mesma sorte dos que te precederam.

Deixaste a luz tranquilla, vais em busca da claridade maior, mas, antes d'ella, infeliz, estão os horrores da selva mephitica, estão as perfidias, estão as maldades. As aves escarninhas zombarão de ti — seguirás perseguido pela assuada atroadora de todas e muitas, baixando, virão bicar-te as carnes como fizeram outr'ora ao filho de Japéto. Retrocede, imprudente.»

O peregrino ouviu a voz que vinha, como um oráculo, do fundo tenebroso do arvoredo e, indifferente, sorria. Que lhe importava o soffrimento, se lá ao longe, alem da floresta, estava a compensação?

O terreno tornava-se mais encharcado — um cheiro acre de sangue subia do tremedal. Por vezes um craneo rolava ou eram tibias que se levantavam hirtas entre as hervas do paúl.

Que importava? Já os seus olhos divisavam uma restea de luz, além. Antes da tarde lá estaria: era a aberta que levava aos campos elysios.

Os outros haviam desanimado, elle não se deixaria vencer pela cobardia. Que esvoaçassem as gordas aves carniceiras, á noite todas se recolheriam ás suas cavas, aos seus ninhos nos penhascos e elle, então, seguiria socegadamente, a correr, vencendo distancias.

Pensava assim quando um novo bando d'aves precipitou-se das frondes galrando. Nada mais lhe restava e como havia o infeliz de saciar os abutres? As aves adejavam ameaçadoramente em torno da sua cabeça loura, investiam com estrondoso bater d'azas. Elle procurava espantá-las, agitando a capa que levava e que era o seu unico agasalho; as aves, porém, rasgaram-na com as garras e ás bicadas reduzindo-a a tiras; depois atiraram-se-lhe ao corpo, estraçalharam-lhe as roupas e elle sentiu nas carnes o aculeo dos primeiros bicos.

Pensou, então, que se atirasse aos seus perseguidores um pedaço de carne, emquanto elles a disputassem, poderia caminhar tranquillo. Mas onde havia de encontrar, n'aquella esterilidade, a carne de que carecia para repastar os abutres? Deteve-se um momento, encostado a uma arvore, em attitude de defesa. A arvore, porém, estillava venenosa resina, cujo arôma matava.

O peregrino sentia-se abalado: vertigens seguidas enfraqueciam-no, perturbava-se-lhe a vista, vergavam-se-lhe as pernas. Notou, então, que havia mais perigo n'aquelle refugio do que no meio

agitado das aves vorazes e, atordoado, lançou-se afoitamente a caminho.

Seguia quando se viu, de novo, cercado pelos monstros. Foi então que resolveu engodá-los atirando-lhes tassalhos da propria carne, e arrancando da cinta uma adaga afiada, pôz-se a retalhar o corpo, jogando aos animaes postas ensanguentadas.

Foi uma alegria satanica no bando alado e, como se o cheiro do sangue fresco chegasse além, outras aves surgiram precipitadas, com um galrar horrendo, e, emquanto disputavam a carne, que elle lançára, o peregrino seguia.

Não estava longe o termo da viagem — lá brilhava, por entre a luzida folhagem, a luz sem crepusculo, o esplendor sem occaso. Mais um pouco de animo e venceria aquella passagem onde tantos haviam succumbido. Lá ia.

Repentinamente, a mesma voz, que lhe falára á entrada da floresta, tornou com mais sarcasmo, vindo, como um canto de passaro, da ramaria mais alta d'uma arvore frondosa e negra.

« Volta, peregrino ousado. Vê que já se te tornou necessario o sacrificio. É com a tua propria carne que vais comprando os passos n'esse caminho, teu sangue encharca o terreno e, dentro em pouco, não terás resistencia para o menor movimento. Ahi vem a noite ; repousa um instante e, quando as aves adormecerem, retrocede. Não tens saudade da terra em que nasceste ? Aqui tudo é hostil ; lá tudo é propicio. Aqui as arvores envenenam, o ar que se respira é nauseabundo, a agua, longe de applacar a sêde, augmenta-a e é como um fogo que abrasa as entranhas. Se sahires do alaga-

diço em que te vais enxurdando encrontrarás o pedregulho agudo que te rasgará os pés e os espinhos que te romperão as carnes. Volta! espera a noite e volta.

A esta hora os teus, que além deixaste, gozam os favores da primavera cheirosa. Teus filhos brincam, porque são innocentes e, como lhes disseste que levarias brinquedos quando regressasses, fazem castellos dourados saltando na relva. O mais novo chama por ti na sua linguagem indecisa, alongando os olhinhos para o lado em que o sol morre. Tua esposa suspira — talvez que o coração, que adivinha, lhe esteja a contar os teus soffrimentos. Espera a noite e volta.

Não te illudas com o sonho. A vida é a tranquillidade e mais feliz é o pastor que tem um pouco de queijo negro e agua da fonte e não deseja senão a madrugada e as estrellas do que o millionario que ambiciona — e tu és o maior dos ambiciosos. Volta!»

O peregrino ouvia, mas os seus olhos não se tiravam do ponto luminoso que fulgurava ao longe. Ia-se-lhe o sangue pelas muitas feridas, doíam-lhe os pés, a fadiga tornava-o vagaroso, ainda assim lá ia elle sorrindo e cantando.

«Mais um pouco, dizia, mais um pouco, e viverei como a propria Vida — meu nome ficará como um esplendor eterno. Que importa a dôr? O que soffre é o corpo, mas para que quero eu o corpo senão para que conduza a alma? e é ella que vai á victoria. A tranquillidade, sim, a tranquillidade é deliciosa, mas o grande Bem lá está, já o diviso d'aqui. Mais um esforço e, antes da noite, estarei

repousando no campo de flôres immarcessiveis — e lá se renovará o meu corpo, um sangue mais forte me encherá as veias, sangue eterno, feito de luz, como esse que purpurina o céu nas claras manhans e nas tardes luminosas.

Que importa a carne que vai ficando pelo caminho no bico e nas garras dos abutres ? Que importa o sangue que jorra das feridas abertas ? A gloria é uma ascensão e eu faço como os que tentam remontar ás nuvens : alijo a carga inutil. Eia ! um pouco mais e será minha a victoria ».

Caminhava, mas um novo bando d'aves pozlhe cerco ; não hesitou : retalhou-se e, atirando a um lado e a outro o pasto vivo, foi seguindo.

Já era escuro na brenha, sinistro, lá longe, porém, fulgurava sempre o perfido esplendor e nelle levava o caminhante os olhos postos.

« Mais um pouco ! Que me não traiam as forças agora que estou a chegar ao termo da jornada. Que me fique nas veias uma só gotta de sangue e com ella irei ao extremo da viagem ».

Mas os olhos empanavam-se-lhe, dobravam-selhe os joelhos, vacillava indo d'encontro ás arvores e aos seus ouvidos chegava um rumor confuso como o do longinquo bater do mar.

Deteve-se encostado a um tronco, olhando. Os abutres cercaram-no, a principio medrosos ; mas o primeiro avançou, logo outro o seguiu, outro, mais outro e, atirando-se todos ao corpo do peregrino, começaram ás freneticas bicadas.

Elle ainda tentou reagir, mas falleceram-lhe as forças, os braços penderam-lhe molles ao longo do corpo aberto em chagas. Passou-lhe, então, na sau-

dade, a visão do lar que abandonára. Lembrou-se da terra amiga que deixára, da esposa, dos pequeninos filhos, mas a visão foi rápida, porque logo os olhos se voltaram para o ponto luminoso que parecia estar tão perto, a uns passos curtos d'aquelle sitio de morte.

Subito, de todos os meandros do bosque romperam risos sarcasticos e o peregrino, só então, chorou, porque, em verdade, doíam-lhe mais aquelles risos do que as bicadas das aves.

Esmorecia. Ia-se-lhe o corpo curvando e tombou no atascal e, no momento em que exhalava o derradeiro suspiro, pareceu-lhe ouvir a voz oracular que sahia do bosque repetindo as palavras que dissera :

« Que ha de ser de ti, mancebo imprudente ? Julgas, talvez, que está proximo o termo da viagem ? Muito tens ainda que andar e soffrer . . . »

Era outro que vinha ousadamente, trilhando o mesmo caminho ingrato que levava á gloria.

Que perecesse aquelle, outros que perecessem, o caminho ha de ter sempre andejos que por elle sigam, affrontando tormentos, d'olhos postos no além, na eterna luz que fulgura.

INDICE

	Pag.
Lavradores	5
O amigo urso	15
Um sabio	23
Fantasia de inverno	29
O paradoxo contemporaneo	33
Balões	43
Divagando	49
Um simples	57
Away!	65
Decadencia	71
D. João de Maraña	81
Rehabilitação	93
A sorte	99
A nova raça	109
Palpites	117
Romance triste	125
O gallo	133
As arvores	139
Urbano Duarte	147
Ciume	155

Pag.
O passado 163
Nas aguas do mar 169
Um convento fluctuante 175
A morte do estadista 183
Sim e não 189
Um modelo de marido 197
Emmanuel 205
Luar 215
Arte 221
O poeta. 231
A direcção do balão 239
Apologia 247
Palavras de um stegomya 253
Burro ou cão? 261
Manoel Victorino 269
O violino 277
Vigilia 285
Resurreição 293
Valentim Magalhães 299
O Ney 307
O peixe. 315
Um audaz. 323
A proposito de festas 333
A arvore 341
A gloria 347

OS MAIORES SUCESSOS LITERARIOS DE 1925

EÇA DE QUEIROZ

A Capital
O Conde d'Abranhos
Paginas esquecidas
A tragedia da rua das Flores
Correspondencias
Notas de viagem
Alves & C.ª

GUERRA JUNQUEIRO

O CAMINHO DO CÉU

JOÃO GRAVE

OS VIVOS E OS MORTOS

CAMILO C. BRANCO

BOHEMIA DO ESPIRITO

Edição ha muito esgotada

COELHO NETO

SCENAS E PERFIS

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA CHAPEL HILL
10001141024